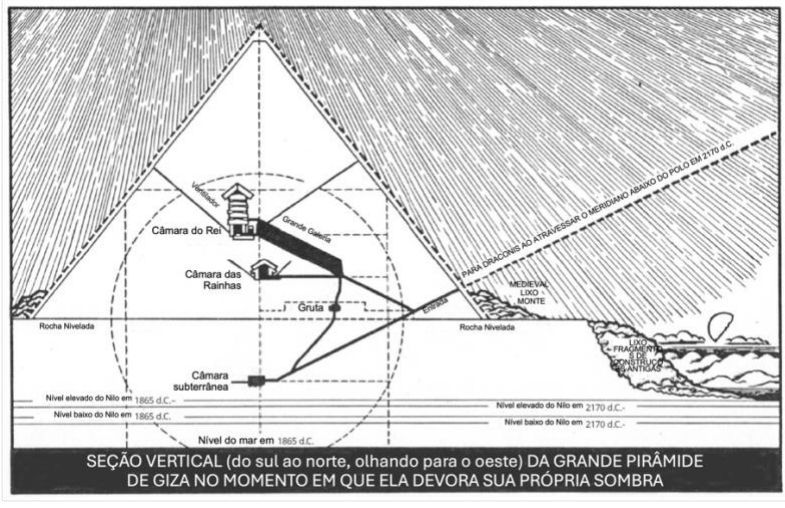
VENHA O TEU REINO

Venha o Teu Reino



SEÇÃO VERTICAL (do sul ao norte, olhando para o oeste) DA GRANDE PIRÂMIDE DE GIZA NO MOMENTO EM QUE ELA DEVORA SUA PRÓPRIA SOMBRA

[Folha de rosto]

ESTUDOS
NAS
ESCRITURAS

"O caminho dos justos é como a luz resplandecente, que brilha cada vez mais até o dia perfeito." SÉRIE III

Venha o Teu Reino

"E o Reino, o Domínio e a Grandeza do Reino sob todo o céu serão entregues ao povo dos santos do Altíssimo; cujo Reino é um Reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão." ***Daniel 7,27***; ***Ap 5,10***

Ao Rei dos Reis e Senhor dos Senhores

EM NOME

SEUS SANTOS CONSAGRADOS,

QUE AGUARDAM A ADOÇÃO,

-E DOS-

"TODOS OS QUE, EM QUALQUER LUGAR, INVOCAM O SENHOR", "A FAMÍLIA DA FÉ",
-E DA-

A CRIAÇÃO QUE GEME, EM DOR DE PARTO E À ESPERA DA MANIFESTAÇÃO DOS FILHOS DE DEUS,

A ESTA OBRA É DEDICADA.

"Para que todos vejam qual é a comunhão do mistério que, desde o princípio do mundo, esteve oculto em Deus." "No qual Ele nos abençoou abundantemente a nós em toda a sabedoria e prudência, tendo-nos dado a conhecer o mistério da Sua vontade, segundo o Seu bom prazer, que Ele propôs em si mesmo; para que, na dispensação da plenitude dos tempos,
Elereunisse ***Efésios3,4-5.9; 1,8-10***

Escrito em 1890 pelo Pastor Russell

[Ci]

"Venha o Teu Reino"

PREFÁCIO DO AUTOR

ESTE volume foi escrito em 1890 e, desde então, passou por muitas edições em diversos idiomas, e ainda mais edições estão previstas. Temos testemunhos de milhares de pessoas consagradas a Deus afirmando que, por meio deste volume, beberam profundamente da Fonte de Águas Vivas — a Palavra de Deus. Confiamos que a bênção continuará a fluir, até que, finalmente, por meio do Reino, o conhecimento da glória de Deus encha toda a terra, assim como as águas cobrem as profundezas dos mares. Embora neguemos qualquer coisa semelhante à inspiração em relação a estes ESTUDOS NAS ESCRITURAS, estamos, no entanto, felizes porque, estando no alvorecer da Nova Dispensação, a luz da Verdade brilha tão claramente e o Plano Divino é tão manifesto que dificilmente uma palavra do volume
precisasse ser alterada se fosse escrita hoje — 26 anos depois.

O tempo do fim tem enfatizado isso cada vez mais com o passar dos anos, especialmente desde que entramos cronologicamente no grande Sétimo Dia. A obra da Colheita progrediu e ainda está progredindo — embora, em certa época, tenhamos suposto que a obra da Colheita teria sido plenamente realizada com o fim dos Tempos dos Gentios. Isso foi meramente uma suposição, que se revelou infundada, pois o corte com a foice da Verdade e a colheita do grão maduro vêm progredindo desde outubro de 1914, como nunca antes. De fato, a grande Guerra Mundial despertou a humanidade de maneira notável, e está havendo mais pensamento independente do que nunca. Tudo isso contribui para quebrar as correntes da ignorância, da superstição e do preconceito, e para libertar aqueles que desejam conhecer e fazer a vontade do Senhor e seguir os passos de Jesus.

Estamos felizes por ter mais oportunidades de servir ao nosso grande Rei na colheita dos escolhidos para Si mesmo, para a Verdade. Estamos felizes em ver outras pessoas chegando à Verdade e se preparando para as "Nupcias". Evidentemente, a "porta" ainda não se fechou, embora antecipemos que, em pouco tempo — talvez um ano, dois ou

três — o número total dos escolhidos estará completo, e todos terão cruzado o Véu, e a porta será fechada.

Podemos afirmar que a restauração de Israel não se concretizou tão rapidamente quanto havíamos previsto. No entanto, os judeus na Palestina parecem, até o momento, estar maravilhosamente protegidos; e, sem dúvida, muitos de seus correligionários nas regiões em guerra, especialmente na Polônia, ficariam felizes se tivessem ido para a Palestina quando tiveram a oportunidade. É difícil dizer como o fim da guerra poderá afetar os interesses de Israel. Devemos manter uma atitude de espera e expectativa. Parece que as experiências difíceis pelos quais os judeus estão passando acabarão por levar um número considerável deles a ir para sua terra natal. Nunca esperamos, no entanto, que todos os judeus retornassem para lá, mas sim um grupo representativo deles, assim como no caso do retorno do cativeiro babilônico — apenas cerca de 52 mil retornaram, apesar das grandes multidões que foram para a Babilônia no cativeiro.

Os que retornam representam aqueles que têm a fé mais plena no Senhor e em Suas promessas e, sem dúvida, serão tratados como representantes do todo. Lembramos aos nossos leitores que, quando este volume foi escrito, os próprios judeus mal pensavam em ir para a Palestina. Agora, o sionismo surgiu e se enraizou profundamente nos corações dos israelitas. Embora, a princípio, fosse um sionismo secular, ele gradualmente se transformou em sentimento e esperança religiosos.

A Grande Pirâmide do Egito, discutida neste volume, não perdeu nada de seu interesse para o autor. Sua Passagem Descendente ainda representa, figurativamente, o curso descendente da humanidade sob o domínio do pecado e da morte. A Primeira Passagem Ascendente ainda representa a Dispensação da Lei — a aliança de Deus com Israel feita no Sinai e o percurso daquele povo sob o domínio dessa Lei. A Grande Galeria ainda representa as alturas elevadas dos ensinamentos de Cristo e de Seus seguidores durante a era evangélica. O degrau na extremidade superior da Grande Galeria ainda representa uma mudança marcante nos assuntos do mundo, elevando o homem a um plano superior. A conexão entre o topo da Grande Galeria e os espaços acima da Câmara do Rei ainda representa a

presença espiritual de nosso Senhor na Colheita desta Era, a partir de 1874.

Nunca tentamos colocar a Grande Pirâmide, às vezes chamada de "Bíblia em Pedra", em paralelo ou em igualdade com a Palavra de Deus, representada pelas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento — estas últimas sempre se destacam como a autoridade suprema. No entanto, ainda acreditamos que a estrutura dessa pirâmide, tão diferente da de todas as outras pirâmides, foi projetada pelo Senhor e destinada a ser uma pirâmide e uma testemunha no meio e na fronteira da terra do Egito. (***Isaías 19:19***) Ela certamente conta uma história muito diferente de qualquer outra obra de arte ou relíquia transmitida desde seus tempos remotos.

Sua maravilhosa confirmação do Plano Divino das Eras é surpreendente para todos que realmente a compreendem. Ela deve ser lida com o mesmo interesse renovado da primeira edição, pois suas lições não se alteraram nem mudaram. Confiamos que os novos leitores receberão deste volume as mesmas ricas bênçãos que os leitores antigos receberam e que, assim, possamos glorificar a Deus juntos e nos alegrar com Sua provisão de luz e conforto no caminho para a plena vinda do glorioso Reino do amado Filho de Deus.

O Reino do Messias é às vezes denominado Reino de Deus, porque, embora esteja estritamente sob a administração do Messias, todas as suas leis, regulamentos, julgamentos etc. estão em estrita conformidade com o arranjo divino, que é imutável. Portanto, quando oramos: "Venha o Teu Reino; seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu", nosso pensamento deve ser que a grandiosa perfeição do Governo e do Reinado do Pai Celestial é o nosso desejo e que estamos esperando e ansiando pelo Reinado milenar de Cristo para vencer a rebelião da terra e trazer a humanidade de volta à plena harmonia com Deus, assim como todos os anjos do céu o estão em sua perfeição.

O Reino do Messias tem várias etapas de inauguração. Primeiro, em Sua *Parousia*, o Jesus glorificado vivifica, ou realiza a ressurreição, dos membros adormecidos do Corpo de Cristo. Esse é o primeiro ato executivo do Grande, a quem Deus tão altamente exaltou — o Herdeiro da grande promessa abraâmica. Seus membros devem estar completos antes que Ele assuma oficialmente Sua posição como Rei do mundo. A garantia desse fato é dada pela Palavra inspirada: "Quando Cristo, que é a nossa Vida, se manifestar, então também nós nos manifestaremos com Ele em glória." (***Col. 3:4***) Em seguida, o mestre

ocupa-se dos membros vivos de Seu Corpo, a Igreja. Conforme mostrado nas parábolas das minas e dos talentos, o julgamento do mestre a respeito da dignidade ou indignidade no Reino deve recair sobre todos os Seus consagrados, e o número completo dos escolhidos deve ser encontrado e glorificado pela "transformação" da ressurreição — pois "a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus". (***1 Corintios 15:50***) Então, o domínio do mundo será assumido. O Glorificado pedirá ao Pai, e Ele Lhe dará as nações como Sua herança e os confins da terra como Sua posse. "Ele os governará com vara de ferro. Como vasos de oleiro, serão quebrados em pedaços." ***Salmo 2***; ***Ap. 2:27***

Essa revelação do Filho do Homem ao mundo, por meio de Sua assunção do poder e de Sua permissão para que o mundo passe pela grande provação da anarquia, está evidentemente se aproximando. Por um curto período, haverá um grande triunfo do cristianismo institucional, após a guerra. Tanto católicos quanto protestantes participarão desse triunfo, e tanto os príncipes políticos quanto os financeiros o encorajarão, na esperança de prolongar seu próprio poder. Nessa época, podemos esperar forte oposição do cristianismo institucional contra os verdadeiros e fiéis seguidores de Jesus, resultando em graves perseguições — talvez até a morte. Mas o triunfo de Babilônia será breve. Em breve, a sentença já pronunciada será executada e ela cairá como uma grande pedra de moinho no mar — na anarquia — na destruição, para nunca mais se levantar.

Pouco tempo depois, de acordo com o quadro bíblico, podemos esperar o colapso total de nossa civilização atual. Mas o momento mais sombrio da extrema angústia do homem será a oportunidade de Deus. O Messias, o escolhido de Deus, assumirá o controle e trará paz aos povos tumultuados, transformando a confusão em ordem, as lágrimas em alegria e o desespero em louvor. Assim, o Reino do Messias nascerá em meio a um terrível sofrimento; mas os resultados gloriosos mais do que compensarão o "Tempo de Angústia, como nunca houve desde que existe uma nação". Assim nos é dito: "O desejo de todas as nações virá". ***Ageu 2:7***

Que estas páginas continuem a ser uma bênção para o povo do Senhor e uma honra para o Seu nome, é a oração do autor,

Charles T. Russell,
Brooklyn, N.Y.,
1º de outubro de 1916.

ÍNDICE

ESTUDO I
"VENHA O TEU REINO"

A importância do Reino — Categorias de pessoas interessadas nele — Categorias que se opõem a ele e por que se opõem — A proximidade do Reino — Sua glória celestial — Seu estabelecimento atual 19

ESTUDO II
"O TEMPO DO FIM", OU "O DIA DE SUA PREPARAÇÃO"
***—DANIEL* XI—**

O Tempo do Fim — Seu Início, em 1799 d.C. — Seu Fim, 1914 d.C.—O que deve ser preparado e o objetivo—A história do mundo traçada profeticamente por meio de seus principais governantes—De 405 a.C. até este dia de preparação — O início do tempo do fim está claramente marcado, mas sem nomes nem datas 23

ESTUDO III
DIAS DE ESPERA PELO REINO
***—DANIEL* XII—**

A Obra do Reino Resumida — O Período de Espera Será Marcado por um Grande Aumento do Conhecimento e das Viagens — A Visão Previsiva de Sir Isaac Newton sobre as Ferrovias — Os 1.260 Dias — O Dilúvio da Boca do Dragão — Os 1.290 Dias Marcam a Difusão de uma Compreensão da Visão, Parcialmente Correta — A Decepção, provação e consequências — Os 1.335 dias — A bênção então concedida aos fiéis que "esperam" — A referência do Senhor a esses dias de espera, na parábola das dez virgens 61

ESTUDO IV
A PURIFICAÇÃO DO SANTUÁRIO: 2.300 DIAS
— *DANIEL 8:10-26*
O verdadeiro santuário — A profanação — A base ou fundamento — Como foi "derrubado" — Evidências disso citadas em escritos católicos romanos — A purificação não será realizada até 2.300 anos após a visão — Como e onde começou, e quando deve ser concluída — Os "vasos de ouro", as verdades, devem ser substituídos... 95

ESTUDO V
O TEMPO DA COLHEITA
A localização cronológica da colheita — Seu objetivo e grande importância — O foco das profecias temporais — Preparações para a colheita — Significado da convergência do testemunho profético —A Presença do Senhor — Respostas a objeções razoáveis — Entrando nas alegrias de nosso Senhor. 121

ESTUDO VI
A OBRA DA COLHEITA
A Natureza do Trabalho da Colheita — A Colheita do Trigo — O Empacotamento, o Amarramento e a Queima do Joio — Sua Origem e Crescimento Prolífico — Consumido como o Joio da Colheita Judaica — Correspondências Temporais Observadas — O Rejeitamento, a Queda Gradual e a Destruição Final de Babilônia — O Selamento dos Servos de Deus Antes que as Pragas Se Abatam sobre Babilônia — Julgamento ou Prova, tanto como sistemas quanto individualmente — O teste do sistema judaico como tipo — O teste e a peneiração do trigo — As virgens sábias, separadas das insensatas, entram na festa — "E a porta foi fechada" — Uma inspeção mais detalhada e a expulsão de alguns — Por quê? E como? — O fim do "alto chamado" — O tempo é curto — "Que ninguém tire a tua coroa" — Servos da décima primeira hora e vencedores 135

ESTUDO VII
A LIBERTAÇÃO E A EXALTAÇÃO DA IGREJA
A libertação da Igreja está próxima — Será o prenúncio da libertação para toda a humanidade — Sua data aproximada — Como os santos escaparão das coisas que virão sobre o mundo — Como e quando Deus a ajudará — A maneira e as circunstâncias de sua libertação final — A libertação, em primeiro lugar, daqueles

que dormem em Jesus — A transformação dos membros vivos da Igreja — Eles morrerão? — Bem-aventurados os mortos que, doravante, morrerem no Senhor .....

ESTUDO VIII
A RESTAURAÇÃO DE ISRAEL

O restabelecimento de Israel na Palestina, um evento a ser esperado dentro deste período de colheita — Como, em que medida e com qual grupo devemos esperar essa restauração — Data de seu início e evidências de seu progresso real desde então — Por que as bênçãos milenares, destinadas a toda a humanidade, alcançarão e reviverão primeiro os judeus — O renascimento das esperanças judaicas — Observações de importantes escritores judeus e gentios — A harmonia dessas observações com a profecia — A cegueira de Israel em relação a Cristo já está se dissipando — A propagação e o ímpeto do movimento — Deus os ajudará 243

ESTUDO IX
O TEU DEUS REINA!

Um resumo das evidências proféticas que mostram a presença de Emanuel e que Seu Reino está em processo de estabelecimento 301

ESTUDO X
O TESTEMUNHO DA TESTEMUNHA DE PEDRA E DO PROFETA DE DEUS, A GRANDE PIRÂMIDE NO EGITO

Descrição geral da Grande Pirâmide — Por que é de especial interesse para os cristãos — A Grande Pirâmide como um repositório da verdade — Científica, histórica e profética — Alusões bíblicas a ela — Por que, quando e por quem foi construída — Importância de sua localização — Suas lições científicas — Seu testemunho a respeito do plano de redenção — O plano das eras — A morte e a ressurreição de Cristo indicadas — O curso descendente do mundo, terminando em um grande tempo de tribulação — A natureza da tribulação — O grande movimento de reforma assinalado — A duração da Era Judaica indicada — O "alto chamado" da Igreja do Evangelho revelado — O curso da consagração da Igreja — O fim do alto chamado assinalado — Data da Segunda Vinda de Cristo — Como as bênçãos da restauração para o mundo são indicadas — O curso do mundo durante a Era Milenar—Seu Fim—Contraste entre as Duas Condições, Humana e Espiritual, conforme Indicado na Pirâmide—A Pirâmide Refuta o Ateísmo, a Infidelidade e todas as Teorias da Evolução, e Confirma tanto o Plano da Bíblia quanto Seus Tempos e Épocas Designados 313

[C19]

ESTUDOS BÍBLICOS

ESTUDO I
"VENHA O TEU REINO"

Importância do Reino — Categorias de pessoas interessadas nele — Categorias que se opõem a ele e por que se opõem — Proximidade do Reino — Sua glória celestial — Seu estabelecimento atual.

O evento mais marcante da história da Terra é o estabelecimento do Reino de Deus entre os homens, nas mãos de nosso Senhor Jesus e de seus co-herdeiros escolhidos, os vencedores da Igreja do Evangelho. Esse grande evento, para o qual — conforme mostrado nos volumes anteriores de ESTUDOS DAS ESCRITURAS — todas as promessas e tipos de Deus apontam, vemos agora que não está apenas próximo, mas já está sobre nós. Ninguém que esteja ciente desses fatos — e que os compreenda adequadamente, mesmo que parcialmente; cujo coração esteja em plena sintonia com o grande plano de Deus para as eras; e que veja que a panaceia de Deus para o pecado, a miséria e a morte da criação que geme será aplicada por meio desse Reino — pode, de forma alguma, deixar de sentir um interesse avassalador pelo fato, pelo tempo e pela maneira de seu estabelecimento.

Todos os que confiam implicitamente no cumprimento da oração que o próprio Senhor nos ensinou a fazer — "Venha o Teu Reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu" — devem sentir o mais vivo interesse pelo cumprimento de seu pedido, se oraram de coração — no espírito e em verdade.

Podemos ver que até mesmo o mundo, se pudesse apenas compreender o verdadeiro caráter desse Reino, o saudaria imediatamente — como finalmente o fará — como a bênção há muito buscada, trazendo consigo os preciosos favores da era milenar dourada, há tanto tempo desejada.

[C20]

Mas uma classe geral poderia, possivelmente, opor-se a esse governo de justiça. Essa classe abrange todos aqueles que não amam a regra de ouro do amor e que, em vez de amarem os outros como a si mesmos, estão dispostos a ver os outros esmagados, oprimidos e privados de seus direitos e das recompensas e confortos razoáveis do trabalho árduo, a fim de que possam viver na opulência extravagante, "desmedidamente" (*Tiago 5:1-9*), além do que o coração poderia desejar ou a razão pedir. Esses se agarram com unhas e dentes à atual estrutura da sociedade e parecem temer instintivamente o reino prometido do Messias. E, para eles, o desejo é pai do pensamento de que isso nunca acontecerá. Como disse Davi: "O pensamento íntimo deles é que suas casas [famílias] serão eternas, suas moradas de geração em geração; eles as chamam por seus próprios nomes em [vários] países...Esse seu caminho é a sua loucura; contudo, sua posteridade aprova suas palavras." *Salmos 49:11, 13*

Desacreditando ou ignorando o testemunho múltiplo dos profetas a respeito desse Reino — pois esse sempre foi o tema de todos eles: "Anunciado pela boca de todos os seus santos profetas desde o início do mundo" (***Atos 3:21***) — muitos parecem temer o Reino e sentir instintivamente a verdade de que, se Deus estabelecesse seu Reino, ele governaria com justiça; e que, se a justiça fosse aplicada, muitos dos governantes da terra trocariam de lugar com seus súditos, ou, talvez, fossem presos; e muitos dos grandes, dos altivos, dos que se orgulham de sua riqueza e dos lisonjeados seriam despojados de glória, honra e riqueza ilícita, e seriam vistos em sua verdadeira luz, como ignóbeis. Esses temem, embora não acreditem no testemunho de que "Não há nada encoberto que não venha a ser revelado, nem oculto que não venha a ser conhecido". (***Mateus 10:26***) E ao lado desses ignóbeis — administradores injustos da riqueza e do poder, cujo uso final não os torna "sábios" como aquele elogiado por sua prudência na parábola (***Lucas 16:1-9***)

[C21]

— destaca-se uma classe ainda maior, sem a qual eles cairiam. Essa grande classe, que talvez não tenha, no momento, mais do que sua parcela razoável de honra, cargo, riqueza e conforto, tem a esperança, por mais tênue que seja, de um dia poder nadar em luxo, tornando-se os patronos invejados da "multidão comum". Ignóbeis são esses: escravos da vaidade egoísta e brinquedos da fortuna inconstante. E entre esses — ai de mim! é verdade — há alguns que ostentam o nome de Cristo, o amigo dos pobres, e que com os lábios pedem apenas o pão de cada dia e oram com zombaria solene: "Venha o Teu Reino", enquanto em cada olhar, ato e relacionamento com seus semelhantes demonstram o quanto amam o atual regime injusto e como, regozijando-se na injustiça, não desejariam de bom grado que o Reino de Cristo viesse.

É estranho — em nítido contraste com a atitude de muitos dos que se professam filhos de Deus — que, não raro, encontremos alguns "socialistas" e outros — que rejeitam o "cristianismo institucional" e, com ele, com demasiada frequência, a Bíblia e toda a fé em uma religião revelada, mas que, no entanto, compreendem de fato alguns dos princípios fundamentais da justiça — reconhecendo a irmandade comum entre os homens, etc., como alguns de seus escritos demonstram de maneira belíssima. Eles parecem estar esperando e lutando pela igualdade social e pelas condições geralmente favoráveis repetidamente prometidas nas Escrituras como resultado do estabelecimento do Reino de Cristo entre os homens, quando a vontade de Deus for feita na terra. E, no entanto, pobres socialistas, parece que, muitas vezes, sua defesa de relações liberais e da igualdade é, em grande parte, fruto de sua pobreza e da percepção da falta dos confortos e vantagens comuns, em vez de ser resultado de princípios; pois, se um deles herdar ou adquirir grande riqueza, é quase certo que abandonará suas teorias socialistas.

Com muita cautela devem andar os santos que oram:

[C22]

‘Venha a nós o Teu Reino, seja feita a Tua vontade na terra’, para que suas orações não sejam meras zombarias de palavras vazias, com as quais seus corações e vidas não concordam. ‘Pela tua própria boca te julgarei’ representa uma das repreensões mais penetrantes e severas que o Juiz pronunciará contra alguns que professaram ser Seus servos e ansiar por Seu Reino de amor e justiça. Que todos os que assim oram e acreditam no reinado vindouro da justiça, mesmo agora, ajustem suas ações e palavras aos seus justos preceitos, na medida do possível.

Aqueles que compreenderam a força das lições dos volumes anteriores verão que o Reino de Deus não será de esplendor exterior, visível e terreno, mas de poder e glória divina. Esse Reino já assumiu autoridade executiva, embora ainda não tenha conquistado e substituído os reinos deste mundo, cujo prazo de poder ainda não expirou. Por isso, ele ainda não assumiu o controle total do domínio terrestre. Seu estabelecimento está em andamento, no entanto, conforme indicado pelos sinais dos tempos, bem como pelas profecias consideradas no volume anterior e outras examinadas neste volume.

Os capítulos seguintes apresentarão profecias que marcam várias etapas da preparação da igreja nominal e do mundo para o Reino, e chamarão a atenção para algumas das mudanças mais significativas que foi predito que ocorreriam durante o período de seu estabelecimento — nada poderia ser mais importante ou mais profundamente interessante para aqueles santos vivos que anseiam pela prometida co-herança neste Reino e buscam se envolver em cooperação com o mestre, o Ceifeiro-Chefe e Rei, na obra que agora é necessária e está em andamento.

[C23]

ESTUDO II

"O TEMPO DO FIM" OU "O DIA DE SUA PREPARAÇÃO"

—*DANIEL* XI—

O Tempo do Fim — Seu Início, 1799 d.C. — Seu Fim, 1914 d.C.—O que deve ser preparado e o objetivo—A história do mundo traçada profeticamente por meio de seus principais governantes—De 405 a.C. até este Dia de Preparação — O início do tempo do fim está claramente marcado, embora sem nomes ou datas.

O "tempo do fim", um período de cento e quinze (115) anos, de 1799 d.C. a 1914 d.C., é especialmente destacado nas Escrituras. "O Dia de Sua Preparação" é outro nome dado ao mesmo período, pois nele ocorre um aumento geral do conhecimento, resultando em descobertas, invenções etc., abre caminho para o vindouro milênio de graça, preparando os dispositivos mecânicos que economizarão trabalho e proporcionarão ao mundo em geral tempo e conveniências, as quais, sob o reinado de justiça de Cristo, serão uma bênção para todos e ajudarão a encher a terra com o conhecimento do Senhor. E é um dia ou período de preparação também em outro sentido; pois, com o aumento do conhecimento entre as massas, proporcionando a todos um gostinho de liberdade e luxo, antes que o governo de Cristo seja estabelecido para regular corretamente o mundo, essas bênçãos se tornarão gradualmente instrumentos do poder de classe e resultarão na revolta das massas e na derrubada dos trustes corporativos, etc., com os quais cairão também todos os atuais domínios da Terra, civis e eclesiásticos. E, assim, o presente é

um dia de preparação (por meio dessa derrubada) para o estabelecimento do domínio universal do Reino de Deus, pelo qual há tanto tempo se ora.

Os últimos quarenta anos do tempo do fim são chamados de "Fim" ou "Colheita" da era evangélica, conforme lemos: "A COLHEITA *é* o FIM da era." (*Mateus 13:39*) Em breve chamaremos atenção especial para o caráter geral e os eventos previstos para este período, reservando, no entanto, as características específicas da colheita para um capítulo subsequente.

Embora as informações que indicam a data desse período estejam contidas na profecia de Daniel, sabemos que ele não compreendeu absolutamente nada a respeito, pois disse: "Ouvi, mas não compreendi." (*Daniel 12:8*) Em resposta às suas perguntas ansiosas, foi-lhe dito que as palavras estavam fechadas e seladas *até* o tempo do fim. Conclui-se, portanto, que ninguém poderia compreender a profecia antes de 1799; e, antes de encerrarmos o assunto, mostraremos que a profecia indica que ela não *começaria* a ser compreendida antes de 1829, nem alcançaria um desdobramento claro até 1875.

O capítulo XI da profecia de Daniel é dedicado aos eventos notáveis que conduzem a esse período, o tempo do fim, enquanto o capítulo XII segue a partir daí até o Fim ou a Colheita. Os estudiosos da profecia notarão a maneira peculiar pela qual a data do início do tempo do fim é apresentada — uma maneira notável tanto por sua exatidão na fixação da data quanto por seu ocultamento, até o tempo determinado para que fosse compreendida. E depois que esse momento é assim peculiarmente marcado no capítulo XI, sem que um nome ou uma data sejam mencionados, o capítulo XII apresenta três períodos de tempo — 1.260, 1.290 e 1.335 dias proféticos — que corroboram e estabelecem a lição do capítulo XI: que o início do tempo do fim ocorreu no ano de 1799.

E, embora o capítulo XI aborde algumas das

personagens e eventos proeminentes da história, como mostraremos, seu testemunho ainda permanece oculto para muitos estudiosos da profecia, pois o *elemento central* da profecia, do qual muito depende, já teve um aparente cumprimento. Essa maneira de encobrir ou ocultar uma profecia até o momento certo de ser revelada não é de forma alguma incomum. E alguns estudiosos da profecia do passado estavam tão convencidos de que esse elemento central já havia se cumprido que, em nossas Bíblias em inglês, na versão comum, a referência marginal diz: "Cumprido entre 171 e 168 a.C." A passagem (*Daniel 11,31*) diz: "Haverá forças que se levantarão contra ele, e elas profanarão o Santuário da força, tirarão o sacrifício diário [literalmente, *o contínuo*] e colocarão [ou erguerão] a abominação que causa desolação [ou a abominação desoladora]".

A alegação é de que essa profecia se cumpriu por meio de Antíoco Epifânio, um rei sírio, quando ele invadiu Jerusalém à força, interrompeu os sacrifícios a Deus no Templo e colocou no templo o ídolo de Júpiter Olimpo.

Esse aparente cumprimento da profecia é suficiente para satisfazer o estudante comum, que se contenta em acreditar no que lhe dizem; e isso faz com que ele perca o interesse pela profecia, considerando-a cumprida em um passado distante e sem interesse especial para ele. Mas o estudante dedicado observará que foi predito (*versículo 14*) que os saqueadores do povo de Daniel de fato *tentariam* cumprir a visão (ou aparentemente a cumpririam), mas fracassariam; e, além disso, que o tempo do fim era um tempo determinado (*versículo 35*); e que uma interpretação completa e correta não poderia ser obtida *até* então. Portanto, tal estudante não esperará interpretações corretas do passado. E o estudante atento também não deixará de notar o fato de que nosso Senhor chamou a atenção para essa mesma profecia duzentos anos após seu suposto cumprimento, e nos disse para esperarmos seu cumprimento *futuro*, dizendo: "Vereis [no futuro] a abominação da desolação erguida no

no lugar santo." (*Mateus24:3,15*) Nosso Senhor chegou a acrescentar uma advertência, para que tomássemos cuidado e não nos enganássemos a respeito da verdadeira abominação, dizendo: "Quem ler, que entenda."

Confiamos que as evidências apresentadas no volume anterior tenham deixado claro o fato de que o grande sistema papal é a abominação desoladora que, por séculos, tem devastado tanto o mundo quanto a Igreja, em nome do reino de Cristo. Na verdade, há muito tempo ela está "no lugar santo" — no templo de Deus, a Igreja Cristã. Graças a Deus pelo privilégio de ver suas características abomináveis cada vez mais claramente, para que possamos fugir de todos os seus erros. Graças a Deus porque seus dias estão contados e porque o santuário purificado (*Daniel 8,14*) em breve será exaltado e preenchido com a glória de Deus.

Com esta introdução, passamos a examinar *Daniel 11* em ordem consecutiva.

O versículo 2 começa com o império medo-persa, sendo o quarto e último rei Dario III Codomano.

O poderoso rei do *versículo 3* é Alexandre, o Grande, da Grécia, sobre quem o seguinte trecho histórico de Willard será lido com interesse. Ele diz:

"Alexandre, o Grande, tendo invadido a Judéia, enviou um mandado a Jerusalém para que seu exército fosse abastecido com provisões e tropas. Jaddus, então sumo sacerdote, respondeu que havia jurado lealdade ao rei da Pérsia e não poderia abandonar sua causa enquanto ele vivesse. Alexandre, assim que o cerco de Tiro foi concluído, marchou para Jerusalém para se vingar dessa recusa. Ciente de seu propósito e totalmente incapaz de enfrentá-lo, o sumo sacerdote, em sua angústia, clamou ao céu por proteção. Tendo recebido instruções por meio de uma visão durante a noite, ele abriu de par em par os portões da cidade e espalhou flores pelo caminho. Vestindo-se com as esplêndidas vestes do sacerdócio levítico, ele saiu ao encontro do conquistador, seguido por todos os sacerdotes vestidos de branco. Alexandre foi ao seu encontro, curvou-se e prestou-lhe homenagem. Questionado por seu amigo surpreso sobre por que ele, a quem outros

[C27]

Quando lhe perguntaram se, como adorador, deveria adorar o sumo sacerdote, ele respondeu: "Não o adoro, mas sim o Deus de quem ele é ministro. Assim que vi seu hábito, reconheci nele o mesmo homem que vi em uma visão na Macedônia, quando meditava sobre a conquista da Pérsia; e ele então me assegurou que seu Deus iria à minha frente e me daria sucesso". Alexandre então abraçou os sacerdotes, caminhando no meio deles e entrando assim em Jerusalém; onde, da maneira mais solene, ofereceu sacrifícios no templo. *O sumo sacerdote então lhe mostrou a profecia de Daniel e a interpretou como um presságio de que o poder persa seria derrubado por ele*."

Embora Alexandre tenha conquistado o mundo no curto período de treze anos, o reino não permaneceu como uma única nação em sua família após sua morte, mas foi dividido por seus quatro generais e fragmentado em partes, conforme declarado no *versículo 4*.

Observe aqui a correspondência desta profecia com a de *Daniel 8:3-9, 20-25*. Aqui é mostrado que de uma das divisões do império de Alexandre (compare *os versículos 8, 9 e 21*) surgiria um "chifre pequeno" ou poder, que se tornaria extremamente grande. Isso evidentemente se refere a Roma, que ascendeu à influência sobre as ruínas da Grécia. De um vassalo insignificante, cujos embaixadores se apressaram a reconhecer a supremacia grega e a tornar-se *parte do império* aos pés de Alexandre, o Grande, Roma ascendeu gradualmente à supremacia.

A história contada em poucas palavras em *Daniel 8,9-10* é relatada com maiores detalhes no *capítulo 11,5-19*. Nesse relato detalhado, *o Egito* é mencionado como *o Rei do Sul*; enquanto os *gregos e, posteriormente*, *os Romanos* — seus sucessores no poder, ou o novo chifre proveniente da Grécia — são designados *como o Rei do Norte*. Entre esses dois, ora ligada a um, ora ao outro, está a história do povo de Deus — o povo de Daniel — em cuja bênção final, conforme prometida por Deus, Daniel confiava. É tedioso e desnecessário traçar essa história em seus muitos detalhes de conflitos entre

os generais de Alexandre e seus sucessores, até ***o versículo 17***, que se refere a Cleópatra, rainha do Egito. E, como todos concordam até aqui, não precisamos nos aprofundar mais no passado.

No *versículo 18,* aqueles que afirmam que ***o versículo 31*** se aplica a Antíoco Epifânio continuam a aplicar a profecia às pequenas disputas e batalhas entre Seleuco, Filopátor, Antíoco Epifânio e Ptolomeu Filomátor até o final do capítulo — como os judeus evidentemente costumavam aplicá-la. Os judeus, dando continuidade a essa interpretação até o capítulo XII, teriam fortes motivos para esperar a libertação pelo Messias em breve; e assim lemos que, na época do nascimento de nosso Senhor, "todos os homens estavam na expectativa" dele e, por meio dele, de sua libertação do jugo romano. Mas, a partir do ***versículo 18***, nós, que vemos a verdadeira "abominação", nos separamos deles e entendemos que a profecia se refere apenas a figuras proeminentes até o papado; e então, abordando-a e identificando-a, passamos para o fim de seu poder de perseguir e marcamos essa data com um relato detalhado de uma das figuras mais notáveis da história — Napoleão Bonaparte.

Mas pode-se perguntar: por que essa mudança no método específico dos versículos anteriores, para abordar apenas traços proeminentes da história? Respondemos que isso faz parte do método de Deus para selar e encerrar a profecia. Além disso, tudo na profecia foi organizado de modo a não causar tropeço a Israel na primeira vinda. Se as minúcias e os detalhes de vinte séculos tivessem sido expostos da mesma forma que a profecia contida nos ***versículos 3 a 17*** deste capítulo, ela teria sido longa, tediosa e incompreensível; e teria dado aos judeus e à igreja cristã primitiva uma ideia do tempo que levaria para que o Reino de Deus viesse; e esse não era o propósito de Deus.

Prosseguindo, então, entendemos que ***os versículos 17-19*** se aplicam aos tempos e acontecimentos em que Marco Antônio e Cleópatra

[C29]

atuaram, quando Antônio caiu e o Egito ("Rei do Sul") foi absorvido pelo Império Romano. O ***versículo 20*** aplicamos a César Augusto, que se destacou por sua cobrança sistemática de altos impostos de todas as nações tributárias, e cujas exações fiscais, na Judéia e em todo o mundo civilizado da época, são mencionadas nas Escrituras em conexão com o nascimento de nosso Senhor. (***Lucas 2:1***) A afirmação: "O imperador Augusto decretou que todo o mundo fosse recenseado", corresponde fielmente à descrição: "Levantará-se em seu lugar um *cobrador de impostos* na *glória* do reino". Essa última parte da descrição também se encaixa perfeitamente; pois o período do reinado de César Augusto é registrado na história como a época *mais gloriosa* do grande Império Romano e é chamado de "a idade de ouro de Roma".

Outra tradução do ***versículo 20*** diz: "Levantará-se em seu lugar alguém que fará com que o cobrador de impostos *passe pela terra gloriosa do reino*". Isso parece se aplicar especialmente à Palestina e faria com que isso se encaixasse exatamente no relato de Lucas. Mas ambas as aplicações estão corretas: foi a época gloriosa do Império Romano, e os cobradores de impostos foram levados a passar pela terra da Palestina — a terra gloriosa do reino. Além disso, note-se que Augusto César foi o primeiro governante a introduzir no mundo um sistema tributário *sistematizado*.

Lemos ainda sobre esse proeminente governante: "Dentro de poucos dias ele será derrubado, nem por ira nem em batalha." Sobre Augusto César, está registrado que ele teve uma morte tranquila, enquanto seu antecessor e seus sete sucessores no poder imperial tiveram mortes violentas. Sua morte ocorreu poucos anos depois de ter alcançado o apogeu de seu poder e de ter feito com que "o cobrador de impostos passasse pela terra gloriosa do reino".

O versículo 21 descreve adequadamente Tibério César, o sucessor de Augusto: "Levantará-se em seu lugar uma pessoa desprezível

, a quem não darão a *honra* do reino; mas ele entrará pacificamente e obterá o reino por meio de lisonjas." Observemos aqui como o relato histórico sobre Tibério concorda com o que foi dito acima pelo profeta.

Diz White: "Tibério tinha 56 anos quando subiu ao trono, *professando grande relutância* em assumir suas importantes responsabilidades... Tendo sido removidas todas as restrições, o tirano deu rédea solta às suas paixões cruéis e sensuais."

Diz Willard: "A princípio, ele fingiu e parecia governar com moderação; mas a máscara logo caiu. O
Senado, a quem ele transferiu todos os direitos políticos do povo, havia se degradado e, assim, sancionou obsequiosamente seus atos e ofereceu o incenso da bajulação perpétua ao homem que encheu suas ruas de sangue. Foi sob a administração *desse* homem, *o mais degradado* de todos, que nosso Senhor Jesus Cristo foi crucificado na Judéia."

Essas imagens correspondem exatamente à descrição do profeta e são ainda mais confirmadas pelo ***versículo*** seguinte **— *o 22***. "Com a força de uma enchente, eles [todos os opositores] serão varridos diante dele e destruídos; sim, inclusive o *Príncipe da Aliança*." Essa última afirmação parece referir-se inequivocamente ao nosso Senhor Jesus, que, conforme observado acima pelo historiador, foi crucificado durante o reinado de Tibério por seu representante, Pilatos, o governador romano da Judéia, e por soldados romanos.

"E após a aliança feita com ele [o Senado reconhecendo-o como imperador], ele agirá com engano; pois ele se levantará e se tornará forte com um pequeno número de pessoas. [Tibério organizou a *Guarda Pretoriana*, inicialmente com 10.000 homens, número que depois dobrou. Esse pequeno número de pessoas, como guarda-costas do imperador, permanecia continuamente em Roma e sob seu controle. Com ela, ele intimidava o povo e o Senado, aboliu as eleições populares, as assembleias, etc.] Ele entrará pacificamente até mesmo nos lugares mais prósperos da província e fará o que seus antepassados não fizeram, nem os pais de seu pai

; espalhará entre eles a presa, os despojos e as riquezas; e nutrirá planos contra as fortalezas, ainda que por um tempo." *Versículos 23, 24*

Era política tanto de Augusto quanto de seus sucessores preservar pacificamente o controle dos domínios anteriormente conquistados, em vez de buscar novas aquisições por meio de conquistas; e, para garantir esse domínio, era sua política *dividir* os espólios nomeando governadores locais, dotados de dignidade e autoridade, cujo mandato dependia da preservação da ordem em suas províncias, de sua lealdade aos Césares e da cobrança pontual dos impostos. Eles não mais, como no início, seguiam a política de saquear e pilhar o mundo meramente para levar os espólios como troféus para Roma. Por meio dessa política diplomática, por meio desses "*artifícios de* previsão", Roma agora governava o mundo de forma mais completa e com maior prestígio do que quando seus exércitos iam de um lado para outro.

Deve-se reconhecer que, embora a profecia tenha se especificado e, nos casos de Augusto e Tibério, tenha quase individualizado o relato, isso foi apenas um meio para atingir um fim. O fim a ser alcançado é marcar o momento da transferência do domínio universal, da Grécia para Roma, dos quatro generais de Alexandre, o Grande — representando quatro divisões daquele império (os "quatro chifres" do "bode" grego mencionado em *Daniel 8:8*) — para o Império Romano, que naquela época e anteriormente fazia parte da Grécia. Esses quatro generais que sucederam a Alexandre, o Grande, estão tão claramente marcados na história quanto na profecia.* O historiador+ diz:

"O império [grego] estava agora dividido em quatro partes, e uma parte foi atribuída a cada um dos generais que formavam a aliança. Ptolomeu assumiu o poder real no *Egito*; Seleuco,

*A divisão entre esses quatro é claramente mencionada em ***Daniel 8:8 e 11:4,5***.

+História Universal de Willard, página 100.

na *Síria* e *na Ásia Superior*; Lisímaco, na *Trácia* e *na Ásia Menor* até o Tauro; e Cassandro ficou com a *Macedônia*."

Nessa divisão, a Itália pertencia ao departamento de Cassandro, que era a divisão do norte, designada "Rei do Norte", enquanto o Egito era a divisão do sul, ou "Rei do Sul". Gradualmente, a influência romana prevaleceu e, pouco a pouco, o território originalmente controlado por Seleuco, Lisímaco e Cassandro foi submetido a Roma, que fazia parte da divisão do norte, restando apenas o Egito, a divisão do sul. Esse rei do sul, o Egito, tornou-se sujeito ao poder da divisão do norte, conforme narrado acima, nos dias de Cleópatra, Antônio e César Augusto, em parte pela vontade do pai de Cleópatra — que, ao morrer enquanto seus filhos ainda eram jovens, deixou o reino sob a proteção do Senado Romano — e em parte pela derrota de Marcos Antônio. Por um tempo, de fato, o "Rei do Sul", o Egito, foi tão poderoso quanto o "Rei do Norte", Roma. Os historiadores nos dizem que "era a *maior* nação mercantil da época"; que possuía "33.000 cidades"; e que sua receita anual "chegava a 14.800 talentos de prata", cerca de US$ 20.000.000.

Reconhecendo o sentido e o propósito da profecia, não devemos esperar relatos detalhados e pessoais sobre os monarcas desses reinos, mas, por "Rei do Norte", devemos entender o representante do Império Romano, e por "Rei do Sul", um representante do reino do Egito. Com essa explicação, prosseguimos com a profecia.

Versículo 25: "E ele [Roma] mobilizará seu poder e coragem contra o Rei do Sul [Egito], com um grande exército; e o Rei do Sul se mobilizará para a guerra com um exército muito grande e poderoso; mas ele não resistirá; pois eles traçarão planos [traidoramente] contra ele."

[C33]

A partir do ano 30 a.C., quando César Augusto transformou o Egito em província romana, não ocorreram hostilidades entre os dois países até que a rainha Zenóbia, descendente de Cleópatra, por volta de 269 d.C., reivindicou e exerceu seu controle. Seu reinado foi curto; Aureliano, o imperador romano, derrotou-a em 272 d.C. O historiador afirma: "A Síria, o Egito e a Ásia Menor reconheceram o domínio de Zenóbia, rainha de Palmira. Mas ela teve de enfrentar a força superior do império e a habilidade militar do maior comandante da época. No entanto, Aureliano escreve sobre ela: 'Os Romanos falam com desdém da guerra que estou travando contra uma mulher. Eles ignoram tanto o caráter quanto a fama de Zenóbia. É impossível descrever seus preparativos bélicos e sua coragem desesperada.'" Firmus, o aliado de Zenóbia no Egito, foi rapidamente derrotado e executado, e Aureliano retornou a Roma coberto de honra e com grande riqueza, conforme descrito no ***versículo 28***: "Então ele retornará à sua terra com grandes riquezas, e seu coração se voltará contra a santa aliança, e ele realizará [várias façanhas] e retornará à sua própria terra."

Como evidência das riquezas que acumulou, observe um trecho do relato de Gibbon sobre sua marcha triunfal pelas ruas de Roma. Ele diz:

"As riquezas da Ásia, as armas e os estandartes das nações conquistadas, bem como a magnífica prataria e o guarda-roupa da rainha síria, estavam dispostos em simetria exata ou em desordem artística...A bela figura de Zenóbia estava acorrentada com grilhões de ouro; um escravo sustentava a corrente de ouro que circundava seu pescoço, e ela quase desmaiou sob o peso insuportável das joias. Ela precedia a pé a magnífica carruagem na qual outrora esperava entrar pelos portões de Roma."

Quanto à afirmação do Profeta de que, ao retornar, seu coração se voltaria contra a santa aliança [o cristianismo], Mosheim diz:

[C34]

"Aureliano, embora excessivamente inclinado à idolatria e possuindo uma forte aversão aos cristãos, não tomou nenhuma medida para prejudicá-los durante quatro anos. Mas, no quinto ano de seu reinado, seja por sua própria superstição, seja instigado pela superstição de outros, ele se preparou para persegui-los; e, se tivesse vivido, tamanha era a crueldade e ferocidade de seu temperamento, e tamanha a influência que recebia dos sacerdotes e dos adoradores dos deuses, que sua perseguição teria sido mais cruel do que qualquer uma das anteriores. Mas antes que seus novos éditos chegassem a todas as províncias, ele foi assassinado; e, por isso, apenas alguns cristãos sofreram por sua piedade sob seu governo."*

Esse espírito de perseguição contra o cristianismo se manifestou *após seu retorno* da conquista, conforme indicado na profecia. Aureliano era adorador do sol e atribuiu sua vitória sobre Zenóbia ao sol; e, imediatamente após a batalha, dirigiu-se ao magnífico templo dedicado ao sol para agradecer pela graça recebida. Como os cristãos consideravam o sol indigno de adoração, presume-se que sua recusa em participar desse culto ao sol tenha sido a provocação para sua oposição repentina e violenta.

Versículo 26: "Sim, aqueles que comem de seu alimento causarão sua ruína; e seu exército se espalhará; e muitos cairão mortos." Aureliano foi assassinado por seus próprios generais; seu exército saiu vitorioso, embora muitos tenham sido mortos.

O versículo 27 não se refere a Roma e ao Egito, mas a *dois* reis ou *poderes* no Império Romano — o poder imperial em gradual declínio e o poder eclesiástico que lentamente ganhava vida e ambição. Cada um procurava usar o outro para seus próprios fins egoístas, ao mesmo tempo em que negava tais intenções. Diz o texto: "E o coração dos dois reis se voltará para o mal, e falarão mentiras à mesma mesa; mas isso não prosperará [naquele momento], *porque* ainda não chegou o fim, que está reservado para *outro tempo*." Ou, para expressar a ideia de forma mais clara, um certo período de 1.260 anos havia sido determinado

*História do Cristianismo, vol. II, página 101.

por Deus como a duração do poder persecutório do papado; por isso, a união ou aliança entre o clero e o poder civil "não poderia prosperar" naquele momento, pois os 1.260 anos contados a partir daquela data trariam "o fim" muito cedo; portanto, ela deveria ser adiada, ou retardada, e permitida que se concretizasse gradualmente por meio da decadência do império na Itália. Vemos nas páginas da história eclesiástica as intrigas dos bispos cristãos em busca de *poder* no Império Romano; e, evidentemente, os imperadores debateram muito se não seria vantajoso para eles reconhecer a nova religião. Aparentemente, Constantino apenas colocou em prática, em um momento mais propício, o que outros já haviam, de certa forma, pensado. Mas mesmo Constantino foi impedido pelo ânimo do povo de realizar de uma só vez e tão rapidamente quanto se desejava uma união das forças da Igreja e do Estado.

Consideramos ***os versículos 29 e 30*** como um parêntese, inserido para ocultar o significado por algum tempo ao quebrar a ordem da narrativa, e acreditamos que se apliquem a um conflito, então ainda distante no futuro, entre os representantes do Império Romano e do Egito. Nenhum outro conflito entre eles ocorreria, exceto um, e seria *justamente no* "tempo determinado" — o tempo do fim, 1799. Por essa razão, deixaremos a análise desses versículos para quando considerarmos essa última batalha entre eles, conforme detalhado nos *versículos 40-45*.

O versículo 31 se conecta com o pensamento do ***versículo 27***, e reconhecemos que ele se refere ao mais bem-sucedido dos dois poderes do Império Romano — o papado. Tendo traçado a história por meio de governantes individuais notáveis até Aureliano, e tendo-nos apresentado aos dois governos antagônicos —civil e eclesiástico—que surgiram logo em seguida, a predominância do papado, seu caráter e sua obra, no que se refere à verdade de Deus e à Igreja, são então destacados — sendo representado como um único rei ou poder, independentemente de seus diversos e mutáveis papas ou chefes. Sabemos que, na disputa entre os governantes civis e religiosos, o papado saiu

[C36]

vitorioso; e a profecia diz: “As armas se levantarão a seu favor [ou: ‘os fortes de entre ele se levantarão’ — *tradução de Young*], e profanarão o santuário da força, e *suprimirão o sacrifício contínuo*, e eles ESTABELECERÃO *as abominações desoladoras*.”

Interpretamos isso no sentido de que, embora nem a Igreja nem o poder civil tenham conseguido engolir o outro, como em certa época parecia provável, ainda assim surgiram “os fortes”, que profanaram os princípios fundamentais tanto do governo civil quanto da verdadeira religião. O “santuário da força”, os recintos sagrados da autoridade civil, que por um tempo Deus havia entregue aos gentios, aos reinos deste mundo, foi minado por aqueles na Igreja que ansiavam pelo domínio imediato e que buscavam, por todos os meios, obter poder civil para promover *seus* esquemas eclesiásticos; e o santuário de Deus (sua morada sagrada — a Igreja) foi profanado e degradado pelos esforços persistentes desses “poderosos” para obter poder junto aos governantes civis, número de adeptos e influência junto ao povo. Esse era o papado em estado embrionário, conspirando para se estabelecer no poder como um império sacerdotal.

Não podemos nos surpreender que esses “poderosos” impetuosos, tendo desconsiderado o plano de Deus — que prevê nossa submissão *atual* às “autoridades estabelecidas” (que são ordenadas por Deus para nossa provação presente e nossa preparação para a *futura* exaltação ao poder, à glória e ao domínio do mundo) —, e tendo decidido reinar, se possível, antes do tempo de Deus, estavam tão em desacordo com o plano de Deus que perderam a própria essência e o cerne da verdade, retendo apenas a forma, a aparência exterior. Um passo decisivo da apostasia foi “suprimir o sacrifício contínuo”. Isso, o clímax da degeneração doutrinária, representado nas doutrinas romanas da Transubstanciação e do Sacrifício da Missa, apenas mencionamos aqui, deixando-o para uma análise mais completa

em conexão com outra profecia em um capítulo posterior. A partir da introdução desse erro fatal e blasfemo, Deus chama o sistema de abominação; e sua subsequente ascensão ao poder é aqui referida como "a abominação desoladora *estabelecida*". O quanto o papado mereceu esse nome e quão devastadora tem sido sua influência nefasta são bem atestados pela história da "Idade das Trevas", da qual apresentamos alguns vislumbres no volume anterior.

Versículo 32: "E aos que agirem perversamente contra a aliança, ele corromperá com lisonjas." Aqueles na Igreja que não cumpriram sua aliança com o Senhor tornaram-se presas fáceis das lisonjas, honras, títulos etc., apresentados a eles pela hierarquia papal à medida que esta começava a exercer influência. Mas, embora muitos tenham cedido aos erros, nem todos o fizeram; pois lemos: "Mas o povo que conhece o seu Deus será forte e agirá com valentia; e os que têm entendimento entre o povo instruirão a muitos." Assim se mostra uma divisão da Igreja em duas classes distintas, diferenciadas em *Daniel 8:11-14* como *o santuário* e *o exército*: uma classe, corrompida pelas honras lisonjeiras do mundo, violou sua aliança com Deus, enquanto a outra classe foi realmente fortalecida pelas perseguições às quais sua lealdade a Deus as expôs. Entre esta última classe, havia alguns que compreendiam a situação e ensinavam aos fiéis que assim estava escrito nas Escrituras: o Anticristo, ou Homem do Pecado, surgiria a partir de uma grande apostasia na Igreja.

O número e o poder estavam nas mãos dos que abandonaram a aliança, que se uniram ao império; e os poucos fiéis foram perseguidos — caçados, presos, atormentados, torturados e mortos de centenas de formas repugnantes, como as páginas da história atestam claramente e como aqui predito pelo profeta, que disse: "Contudo, cairão pela espada, pelo fogo, pelo cativeiro e pela pilhagem — dias", [Aqui, outro

parêntese do *versículo 34 e parte do 35* interrompe] — "até o tempo do fim; porque ainda está [no futuro] por um tempo *determinado*". A duração dessa perseguição não é especificada aqui, exceto que ela se concluirá conforme determinado, no tempo do fim. Por meio de outras escrituras, aprendemos que foi um período de 1.260 anos, que terminou em 1799 d.C., data destacada por Daniel e pelo Apocalipses, bem como na história.

Versículos 34, 35: "Ora, quando caírem, receberão um pouco de ajuda." O período completo do poder do perseguidor (o papado), de 1.260 anos, não terminaria até 1799; mas, antes de seu fim, Deus concedeu um pouco de ajuda por meio do movimento da Reforma, que, embora a princípio tenha até aumentado a perseguição, posteriormente proporcionou algum conforto e proteção àqueles que caíam por causa da fidelidade à Palavra de Deus. A Reforma impediu que a verdade fosse completamente eliminada do mundo. Mas, infelizmente! Com a pequena ajuda, os "bajuladores" voltaram. Assim que a perseguição começou a diminuir, o adversário recorreu ao mesmo artifício, pelo qual anteriormente havia conseguido corromper e degradar a igreja, para agora vencer os movimentos de reforma. Reis e príncipes começaram a conceder honras e títulos aos protestantes e a se unir ao protestantismo; e isso levou a graves consequências negativas e ao desvio da aliança, como lemos: "Mas muitos se unirão a eles com lisonjas; e alguns dos que têm entendimento [líderes, reformadores, mestres, que haviam sido capazes de instruir muitos a respeito dos erros do papado] cairão; para prová-los [os poucos fiéis], purificá-los e torná-los brancos."

Ao aprofundarmos a análise da profecia, constatamos que, assim como os versículos anteriores descrevem de forma incisiva os principais personagens intimamente ligados à transferência do domínio para a Grécia e, posteriormente, para Roma, e depois, de maneira astuta, gradual e furtiva, para o Papado — um poder que surgiu da Roma civil

[C39]

Roma; assim também, quando se trata do ponto muito importante de observar onde o domínio papal foi quebrado*, é razoável esperar que Napoleão, a figura principal associada a essa mudança, seja destacado; e isso, aliás, não por meio de uma descrição de sua aparência pessoal, mas por meio de uma descrição de suas características peculiares, exatamente como Augusto e Tibério César foram indicados. Encontramos, de fato, tal descrição; e a trajetória de Napoleão Bonaparte corresponde exatamente a ela. ***Os versículos 31-35*** descrevem o papado, seus erros e abominações, bem como a Reforma e sua "pequena ajuda", que, no entanto, resultou em fracasso parcial devido às lisonjas; e esses versículos nos levam até o "tempo do fim" e nos mostram que, apesar da pouca ajuda oferecida, alguns *cairiam* vítimas da perseguição *até* o tempo do fim. E assim foi: em todos os países sujeitos ao papado — Espanha, França, etc. — a perseguição por meio da terrível Inquisição continuou, até ser efetivamente quebrada por Napoleão.

Seguem-se os versículos que descrevem Napoleão, o instrumento empregado pela Providência para quebrar o poder do papado e dar início ao seu tormento, que terminará em destruição total, a ser consumada mais tarde; como está escrito: "A quem o Senhor *destruirá com o brilho resplandecente de sua presença*." ***2 Tess. 2:8***

*É correto afirmar que *o domínio* papal chegou ao fim no início do presente século; pois, após a Revolução Francesa, a autoridade de Roma sobre governantes e reinos (e até mesmo sobre seu próprio território na Itália) era apenas *nominal* e não real. Deve-se lembrar, também, que, até aquele momento, a França havia sido, dentre todas as nações, a mais fiel e subserviente à autoridade papal. Foram seus reis, príncipes, nobres e povo que mais prontamente obedeceram às ordens do papa — organizaram cruzadas, partiram para a guerra, etc., etc., em obediência às ordens do papa — e que foram tão leais a ponto de não permitir que um protestante vivesse em seu solo após o massacre da noite de São Bartolomeu. Nenhuma outra nação, portanto, *poderia* ter desferido ao papado um golpe tão avassalador e destrutivo quanto a francesa.

[C40]

A carreira pública de Napoleão Bonaparte, que já era reconhecido em sua própria época como "o homem do destino", é retratada de forma tão clara pela declaração profética a ponto de fixar com certeza a data do "tempo determinado". Esse método de fixar uma data é preciso. E se demonstrarmos que os eventos aqui mencionados na profecia coincidem com a carreira de Napoleão na história, poderemos determinar a data com a mesma certeza com que determinaríamos o início do reinado de Augusto César, de Tibério ou de Cleópatra — descritos nos ***versículos 17, 20 e 21***. A trajetória de Napoleão, à luz da profecia, marcou o ano de 1799 d.C. como o fim dos 1.260 anos do poder papal e o início do período chamado de "o tempo do fim". A descrição profética é a seguinte:

Versículo 36: "E o rei fará conforme a sua vontade; exaltará-se e se engrandecerá acima de todo deus, e proferirá coisas espantosas contra o Deus dos deuses, e prosperará até que a ira se cumpra; pois o que está determinado será feito." Napoleão não era um rei, mas o termo "rei" é um termo geral para indicar um governante poderoso. Ele agiu, talvez, tão *"conforme sua* vontade" quanto qualquer homem que já viveu; era conhecido por sua obstinação e determinação, que superaram dificuldades quase insuperáveis. Para compreender o significado correto do versículo acima, é preciso lembrar que a palavra "*deus*" significa *"alguém poderoso*"; e que é frequentemente usada nas Escrituras para se referir a reis e governantes, como neste versículo: "deus dos *deuses*".* Aqui, a palavra "deuses" refere-se a governantes, reis e príncipes, e a expressão *"deus* dos deuses", ou governante dos governantes, refere-se ao papa. A maioria dos homens reconhecia *algum* superior religioso, mas Napoleão não reconhecia nenhum. Ele tinha vontade própria e um plano próprio, que consistia em exaltar-se acima de todos os outros governantes. Até mesmo ao "deus dos deuses" (ou seja, o governante dos governantes — o papa) ele se dirigiu de maneira maravilhosa

*Ver ESTUDOS DAS ESCRITURAS, vol. II, pp. 274 e 275.

[C41]

maneira; exigindo sua obediência como seu servo, de um jeito que chocou as superstições do mundo daquela época, bem como a dignidade da hierarquia papal. E, conforme declarado aqui, ele prosperou até ter cumprido sua missão de castigar o papado e quebrar sua influência sobre as mentes do povo. Como prova disso, a história* diz:

"Enquanto os príncipes seculares que haviam celebrado tratados com os franceses os cumpriam de boa-fé e pagavam as contribuições estipuladas, o soberano Pontífice era culpado das mais imprudentes violações de seus compromissos. Cercado por padres que eram seus únicos conselheiros, o Papa recorreu aos seus velhos expedientes de artifícios e fraudes piedosas; e grandes esforços foram feitos para inflamar as mentes do povo contra os franceses. Os padres fingiram que o céu havia intervindo, e afirmou-se categoricamente que vários milagres haviam ocorrido nas diferentes igrejas em defesa da santa fé católica da supremacia papal, demonstrando o descontentamento do céu com a conduta dos franceses. Bonaparte, percebendo que tal era o cego fanatismo da Corte de Roma que todos os seus esforços pela paz seriam em vão, tomou medidas imediatas para trazer "Sua Santidade" à razão.

"Ele ordenou ao general Victor que invadisse os territórios papais, o qual dispersou o exército do Papa 'como palha ao vento' e espalhou um pânico geral pelos Estados Pontifícios... 'Sua Santidade', ao constatar que São Pedro não lhe oferecia nenhuma ajuda nessa emergência, [...] enviou plenipotenciários a Bonaparte para suplicar pela paz. A paz foi obtida, mas sob condições suficientemente humilhantes: além de cumprir o tratado provisório anteriormente firmado e violado pelo Papa, ele foi obrigado a ceder uma parte de seu território e pagar uma quantia em dinheiro no valor de cerca de trinta milhões de libras francesas [cerca de seis milhões de dólares], como expiação pela última ruptura."

Isso, somado à primeira cobrança, totalizou mais de dez

*Campanhas de Napoleão, pp. 89, 95, 96.

milhões de dólares que o Papa pagou à França em ouro e prata, além de outros objetos de valor — esculturas, pinturas etc. Um escritor católico romano afirma que "O cumprimento dessas condições levou o Papa à beira da ruína". Esse tratado foi celebrado em 19 de fevereiro de 1797.

Pode-se pensar que essa derrubada rápida e bem-sucedida do poder papal seria suficiente para provar ao mundo que suas alegações de direito divino para governar reis, etc., eram meras suposições; mas, se não fosse assim, certamente os toques finais foram dados no ano seguinte, quando o general francês, Berthier, entrou em Roma, organizou ali uma República, em 15 de fevereiro de 1798, e, cinco dias depois, levou o papa prisioneiro para a França, onde ele faleceu no ano seguinte. Desde então até o presente, o domínio papal sobre os reinos da Terra tem sido apenas uma sombra do que era antes. Desde então, mal mencionou seu suposto direito de nomear e destituir reis. De fato, o papa que assumiu o cargo em 1800, sob o título de Pio VII, "publicou um discurso no qual declarou ser doutrina do evangelho que *todos* devem obedecer aos governos estabelecidos", o que, é claro, incluía a si mesmo.

Versículo 37: "Ele não terá consideração pelo deus [governante] de seus pais, nem pelo desejo das mulheres, nem por qualquer deus [governante]; pois se exaltará em oposição a todos."

Napoleão não apenas não respeitou o deus de seus pais, o papado, como também não viu com bons olhos nenhuma das seitas protestantes, aqui representadas como mulheres.* Na verdade, nada além de sua própria ambição pessoal o controlava.

Versículo 38: "Mas, em seu lugar [em vez de qualquer desses deuses], ele honrará o deus das forças [poder militar]; e um deus que seus pais não conheceram, ele honrará com ouro, e

*Assim como a única Igreja verdadeira é simbolicamente chamada de Noiva de Cristo, e assim como a Igreja de Roma, em aliança infiel com o império terreno, é chamada de prostituta, da mesma forma as diversas seitas protestantes são chamadas de "mulheres".

prata, pedras preciosas e coisas cobiçadas."

Outros grandes guerreiros atribuíam, de alguma forma, suas vitórias a poderes sobrenaturais. Alexandre, o Grande, visitava os templos pagãos e, assim, celebrava suas vitórias; o mesmo faziam os Césares; e, em épocas posteriores, sob o papado, era costume que ambos os lados em uma guerra invocassem Deus, os santos, a Virgem e os papas em busca de bênçãos e vitória; e, pelo menos, fingissem aceitar a vitória como um dom de Deus. Mas Napoleão não fez nada disso: ele atribuiu seu sucesso a si mesmo e ao seu próprio gênio. Os exércitos eram sua base; em homens corajosos, manobras rápidas e generais competentes ele depositava sua confiança; e a eles dirigia suas súplicas. A forma de seu juramento perante o "Conselho dos Anciãos" francês, ao assumir o comando dos exércitos da França ao retornar do Egito, mostra que sua confiança estava em si mesmo e em seus exércitos. Ele não jurou nem por Deus, nem pela Bíblia, nem pelo Papa, nem pela França; mas disse: "Eu juro! Juro em *meu próprio nome* e em nome dos meus bravos companheiros!" Enquanto servia à sua própria ambição, ele alegava servir ao povo; e os tesouros de Roma, bem como de outras cidades e países que ele saqueou, foram entregues ao povo da França, do qual ele próprio e seus soldados faziam parte.

Versículo 39: "E ele fará isso para fortalecer seu domínio com o deus estranho [novo]: a quem quer que o reconheça, a esse ele dará grande honra; e fará com que tais pessoas governem sobre muitos, e dividirá a terra gratuitamente."

Napoleão colocou seus amigos e generais de confiança em cargos de poder entre todas as nações conquistadas da Europa. Esses cargos eram *presentes* dele, mas eram ocupados sob a condição de lealdade a ele. Eram "gratuitos" e, ainda assim, o preço de sua lealdade a ele. Sobre isso, a história* diz:

*História Universal de Williard, página 452.

[C44]

"As ambições de Napoleão tornaram-se ainda mais evidentes. A Holanda havia sido transformada, no ano anterior, em um reino, do qual seu irmão, Luís Bonaparte, foi nomeado rei. Nápoles foi então concedida a José Bonaparte, o ancião, que também recebeu o título de rei das Duas Sicílias. Várias províncias foram constituídas como ducados ou grandes feudos do império e concedidas aos parentes e favoritos do imperador. Sua irmã Paulina foi nomeada princesa de Guastalla; seu cunhado, Murat, grão-duque de Berg e Cleves; enquanto Eugênio de Beauharnais, filho de sua imperatriz Josefina de um casamento anterior, foi enviado como vice-rei para a Itália. Quatorze províncias no sul e no oeste da Alemanha foram reunidas na Confederação do Reno. Elas foram separadas do corpo germânico e reconheceram Napoleão como seu chefe, sob o título de Protetor. ...A Suíça também foi colocada sob o domínio da França, com Napoleão declarando-se seu "mediador".

A política de Napoleão também o levou a instituir várias ordens de honra e honrarias entre os oficiais e soldados, tais como, por exemplo, a "Legião de Honra", a "Ordem da Coroa de Ferro", etc., etc.

Tendo assim fornecido fundamentos para estabelecer a identidade desse personagem (Napoleão), cujos feitos marcam o início do "tempo do fim", a profecia prossegue para mostrar qual *evento específico* daquela época deve ser entendido como marcando definitivamente a *data exata* do início do "tempo do fim". Esse evento é identificado como a invasão do Egito por Napoleão, que durou um ano e quase cinco meses. Ele partiu em maio de 1798 e, ao retornar, desembarcou na França em 9 de outubro de 1799. Essa campanha é descrita de forma vívida em poucas palavras nos *versículos 40-44*.

Versículo 40: "E no [determinado] Tempo do Fim, o rei do Sul [Egito] lutará contra ele, e o rei do Norte [Inglaterra] virá contra ele como uma tempestade, com carruagens e cavaleiros [os mamelucos egípcios,

etc.] e com uma *grande frota*. [As forças inglesas consistiam em uma frota sob o comando do almirante Nelson.] E ele [Napoleão] entrará nos países, destruirá e passará por eles [vitoriosamente].“

A história nos informa que o exército egípcio sob o comando de Murat Bey “após uma luta extremamente determinada, foi repelido;... o sucesso dos franceses espalhou o terror por toda a Ásia e África; e as tribos vizinhas se submeteram ao conquistador. Mas a sorte estava preparando para ele um terrível revés. Sua frota, composta por treze navios de linha [navios de guerra], além de fragatas, foi localizada na Baía de Aboukir por Nelson, o almirante inglês, que há muito a perseguia, e foi atacada na noite de 1º de agosto de 1798, com um grau de vigor e atividade [“como um redemoinho”] que nunca foi superado na guerra naval.”

Versículos 41-43: “Ele também entrará na terra gloriosa [Palestina], e muitos cairão; mas estes escaparão de suas mãos: Edom, Moabe e o principado dos filhos de Amom. [Napoleão manteve-se junto à costa e não entrou nessas terras, mas passou por elas.] Ele estenderá a mão sobre os países, e o Egito não escapará. E terá poder sobre os tesouros de ouro e de prata, e sobre todas as coisas preciosas do Egito; e os líbios e os etíopes seguirão seus passos.”

Versículos 44-45: “E ele erguerá as tendas de seu palácio [suas tendas palacianas] entre os mares, no glorioso monte santo.” Essa afirmação pode se referir a qualquer uma das duas montanhas — o Monte Tabor ou o Monte Sinai —, ambas as quais poderiam ser chamadas de gloriosas e santas. No Monte Tabor, glorioso e santo como o local da transfiguração de nosso Senhor, e chamado por Pedro de “o monte santo”, as tendas de Napoleão foram armadas, tendo uma de suas batalhas mais importantes sido travada ali. O Monte Sinai, santo e glorioso por ser o local onde a Lei

[C46]

A aliança entre Deus e Israel foi ratificada, foi visitado por Napoleão e seu "corpo científico" e guarda de elite.

"Mas notícias vindas do Oriente e do Norte o perturbarão; por isso, ele sairá com grande fúria para destruir e aniquilar completamente muitas [nações]. Contudo, ele chegará ao seu fim, e ninguém o ajudará."

Enquanto estava no Egito, notícias de uma nova aliança contra a França chegaram a Napoleão, e ele partiu imediatamente para a França. A respeito dessa história*, diz-se: "Notícias da Europa o levaram a abandonar o Egito; e, deixando seu exército sob o comando de Kleber, ele retornou à França com sigilo e rapidez. ...Havia ocorrido uma reviravolta nos assuntos franceses; uma segunda coalizão se formou contra a França, composta pela Inglaterra, Rússia, Nápoles, a Porta Otomana e a Áustria." Compare essas palavras da história com as da profecia: "Mas notícias vindas do *Oriente* e do *Norte* o perturbarão; por isso, ele sairá com grande fúria para destruir e aniquilar completamente muitas [nações]." A grande fúria de Napoleão e sua tentativa de destruir todas as nações da Europa são tão bem conhecidas que dispensam repetição aqui. Ele quase teve sucesso em seus planos ambiciosos; no entanto, conforme previsto pelo Profeta, em poucos anos esse homem notável de sua época morreu no exílio, abandonado por todos.

Assim como *o versículo 40* declara que essa invasão do Egito ocorreria "no tempo do fim" ou (como traduz a versão *Douay*) "no tempo pré-estabelecido", o mesmo ocorre *nos versículos 29 e 30*, que se referem ao mesmo evento e que foram anteriormente apresentados como um parêntese. Vale lembrar que constatamos que *os versículos 25-28* se referem a uma invasão anterior do Egito; e nos *versículos 29 e 30* fica implícito que a próxima grande invasão do Egito ocorreria "*no tempo* determinado", ou seja, no "tempo do fim", conforme descrito nos *versículos 40-45*.

*História Universal de Willard, página 446.

[C47]

"No tempo determinado, ele retornará e avançará para o sul; mas não será como as invasões anteriores nem como as posteriores". A invasão do Egito por Napoleão não teve o mesmo resultado nem que a dos dias de Cleópatra, nem que a dos dias de sua descendente, a rainha Zenóbia. Napoleão, embora bem-sucedido como general no Egito, não alcançou vitórias como as de seus antecessores; e a razão é descrita no versículo seguinte — *"Pois* os navios de Quitim ['dos Romanos' — *Douay*] virão contra ele". A marinha inglesa hostilizou Napoleão e impediu sua conquista. Visto que tanto a Inglaterra quanto a França haviam feito parte do antigo Império Romano, e visto que a França estava em guerra com o que restava daquele império, tentando conquistá-lo, percebemos a adequação de que esses navios fossem chamados de navios romanos. "Por isso, ele [Napoleão] ficará entristecido, voltará e se indignará *contra a santa aliança; e terá sucesso*."

Ao retornar do Egito, Napoleão abandonou sua antiga política de oposição violenta ao papado e assinou um *Concordato*, ou acordo, com o papa, pelo qual a religião católica romana foi restabelecida na França. Essa foi uma ação *contrária* à verdade; mas ele parecia perceber que, por meio dessa política, teria mais chances de derrubar a República e se estabelecer no poder como imperador. E ele *realmente* "conseguiu". Mas essa política não durou muito depois que ele obteve o poder imperial: logo ele voltou a agir contra aquele sistema chamado de "Homem do Pecado", conforme a profecia descreve nas seguintes palavras: "E ele [Napoleão] voltará [mudará de rumo] e tramará *contra aqueles* que abandonaram a aliança do santuário"; ou seja, ele começou a conspirar e funcionar contra a igreja apóstata de Roma. Nisso também ele teve sucesso.

É assim que *Daniel 11* traça de forma incisiva a história do mundo, por meio de seus personagens mais notáveis, desde o reino da Pérsia até a derrubada do domínio papal. Embora abranja

um longo período de 2.400 anos, cumpre seu propósito de marcar claramente o ano exato do início do tempo do fim — 1799. Com aquele ano, terminou o limite dos 1.260 anos de poder do papado para oprimir, e o tempo do fim teve início. E não se deve esquecer que esse foi também o último ano do milênio do papado, ou seja, do reinado de mil anos, que teve início, conforme mostrado no volume anterior, no ano de 800. Mas 1799 foi apenas o início do período conhecido como "o tempo do fim", dentro dos limites do qual todo vestígio desse sistema desaparecerá.

Observe como, nas poucas palavras dos ***versículos 34 e 35,*** são descritos o declínio da Reforma e sua causa. O amor ao mundo e o desejo de poder, influência e conforto foram as armadilhas que primeiro seduziram a igreja e deram origem ao papado; e os mesmos desejos e esforços interromperam a Reforma. Lutero e seus companheiros, a princípio, denunciaram corajosamente, entre outros erros papais, a união entre Igreja e Estado; mas quando, após alguns anos de resistência corajosa a uma oposição poderosa, a Reforma começou a exercer alguma influência devido ao número de adeptos, quando reis e príncipes passaram a bajular os reformadores e se abriram diante deles caminhos para promoções sociais e políticas, os males da união entre Igreja e Estado — que antes haviam percebido e combatido no papado — foram esquecidos. As igrejas reformadas na Alemanha, na Suíça etc. seguiram exatamente os passos de Roma e se mostraram prontas para se unir e favorecer qualquer partido político, príncipe ou governo disposto a aceitá-las e reconhecê-las. Assim, alguns perderam o discernimento e, de líderes da reforma, tornaram-se guias para a tentação. Dessa forma, o movimento reformador, que havia começado bem, sofreu um grande revés.

Mas tudo isso não conseguiu frustrar o plano de Deus. Por sua sabedoria, tudo foi revertido para o bem. Serviu, assim como o erro do papado havia

[C49]

, para testar ainda mais os verdadeiros santos, a fim de provar se eram realmente seguidores de homens ou de Deus. Isso serviu a esse propósito desde então até hoje — "para prová-los, purificá-los e torná-los brancos".

Se estivermos corretos ao situar o início do tempo do fim em 1799, devemos esperar que, a partir daí, a queda no erro da união entre Igreja e Estado cesse consideravelmente, embora possa levar longos anos para a recuperação total dessa armadilha do diabo. Olhando para trás, constatamos que os fatos correspondem exatamente a isso. Desde essa data, houve separações entre impérios e igrejas, mas nenhuma nova união. Na verdade, essa data marca uma nova reforma sobre uma base mais sólida. A influência do papado sobre os reinos da Europa havia sido anteriormente tão grande que suas maldições eram temidas pelas nações como uma praga devastadora, e suas bênçãos, almejadas para a prosperidade nacional. Quando os protestantes se separaram do papado, foram recebidos pelo mundo como meros substitutos menos corruptos do papado; e seu favor, conselho ou aprovação eram frequentemente buscados de maneira muito semelhante. Mas quando Napoleão ignorou ousadamente tanto as bênçãos quanto as maldições do papado e, ainda assim, prosperou de forma fenomenal, seu curso não apenas enfraqueceu grandemente a influência papal sobre os governos civis, mas também enfraqueceu a influência dos diversos sistemas protestantes em questões civis e políticas — influência essa que havia se tornado muito forte ao longo de dois séculos e meio.

A nova reforma, que teve início na época de Napoleão, não foi menos profunda do que a reforma promovida por Lutero e seus colegas, embora não fosse um movimento religioso, nem de forma alguma animado por zelo religioso; nem os participantes dela estavam cientes do fato de que estavam realizando uma obra que lhes havia sido designada nas profecias séculos antes. Napoleão e seus colaboradores eram homens ímpios, movidos por suas próprias ambições egoístas de poder;

[C50]

mas Deus, sem que eles soubessem, estava dirigindo seus passos e fazendo com que servissem aos Seus próprios desígnios, o que de fato aconteceu. Se a reforma que Deus iniciou inicialmente dentro da própria Igreja tivesse continuado, se os reformadores e seus descendentes tivessem permanecido fiéis à Verdade, Seus grandes desígnios poderiam ter sido realizados por meio de sua honrosa intermediação. Mas quando sucumbiram às lisonjas do mundo, Deus mostrou que tinha outros caminhos e meios para realizar seus propósitos.

A obra de Napoleão, juntamente com a Revolução Francesa, quebrou o feitiço da superstição religiosa, humilhou o orgulho dos senhores religiosos que se autoexaltavam, despertou o mundo para uma compreensão mais plena dos poderes e prerrogativas da humanidade e quebrou o domínio papal, contra o qual a Reforma religiosa havia anteriormente desferido um golpe mortal, mas que seu curso posterior havia restaurado. (*Apocalipse 13:3*) A era que se encerrou em 1799 d.C., marcada pela campanha egípcia de Napoleão, selou e definiu o limite do domínio papal sobre as nações. Ali, tendo expirado o tempo designado (1260 anos de poder), teve início o julgamento predito contra aquele sistema, que deve finalmente "consumá-lo e destruí-lo até o fim". *Daniel 7:26*

Essa data também marca claramente o início de uma nova era de liberdade de pensamento e da concretização dos direitos e privilégios individuais, e já se destacou por seus rápidos avanços rumo à plena realização da obra traçada para o tempo do fim. A título de ilustração, observe a ascensão e a obra das diversas Sociedades Bíblicas — "Sociedades Bíblicas pestilentas", como Roma as chama, embora agora não possa mais impedi-las. E o volume sagrado que outrora ela acorrentou, manteve oculto em línguas mortas e proibiu que seus súditos iludidos lessem, agora está espalhado aos milhões em todas as nações e idiomas. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira foi fundada em 1803;

[C51]

a Sociedade Bíblica de Nova York, em 1804; a Sociedade Bíblica de Berlim-Prússia, em 1805; a Sociedade Bíblica da Filadélfia, em 1808; e a Sociedade Bíblica Americana, em 1817. A amplitude do trabalho realizado por essas sociedades durante este século é maravilhosa. Milhões de Bíblias são publicadas anualmente e vendidas a preços baixos, e muitos milhares são distribuídas gratuitamente aos pobres. É difícil estimar a ampla influência desse trabalho. Embora muito se perca, sem dúvida, o resultado geral é romper os laços da escravidão e da superstição, tanto políticos quanto eclesiásticos. Seu ensinamento discreto — de que papas, padres e leigos, assim como reis, generais e mendigos, devem todos prestar contas a um único Senhor — é o maior de todos os niveladores e equalizadores.

Embora o movimento de reforma religiosa em toda a Europa tivesse abalado severamente a influência do papado, as igrejas reformadas haviam imitado tão fielmente sua política de governo, afiliação a impérios terrenos e reivindicações de autoridade clerical sobre o povo (de que o "clero" constitui uma classe governante especial e divinamente designada no mundo), que o primeiro efeito dessa reforma foi grandemente modificado, deixando o povo e os governantes civis em grande parte sob um temor supersticioso e subserviência a tudo o que fosse chamado de autoridade eclesiástica. A reforma dividiu entre várias seitas grande parte da veneração supersticiosa e prejudicial que antes se concentrava exclusivamente no papado. Mas a reforma política testemunhada durante este século XIX, datando particularmente de 1799, o "tempo do fim", embora muito diferente da anterior, não deixa de ser uma *reforma*. A revolução e a independência das colônias americanas — o estabelecimento bem-sucedido de uma república próspera, um governo do povo e para o povo, sem a interferência da realeza ou do clero — deram uma nova lição ao povo que agora despertava, o qual, por tantos séculos, havia permanecido adormecido na ignorância de seus direitos concedidos por Deus

[C52]

, supondo que Deus tivesse designado a Igreja para o domínio supremo da Terra e que fossem obrigados a obedecer aos reis e imperadores sancionados pela Igreja, por mais injustas que fossem suas exigências, porque ela os havia declarado *designados por Deus*, por meio dela.

Para um povo há muito oprimido e subjugado pelo clero, a América tornou-se uma fonte de admiração. Verdadeiramente, era "a Liberdade iluminando o mundo". Por fim, oprimido pela astúcia clerical, pela extravagância real etc., agravada por repetidas quebras nas colheitas, que os empobreceram e quase os levaram à fome, o povo da França se levantou em desespero e realizou aquela revolução terrível que durou quatorze anos, de 1789 a 1804.

Por mais terríveis que fossem aquelas cenas de anarquia e violência, elas não passavam de fruto legítimo, do efeito reacionário do despertar de um povo há muito oprimido para a compreensão de sua vergonha e degradação. Foi a colheita de um turbilhão pelos poderes civis e religiosos, que, *em nome* de Deus e da verdade, vinham cegando e subjugando, para seu próprio engrandecimento, um povo pelo qual Cristo morreu.

É claro que tal reação, decorrente de tal causa, levaria à infidelidade. A França tornou-se repentinamente e por completo infiel sob a influência de Voltaire e seus associados, que inundaram o país com seus escritos, lançando desprezo e ridículo sobre o cristianismo — ou melhor, sobre a Igreja apóstata de Roma, que era o único cristianismo com o qual o povo francês estava familiarizado. Eles apontaram suas falsidades, seus absurdos, suas hipocrisias, suas imoralidades, suas crueldades e toda a sua maldade, até que o povo francês se tornou tão inflamado em seu zelo para exterminar o catolicismo e toda religião quanto antes havia sido zeloso em defendê-los. E a miserável e iludida França, por mil anos completamente sob a influência do papado,

[C53]

supondo que o verdadeiro Cristo, e não o anticristo, tivesse sido seu desprezível mestre, gritou, nas palavras de Voltaire: "Abaixo o miserável"; e seus esforços para derrubar o execrável anticristo resultaram em todos os horrores da Revolução Francesa — uma ilustração maravilhosa da justiça retributiva quando vista em comparação com os terríveis massacres do dia de São Bartolomeu e ocasiões semelhantes incitadas e comemoradas pelo papado.

A França infiel, de repente, ergueu-se em todo o seu poder, destruiu a Bastilha, promulgou sua Declaração dos Direitos do Homem, executou o rei e a rainha e declarou guerra contra todos os reis e solidariedade com todos os revolucionários em todos os lugares. Enquanto isso, os governantes do mundo, com a respiração suspensa, temiam que o contágio revolucionário se alastrasse entre seus súditos; e, temerosos de uma anarquia mundial, organizaram alianças para sua proteção mútua contra seus súditos, que, de fato, mal conseguiam ser contidos. Os franceses renunciaram ao cristianismo e confiscaram todas as vastas propriedades e rendas da Igreja Católica Romana, bem como as propriedades do rei e da nobreza. As ruas de Paris voltaram a se encher de sangue, mas era o sangue de padres e nobres e de seus partidários, em vez do dos protestantes. Estima-se que o número de executados tenha sido de 1.022.000. Esses pereceram por meio de centenas de processos inventados para a ocasião. Durante a caçada e o massacre, os padres foram ridicularizados com lembranças do tratamento semelhante dispensado pelos papistas aos protestantes e de sua própria doutrina — de que "os fins são justificados pelos meios". Os revolucionários alegavam que o *fim* almejado era a liberdade humana, política e religiosa; e que a morte daqueles que se opunham a isso era necessária, como único meio seguro.

Como todas as coisas desse tipo, a Revolução Francesa foi um grande mal e causou muito sofrimento a milhões de pessoas; no entanto, assim como algumas outras, foi uma reparação parcial de uma grande injustiça; e, assim como algumas outras, foi direcionada por Deus para o bem, para

o aumento do conhecimento e o avanço de seus planos, conforme apontado na profecia. Inserimos aqui a observação de que a Revolução Francesa é destacada de forma proeminente no Livro do Apocalipses, o que mostra claramente que a tribulação final sobre todas as nações da "cristandade" foi ilustrada naquele reinado de terror. Essa praga da infidelidade e do anarquismo, que se espalhou da França para o mundo inteiro, foi alimentada e engordada pelas doutrinas e práticas falsas e contrárias às Escrituras da "cristandade", representadas não apenas pelo papado, mas pela "ortodoxia" em geral. O cristianismo nominal não curou essa doença e é impotente para impedir seu novo surto, previsto nas Escrituras como a maior tribulação que a Terra já conheceu.

A influência dos infiéis franceses foi levada por toda a Europa pelos exércitos de Napoleão e minou profundamente o poder tanto dos reis quanto dos sacerdotes. Mas o tratamento severo dispensado ao papado por Napoleão, agindo como chefe e representante da França infiel, atingiu o clímax e, mais do que qualquer outra coisa, ajudou a quebrar as correntes da veneração supersticiosa, pelas quais a classe do "clero" há tanto tempo mantinha o "povo comum" sob seu domínio. Mas quando o intrépido Napoleão não apenas desafiou os anátemas do Papa Pio
VI, como também impôs sanções contra ele por violação de suas (de Napoleão) ordens e, por fim, obrigou-o a devolver à França os territórios papais concedidos mil anos antes por Carlos Magno (de quem Napoleão afirmava ser sucessor), isso abriu os olhos tanto do povo quanto dos monarcas da Europa para a falsidade da pretensão de autoridade do papado. A grande revolução na opinião pública da época, no que diz respeito à autoridade papal, pode ser vista no fato de que Napoleão, ao assumir o título e proclamar-se Imperador Romano como sucessor de Carlos Magno,* não foi a Roma

*As grandes guerras europeias de Napoleão não passaram de tentativas de reunificar aquele império tal como existia sob Carlos Magno.

para ser coroado pelo papa, como fizeram Carlos Magno e outros, mas ordenou que o papa fosse à França para presenciar sua coroação. E mesmo assim o líder vitorioso, que mais de uma vez havia saqueado, empobrecido e humilhado o papado, não consentiu em ser coroado pelo papa e, assim, aceitar a dignidade imperial com qualquer reconhecimento da autoridade papal, mas limitou-se a ter o papa (Pio VII) presente para sancionar e reconhecer a cerimônia, e para abençoar a coroa que Napoleão então retirou do altar e colocou sobre sua própria cabeça. O historiador diz: "Ele então colocou o diadema na cabeça de sua imperatriz, como que para mostrar que *sua autoridade* era fruto de suas próprias ações" — resultado de seus próprios sucessos civis e militares. E, desde então, o papa nunca mais foi solicitado a conceder a coroa do Império Romano. Um escritor católico romano* diz sobre essa coroação:

"Agindo de maneira diferente de Carlos Magno e de outros monarcas, que haviam se deslocado a Roma em ocasiões semelhantes, ele [Napoleão] *insistiu, em sua arrogância,* que o Santo Padre viesse a Paris para coroá-lo. O papa sentiu *extrema relutância* em se afastar assim do antigo costume. Na verdade, considerou isso *depreciativo para seu cargo exaltado*."

A respeito das humilhações infligidas ao papado por Napoleão, a história+ diz:

"Foi celebrado um armistício [em 23 de junho de 1796] com o papa [Pio VI], cujos termos eram suficientemente humilhantes para o chefe da Igreja, outrora o soberano mais poderoso da Europa. O pontífice, que outrora pisava no pescoço dos reis, fazia e destituía soberanos, dispunha de estados e reinos e, como grande sumo sacerdote e vice-regente do Todo-Poderoso na Terra, estabelecia uma autoridade como senhor supremo e reinava acima dos outros soberanos, foi obrigado a beber até o fundo o cálice da humilhação.

*Cátedra de São Pedro, página 433.
+Campanhas de Napoleão, pp. 89, 90.

[C56]

Se o trago era amargo, era um que seus antecessores haviam generosamente servido a outros. Ele foi obrigado a abrir seus portos aos navios franceses e a excluir as bandeiras de todas as nações em guerra com a República; a permitir que o exército francês continuasse na posse das legações de Bolonha e Ferrara; a entregar a cidadela de Ancona; a ceder aos franceses 100 pinturas, bustos, vasos ou estátuas a serem selecionados por comissários enviados de Paris a Roma; além de 500 manuscritos (antigos e valiosos) a serem selecionados da mesma forma; e, para amenizar o todo, Sua Santidade deveria pagar à República 21.000.000 de libras francesas, a maior parte das quais deveria ser em espécie, ou seja, lingotes de ouro e prata."

Pelo não cumprimento imediato dessas sanções, a multa foi aumentada para 50.000.000 de libras, e certos territórios papais foram obrigados a ser cedidos à França; e o papa acabou sendo feito prisioneiro e levado para a França, onde faleceu.

Mesmo Pio VII, que havia sido reintegrado às honras pontifícias e que, em 1804, *compareceu* à coroação de Napoleão, foi posteriormente, por decreto de Napoleão (1808-1809), privado de qualquer resquício de poder temporal; e os monumentos e tesouros artísticos de Roma foram colocados sob proteção francesa. A linguagem empregada por Napoleão foi a seguinte: "a doação de territórios por nosso ilustre predecessor, Carlos Magno, à Santa Sé... Urbino, Ancona, Macerata, que fiquem para sempre unidos ao Reino da Itália".

O significado disso é explicado da seguinte forma por um escritor católico romano*:

"A isso acrescentou-se que o papa deveria continuar sendo o bispo de Roma, exercendo suas funções espirituais como seus predecessores haviam feito nos primeiros tempos, até o reinado de Carlos Magno. No ano seguinte, encorajado pelos sucessos de suas armas, o imperador resolveu que o papa fosse privado de sua soberania, agora meramente nominal — a mera sombra do poder temporal que ainda restava à

*A Cátedra de São Pedro, pp. 439, 440.

na *capital* e nos distritos adjacentes. [Esses territórios o papado detinha há anos antes da concessão de Carlos Magno — desde 539 d.C.] Assim, ele emitiu um novo decreto, do palácio dos Césares austríacos, determinando que Roma fosse uma Cidade Livre Imperial; que sua administração civil fosse conduzida por um conselho então nomeado pelo imperador; que seus monumentos e tesouros artísticos fossem colocados sob proteção francesa; e que ao papa, tendo deixado de reinar, fosse garantida uma renda."

Em seguida, Pio VII emitiu uma bula de excomunhão contra Napoleão e foi levado como prisioneiro para a França, onde finalmente assinou o Concordato de Fontainebleau, datado de 25 de janeiro de 1813, no qual entregou a Napoleão a nomeação de bispos e metropolitas e, na prática, renunciou à sua própria autoridade de vetar tais nomeações. Assim, ele efetivamente concedeu a Napoleão a autoridade de um papa, que era o que Napoleão há muito desejava.

Os católicos romanos também não deixaram de notar a importância dos eventos que marcaram o início do presente século. Eles não apenas admitem as perdas e indignidades infligidas, conforme citado acima, mas afirmam que o reinado milenar do papado (os mil anos a partir do momento em que Carlos Magno doou ao papado os estados antes mencionados — ano 800 d.C.) terminou com a retirada de seus domínios por Napoleão; a partir desse momento, o papado nunca mais teve mais do que um esqueleto de poder. O papado alega que, como Reino de Cristo, cumpriu o reinado predito sobre as nações, mencionado em *Apocalipse 20:1-4*, e que o atual período de tribulação sobre esse sistema é "um pouco de tempo" em que Satanás é solto, mencionado nos *versículos 7 e 9*. Somente aqueles que veem no papado *a falsificação* de Satanás do verdadeiro Cristo e que reconhecem a verdadeira Igreja e o verdadeiro reinado podem compreender isso plenamente.

Talvez tenhamos citado o suficiente para convencer o leitor de que o período da Revolução Francesa e do poder de Napoleão foi um período muito marcante na história do papado; e

[C58]

A influência papal, quebrada naquela época, nunca mais foi recuperada. Embora, por vezes, alguns favores tenham sido concedidos, eles duraram apenas por um curto período e foram seguidos por novas humilhações, até que, em 1870, toda a autoridade temporal dos papas cessou novamente — acreditamos que para nunca mais ser restabelecida. Lembre-se, também, de que foram os soldados de Napoleão que acabaram com a Inquisição e puseram fim às torturas e execuções públicas por convicções religiosas.

O efeito do colapso parcial do domínio clerical e da superstição, embora tenha levado a uma infidelidade mais *aberta*, também, ao derrubar assim uma reverência supersticiosa pelos homens, levou a um pensamento mais inteligente por parte do povo consagrado de Deus — muitos dos quais, anteriormente, mal ousavam pensar ou estudar as Escrituras por conta própria. Assim, essa revolução foi favorável ao desenvolvimento da verdade e do verdadeiro cristianismo, ao estimular o estudo da Bíblia. Ela realmente levou adiante a boa obra *iniciada* na Reforma da época de Lutero, que havia sido freada pela ignorância e servilismo das massas, e pelo amor ao poder, à dignidade, à autoridade e à comodidade por parte do "clero".

Demonstramos, assim, que 1799 marcou o início do período chamado de tempo do fim; que, nesse tempo, o papado deve ser consumido aos poucos; e que Napoleão retirou não apenas as concessões territoriais de Carlos Magno (mil anos após terem sido feitas), mas também, posteriormente, a jurisdição civil do papado na cidade de Roma, que era reconhecida *nominalmente* desde a promulgação do decreto de Justiniano, em 533 d.C., mas, *na prática,* desde a derrubada da monarquia ostrogota em 539 d.C. — exatamente 1.260 anos antes de 1799. Esse foi o limite exato do "tempo, tempos e metade de um tempo" de seu poder, conforme repetidamente definido na profecia. E embora, em certa medida,

tenha sido reivindicado novamente desde então, o papado não possui hoje nenhum vestígio de autoridade temporal ou civil, tendo sido totalmente "*consumido*". O Homem do Pecado, desprovido de poder civil, ainda se exibe e se vangloria; mas, sem poder civil, ele aguarda a destruição total em um futuro próximo, nas mãos das massas enfurecidas (agentes involuntários de Deus), como claramente mostrado no Apocalipses.

Este Tempo do Fim, ou dia da *preparação* de Jeová, que se iniciou em 1799 d.C. e terminou em 1914 d.C., embora caracterizado por um grande aumento de conhecimento em relação a todas as eras passadas, culminará no maior tempo de angústia que o mundo já conheceu; mas, não obstante, está preparando e conduzindo àquele tempo abençoado há tanto tempo prometido, quando o *verdadeiro* Reino de Deus, sob o controle do *verdadeiro* Cristo, estabelecerá plenamente uma ordem de governo diametralmente oposta à do anticristo. Visto que esse período prepara e conduz ao Reino, ele também conduz ao grande conflito entre a velha e a nova ordem das coisas, por meio do qual esta última será introduzida. E embora a antiga ordem das coisas deva passar, e a nova deva substituí-la, a mudança será violentamente combatida por aqueles que se beneficiam da ordem atual. O resultado será uma revolução mundial, levando à destruição final e completa da antiga ordem e à introdução e estabelecimento da nova.

Todas as descobertas, invenções e vantagens que tornam nossos dias superiores a todos os outros não passam de tantos elementos que atuam em conjunto neste dia de preparação para a era milenar que se aproxima, quando a reforma verdadeira e saudável, bem como o progresso real e rápido em todas as direções, serão a ordem do dia, para todos e por todos.

[C60]

DESPERTA DA TUA TRISTEZA!

“Filha de Sião, desperta da tua tristeza! Desperta!
Pois teus inimigos não mais te oprimirão.
Brilhante sobre as colinas amanhece a estrela da
alegria: Levanta-te! Pois a noite da tua dor chegou
ao fim.

“Fortes eram teus inimigos, mas o braço que os
subjugou e dispersou suas legiões era muito mais
poderoso:
Fugiram como o joio diante do flagelo que os perseguia; em vão
foram seus corcéis e suas carruagens de guerra.

“Filha de Sião, o poder que te salvou deve ser
exaltado com a harpa e o tamborim. Clama! Pois o
inimigo que te escravizou foi destruído; o opressor
foi vencido e Sião está livre.”

[C61]

ESTUDO III

DIAS DE ESPERA PELO REINO
—*DANIEL* XII—

A Obra do Reino Resumida — O Período de Espera Será Marcado por Grande Aumento de Conhecimento e de Viagens — A Visão de Sir Isaac Newton sobre as Ferrovias — Os 1.260 Dias — O Dilúvio da Boca do Dragão — Os 1.290 Dias Marcam a Difusão de uma Compreensão da Visão, Parcialmente Correta — A Decepção, Provação e consequências — Os 1.335 dias — A bênção então sobre os fiéis que "esperam" — A referência do Senhor a esses dias de espera, na parábola das dez virgens.

Tendo sido apontado o "tempo do fim" no *capítulo onze*, *o capítulo doze* aponta para o Reino e fala da espera, etc., que precederiam seu estabelecimento, durante o "tempo do fim". Os três primeiros versículos expressam em poucas palavras o grandioso desfecho do plano de Deus.

"E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe que defende os filhos do teu povo; e haverá um tempo de angústia, como nunca houve desde que existe uma nação, até aquele mesmo tempo; e naquele tempo o teu povo será livrado, todo aquele que for encontrado escrito no livro. E muitos dos que dormem no pó da terra despertarão: uns para a vida eterna, e outros para a vergonha e o desprezo eterno. E os sábios brilharão como o brilho do firmamento [o Sol — *Mateus13,43*]; e aqueles que converterem muitos à justiça, como as estrelas, para todo o sempre."

[C62]

Se, no *capítulo 11*, o resumo dos 2.300 anos da história do mundo foi breve e conciso, mas claro, este resumo do reinado milenar do Messias, em três versículos, é ainda mais assim. E, no entanto, está tudo ali. Miguel (que significa "Quem é como Deus", ou aquele que representa a Deus) é o nome aqui aplicado ao nosso grande redentor, que é de fato o grande Príncipe ordenado por Deus para se levantar e libertar o povo de Daniel, o povo de Deus — todos os que amam a Deus com verdade e sinceridade — os verdadeiros israelitas. (***Romanos 9:6, 25, 26***; ***Gál. 6:16***) Ele os libertará do pecado, da ignorância, da dor e da morte, e de todas as perseguições e assédios dos servos cegos de Satanás, que no passado quase os oprimiram. Todos os que estiverem inscritos no Livro da Vida do Cordeiro serão libertados para sempre de todos os inimigos: aqueles inscritos como dignos durante as eras judaica e patriarcal, bem como aqueles inscritos durante a era evangélica, e aqueles que serão inscritos durante a era milenar. Embora todo o povo de Deus (todos aqueles que, ao serem levados ao conhecimento Dele, O amam e O obedecem) venha a ser libertado, os graus de honra a serem concedidos a alguns — os vencedores — são cuidadosamente registrados; assim como o fato de que alguns dos grandes do passado — Alexandre, Nero, Napoleão, os Césares, os papas, etc.— cujos talentos, mal empregados, foram esmagados enquanto deslumbravam o mundo, serão vistos em seu verdadeiro caráter e serão envergonhados e desonrados durante a Era Milenar. Nem esta breve sinopse do reinado de Cristo omite a menção ao grande tempo de angústia pelo qual ele será inaugurado — um tempo de angústia com o qual nenhuma revolução passada se comparará, uma angústia diante da qual até mesmo a Revolução Francesa parecerá pequena, um tempo de angústia como nunca houve desde que existe uma nação, não, nem jamais haverá; pois este grande Príncipe, Miguel, não apenas conquistará o mundo inteiro, mas seu domínio será um domínio eterno. A justiça é o fundamento de

seu trono, e quando a humanidade tiver provado seus benefícios, a grande maioria nunca mais consentirá em outro, pois seu Reino será "o desejo de todas as nações".

Aqui, o fio condutor desta profecia, tendo percorrido toda a sua extensão, se interrompe, e os versículos restantes do capítulo têm o propósito de fornecer (não a Daniel e seus companheiros de serviço em sua época, mas aos filhos de Deus, os companheiros de serviço de Daniel que vivem no tempo do fim) certos períodos de 1.260, 1.290 e 1.335 dias simbólicos, respectivamente, pelos quais, no tempo devido, possamos nos convencer, a respeito da época em que vivemos, de que é de fato o tempo da Colheita ou o "Fim" da era evangélica.

Daniel, que havia ouvido o longo relato das contendas entre os reinos deste mundo e, agora, finalmente, do triunfo do Reino de Deus nas mãos de Miguel, o grande Príncipe, estava ansioso para saber *quando* isso libertaria o povo do Senhor. Mas foi-lhe dito (versículo 4): "Tu, porém, ó Daniel, guarda estas palavras e sela o livro até o tempo do fim; [então] muitos correrão de um lado para outro, e o conhecimento aumentará."

Não só o aumento geral do conhecimento observado confirma o ensinamento de ***Daniel xi***, de que o tempo do fim começou em 1799, mas também o "ir e vir" previsto — muitas e rápidas viagens — o confirma. Tudo isso faz parte do tempo do fim. O primeiro barco a vapor funcionou pela primeira vez em 1807; o primeiro carro a vapor, em 1831; o primeiro telégrafo, em 1844; no entanto, hoje milhares de carros gigantescos e navios a vapor transportam multidões de um lado para outro, "de um lado para outro".

Sir Isaac Newton, o célebre astrônomo do século XVII, mostrou-se muito interessado nessa afirmação do profeta Daniel e declarou acreditar que, em cumprimento a ela, o conhecimento humano aumentaria tanto que os homens possivelmente viajariam a uma velocidade de cinquenta milhas por hora.

[C64]

Voltaire, o notório ateu francês, tomou conhecimento dessa afirmação e comentou com desdém:

"Veja só a mente poderosa de Newton, o grande filósofo que descobriu a lei da gravitação: quando se tornou um homem idoso e entrou na senilidade, começou a estudar o livro chamado Bíblia e, para dar crédito a suas fabulosas bobagens, queria que acreditássemos que o conhecimento da humanidade ainda aumentará tanto que, daqui a pouco, seremos capazes de viajar a cinquenta milhas por hora! Pobre senil!"

Ambos esses homens morreram muito antes de o tempo do fim ter trazido seu maravilhoso aumento de conhecimento, que mais do que cumpre a previsão do filósofo cristão, baseada na revelação divina.

Não era para Daniel, mas para os filhos de Deus que vivem durante o tempo do fim, que se referia a conversa etc., relatada nos ***versículos 5-7***: "E eu, Daniel, olhei, e eis que havia outros dois em pé, um deste lado da margem do *rio* [*tradução de Young*], e o outro daquele lado da margem do rio. E um deles disse ao homem que estava acima das águas do rio: 'Até quando durará o fim dessas maravilhas?' Então ouvi o homem vestido de linho, que estava acima das águas do rio; e ele ergueu a mão direita e a esquerda para os céus e jurou pelo Eterno que [o fim seria] depois de um tempo, tempos e meio tempo."

O assunto objeto de indagação especial era a "abominação da desolação", do *capítulo 11:31-33*, que Daniel associou corretamente ao personagem terrível visto em suas visões anteriores, registradas nos *capítulos 7:8-11, 21, 24-26 e 8:10-12, 24-26*.

O tempo, tempos e meio tempo, ou três vezes e meia, ou anos (360 x 3 1/2 = 1.260 dias, tempo simbólico — 1.260 anos literais), aqui mencionados, são apresentados em outras passagens como o período do poder do papado. Compare *Daniel 7,25; 12,7* e *Ap 12,14*

[C65]

com *Apocalipse 12:6; 13:5*. O "dilúvio" no qual ou durante o qual esses 1.260 anos de poder papal chegaram ao fim — conforme mostrado pelo anjo que estava *sobre* o dilúvio, declarando o limite dos tempos — simbolizava uma condição das coisas durante a Revolução Francesa, já mencionada. Essa é a mesma "inundação" mencionada em *Apocalipse 12:15,16*, onde é mostrada mais detalhadamente como saindo da boca da serpente ou do dragão, e onde seu verdadeiro objetivo, do ponto de vista de Satanás, é explicado como sendo o de submergir a "mulher" (a Igreja de Deus que protesta), já que seus três tempos e meio (1.260 anos) de esconderijo no deserto estavam prestes a terminar, e ela estava saindo à tona, "apoiando-se no [braço de] seu amado", a Palavra de Deus. *Cantares 8:5*

Simbolicamente, a água geralmente representa *a verdade*, e o símbolo preserva seu significado mesmo que se diga que ela emana da boca do dragão ou da serpente. A ideia transmitida por esse símbolo é que *a verdade* emanaria por meio de forças malignas e com uma intenção maligna. E é exatamente isso que constatamos: a força da Revolução Francesa residia no fato de ter sido instigada por muitas *verdades* severas, relativas à hipocrisia clerical e à tirania real, bem como aos direitos e liberdades individuais de todos. "Os Direitos do Homem" foi, de fato, a palavra de ordem daquela revolta contra a opressão civil e eclesiástica. Verdades relativas aos direitos humanos foram percebidas e expressas ali, o que nos causa surpresa quando consideramos a ignorância, a superstição e a servilidade daquela época, sob as quais as massas haviam permanecido por tanto tempo. Muitas das *verdades* que então varreram a França como uma "inundação", inundando-a de sangue, são hoje amplamente aceitas entre todos os povos civilizados; mas eram fortes demais e apresentadas de forma muito repentina para aquela época.

De fato, a profecia mostra claramente que a serpente, Satanás, não pretendia o que, sob a providência de Deus, acabou ocorrendo, mas exatamente o contrário. Nisso, ele se excedeu, como

[C66]

já fez em outras ocasiões. Satanás nunca enviará as águas da verdade para abençoar, revigorar e libertar da escravidão: pelo contrário, seu esforço sempre foi cegar e prender firmemente a humanidade na ignorância e na superstição; e essa inundação repentina de águas (a verdade) foi concebida para agir como um emético, levando à expulsão do *alimento* da liberdade que o povo já vinha recebendo da Bíblia, como resultado da Reforma, e, assim, forçar governantes e professores a se oporem à verdade por medo da anarquia.

O desígnio de Satanás ao instigar a Revolução Francesa foi criar um alarme por toda a Europa, especialmente entre a classe influente, hostil à liberdade, e ilustrar na França a teoria de que, caso as superstições de Roma fossem derrubadas e a liberdade ganhasse pleno domínio, toda a lei e ordem chegariam rapidamente ao fim. Essa foi uma jogada política magistral, digna de seu autor, e concebida, como mostra o profeta, para esmagar a "mulher" (a Igreja reformada) e levar todos os conservadores e amantes da paz — governantes e governados — de volta à união e à harmonia com o papado. O fracasso do plano não se deveu à falta de astúcia de seu idealizador, mas ao poder soberano de Deus, pelo qual Ele é capaz de fazer com que todas as coisas contribuam para o bem.

Nesse caso, o plano de Deus — para proteger a "mulher" (a Igreja) das artimanhas de Satanás e para fazer com que o mal pretendido resultasse em bem — pode ser claramente traçado, no cumprimento exato da profecia feita há mil e setecentos anos, a saber: "E a terra ajudou a mulher, e a terra abriu a boca e engoliu o dilúvio que o dragão lançou da sua boca." A "terra", simbolicamente, como já explicado, representa a sociedade — as pessoas que amam a ordem; e é um fato histórico que a torrente de verdade que se espalhou pela França — acusando o papado e sua hipocrisia clerical, bem como a monarquia e sua aristocracia parasitária, como as causas responsáveis por grande parte da ignorância, pobreza e superstição do povo — foi engolida, ou absorvida

pelo povo da Europa em geral (a "terra" romana). Isso ocorreu em tal medida que, embora o papado e a aristocracia real estivessem profundamente alarmados, eles também estavam completamente separados, tanto pela queda da influência papal quanto pelos exércitos de Napoleão. E quando o "homem do destino" foi finalmente esmagado, e os governantes da Europa formaram o que foi chamado de "A Santa Aliança", para a supressão das liberdades do povo e a perpetuação de seus próprios tronos, já era tarde demais para acorrentar o povo; pois, tendo bebido a torrente de águas, ele não se submeteria. Também era tarde demais para pensar em restabelecer o papado, que havia sido tão terrivelmente humilhado e cujos anátemas contra a liberdade e os franceses haviam se voltado contra si mesmo; assim, o papa *nem mesmo* foi *convidado* a aderir à "Santa Aliança", da qual antes teria sido o chefe reconhecido. Assim, uma "mulher", a Igreja de Deus reformada e em progresso, foi ajudada, poupada de ser oprimida, e a liberdade e a verdade passaram a ocupar um lugar de destaque diante dos homens; e, daquele momento em diante, o espírito de liberdade e a Palavra de Deus têm conduzido todos os que estavam dispostos a seguir para cada vez mais luz e verdade.

Aqui, então, estava o "dilúvio" que marcou tanto o fim do poder papal quanto o início do "Dia de Preparação" do Senhor ou do "tempo do fim". Foi sobre esse dilúvio que o mensageiro do Senhor foi visto profeticamente em pé, para anunciar o fim do tempo, dos tempos e da metade de um tempo. E esse anúncio foi feito em resposta à pergunta: "Até quando durará o fim dessas coisas estranhas?" As "coisas estranhas" ou "maravilhas" a que se referia não eram as coisas do ***capítulo 12:1-3***, relacionadas ao Reino de Deus. Essas não eram estranhas, mas esperadas. As "coisas estranhas" eram as tribulações, perseguições e provações que se interpunham no caminho do povo santo de Deus, *especialmente* durante e como resultado da supremacia do poder peculiar ou "chifre", o papado; a respeito do qual Daniel já havia perguntado especificamente. (***Daniel7:19-22***)

[C68]

A pergunta era: Por quanto tempo Deus permitirá essas maravilhosas perversões da verdade, esse maravilhoso engano de seus filhos e das nações? A resposta dada avalia o poder papal, indicando definitivamente o momento de seu fim, e acrescenta: "Quando o esmagamento do poder do povo santo [assim] terminar, todas essas coisas [estranhas] chegarão ao fim."

No *versículo 5*, é mostrado a Daniel uma pessoa de cada lado do "dilúvio", perguntando em conjunto quando as coisas estranhas terminariam. Isso parece indicar que, mesmo quando o poder papal tivesse chegado ao fim, as pessoas continuariam em dúvida, como antes, quanto ao fato de seu poder de perseguição e opressão ter realmente chegado ao fim. E não é de se admirar, quando nos lembramos de que, mesmo depois que seu poder foi quebrado, depois que seu *"domínio* foi tirado" e mesmo enquanto estava sendo consumido, esse "chifre", ainda em 1870, proferiu grandes palavras a respeito de sua infalibilidade**.** Daniel, representando os santos, diz (*Daniel 7,11*): "Eu observei então [depois que seu domínio havia desaparecido e ele não tinha mais poder para esmagar a verdade, o poder do povo santo], *por* causa da voz das grandes palavras que aquele chifre proferiu, e vi que [ele não obteve poder sobre os santos e a verdade, mas teve outro efeito] a besta foi morta, seu corpo destruído e entregue às chamas" — anarquia geral. A destruição do que restava dos governos do antigo Império Romano, causada pela influência enganosa das declarações bombásticas contínuas do papado, mesmo após o fim de seu domínio, é assim demonstrada.

Visto que o fim dos tempos do poder papal não só está claramente definido como ocorrendo durante a Revolução Francesa, mas também pelos eventos do ***capítulo 11:40-44***, que marcam precisamente o ano de 1799, podemos facilmente contar 1.260 anos para trás para verificar se o poder papal teve seu início nessa época. Se constatarmos que sim, teremos nossa evidência tão clara e forte quanto a fé poderia exigir. Vamos, portanto, verificar.

[C69]

Contando 1.260 anos a partir de 1799, chegaríamos a 539 d.C., onde demonstraremos que o poder papal teve início. Mas o sistema papal tem sido uma mistura tão grande de arte de governar e arte sacerdotal, e teve um início tão modesto e gradual, assim como um fim gradual, que uma variedade de opiniões quanto ao seu início e fim seria razoável e até mesmo possível, até que obtenhamos as datas fixas de Deus para sua ascensão e queda e vejamos o quanto elas são corretas. O papado reivindicou supremacia nos assuntos da Igreja e do Estado e se intrometeu na política antes mesmo de ser reconhecido por seus oponentes; da mesma forma que também tentou exercer autoridade civil e declarou seu chefe infalível, desde o período em que a profecia mostra que seu poder foi quebrado e seu declínio começou. Mas o papado não tem sido reconhecido pelo povo italiano da província da Romagna desde que o feitiço da ignorância e da reverência supersticiosa foi quebrado durante a Revolução Francesa. Embora, por vezes, entre revoluções, o papa tenha ocupado o cargo de governante nominal dos Estados Pontifícios, isso ocorreu meramente como um invasor estrangeiro, representante da Áustria ou da França, cujas tropas, alternadamente, o protegiam no cargo.

Agora, sabendo que os 1.260 anos começaram em 539 d.C., podemos descobrir o que antes não teria sido reconhecido. Os próprios papistas tendem a datar o início de seu poder ou na conversão de Constantino e na cristianização nominal do Império Romano em 328 d.C., ou a partir da doação dos Estados Pontifícios à Igreja por Carlos Magno em 800 d.C. O fato é, no entanto, que Constantino de forma alguma reconheceu o poder civil como um direito ou posse da Igreja. Pelo contrário, embora ele favorecesse o cristianismo, foi antes a Igreja que fez do imperador, pelo menos, seu *chefe associado*, de modo que o imperador convocava concílios eclesiásticos e se intrometia nos assuntos da Igreja, embora à Igreja não fosse permitido intrometer-se em questões civis. A data de 539 d.C., indicada pela vara de medição profética de 1.260 anos, está quase no meio do caminho entre essa

união entre a Igreja e o Império em 328 d.C. e seu reconhecimento pleno e completo por Carlos Magno, como chefe de toda a autoridade — o detentor tanto da autoridade civil quanto da religiosa —ano 800 d.C.

Desde a época de Constantino, os bispos de Roma ocupavam uma posição de grande destaque perante o mundo e, em pouco tempo, começaram a reivindicar autoridade sobre todos os demais — tanto na Igreja quanto no mundo —, exigindo que uma *única* pessoa fosse reconhecida como autoridade ou chefe na Igreja, e que o bispo de Roma fosse essa pessoa. Eles alegavam que tanto Pedro quanto Paulo haviam vivido em Roma e que, portanto, Roma constituía a sede da autoridade apostólica; além disso, por ter sido por muito tempo a sede dos Césares e do governo civil, ocupava um lugar de autoridade na mente do povo.

Esses argumentos em favor da supremacia, porém, não foram prontamente aceitos. O espírito de rivalidade estava no ar, e outros bispos em outras grandes cidades também reivindicavam a supremacia, uns com base em um fundamento e outros com base em outro. Foi somente em 533 d.C. que o bispo de Roma foi assim reconhecido pelo imperador Justiniano I. Isso ocorreu em conexão com uma acalorada discussão religiosa na qual o imperador tomou partido pelo bispo de Roma, reconhecendo a dignidade da Virgem Maria de ser adorada e contestando os eutiquianos e nestorianos a respeito das distinções e misturas de naturezas em nosso Senhor Jesus. O imperador temia que a discussão pudesse dividir a Igreja e, consequentemente, dividir o império, que ele desejava unir com mais firmeza; pois, mesmo naquela época remota, a Igreja nominal e o império eram um e o mesmo — a "cristandade". E, desejando ter alguma autoridade como referência para resolver a disputa e indicar ao povo em que acreditar e em que não acreditar, e constatando que o bispo de Roma já era o mais popular entre os candidatos à primazia (papado ou liderança), bem como o mais "ortodoxo" — aquele que mais se harmonizava

[C71]

com as visões do imperador sobre as questões — Justiniano, por meio de documentos, não apenas condenou as doutrinas dos eutiquianos e nestorianos, mas, dirigindo-se ao bispo de Roma como *Chefe* de todas as santas igrejas e de todos os santos sacerdotes de Deus, assim o reconheceu e desejou ajudar o papa a reprimir a heresia e a estabelecer a unidade da igreja.

Em conjunto com esse edito, o imperador dirigiu-se assim ao Papa João, patriarca de Roma*:

"O vitorioso Justiniano, o devoto, o afortunado, o renomado, o triunfante, o sempre augusto, a João, o santíssimo arcebispo da cidade acolhedora de Roma e patriarca. Prestando honra à Sé Apostólica e a Vossa Santidade (como sempre foi e é nosso desejo), e reverenciando Vossa Santidade, como convém a um pai, apressamo-nos em levar ao conhecimento de Vossa Santidade tudo o que diz respeito à condição das igrejas, pois sempre foi nosso grande desejo zelar pela unidade de vossa Sé Apostólica, e a posição das santas igrejas de Deus, que ainda se mantém e perdura inabalável, sem nada que

*"Vítor Justiniano, piedoso, feliz, ilustre, triunfador, sempre Augusto, a João, santíssimo Arcebispo da alma da Cidade de Roma e Patriarca. "Prestando honra à Sé Apostólica e à vossa Santidade (o que sempre foi e continua sendo nosso desejo), e honrando vossa Beatitude como convém a um pai, nos apressamos a levar ao conhecimento de vossa Santidade tudo o que diz respeito à situação das igrejas; pois sempre foi nosso grande empenho zelar pela unidade de vossa Sé Apostólica e pelo estado das santas Igrejas de Deus, que até agora prevalece e permanece inabalável, sem que haja qualquer contrariedade; por isso, nos apressamos a submeter e unir à vossa Santidade todos os sacerdotes de toda a região oriental. Portanto, no presente, quanto foi agitado (embora seja manifesto e indubitável e, de acordo com a doutrina de vossa Sé Apostólica, sempre firmemente guardado e pregado por todos os sacerdotes), julgamos necessário que chegue ao conhecimento de Vossa Santidade. Pois não permitimos que nada, que diga respeito ao estado das igrejas — por mais manifesto e indubitável que seja —, seja discutido sem que também chegue ao conhecimento de Vossa Santidade, que é a cabeça de todas as santas igrejas. Pois, em tudo (como já foi dito), nos empenhamos para que a honra e a autoridade de vossa Sé cresçam."

prevalecer contra isso. E assim nos apressamos a submeter à Sé de Vossa Santidade, e a uni-los a ela, todos os sacerdotes de toda a região oriental. No momento, portanto, consideramos necessário que cheguem ao conhecimento de Vossa Santidade os assuntos que estão em controvérsia, por mais claros e certos que sejam, e por mais firmemente que tenham sido sempre defendidos e declarados por todos os sacerdotes de acordo com a doutrina de vossa Sé Apostólica. Pois não permitimos que se levante qualquer questão a respeito de algo que diga respeito ao estado das igrejas, por mais claro e certo que seja, que não seja também dado a conhecer a Vossa Santidade, que é o Chefe de todas as santas igrejas. Pois em todos os pontos (como já foi dito) estamos empenhados em aumentar a honra e a autoridade de vossa Sé."

A epístola refere-se, em seguida, a certas opiniões, qualificadas de heréticas, que estavam causando agitação, e apresenta a fé do imperador como estando em harmonia com a da Igreja de Roma. Ela conclui da seguinte forma*:

*"Aceitamos, porém, os quatro concílios sagrados: a saber, o dos trezentos e dezoito santos padres que se reuniram na cidade de Nicéia: e dos cento e cinquenta santos padres que se reuniram nesta cidade real; e dos santos padres que se reuniram pela primeira vez em Éfeso; e dos santos padres que se reuniram em Calcedônia; tal como vossa Sé Apostólica ensina e prega. Todos os sacerdotes, portanto, que seguem a doutrina de vossa Sé Apostólica, assim acreditam e pregam.

"Por isso, nos apressamos a levar isto ao conhecimento de Vossa Santidade por meio de Hipátio e Demétrio, os bem-aventurados bispos, para que nada fique oculto a Vossa Santidade, o que tem sido negado por alguns poucos monges de maneira errada e judaica, de acordo com a perfídia de Nestório. Rogamos, portanto, por vossa benevolência paterna; para que, em vossas cartas destinadas a nós, bem como ao santíssimo bispo desta cidade santa e ao vosso irmão, o patriarca (pois ele próprio escreveu por meio dos mesmos à vossa santidade, apressando-se em tudo a seguir a Sé Apostólica de vossa bem-aventurança), nos deixe claro que todos aqueles que confessarem corretamente o que foi mencionado são acolhidos por vossa santidade, e que a perfídia daqueles que, à maneira judaica, se recusam a professar a fé correta, é condenada. Pois assim crescerá o amor de todos por vós e a autoridade de vossa Sé; e a unidade das santas igrejas com vós será preservada sem perturbações, quando, por meio de vós, todos os santíssimos bispos delas tiverem aprendido, a partir do que vos foi relatado, a doutrina sincera de vossa santidade. Pedimos, porém, a vossa Santidade que ore por nós e nos obtenha a providência de Deus."

[C73]

"Agora reconhecemos [a validade de] quatro concílios sagrados: a saber, dos 318 santos padres que se reuniram na cidade de Nicéia [Concílio de Nicéia], dos 140 santos padres que se reuniram nesta cidade real [Concílio de Constantinopla], dos santos padres que se reuniram pela primeira vez em Éfeso [Concílio de Éfeso], e dos santos padres que se reuniram em Calcedônia [Concílio de Calcedônia], conforme ensina e afirma vossa Sé Apostólica. Todos os sacerdotes, portanto, que seguem a doutrina de vossa Sé Apostólica, assim acreditam, confessam e afirmam. Por isso, nos apressamos em levar ao conhecimento de Vossa Santidade, por meio de Hipácio e Demétrio, bispos abençoadíssimos, para que não fique oculto a Vossa Santidade o que [doutrinas] tem sido perversamente negado por alguns poucos monges, à maneira judaica, de acordo com a heresia de Nestório. Buscamos, portanto, sua consideração paternal, [orando] para que, por meio de uma carta dirigida a nós e aos bispos santíssimos desta bela cidade, bem como ao patriarca, seu irmão (visto que ele próprio também escreveu da mesma forma a Vossa Santidade, apressando-se em todos os pontos a seguir a Sé Apostólica de Vossa Santidade), Vossa Santidade nos manifeste que aceita todos aqueles que devidamente confessam o que foi ordenado e condena a heresia daqueles que ousaram, à maneira judaica, negar a verdadeira fé. Pois assim o amor de todos por vós e a autoridade de vossa Sé crescerão ainda mais; e a unidade das santas igrejas, que foi perturbada, será preservada para vós, já que, por meio de vós, todos os bispos abençoados terão aprendido a doutrina genuína de vossa Santidade, no que diz respeito aos pontos que *vos* foram *submetidos*. Agora, suplicamos a vossa Santidade que reze por nós e nos obtenha a proteção do céu."

O Papa João respondeu ao texto acima, com data de 24 de março do ano 534 d.C.*

*Citamos a seguir trechos de sua resposta:

"Ao gloriosíssimo e clementíssimo filho Justiniano Augusto, "João, Bispo da Cidade de Roma."Entre os louvores à sua clara sabedoria e mansidão, cristíssimo príncipe, brilha com luz mais pura, como uma estrela, o fato de que, movido pelo amor à fé e pelo empenho na caridade, você se instruiu nas disciplinas eclesiásticas, preservou a reverência pela Sé Romana, submeteu tudo a ela e conduziu tudo à sua unidade, cujo autor, isto

[C74]

Na mesma ocasião, o imperador escreveu ao patriarca de Constantinopla. Citamos o primeiro parágrafo de sua carta, como segue*:

"Epifânio, o santíssimo e abençoadíssimo arcebispo desta cidade real e patriarca ecumênico: — Desejando que Vossa Santidade tenha conhecimento de todos os assuntos relacionados à condição da Igreja, julgamos necessário recorrer a estes compêndios eclesiásticos e, por meio deles, tornar manifestos os movimentos já iniciados, embora estejamos convencidos de que Vossa Santidade também já tenha conhecimento deles. E, uma vez que constatamos que certos indivíduos, alheios à Santa Igreja Católica e Apostólica, haviam seguido a heresia dos ímpios Nestório e Eutiques, promulgamos um edito eclesiástico (como Vossa Santidade também sabe) no qual censuramos a loucura dos hereges. De forma alguma mudamos, nem mudaremos, nem (como Vossa Santidade também sabe) ultrapassamos
o primeiro dos apóstolos, ao qual o Senhor ordenou: "Pastoreia minhas ovelhas": que ele é verdadeiramente a cabeça de todas as igrejas, como declaram as regras dos pais e os estatutos dos príncipes, e como atestam as palavras de vossa reverendíssima piedade....Por isso, recebemos com a reverência de costume as cartas de Vossa Serenidade, por meio de Hipátio e Demétrio, homens santíssimos, meus irmãos e co-bispos: pelo relato dos quais também tomámos conhecimento de que propusestes ao povo fiel um edito em nome do amor à fé, a fim de frustrar as intenções dos hereges, de acordo com a doutrina apostólica, com o consentimento dos nossos irmãos e co-bispos. O que, por ser conforme à doutrina apostólica, confirmamos com a nossa autoridade."

*"Ao santíssimo e bem-aventuradíssimo Epifânio, Arcebispo da Cidade Real e Patriarca Ecumênico. "Desejando que Vossa Santidade tenha conhecimento de tudo o que diz respeito ao estado eclesiástico: julgamos necessário que se recorra a estes compêndios divinos para tal fim e que, por meio deles, se tornem evidentes à mesma as questões que já começaram a ser levantadas, embora estejamos convencidos de que ela própria já as conheça. Assim, tendo constatado que alguns se afastaram da Santa, Católica e Apostólica Igreja, seguindo o engano dos ímpios nestorianos e eutiquianos, promulgamos anteriormente o edito divino (que também a tua santidade conhece), pelo qual repreendemos a fúria dos hereges, de modo que, de forma alguma, alteramos, nem o alteremos nem o transgredamos, o qual, até o presente, com a ajuda de Deus, tem sido preservado, o estado eclesiástico (como também tua santidade bem sabe); mas, em tudo, mantivemos o estado de unidade das santíssimas igrejas com o próprio Santo Papa da antiga Roma, a quem escrevemos sobre assuntos semelhantes a estes. Pois não permitimos que nada do que diz respeito ao estado eclesiástico não se refira também à sua própria bem-aventurança: visto que ela é a cabeça de todos os santíssimos sacerdotes de Deus; e sobretudo porque, sempre que heréticos proliferaram nesses lugares, foram contidos tanto pela sentença quanto pelo justo julgamento daquela venerável Sé."

essa posição da Igreja que, pela graça de Deus, tem sido preservada até agora; mas, em todos os aspectos, *a unidade das santíssimas igrejas com SUA* SUPREMA SANTIDADE, O PAPA DA ANTIGA ROMA (a quem escrevemos da mesma forma), tem sido mantida. Pois não permitimos que nenhuma das questões relacionadas ao estado da Igreja deixe de ser também submetida a SUA BENDITUDE, *uma vez que ele é o chefe de todas as santíssimas Igrejas de Deus*; especialmente por esta razão: sempre que hereges surgiram nessas regiões, foram reprimidos [literalmente, podados, como os brotos de uma árvore] pela sabedoria e pelas decisões justas daquela venerável Sé."

As cartas das quais extraímos os trechos acima podem ser encontradas na íntegra, juntamente com o Édito de Justiniano* mencionado, no Volume do Direito Civil. Cod-icis lib. I tit. i

Esse, o primeiro reconhecimento oficial das reivindicações do papado, foi posteriormente confessado de forma cada vez mais explícita por Foco e pelos imperadores que se seguiram.

Mas mesmo depois de ser reconhecido como governante, um imperador sacerdotal, naquela época isso não representava nenhuma vantagem especial para o papado, além do nome vazio; pois Justiniano estava longe de

*Um trecho desse edito diz o seguinte:

"Imp. Justiniano. A. Constantinópolis.

"Visto que veneramos em tudo o Salvador e Senhor de todos, Jesus Cristo, nosso verdadeiro Deus, procuramos também (na medida em que é dado à mente humana alcançá-lo) imitar sua condescendência ou humildade. Pois, ao encontrarmos alguns acometidos pela doença e pela loucura dos ímpios nestorianos e eutiquianos, Inimigos de Deus e da santa Igreja católica e apostólica, a saber, aqueles que se opunham a chamar a santa e gloriosa Virgem Maria, sempre Virgem, de Theotokos ou Deipara, de maneira adequada e conforme a verdade: a esses nos apressamos a ensinar qual é a fé correta dos cristãos. Pois, sendo incuráveis, eles, ocultando seu erro, andam por toda parte (como aprendemos) e perturbam e escandalizam as mentes dos mais simples, propondo coisas contrárias à Santa Igreja Católica. Consideramos, portanto, necessário dissipar tanto as tagarelices e mentiras desses hereges quanto insinuar a todos o que pensa a Santa Igreja de Deus, Católica e Apostólica, e o que pregam seus santíssimos sacerdotes; seguindo-os, estabelecemos claramente o que pertence à nossa fé; não que estejamos inovando a fé (o que Deus nos livre), mas sim denunciando a insanidade daqueles que pensam da mesma forma que os hereges ímpios. O que, aliás, já havíamos deixado claro a todos desde os primórdios do nosso império."

[C76]

Roma, com sua capital em Constantinopla. Roma, e a Itália em geral, estavam sob o domínio de outro reino — os ostrogodos — que não reconheciam o bispo de Roma como sumo pontífice; pois eram, em sua maioria, arianos na fé. O papado, portanto, foi exaltado e favorecido apenas no nome, pelo reconhecimento do imperador, até a queda da monarquia ostrogoda, quando sua exaltação se tornou um fato concreto. De fato, como se por um acordo pré-estabelecido, o imperador imediatamente (534 d.C.) enviou Belisário e um exército à Itália e, seis anos após o reconhecimento do papa pelo imperador, o poder ostrogodo foi derrotado, e seu rei Vitiges, juntamente com a flor e nata de seu exército, foi levado, com outros troféus, aos pés de Justiniano. Isso ocorreu em 539 d.C., que é, portanto, o momento a partir do qual devemos contar a "abominação desoladora *estabelecida*". O papado teve ali seu pequeno início. Ali, o pequeno e peculiar "chifre" mencionado na profecia de Daniel (*Daniel 7,8.11.20-22.25*) começava apenas a erguer-se sobre a besta romana. Ele começou a se formar ou a criar raízes dois séculos antes e, dois séculos após seu modesto surgimento, "sua aparência era mais robusta do que a de seus companheiros" — os outros chifres, autoridades ou poderes, no território do antigo império — e seus olhos, bem como sua boca, que proferia palavras grandiosas e presunçosas, começaram a se desenvolver; e ele passou a dominar os outros chifres, reivindicando o direito divino de fazê-lo.

O Profeta havia dito que três chifres seriam arrancados, ou extirpados, para abrir espaço ou preparar o caminho para esse poder peculiar ou "chifre". E assim o vemos: Constantino construiu Constantinopla e transferiu sua capital para lá; isso, embora favorável ao desenvolvimento do papado na sede dos Césares, era desfavorável ao império; e logo se considerou conveniente dividir o império, e a Itália passou a ser

conhecida como o Império Ocidental, cuja sede ou capital ficava em Ravena. Esse era um dos "chifres": ele caiu, em 476 d.C., nas mãos dos herulos, outro dos chifres, que se estabeleceu sobre suas ruínas. Em seguida, surgiu o reino ostrogodo, outro "chifre", que derrubou os herulos e se estabeleceu como governante da Itália, em 489 d.C. E, como acabamos de ver, foi durante o domínio desse "chifre" (o terceiro a ser arrancado para abrir caminho ao chifre papal) que Justiniano reconheceu a supremacia papal; e foi por suas ordens, e por meio de seu general e de seu exército, que ele foi arrancado. E, como vimos, sua extirpação foi necessária para a ascensão do papado ao poder, como uma mistura peculiar de poder político e religioso — um "chifre" peculiar, diferente de seus semelhantes. De fato, não parece improvável que o papado fosse secretamente favorável à queda de cada um desses "chifres" ou poderes, na esperança de abrir assim o caminho para sua própria exaltação, exatamente como acabou ocorrendo.

Com a derrubada dos ostrogodos, o imperador romano foi reconhecido por algum tempo como o governante da Itália e era representado por exarcas; mas, como estes tinham sua capital em Ravena, e não em Roma, e como passaram a reconhecer o papado da maneira descrita, conclui-se que, a partir de 539 d.C., o papado foi reconhecido como a principal autoridade na cidade de Roma; e que, a partir dessa data (quando foi "estabelecido"), começou a crescer e prosperar como um "*chifre*" ou *poder* entre os outros "chifres" ou poderes, representando o poder outrora unido de Roma. O fato de a Itália, e especialmente Roma, se encontrarem em uma situação de grande turbulência nesse período, sujeitas à pilhagem de invasores do Norte, bem como a pesados impostos cobrados por qualquer mestre que estivesse mais próximo naquele momento, contribuiu para romper a lealdade política ao poder imperial em Constantinopla; de modo que os governantes da Igreja, sempre ao lado do povo, falando a mesma língua e compartilhando suas vantagens e perdas, foram prontamente aceitos

pelo povo como conselheiros, protetores e governantes da cidade de Roma e seus arredores.

Sem dúvida, de fato, o objetivo de Justiniano ao reconhecer as reivindicações do bispo de Roma quanto à superioridade sobre os demais era também, em parte, obter sua cooperação na guerra que ele estava prestes a travar contra os ostrogodos, para reconquistar a Itália como parte do Império Romano do Oriente; pois a influência do papa e da Igreja não era de forma alguma insignificante, mesmo naquela época; e tê-los ao seu lado na guerra significava ter metade da conquista garantida, logo no início.

Embora os godos tenham se rebelado contra o império e saqueado a cidade de Roma, eles não restabeleceram seu domínio, e o único governo existente era o da Igreja. E embora o reino lombardo logo tenha surgido e estabelecido seu domínio sobre a maior parte da Itália, chegando até mesmo a derrubar o domínio do Império Romano do Oriente estabelecido por Justiniano nas mãos dos exarcas, note-se cuidadosamente, porém, que os lombardos reconheciam a autoridade do papado em Roma. Foi somente perto do fim desse reino, no século VIII, que ocorreram tentativas sérias contra a autoridade papal; a narrativa desses eventos serve apenas para comprovar o fato de que os papas, por sua vez, eram os verdadeiros governantes de Roma, os autoproclamados "sucessores dos Césares" — "os Césares espirituais" —, embora reivindicassem a *proteção* do governo de Constantinopla enquanto isso lhes fosse vantajoso. Quando os lombardos finalmente tentaram tomar posse de Roma, o papa apelou ao rei francês para que *protegesse* a Igreja (o papado) e mantivesse seu longo e ininterrupto controle sobre o que chamavam de "Patrimônio de São Pedro", que alegavam* ter sido concedido à Igreja por Constantino.

*Que tais alegações eram falsas e baseadas em falsificações — "As Decretais Falsificadas" — é hoje amplamente reconhecido, até mesmo pelos católicos romanos. Constantino não fez tal doação: o papado conquistou seu poder e controle sobre Roma, conforme descrevemos aqui.

[C79]

Os reis franceses, Pepino e Carlos Magno, cada um por sua vez, trouxeram seu exército para proteger o domínio do papado e derrotaram os lombardos. Foi este último que, em 800 d.C., apresentou formalmente ao papado vários estados conhecidos como os "Estados Pontifícios", já mencionados — além da cidade e dos subúrbios de Roma, efetivamente controlados pelo papado desde 539 d.C. Assim, o Reino Lombardo ou "chifre" não impediu nem ocupou o lugar do chifre papal, como alguns supuseram, embora às vezes o tenha pressionado.

Sobre esse ataque dos lombardos a Roma, Gibbon diz:

"Um exemplo memorável de arrependimento e piedade foi demonstrado por Lutiprando, rei dos lombardos. Com as armas em punho, aos portões do Vaticano, o conquistador ouviu a voz de Gregório I, retirou suas tropas, renunciou à conquista, visitou respeitosamente a igreja de São Pedro e, após realizar suas devoções, ofereceu sua espada e adaga, sua couraça e manto, sua cruz de prata e coroa de ouro sobre o túmulo do apóstolo." Mas "Seu sucessor, Astolfo, declarou-se inimigo tanto do imperador quanto do papa:... Roma foi intimada a reconhecer o lombardo vitorioso como seu soberano legítimo.... Os Romanos hesitaram; imploraram; reclamaram; e os bárbaros ameaçadores foram contidos por meio de armas e negociações *até que os papas* conseguissem a amizade de um aliado e vingador além dos Alpes."

O papa (Estêvão III) visitou a França e conseguiu obter a ajuda necessária; e, diz Gibbon, retornou como um conquistador à frente de um exército francês liderado pelo próprio rei [Pepino]. Os lombardos, após uma fraca resistência, obtiveram uma paz ignominiosa e juraram *restaurar* as posses e respeitar a santidade da Igreja Romana.

Como ilustração das reivindicações dos papas e do tipo de poder pelo qual reivindicavam e mantinham o domínio, citamos novamente, segundo Gibbon, uma carta do Papa Estêvão III,

enviada nessa época ao rei da França. Os lombardos haviam atacado Roma novamente, logo após a retirada do exército francês, e o papa desejava nova ajuda. Ele escreveu em nome do apóstolo Pedro, dizendo:

"O Apóstolo assegura a seus filhos adotivos — o rei, o clero e os nobres da França — que, morto na carne, ele ainda está vivo no espírito; que eles agora ouvem, e *devem obedecer*, à voz do fundador e guardião da Igreja Romana; que a Virgem, os anjos, os santos, os mártires e toda a hoste do céu insistem unanimemente nesse pedido e reconhecerão a *obrigação*; que riquezas, vitória e o paraíso coroarão sua empreitada piedosa, e que *a condenação eterna* será a pena por sua negligência, caso permitam que seu túmulo, seu templo e seu povo caiam nas mãos dos pérfidos lombardos." E Gibbon acrescenta: "A segunda expedição de Pepino não foi menos rápida e bem-sucedida do que a primeira: São Pedro ficou satisfeito; Roma foi novamente salva."

Como esse início do *domínio* do papado foi obscuro, mas importante para ser reconhecido com clareza, pareceu-nos necessário destacá-lo cuidadosamente, conforme acima. E, para concluir a prova de que o ano 539 d.C. foi a data profeticamente indicada, citamos o seguinte testemunho *corroborativo* extraído de escritos católicos romanos:

"Após a queda do Império Romano do Ocidente, a influência política dos papas na Itália tornou-se ainda mais importante, devido ao fato de que os papas tiveram de colocar sob sua proteção aquele infeliz país, mas particularmente Roma e seus arredores, que mudavam de senhores com tanta frequência e estavam continuamente expostos às invasões de conquistadores rudes e brutais. Enquanto os sucessores de São Pedro se dedicavam tão energicamente ao bem-estar dos habitantes da Itália, estes eram totalmente negligenciados pelos imperadores do Império Romano de Oriente, que ainda *reivindicavam* o domínio sobre a terra. Mesmo depois que Justiniano I reconquistou uma parte da Itália [539 d.C.] e a transformou em uma província grega, a sorte dos habitantes não melhorou; pois os imperadores bizantinos só podiam esgotar, por meio de impostos, os súditos do Exarcado

de Ravena, mas de forma alguma podiam proporcionar-lhe a proteção necessária.

"Nessas circunstâncias, aconteceu que os... imperadores... perderam todo *o poder efetivo* e permaneceram *apenas nominalmente* como mestres do governo, enquanto os papas, em virtude das necessidades do momento, *passaram a deter, na prática, essa supremacia sobre o domínio romano*. . . . *Esse* resultado espontâneo de um esforço generoso foi, em épocas posteriores, reconhecido como uma *aquisição legítima* [por Pepino e Carlos Magno]. . . . Pepino, como expressam os escritores contemporâneos, 'restaurou' o território conquistado à Sé Apostólica. Essa doação *ou restauração* de Pepino foi confirmada e ampliada por seu filho Carlos Magno, que, em 774 d.C., pôs fim ao domínio lombardo na Itália. *Dessa forma legítima, o* PODER TEMPORAL E A SOBERANIA DOS PAPAS foram, pela
providência divina, *gradualmente* estabelecido."

As citações acima foram extraídas de "A História da Igreja Católica", de H. Brueck, D.D., vol. I, pp. 250, 251. Como se trata de uma obra de referência entre os católicos romanos, utilizada em suas faculdades e seminários e aprovada por dignitários papais, seu testemunho é valioso no que diz respeito à ascensão *gradual* do poder temporal do papado e ao *momento* em que seu início foi favorecido pelas circunstâncias. Isso prova que a queda do reino ostrogodo em 539 d.C. foi, como claramente indicado pela medida profética (1.260 anos), o momento exato em que esse sistema desolador e, aos olhos de Deus, abominável, foi *"estabelecido*".

Em consonância com essa mesma linha de pensamento, e no esforço de estabelecer claramente o fato de que a autoridade papal teve início *antes* da época de Carlos Magno, outra obra católica, **A Cátedra de São Pedro***, em um capítulo sobre "O crescimento do poder temporal" (página 173), afirma: "Roma era governada nominalmente apenas por um patrício nomeado pelo imperador, mas, *na realidade*, pela força das circunstâncias, os papas tornaram-se os senhores supremos da cidade." Para comprovar essa autoridade e esse domínio, o autor passa a citar provas históricas do poder dos papas e da impotência dos

[C82]

governantes nominais. Ele se refere ao Papa Gregório, o Grande (590 d.C. — apenas cinquenta anos após a "criação" do papado) como um *exemplo do poder já detido* pelos papas, dizendo: "Vemos que ele enviou Leôncio como governador a Nepi, na Etrúria, ordenando aos habitantes que lhe obedecessem como se fosse a ele próprio. Mais uma vez, ele nomeia Constâncio para o importante cargo de governador de Nápoles. Em seguida, escreve aos bispos sobre a *defesa* e o abastecimento de suas respectivas cidades; emite *ordens aos comandantes militares*.

...Em suma, ele se torna o *verdadeiro governante* e protetor da Itália; de modo que está plenamente justificado ao dizer: 'Quem quer que ocupe meu lugar como pastor está gravemente ocupado com cuidados externos, de modo que frequentemente se torna incerto se ele exerce as funções de um pastor ou de um príncipe temporal'."

Tão grande foi o crescimento do poder temporal nesse curto espaço de cinquenta anos, desde seu modesto início, no ano de
539 d.C., podemos, portanto, ter certeza de que os 1.260 anos, ou três vezes e meia, do domínio papal estão bem e claramente demarcados em ambas as extremidades.

Daniel, que havia ouvido sobre o limite imposto ao poder da abominação de devastar a Igreja e esmagar a verdade, o poder do povo do Senhor, percebeu que isso ainda não daria início ao reino de Miguel (Cristo) nem à exaltação dos santos ao poder, mas que apenas lhes concederia a libertação de seu opressor. Essa, portanto, ainda não era a compreensão que ele desejava: "Eu ouvi, mas [ainda] não compreendi. Então eu disse: Ó meu senhor, o que acontecerá depois [ou após] essas coisas? E ele disse: Vai, Daniel [é inútil tentares compreender o assunto], pois as palavras estão fechadas e seladas até o tempo do fim. A partir do momento em que o sacrifício contínuo for retirado e a abominação desoladora *for estabelecida* [539 d.C.], passarão mil duzentos e noventa dias [anos]. Então, muitos se purificarão [se separarão], sim, se tornarão puros, sim, serão provados como pelo fogo; mas os

ímpios agirão impiamente, e nenhum dos ímpios compreenderá; mas os sábios compreenderão [então]. Oh! Quão abençoado é aquele que espera ansiosamente até que os mil trezentos e trinta e cinco [1.335] dias se cumpram. E tu, segue [teu caminho] até o fim; e descansarás, e ressuscitarás para receber tua sorte [porção, recompensa] após o fim dos dias.*

O estudante atento notará que esses 1.290 e 1.335 dias proféticos, anos literais, têm o mesmo ponto de partida que os 1.260 anos de poder papal para opressão, a saber, a partir do momento em que a abominação desoladora foi "estabelecida" — 539 d.C. Quando dois eventos ocorridos em momentos diferentes são mencionados, como neste caso — a supressão do "diário" (ou, mais corretamente, do sacrifício *contínuo*) e a *instalação* da abominação —, devemos sempre contar a partir do momento em que *ambos* se tornaram realidade. A supressão do "sacrifício contínuo", como mostraremos no próximo capítulo, ocorreu alguns anos antes da *instauração* da abominação em 539; e foi esse fato importante que fez com que ela fosse chamada de "a abominação". Devemos, portanto, e de fato o fazemos, contar a "instauração" da abominação a partir do último desses dois eventos.

E observe, além disso, que ambas essas medidas são dadas em resposta à pergunta de Daniel sobre o que aconteceria aos santos de Deus depois que seu poder (a verdade) fosse libertado do oprimento papal (ou seja, após 1799) e antes do estabelecimento do reino do Messias — Miguel. A resposta, em essência, é que Daniel não precisa esperar compreender mais, mas que, *trinta* anos após o início do tempo do fim (1260 + 30 = 1290), uma obra de purificação, limpeza e refinamento teria início entre o povo santo; em conexão com isso, a compreensão da profecia seria concedida aos sábios dessa classe provada, purificada e separada; no entanto, o conhecimento seria comunicado de tal forma que os ímpios e os não purificados não o receberiam nem

*A respeito desta tradução, veja as observações no prefácio.

acreditassem nela. Foi demonstrado, além disso, que a *compreensão correta* da visão estaria longe de ser completa ou plena; na verdade, seria deficiente em alguns de seus elementos principais até 45 anos depois (1.290 + 45 = 1.335), ou 75 anos após o início do tempo do fim, em 1799 d.C. (1.260 + 75 = 1.335). Isso é claramente indicado pelo texto hebraico, que apresenta a questão como se os vigias, que já tivessem visto algo e estivessem esperando pacientemente, de repente (quando "1.335 dias" tivessem se passado) obtivessem uma visão completa e clara, muito além de suas expectativas. "Oh! Quão abençoado é aquele!"

Contando a partir de 539 d.C., os 1.290 dias simbólicos terminaram em 1829, e os 1.335 dias no final de 1874. Que o leitor julgue cuidadosamente com que precisão essas datas marcam a compreensão da visão e de todas as profecias relacionadas ao tempo do fim, bem como à separação, purificação e refinamento como pelo fogo, para levar os filhos de Deus à condição infantil, humilde e confiante de mente e coração, necessária para que estejam prontos a receber e apreciar a obra de Deus à maneira e no tempo de Deus.

Um movimento religioso culminou em 1844, cujos participantes eram então — e desde então — geralmente conhecidos como "Adventistas do Segundo Advento" e "Milleritas", porque esperavam que o segundo advento do Senhor ocorresse naquela data e porque o Sr. William Miller era o líder e principal impulsionador. O movimento, que teve início por volta de 1829, já havia atraído, antes de 1844 (quando esperavam o retorno do Senhor), a atenção de todas as classes de cristãos, especialmente nos estados do leste e do centro, onde chegou a causar grande agitação. Muito antes disso, o professor Bengel, em Tübingen, na Alemanha, começou a chamar a atenção para as profecias e para a vinda do Reino do Messias, enquanto o célebre missionário Wolff fazia o mesmo na Ásia. O centro da obra, no entanto, era a América, onde as condições sociais, políticas e religiosas

[C85]

favoreceram, mais do que em qualquer outro lugar, a independência no estudo da Bíblia, bem como em outros assuntos; assim como o primeiro movimento do advento se limitou à Judéia, embora todos os israelitas devotos, em todos os lugares, tivessem ouvido falar mais ou menos sobre ele. *Atos 2:5*

Todos sabem algo sobre o fracasso das expectativas do irmão Miller. O Senhor não veio em 1844, e o mundo não foi consumido pelo fogo, como ele havia esperado e ensinado aos outros a esperar; e isso foi uma grande decepção para aquele "povo santo" que, com tanta confiança, esperava que Cristo ("Miguel") aparecesse naquele momento e os exaltasse com ele em poder e glória. Mas, apesar da decepção, o movimento teve os efeitos pretendidos — despertar o interesse pelo tema da vinda do Senhor e lançar opróbrio sobre o assunto por causa de expectativas equivocadas. Dizemos "efeitos pretendidos" porque, sem dúvida, a mão do Senhor estava nisso. Ele não apenas realizou uma obra correspondente à do movimento da primeira vinda, quando nosso Senhor nasceu, quando os magos vieram do Oriente e quando "todos esperavam por ele" (*Mateus 2:1,2*; *Lucas 3:15*), mas também coincidiu com ela no tempo, ocorrendo exatamente trinta anos antes da unção de nosso Senhor, aos trinta anos de idade, no início de sua obra como Messias. Esse "movimento de Miller", como é chamado de forma depreciativa, trouxe também uma bênção individual ao "povo santo" que nele participou: levou a uma busca cuidadosa das Escrituras e à confiança na Palavra de Deus acima das tradições dos homens; e aqueceu, alimentou e uniu os corações dos filhos de Deus em comunhão não sectária; pois os interessados eram de todas as denominações, embora principalmente batistas. Foi somente após o término desse movimento que *alguns* deles se organizaram e se uniram em novas seitas, cegando-se assim para algumas das bênçãos devidas na "colheita".

[C86]

Embora, como o leitor terá observado, discordemos das interpretações e deduções do Sr. Miller em quase todos os pontos — encarando o *objeto*, bem como a *maneira* e o *tempo* da vinda de nosso Senhor, sob uma perspectiva muito diferente —, reconhecemos, no entanto, que esse movimento está de acordo com a ordem de Deus e que realiza uma obra muito importante na separação, purificação, refinamento e, assim, na preparação de um povo que aguarda, pronto para o Senhor. E não apenas realizou uma obra de purificação e provação em sua própria época, mas, ao lançar opróbrio sobre o estudo da profecia e sobre a doutrina da segunda vinda do Senhor, tem servido, desde então, para testar e provar os consagrados, independentemente de qualquer associação com as visões e expectativas do Sr. Miller. A simples menção ao tema da profecia, da vinda do Senhor e do Reino Milenar agora desperta o desprezo dos sábios do mundo, especialmente na igreja nominal. Isso foi, sem dúvida, obra da providência do Senhor, e com um propósito muito semelhante ao de enviar o menino Jesus por um tempo a Nazaré, "para que fosse chamado nazareno", embora tivesse realmente nascido na honrosa cidade de Belém. Isso, evidentemente, foi para que a verdade pudesse separar os "verdadeiros israelitas" do joio da nação escolhida de Deus. O joio foi afastado pela afirmação de que nosso Senhor era nazareno; pois eles raciocinavam: "Pode alguma coisa boa vir de Nazaré?" Da mesma forma, alguns agora perguntam com desdém: "Pode alguma coisa boa vir do adventismo?", e rejeitam sem reflexão o testemunho do Senhor, dos apóstolos e dos profetas. Mas os humildes e santos, sábios aos olhos de Deus, embora considerados tolos pela opinião do mundo, não assumem tal atitude.

Mas o "movimento de Miller" foi mais do que isso: foi o início da compreensão *correta* das visões de Daniel, e no momento certo para se encaixar na profecia. A interpretação do Sr. Miller dos três tempos e meio (1.260 anos) foi praticamente a mesma que acabamos de apresentar, mas ele cometeu o

erro de não iniciar os períodos de 1.290 e 1.335 no mesmo ponto. Se tivesse feito isso, estaria certo. Pelo contrário, ele os iniciou trinta anos antes — por volta de 509 em vez de 539, o que fez com que os 1.335 dias terminassem em 1844, em vez de 1874.* Foi, no entanto, o *início* da compreensão correta da profecia; pois, afinal, o período de 1.260, que ele interpretou corretamente, era a chave; e a pregação dessa verdade (mesmo que combinada com erros, aplicações equivocadas e inferências falsas) teve o efeito de separar e purificar "muitos", exatamente no momento que o Senhor havia predito.

Sem compreender a maneira nem o objetivo do retorno do Senhor, mas esperando um aparecimento repentino e o fim de todas as coisas em um único dia, ele supôs o tempo todo que as profecias deveriam terminar ali; e era seu objetivo e esforço forçá-las todas a esse desfecho comum: daí seu fracasso — além do qual Deus não iluminou ninguém naquele momento, já que não era o momento para uma iluminação adicional.

O Sr. Miller era um membro fervoroso e estimado da Igreja Batista; e, sendo um estudioso meticuloso das Escrituras, as profecias começaram a se revelar diante dele. Depois de se convencer plenamente da correção de suas interpretações, ele começou a divulgar suas visões entre os ministros, principalmente batistas no início, mas posteriormente entre todas as classes e todas as denominações. À medida que a obra se espalhava, ele, com muitos colaboradores, viajava e pregava extensivamente. O início dessa obra entre os ministros batistas foi, pelo que se pode deduzir de suas memórias, em 1829, tendo o ancião Fuller, da Igreja Batista de Poultney, Vermont, sido o primeiro convertido a pregar suas opiniões em público. Em uma carta escrita cerca de três anos depois, o Sr. Miller diz:

*Não conseguimos obter os escritos do Sr. Miller para comparar suas interpretações. Apenas tomamos conhecimento das datas em que ele aplicou os números proféticos.

[C88]

"O Senhor está espalhando a semente. Posso agora contar oito ministros que pregam essa doutrina, mais ou menos, além de mim mesmo. Tenho conhecimento de mais de cem irmãos leigos que afirmam ter adotado minhas visões. Seja como for, 'A verdade é poderosa e prevalecerá'."

Assim, verá-se que a obra de separação do "movimento de Miller" teve seu início na época predita — no fim dos 1.290 dias, em 1829.

Agora, e quanto à *espera fervorosa* até que os 1.335 dias fossem cumpridos? Quem esperou dessa forma?

Alguns dos filhos de Deus, o "povo santo", entre os quais este escritor, embora não associados ao "movimento de Miller", nem à denominação posteriormente organizada, que se autodenomina "Igreja do Segundo Advento", têm estado atentos e "esperando ansiosamente" pelo Reino de Miguel; e com alegria prestamos testemunho da "bem-aventurança" das revelações maravilhosamente claras do plano de nosso Pai, no outono de 1874 — o fim dos 1.335 dias — e desde então.

Faltam-nos palavras para expressar essa bem-aventurança! Somente aqueles que foram revigorados no espírito com esse vinho novo do Reino poderiam apreciá-la, se pudéssemos descrevê-la. É, portanto, algo a ser sentido, mais do que contado. Foi no final daqueles 1.335 dias proféticos e simbólicos — e desde então — que as preciosas visões da *presença* do Senhor e o fato de que estamos, neste exato momento, vivendo no tempo da "colheita" da era evangélica e no tempo do estabelecimento do Reino de Miguel (de Cristo) vieram a ser conhecidos.

Oh, que bênção é este tempo privilegiado! Oh, a harmonia, a beleza, a grandeza do plano divino à medida que começou a se desdobrar quando os 1.335 dias foram "atingidos"! É para expressar, na medida do possível, essa "bênção" e o desdobramento mais completo do plano divino — que agora deve ser compreendido por todo o "povo santo" que vive atualmente — que esta série ESTUDOS DAS ESCRITURAS está sendo publicada. Ninguém, a não ser o

[C89]

"povo santo" a compreenderá. É concedida como um favor. "Nenhum dos ímpios compreenderá"; e aqueles do "povo santo" que têm comunhão com os mundanos, que *imprudentemente* permanecem nas assembleias dos ímpios e se sentam no lugar dos escarnecedores, não compreenderão e não serão capazes de experimentar essa bem-aventurança, agora destinada apenas àqueles "santos", verdadeiramente "sábios", que se deleitam na Lei do Senhor e meditam [estudam] nela dia e noite. *Salmo 1:1,2*

Essa mensagem a respeito do Reino de Miguel, que se revela gradualmente a partir de 1829, é simbolicamente representada no livro dos *Apocalipses (cap. 10:2,8-10)* como um "livrinho", que os "sábios" do "povo santo", representados por João, são instruídos a comer. E a experiência de João, conforme expressa no *versículo 10*, é a experiência de todos os que recebem essas verdades. Elas trazem uma doçura maravilhosa: Oh, que bem-aventurança! Mas os efeitos posteriores são sempre, em maior ou menor grau, uma mistura da amargura da perseguição com a doçura. E o efeito sobre aqueles que perseveram pacientemente até o fim é o de purificar, purificar e refinar, e assim preparar a noiva de Cristo para o casamento e a exaltação, que ocorrerão no final do Dia da Preparação.

A respeito dessa decepção, que mostramos ter sido, no entanto, uma bênção e o início da interpretação correta da visão, o profeta Habacuque é levado a escrever uma palavra de encorajamento, dizendo (*cap. 2:2*): "Escreve a visão, torna-a clara sobre tábuas [gráficos], para que aquele [que deseja] possa lê-la prontamente...Embora demore, *espere por ela* ["Ó, quão bem-aventurado é aquele que *espera* até os 1.335 dias!"], pois certamente virá; não tardará." Sua aparente demora ou atraso não era tal, mas um erro parcial por parte do Sr. Miller, previsto e permitido pelo Senhor para provar seu "povo santo".

Como evidência da consagração, do estudo da Bíblia e da fé gerados por esse movimento, citamos uma carta escrita

[C90]

pelo Sr. Miller, após a decepção de 1844, àqueles que haviam ficado desapontados com ele, da seguinte forma:

"Agradecemos a Deus sempre por vocês, quando ouvimos — como já ouvimos — que a decepção que vocês e nós sofremos produziu em vocês, e esperamos que também em nós, um profundo sentimento de humildade e um exame cuidadoso de nossos corações. E embora nos sintamos humilhados e, em certa medida, magoados pelas zombarias de uma geração ímpia e perversa, não estamos aterrorizados nem desanimados. Todos vocês, quando questionados sobre as razões de sua esperança, podem abrir suas Bíblias e, com mansidão e temor, mostrar ao questionador por que esperam na gloriosa vinda do grande Deus e nosso Salvador, Jesus Cristo. Não precisam, em nenhum caso, encaminhar o questionador ao seu pastor para explicar a razão de sua fé. Seu credo são as Escrituras;... sua filosofia é a sabedoria que desce de Deus; seu laço de união é o amor e a comunhão dos santos; seu mestre é o espírito santo; e seu professor é o Senhor Jesus Cristo....Nós os exortamos, por todo o amor e comunhão dos santos, a se apegarem firmemente a essa esperança. Ela é garantida por todas as promessas da Palavra de Deus. Está assegurada a vocês pelas duas coisas imutáveis — o conselho e o juramento de Deus, nos quais é impossível que Ele minta. Está ratificada e selada pela morte, pelo sangue, pela ressurreição e pela vida de Jesus Cristo...Não temam, irmãos; Deus lhes disse o que dizer. Façam o que Ele lhes ordena, e Ele cuidará das consequências. Deus diz: 'Diga-lhes: *Os dias estão próximos, e o cumprimento de toda visão*.' [Veja ***Ez. 12:22,23***]...Para mim, isso é quase uma demonstração de que a mão de Deus está nisso. Muitos milhares foram levados a estudar as Escrituras por meio da pregação da época... A sabedoria de Deus, em grande medida, traçou nosso caminho, *que Ele planejou para o bem que Ele realizará em Seu próprio tempo e à Sua maneira*."

Uma das parábolas de nosso Senhor foi dada expressamente para ilustrar

esse período de *espera*, desde a decepção de 1844 até as realizações no fim dos "1.335 dias". Referimo-nos à—

[C91]

A Parábola das Dez Virgens
—Mateus 25:1-12—

Essa parábola começa com "então", indicando assim que não se aplicava imediatamente, no dia do Senhor, mas em algum momento no futuro. "*Então*, o Reino dos céus [em seu estado embrionário — representado por alguns ou por todo o povo santo, em período de prova para a herança nesse Reino] será comparado a dez virgens, que pegaram suas lâmpadas e saíram ao encontro do Noivo. E cinco delas eram prudentes e cinco eram insensatas."

Os números não são significativos; nem as proporções. A parábola ensina um movimento entre os herdeiros do Reino, na expectativa de encontrar o Noivo — um movimento no qual duas classes se manifestariam, aqui denominadas "sábias" e "tolas". A palavra "virgem" significa pura; assim, as representadas na parábola, tanto as sábias quanto as insensatas, representam o "povo santo". De fato, nenhum amante do Noivo, ansioso por encontrá-lo, pode ser amante do pecado, mesmo que muitos deles sejam "insensatos".

O movimento mencionado por nosso Senhor nesta parábola corresponde exatamente a um que teve início com o "Movimento Miller" e que ainda está em andamento. Esse movimento, embora iniciado por um batista, foi um movimento não denominacional, ao qual aderiram os mais devotos e fiéis de todas as denominações. Relatos daquela época, sobre o fervor e o zelo daqueles tempos, etc., enchem nossos corações de admiração por homens e mulheres que tiveram a honestidade de colocar em prática suas convicções, mesmo que não possamos concordar com essas convicções. O dinheiro era derramado como água, na impressão de folhetos e jornais em várias línguas e no envio da mensagem para todo o mundo. Diz-se que, nas igrejas de todas as denominações, espalhou-se o espírito de avivamento e que, em algumas congregações, onde todos estavam sob a influência desse ensinamento, aqueles que tinham dinheiro para

dispor o dinheiro sobre uma mesa em frente ao púlpito, onde ficava à disposição de todos que precisassem; e a sinceridade e o zelo dos crentes naquela época eram tais que, segundo se diz, o dinheiro assim consagrado ao Senhor não precisava de guarda, pois aqueles que não precisavam dele não o tocavam.

As virgens da parábola são retratadas como tendo todas suas lâmpadas preparadas e acesas. Essas lâmpadas representam as Escrituras ("Tua palavra é lâmpada para os meus pés"); e tal preparação *generalizada* das lâmpadas — o estudo das Escrituras — por todas as classes de cristãos provavelmente nunca havia ocorrido antes. O óleo representa o espírito da verdade. Ele se manifestava, então, nas lâmpadas de todos; mas nem todos possuíam o espírito da verdade em si mesmos — os "vasos".

A decepção de 1844 está brevemente registrada na parábola, pela afirmação de que "o Noivo demorou" — ou seja, ele parecia, aos olhos dos que o aguardavam, estar demorando. E a confusão e as trevas vividas por todos, bem como as muitas visões falsas e fantasiosas adotadas por alguns que ficaram desapontados, são mostradas na parábola pela afirmação: "Enquanto o Noivo demorava, todas elas *cochilaram* e adormeceram". Sim, e em suas trevas e sono, muitas delas sonharam coisas estranhas e irracionais.

Mas a parábola mostra um segundo movimento, semelhante e, ainda assim, diferente, entre as mesmas virgens. Refere-se à mesma classe geral, mas não necessariamente aos mesmos indivíduos. Assim como o primeiro movimento foi o resultado da luz lançada sobre a profecia, relativa ao tempo do segundo advento do Messias como Noivo da Igreja, o mesmo ocorreu com o segundo movimento. Mas há várias diferenças. No primeiro, as lâmpadas de todas as virgens ardiam da mesma forma, e o grupo que aguardava o Noivo era misto; já no segundo movimento, embora todas sejam despertadas, somente aquelas que tiverem o espírito da verdade em seus corações, bem como conhecimento da Bíblia — uma lâmpada preparada — serão conduzidas para fora. A decepção

[C93]

foi prevista para o primeiro movimento, e a espera pelos 1.335 dias era necessária; mas o segundo não foi uma decepção, e a espera não era mais necessária; pois o cumprimento ocorreu exatamente no término dos 1.335 dias proféticos
— em outubro de 1874. Foi logo após o término dos 1.335 anos, o período de "espera", que o fato da presença de nosso Senhor, conforme ensinado pelas profecias anteriores, começou a ser reconhecido. Era bem cedo na manhã da nova era, mas era a hora da "meia-noite", no que dizia respeito ao sono profundo das virgens, quando ressoou o clamor (que ainda ecoa): "Eis o Noivo!"—não "Eis que o Noivo *vem*",* mas "Eis que ele *já veio*", e agora estamos vivendo "na [*parousia*] presença do Filho do homem". E tal tem sido o caráter do movimento atual, desde aquela data: uma proclamação da *presença* do Senhor e da obra do reino agora em andamento. O autor e seus colaboradores proclamaram o fato da *presença* do Senhor, demonstrando-o a partir das profecias e por meio de gráficos ou tabelas, como os utilizados neste livro, até o outono de 1878, quando foram tomadas providências para o lançamento de nossa publicação atual, "A TORRE DE VIGILÂNCIA DE SIÃO e *o Arauto da Presença de Cristo*". Pela bênção do Senhor, milhões de exemplares desta publicação levaram ao mundo a notícia de que o tempo se cumpriu e de que o Reino de Cristo está sendo *estabelecido* neste exato momento, enquanto os reinos e sistemas dos homens estão desmoronando até sua destruição total.

A parábola nos adverte que, embora todas as virgens preparem suas lâmpadas, nem todas podem *versão* Somente aquelas que têm óleo em seus vasos (em si mesmas — as totalmente consagradas) podem obter a luz de suas lâmpadas e compreender os fatos. As outras (todas as puras, as virgens) receberão o óleo e a luz algum dia e serão grandemente abençoadas por isso; mas somente aquelas *cheias*

*Os manuscritos gregos mais antigos (Sinaítico e Vaticano) omitem "*vem*" e dizem: "Eis o Noivo!"

com o óleo, o espírito da verdade, terão a luz na época certa e receberão a grande bênção. Somente estas entrarão com o Noivo para as bodas. O óleo, ou espírito de consagração, e a luz que o acompanha não podem ser transmitidos de uma virgem para outra. Cada um, por si mesmo, deve ser cheio do espírito; cada um deve obter seu próprio suprimento desse óleo (a Verdade e seu espírito de consagração e santidade); e o custo é considerável em termos de abnegação, calúnias e provações ardentes. A experiência no grande tempo de angústia será o mercado em que as virgens insensatas comprarão seu óleo. Mas então será tarde demais para entrar nas bodas, como membros da Noiva, a esposa do Cordeiro. As Escrituras indicam, no entanto, que, como vasos de "menor honra", essas, arrependidas de sua insensatez, não serão destruídas; mas, estando assim preparadas para o uso do mestre, ainda assim o *servirão* em seu templo.

Voltando às palavras do anjo a *Daniel — o versículo 13* diz: "Mas segue o teu caminho até o fim; pois descansarás e ressuscitarás para receber a tua herança [porção, recompensa] no [após] fim dos [1.335] dias" — durante a colheita que então se iniciava.

Na expressão "Segue o teu caminho até o fim", deve-se observar que o "*fim*" tem um significado muito diferente do "tempo do fim". "A *colheita* é o *fim* da era"; e a colheita, como já foi mostrado, é o período de 40 anos que vai do outono de 1874 d.C., o término dos "1.335 dias", até o outono de 1914 d.C. E Daniel receberá sua porção, recompensa ou sorte no Reino de Miguel (Cristo), juntamente com todos os santos profetas, bem como com os santos da era evangélica, ao *final* desse período de "colheita"; sendo os santos os primeiros em ordem, bem como em honra, nesse Reino. (*Hebreus 11:40*) Veja ESTUDOS DAS ESCRITURAS, Vol.
I, página 288.

ESTUDO IV

A PURIFICAÇÃO DO SANTUÁRIO: 2.300 DIAS — *DANIEL 8:10-26*

O Verdadeiro Santuário — A Profanação — A Base ou Fundação — Como foi "Derrubado" — Evidências disso citadas em escritos católicos romanos — A purificação não será realizada até 2.300 anos após a visão — Como e onde começou, e quando deve ser concluída — Os "vasos de ouro", as verdades, devem ser repostos.

Nos capítulos anteriores, vimos a identidade do presunçoso e peculiar "chifre pequeno" de *Daniel 7:8, 11, 20-26* com o "Homem do Pecado" de *2 Ts 2:3* e com a "Abominação da Desolação" predita por nosso Senhor em *Mateus24:15*; e também que o mesmo poder papal é mencionado em *Daniel 8:9, 10, 23-25*. Examinamos, de forma suficiente para nossos propósitos atuais e espaço limitado, sua ascensão, seu caráter, a quebra de seu poder esmagador e sua destruição final e completa, que ainda está por vir.

Desejamos agora examinar outra profecia que aponta distintamente a única falsa doutrina especial, ou erro fundamental, que levou à rejeição total desse sistema por nosso Senhor e o tornou, aos Seus olhos, a *abominação* desoladora. A profecia a ser considerada agora mostra, além disso, o momento em que a verdadeira Igreja, a classe consagrada — o Santuário — será purificada das abomináveis impurezas introduzidas pelo papado.

Enquanto o capítulo anterior nos indicou certos dias de espera e uma purificação dessa classe santa, ou Santuário, esta profecia aponta uma data em que um núcleo de

crentes santos se libertaria inteiramente das impurezas papais, dos erros etc., e na qual os "vasos de ouro" apropriados indevidamente, ou verdades preciosas, começariam a ser devolvidos a essa classe santa ou do Santuário.

Citamos ***Daniel 8:10-26***, da seguinte forma:

"E tornou-se grande a ponto de [controlar] o exército do céu [toda a Igreja], e fez com que parte do exército e das luzes resplandecentes caíssem na terra, e as pisou. Sim, engrandeceu-se a ponto de se equiparar ao Príncipe do exército. [Assumiu para si honras e dignidades, e atribuiu a si mesmo profecias e títulos que pertencem a Cristo Jesus, o verdadeiro Chefe, Príncipe ou Cabeça da Igreja.] E tirou dele [de Cristo] o SACRIFÍCIO CONTÍNUO, e a BASE DE SEU SANTUÁRIO foi derrubada. E o exército [povo] foi entregue a ele contra o sacrifício contínuo, por causa da transgressão; e ele lançou a verdade ao chão, e suas obras prosperaram.

"Então ouvi um certo santo falando, e um santo disse a outro — não sei a quem ele se dirigia: 'Por quanto tempo durará a visão a respeito do sacrifício contínuo e da transgressão que causa desolação, a ponto de entregar tanto o santuário quanto o exército para serem pisoteados?' E ele respondeu: 'Até dois mil e trezentos crepúsculos e amanheceres [dias]; então o santuário será purificado.'

"E aconteceu que, quando eu, sim, eu, Daniel, tive a visão, procurei compreendê-la; e eis que diante de mim estava alguém com a aparência de um homem. E ouvi a voz de um homem entre as margens do [rio] Ulai, que clamou e disse: 'Gabriel, faze com que este homem compreenda a visão.' Então ele veio e ficou perto de onde eu estava; e quando ele chegou, caí com o rosto em terra, tremendo, e ele me disse: 'Presta bem atenção, ó filho do homem! Pois o Tempo do

[C97]

Fim' é a visão." Ora, enquanto ele falava comigo, caí prostrado no chão, pasmo; mas ele me tocou e me levantou, de volta ao lugar onde eu estava. E disse: "Eis que te revelarei o que está para acontecer até o fim dessas profecias malignas; pois isso diz respeito ao tempo do fim determinado."

"O carneiro que você viu, aquele com os dois chifres, (representa) os reis da Média e da Pérsia. E o bode peludo é o rei da Grécia; e o grande chifre que está entre seus olhos é o primeiro rei. Mas o fato de ele ter sido quebrado e de quatro terem surgido em seu lugar (significa que) quatro reinos surgirão daquela nação, mas não com o mesmo poder. E no fim do reinado deles, quando os transgressores tiverem enchido a medida de sua culpa [Compare *Gênesis 15:16*], surgirá um rei [o Papado] de rosto insolente [ou descarado], e versado em intrigas profundas. E seu poder será fortalecido [tornado poderoso], mas não com sua própria força. [O papado fortaleceu-se utilizando a força das diversas nações da Europa.] E ele destruirá de maneira espantosa e fará mais do que se pode acreditar; e destruirá [ou corromperá] os poderosos e o povo dos santos. E, por meio de sua astúcia, fará com que o engano prospere (a seu favor) em seu poder; e, em seu coração, ele se engrandecerá, e, pela prosperidade, corromperá [destruirá] muitos: ele também se levantará [como o anticristo] contra o Príncipe dos príncipes; e será quebrado sem intervenção humana. E [aquela parte da] visão relativa às tardes e manhãs que foi relatada [de que haveria 2.300, até a purificação] está correta; mas mantém a visão em segredo, pois ela se cumprirá depois de muitos dias."

Não entraremos em uma explicação detalhada sobre o carneiro, o bode, os chifres etc., mencionados nestes e nos versículos anteriores, pois acreditamos que eles já tenham sido esclarecidos.

[C98]

(Ver página 27) Já vimos que Roma, que é tratada como uma besta separada com seus próprios chifres, no capítulo VII, e como as pernas e os pés da imagem, no capítulo II, é aqui (capítulo VIII) tratada como um dos chifres do "bode" grego, que, depois de se tornar grande para o sul e para o leste, como Roma civil ou imperial, sofreu uma mudança e, tornando-se Roma papal, "tornou-se grande até mesmo para o exército do céu"; ou seja, tornou-se um poder eclesiástico ou império sobre o exército ou o povo. E esse mesmo método de tratar o Império Romano como um ramo ou desdobramento de uma das divisões do Império Grego é seguido na profecia histórica do capítulo XI.

Supõe-se geralmente que o sacrifício contínuo aqui mencionado se refira aos holocaustos diários ou contínuos dos judeus em Jerusalém. E essa supressão do sacrifício contínuo foi atribuída a Antíoco Epifânio, como já foi narrado. A profecia, no entanto, vai além do templo ou santuário típico e dos holocaustos típicos, e trata do santuário ou templo antitípico de Deus, a Igreja Cristã (***2 Corintios 6:16***), e do holocausto antitípico, o sacrifício meritório de Cristo, uma vez por todas e para sempre — um sacrifício *contínuo* e sempre eficaz pelos pecados do mundo inteiro.

O sacrifício *contínuo* de Cristo não foi de fato cancelado ou abolido pelo papado, mas foi posto de lado por uma falsa doutrina promovida por esse sistema — que, gradualmente, mas no final de forma plena e completa, deixou de lado o mérito do sacrifício de Cristo como um sacrifício *contínuo* e sempre eficaz. Essa falsa doutrina é conhecida como a Missa, ou Sacrifício da Missa.

Os protestantes, em geral, interpretam erroneamente esse chamado sacramento. Eles supõem que se trate meramente de uma *forma* diferente de celebrar a Última Ceia do Senhor, adotada pelos católicos romanos. Outros têm a ideia de que se trata de uma espécie de oração especial

[C99]

. Mas essas ideias são totalmente errôneas. A doutrina católica romana sobre a Missa é a seguinte: a morte de Cristo, afirmam eles, anulou o pecado adâmico ou original, mas não se aplica às nossas falhas, fraquezas, pecados e omissões diárias; não é um *sacrifício contínuo*, sempre meritório por todos os nossos pecados, sempre suficiente e eficaz para cobrir, como um manto, todo pecador e todo pecado, de modo a permitir que o contrito retorne à união e comunhão com Deus. Para tais pecados, o Sacrifício da Missa foi instituído: ele é considerado pelos papistas como um desenvolvimento posterior do sacrifício do Calvário. Cada vez que a Missa é oferecida em sacrifício, afirma-se, trata-se de um *novo* sacrifício de Cristo, para as pessoas e pecados específicos aos quais o sacerdote que a oferece mentalmente o aplica.

O Cristo que será assim sacrificado novamente é primeiro "criado" a partir do pão de trigo e do vinho pelo padre que celebra a missa. Trata-se de pão e vinho comuns até serem colocados sobre o altar; nesse momento, certas palavras da consagração, segundo se afirma, transformam o pão e o vinho na *própria* carne e no *próprio* sangue de Cristo. A partir daí, eles não são mais pão e vinho, embora ainda tenham essa aparência. Essa transformação é chamada de *transubstanciação* — mudança de substância. As cinco palavras mágicas em latim que, alega-se, operam essa transformação do pão e do vinho na *própria* carne e no *próprio* sangue são: "*Hoc est autem corpus meum*". Alega-se que qualquer padre pode, assim, criar Cristo em carne, *de novo*, para ser sacrificado *novamente*. E, tendo assim criado Cristo, toca-se um sino, e os padres e o povo se prostram e adoram o pão e o vinho, que agora reconhecem como o próprio Cristo. Feito isso, o pão (a verdadeira carne de Cristo, velada aos sentidos, dizem eles) é partido. Cristo é, assim, morto ou *sacrificado novamente*, repetidamente, para que os pecados específicos que se busca perdoar por esse meio sejam cancelados.

Levando adiante essa teoria absurda e esforçando-se para torná-la coerente consigo mesma, os concílios católicos romanos têm

emitido numerosos e longos decretos e explicações, e teólogos sábios (?) escreveram milhares de livros. Neles, ensina-se que, se uma gota do "sangue" (vinho) for derramada, ela deve ser cuidadosamente preservada e queimada, e as cinzas enterradas em solo sagrado; e da mesma forma o pão ("a carne de Cristo"): nem uma migalha deve ser perdida. Tomam-se precauções cuidadosas para que nenhuma mosca entre no "sangue" (vinho), ou para que nenhum rato ou cão pegue uma migalha da "carne" (pão) partida. E o Dr. Dens, um de seus principais teólogos, explica que: "Um rato ou um cão que come as espécies sacramentais não as come sacramentalmente; no entanto, isso prova que, *nesse momento*, *o corpo de Cristo não deixa de existir* sob as espécies."* O Catecismo Católico Romano (americano) expõe a doutrina da seguinte forma:

"Perg. O que é a sagrada eucaristia?

Resp. É um sacramento que contém o CORPO e o SANGUE, a ALMA e a DIVINDADE de Jesus Cristo, sob as formas e *aparências* do pão e do vinho.

P. Não são o pão e o vinho que são colocados primeiro sobre o altar para a celebração da missa?

Resp. Sim, são sempre pão e vinho até que o padre pronuncie as palavras da consagração durante a missa.

P. O que acontece com essas palavras?

Resp. O pão se transforma no CORPO de Jesus Cristo, e o vinho, no seu SANGUE.

P. Como se chama essa transformação?

R. Chama-se *transubstanciação*, ou seja, a transformação de uma *substância* em outra.

P. O que é a Missa?

R. A Missa é o sacrifício perpétuo ["diário" ou "contínuo"] da nova lei, no qual Cristo, nosso Senhor, *se oferece* pelas mãos do sacerdote, de maneira incruenta, sob as *aparências* de pão e vinho, a seu Pai Celestial, *assim* como outrora se ofereceu na cruz de maneira cruenta.

*Dens, Tract. de Euchar., n.º 20, p. 314.

[C101]

P. Qual é a diferença entre o sacrifício da Missa e o sacrifício da Cruz?

R. O sacrifício da Missa é essencialmente o mesmo [tipo ou espécie de] sacrifício que o da Cruz; a única diferença está na *forma* de oferenda.

P. Quais são os efeitos da Missa como sacrifício de propiciação [satisfação]?

R. Por meio dela, obtemos da misericórdia divina, em primeiro lugar, as graças da contrição e do arrependimento para o perdão dos pecados; e, em segundo lugar, a remissão das penas temporais merecidas pelos pecados.

P. A quem se aplicam os frutos [benefícios] da Missa?

R. Os frutos gerais são aplicados a toda a Igreja, tanto aos vivos quanto aos mortos; os frutos *especiais* são aplicados, em primeiro lugar, principalmente ao sacerdote que celebra a Missa; em seguida, àqueles por quem ele a oferece em particular; e, em terceiro lugar, àqueles que nela participam com devoção [ou seja, aqueles que assistem à Missa como fiéis].

A mesma autoridade afirma: "Aquele que sacrifica é o *sacerdote*; a coisa sensível que é sacrificada é chamada de *vítima*; o lugar onde ela é sacrificada é chamado de *altar*. Esses quatro
—*sacerdote*, *vítima*, *altar* e *sacrifício*—são inseparáveis: cada um deles pressupõe os demais."

Mais uma vez, ao explicar a cerimônia, diz-se a respeito do sacerdote: "Em seguida, ele pronuncia as palavras misteriosas da *Consagração*
ção, adora, fazendo uma genuflexão, e eleva o Sagrado Corpo e o Sagrado Sangue acima de sua cabeça. Ao som do sino, o povo adora de joelhos e bate no peito em sinal de arrependimento por seus pecados. O sacerdote *suplica a Deus que, em sua misericórdia,* ACEITE O SACRIFÍCIO."

Encerramos o testemunho sobre este assunto com uma breve citação dos Cânones do Concílio de Trento*, como segue:

Cânon 3. "Se alguém disser que a Missa é apenas um serviço de louvor e ação de graças, ou uma mera comemoração do sacrifício feito na Cruz, e não [*em si mesma*] um

*Concílio de Trêntio, Sessão 22. Sobre o Sacrifício da Missa.

oferta propiciatória [ou seja, um sacrifício que, por si só, *expia* os pecados]; ou que ela beneficie apenas aquele que a recebe, e não deva ser *oferecida* pelos vivos e pelos mortos, pelos pecados, pelas penas, pelas expiações e por outras necessidades: que seja amaldiçoado [aquele que assim negar o poder deste *sacrifício*]."

Assim, vemos claramente que o papado substituiu o sacrifício eterno, completo e irrepetível do Calvário, realizado de uma vez por todas, por um sacrifício falso ou simulado. Foi assim que o papado tirou da obra de Cristo o mérito de ser corretamente considerado o Sacrifício Contínuo, substituindo-*o por* uma fraude, realizada por seus próprios sacerdotes. Não há necessidade aqui de detalhar a razão pela qual o papado nega e descarta o verdadeiro Sacrifício Contínuo, substituindo-o pela "abominação", a missa; pois a maioria de nossos leitores sabe que essa doutrina — segundo a qual o padre realiza na missa um sacrifício pelos pecados, sem o qual estes não podem ser perdoados nem suas penas evitadas — constitui o próprio alicerce de todos os diversos esquemas da Igreja de Roma para extorquir dinheiro do povo, a fim de financiar todas as suas extravagâncias e luxos. "Absoluções", "indulgências" e todos os diversos supostos benefícios, favores, privilégios e imunidades, tanto para a vida presente quanto para a futura, tanto para os vivos quanto para os mortos, baseiam-se nessa doutrina blasfema da missa, a doutrina fundamental da apostasia. É em virtude do poder e da autoridade que o sacrifício da missa impõe aos *sacerdotes* que suas outras pretensões blasfemas — de possuir e exercer as diversas prerrogativas que pertencem exclusivamente a Cristo — são toleradas pelo povo.

Como evidência do caráter fundamental desse erro, observe-se que, embora a Reforma na Alemanha e na Suíça tenha começado com a oposição às indulgências, logo se tornou uma questão relativa *à transubstanciação*

[C103]

— o sacrifício da missa. A pedra angular da Reforma era que o perdão dos pecados era efetuado somente por Cristo, como consequência de seu sacrifício no Calvário, e não por meio de indulgências, confessionários e missas. De fato, essa questão da missa estava na origem de quase todas as perseguições de Roma. O bispo Tilotson observa: "Isso [*a transubstanciação — a missa*] tem sido, na Igreja de Roma, o grande artigo *polêmico*; e, por mais absurdo e irracional que seja, mais cristãos foram assassinados por negá-lo do que, talvez, por todos os outros artigos de sua religião."

É claro que os romanistas afirmam que a missa foi instituída por Cristo e pelos apóstolos; mas a menção mais antiga que conseguimos encontrar foi no Concílio de Constantinopla, em 381 d.C. No entanto, a data da introdução desse erro contaminador não é mencionada especificamente na profecia, exceto que, em virtude desse erro fundamental, o papado tornou-se a "Abominação da Desolação" *antes mesmo* de ser, como tal, "estabelecido" no poder, o que, como vimos, ocorreu em 539 d.C.

A profecia declara: "Tirou-lhe [a Cristo] o sacrifício contínuo", e em seguida acrescenta: "e a *base* do seu Santuário foi derrubada". A base, ou *verdade fundamental*, sobre a qual a classe verdadeiramente consagrada, ou do Santuário, está edificada, é que nosso Senhor Jesus, por meio do sacrifício de si mesmo, redimiu a todos e salvará plenamente todos os que se aproximarem de Deus por meio dele, sem qualquer outro mediador, sem sacerdote, bispo ou papa, e sem qualquer outro sacrifício — qualquer outro sendo uma abominação aos olhos de Deus, pois ensina, por implicação, a insuficiência do grande sacrifício de resgate de Cristo. *Hebreus 7,25; 10,14*

Essa doutrina do *resgate* é a base do Santuário ou templo sagrado — a Igreja consagrada. E quando esse

"sacrifício contínuo" foi suplantado, invalidado ou derrubado pela missa, seguiram-se então os males preditos pelo profeta. A multidão (cristãos nominais) foi entregue ao erro, facilmente conduzida pelo falso sistema que se exaltou (na pessoa de seu chefe, o papa) a ponto de se tornar o Príncipe ou governante sobre a multidão. "E ela derrubou a *verdade* no chão", juntamente com aqueles da multidão e das luzes resplandecentes, ou mestres, que se mantiveram firmes na verdade e não se uniram a ela em seu caminho de transgressão. E, como vimos nos capítulos anteriores, ela prosperou maravilhosamente em suas obras.

Sendo assim posto de lado o próprio fundamento da verdadeira fé cristã, é de se admirar que a grande apostasia tenha caído em tais profundezas de iniquidade como de fato aconteceu? Um erro levou a outro, até que restassem apenas formas externas de verdade e piedade; e a abominação desoladora se instalou no templo de Deus, profanando tanto o Santuário quanto o exército, e exaltando seu chefe como vigário ou representante de Cristo.

Em meio a essas cenas do sucesso da Abominação da Desolação, Daniel ouve os santos perguntarem: "Por quanto tempo durará a visão a respeito do sacrifício contínuo e da transgressão que causa desolação, a ponto de entregar tanto o Santuário quanto o exército para serem pisoteados?" Desde que a abominação foi estabelecida, sempre houve santos que, de forma mais ou menos distinta, reconheceram seu caráter e suas profanações, e ansiosamente buscaram saber, clamando a Deus: "Até quando, ó Senhor! A verdade será pisoteada na lama, e o erro, a blasfêmia e as abominações terão permissão para prosperar?" Até quando o anticristo, "embriagado com o sangue dos santos e mártires de Jesus" e com seu sucesso fenomenal, continuará a embriagar e enganar as nações? (*Ap. 17:2,6; 14:8; 18:3*) E, antecipando-se à pergunta deles, de Daniel e à nossa, Deus deu a resposta antecipadamente, por meio de seu mensageiro. E embora os termos nem sequer pudessem começar a ser compreendidos

antes do tempo do fim, a fixação ou limitação do tempo deu a outros, assim como a Daniel, a certeza de que Deus tem controle total da situação, de modo que nada pode acontecer que Ele não possa e não vá controlar e, em última instância, reverter para o bem. Essa resposta marca, não o início da obra de purificação, mas um período em que ela estaria, em certa medida, concluída. Ela diz o seguinte:

> "Até dois mil e trezentos dias; então
> o santuário será purificado"

Ao examinar esse período de tempo, o estudante percebe imediatamente que não se trata de dias literais; pois 2.300 dias literais seriam menos de oito anos, e, no entanto, a profecia evidentemente abrange todo o longo período da profanação do Santuário e do pisoteio da verdade. Além disso, observamos que está predito que esses 2.300 dias terminarão *em* algum momento do período chamado de "tempo do fim"; pois Gabriel disse: "Presta bem atenção, ó filho do homem! Pois a visão diz respeito ao tempo do fim"; e ainda: "Eis que te revelarei o que está para acontecer até o fim dessas profecias malignas; pois isso [o cumprimento] diz respeito ao tempo do fim determinado."

Em sua explicação, Gabriel percorre toda a visão, explicando em parte os vários símbolos, e conclui com a garantia de que os 2.300 dias são a medida correta de tudo isso.

Daniel, que pensava especialmente em Israel e no cumprimento das promessas de Deus aos pais, percebeu que tudo o que havia ouvido não poderia ocorrer em 2.300 dias literais, especialmente quando Gabriel lhe disse: "Mas guarda a visão para ti, pois ela se cumprirá depois de *muitos* dias." E embora não soubesse quanto tempo duraria cada dia simbólico, seu coração ficou angustiado ao pensar em tantos males que estavam por vir sobre o povo de Deus — embora ele não tivesse percebido a mudança daquele nome, de Israel carnal para Israel espiritual. Lemos: "E

eu, Daniel, fiquei abatido e doente por alguns dias"; e "Fiquei pasmo com a visão, mas ninguém conseguia interpretá-la". E foi bom para Daniel, e para todos os filhos de Deus daquele momento até o tempo do fim, que o terrível significado daquela visão do poder papal e da perseguição, bem como do sofrimento dos santos, não tenha sido revelado com mais clareza antecipadamente. Nosso misericordioso Pai Celestial, embora disposto a provar seu povo na fornalha da aflição e da perseguição, a fim de preparar um povo para o peso imenso e eterno da glória prometida, lida conosco segundo o princípio: "Basta ao dia o mal dele".

Daniel, que estava mais interessado em Israel do que no "carneiro" persa ou no "bode" grego, sabia, pela profecia de Jeremias, que os setenta anos de cativeiro na Babilônia eram um castigo sobre Israel por seus pecados; e assim, agora, ele concluiu, a partir da visão das perseguições vindouras (em vez da exaltação e da glória que esperava), que isso prenunciava o pecado de Israel e a ira de Deus; por isso, orou fervorosamente pelo perdão dos pecados de Israel e pelo cumprimento das promessas feitas aos pais. Isso é relatado em poucas palavras em *Daniel 9,2-19*. Daniel não percebeu o alcance do plano divino como podemos contemplá-lo hoje; no entanto, sua dedicação e fé nas promessas agradaram a Deus, que, por isso, revelou-lhe algo mais a respeito dessa visão — um aprofundamento ou uma elaboração mais detalhada dela, nos aspectos que diziam respeito especificamente ao Israel físico. Daniel supôs que o fim dos setenta anos de desolação da terra de Israel, enquanto seu povo estava na Babilônia, seria assim prolongado, ou continuado, por muitos (2.300) dias. Deus corrige esse erro enviando Gabriel para informá-lo de que o cativeiro terminaria quando os setenta anos se completassem, e que a cidade de Jerusalém e o templo seriam reconstruídos, embora em um período conturbado, etc.

Foi enquanto Daniel orava a respeito da visão dos 2.300 dias — que ele interpretou erroneamente como um prolongamento

do cativeiro de 70 anos na Babilônia, que Gabriel foi enviado para *explicar* melhor *essa visão mal interpretada*, da seguinte forma (***Daniel 9,21-27***):

"E ele falou comigo e me instruiu, dizendo: 'Ó Daniel, agora vim para te ensinar, a fim de que possas compreender. Desde o início de tuas orações, a [nova] declaração [do plano de Deus, agora a ser comunicada] foi emitida, e eu vim para anunciá-la; pois tu és muito amado; portanto, compreende este [novo] assunto e entende a visão [dos 2.300 dias]. Setenta semanas [70 x 7 = 490 dias] estão determinadas [ou reservadas, fixadas ou definidas] para o teu povo [Israel] e para a tua cidade santa [Jerusalém]", etc.*

O ponto a ser destacado aqui especialmente é que os 490 dias são uma parte dos 2.300 dias — uma parte destacada como de especial interesse para Daniel, em resposta à sua oração sobre a restauração de Israel da Babilônia. (Veja *os versículos 12, 16-18*.) Como essas setenta semanas, ou 490 dias, constituíam a parte inicial dos 2.300, seu cumprimento não apenas serve para nos mostrar quando os 2.300 começaram, mas também para indicar que tipo de tempo (literal ou simbólico) estava sendo significado. (Ver *1 Pedro 1:11*.) E, mais do que isso, o cumprimento dessa profecia das "setenta semanas" serviria para selar Daniel como um verdadeiro profeta, bem como todas as suas profecias; e, especialmente, *selaria* essa "visão" dos 2.300 dias. E assim foi predito que as setenta semanas deveriam, entre outras coisas, servir para *"selar* a visão e o profeta".

Assim, reconhecendo as setenta semanas simbólicas, ou 490 dias, cumpridas em anos, como a parte inicial dos 2.300 dias e como o selo ou marca de aprovação de Deus para toda aquela visão, começamos a partir daí a contar, para ver onde todo o período se cumprirá. Subtraindo dos 2.300 os 490 cumpridos na primeira vinda, temos um restante de 1.810. Então,

*Para uma análise dessa profecia, consulte o Vol. II, capítulo III, página 63.

1.810 anos (dias proféticos e simbólicos) devem ser a medida desde o fim das setenta semanas até o momento em que a classe do Santuário será purificada das diversas impurezas do papado — a abominação desoladora que, por tantos séculos, contaminou o templo de Deus.

A morte do Messias, conforme demonstrado, ocorreu na primavera de 33 d.C.;* e isso ocorreu no meio da última semana das setenta, cujo término completo foi, portanto, meia semana, ou três anos e meio depois — no outono de d.C. 36. Portanto, 1.810 anos a partir do outono de 36 d.C., ou seja, o outono de 1846, marca o fim da visão dos 2.300 dias e a data em que o Santuário deveria ser purificado.

Tendo-se cumprido essa profecia, deveríamos esperar, neste como em outros casos de profecias cumpridas, encontrar os fatos que comprovam seu cumprimento claramente expostos nas páginas da história; pois, embora os historiadores muitas vezes não acreditem na Bíblia e no Deus da Bíblia, ainda assim, sem que eles saibam, Deus tem guiado seu trabalho, de modo que, sempre que uma profecia se cumpriu, os fatos passaram inequivocamente para a história, e sempre com base em fontes confiáveis e fidedignas. E assim aconteceu neste caso da purificação do Santuário.

Constatamos, com base na autoridade de todos os historiadores modernos, que o que todos denominam de Grande Reforma teve seu início no século XVI — exceto os escritores católicos romanos, que a chamam de grande sedição. E é com essa reforma que se pode datar o início da purificação do Santuário. Tenhamos em mente que o Santuário foi profanado pela introdução de vários erros com suas correspondentes tendências malignas, que o clímax disso foi alcançado com a introdução da missa e que, na esteira desse erro, veio a mais profunda degradação *da hóstia* (as massas de

*Ver vol. II, página 68.

[C109]

da igreja nominal), culminando na venda descarada de "indulgências", o que provocou consideravelmente o movimento de reforma. Embora a classe *do Santuário* também tenha sido, em certa medida, profanada, ou seja, enganada a cair nesse erro, os resultados terríveis abriram seus olhos para isso. E, consequentemente, constatamos que o tema central da Grande Reforma foi a justificação pela fé no *"sacrifício* contínuo" de Cristo, que não necessita de repetição
— em oposição ao perdão que se supunha ser garantido por penitências e missas, nos altares contaminados do anticristo.

Esse era o ponto certo para a reforma começar: na base — a justificação [purificação] *pela fé* no "*sacrifício contínuo*". No entanto, observe que a profecia não indica uma purificação da *multidão* nesse momento, mas apenas da classe *do Santuário*. A multidão também não foi purificada. Ela ainda mantinha o erro, e o mantém até hoje; mas a classe consagrada, o Santuário, renunciou ao erro e sofreu pela verdade, muitos deles até a morte.

Mas isso foi apenas o início do processo de purificação; pois essa classe, agora despertada, logo descobriu que os erros contaminadores haviam se multiplicado enquanto o papado praticava e prosperava. Lutero, o espírito central da Reforma, não se limitou a um único erro, mas tentou rejeitar muitos outros e pregou na porta da igreja de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517, noventa e cinco teses, todas elas objeções às doutrinas do papado, sendo a vigésima sétima uma negação da alegada imortalidade inerente ao homem. Tendo essas proposições sido denunciadas como heresia pelo Papa Leão X, Lutero, em sua resposta (ano de 1520 d.C.), denunciou em termos veementes as doutrinas da transubstanciação, da imortalidade humana e da pretensão do papa de ser "Imperador do mundo, rei do céu e Deus na terra", e se referiu a elas como "OPINIÕES MONSTRUOSAS ENCONTRADAS NO MONTE DE ESTRUME ROMANO DAS DECRETAIS"."

Mas, ai de mim! A obra de "purificação" tão nobre e corajosamente

iniciada era radical demais para ser popular, e os amigos e admiradores de Lutero e seus companheiros saíram vitoriosos em certa medida, dominando-os com *astúcia*, prudência, "bajulações" e promessas de ajuda e sucesso, desde que seu rumo fosse moldado de acordo com os ditames da sabedoria deste mundo. (Ver ***Daniel 11:34, 35***.) Vários dos príncipes alemães tornaram-se admiradores fervorosos dos ousados reformadores, que possuíam tanto o entendimento quanto a coragem para atacar o sistema diante do qual os reis haviam tremido por séculos. Esses príncipes ajudaram os reformadores, e sua ajuda lhes parecia indispensável para o sucesso do movimento. E, em troca da ajuda que receberam dos reformadores, o reconhecimento de seus direitos reais (?).

Devemos lembrar também que o movimento reformista foi uma revolta não apenas contra a tirania religiosa, mas também contra a tirania política. E as duas classes de reformadores passaram a ter, em maior ou menor grau, simpatia e cooperação mútuas. A respeito dessa era da Reforma, o professor Fisher* afirma:

Sobre a Suíça — "Os esforços de Zwingli como reformador da Igreja se misturavam ao zelo patriótico pela regeneração moral e política da Suíça."

Sobre a época de João Calvino e o governo de Genebra —"A revolução civil foi seguida por uma revolução eclesiástica. O protestantismo foi legalmente estabelecido (1535). Calvino tornou-se o verdadeiro legislador da cidade. Era um Estado eclesiástico."

Sobre a Escandinávia — "Nos países escandinavos, o poder monárquico foi consolidado por meio da Reforma."

Sobre a Dinamarca — "A nova doutrina [protestante] havia chegado ao país e estava se espalhando. Os nobres que cobiçavam as posses da Igreja [católica romana] a abraçaram."

*História Universal de Fisher, pp. 402-412.

[C111]

Sobre a Suécia — "Ocorreu uma grande revolução política, que envolveu também uma revolução religiosa."

Sobre a Alemanha — "As ameaças contra os príncipes protestantes os levaram a formar a *Liga de Smalcald*, para defesa mútua. Verificou-se que era impraticável aplicar as medidas de repressão contra os luteranos." "Na Dieta de Augsburgo, em 1555, foi firmada a *Paz Religiosa*. Cada príncipe teria permissão para escolher entre a religião católica e a Confissão de Augsburgo [dos reformadores]; e a religião do príncipe seria a do território sobre o qual ele reinava: ou seja, cada governo deveria escolher o credo para seus súditos."

De fato, as circunstâncias políticas da época, combinadas com o fato de que mesmo os líderes da reforma estavam apenas começando a perceber alguns dos erros morais e alguns dos erros doutrinários do papado, nos levam a admirar os rápidos avanços em direção ao que era certo, em vez de condená-los severamente por não terem feito uma purificação mais completa. Mas quando as igrejas protestantes se uniram ao Estado, o progresso e a reforma estagnaram. Logo surgiram credos que eram quase tão inflexíveis e contrários ao avanço do conhecimento quanto os decretos de Roma, embora mais próximos da verdade do que os de Roma — amarras de maior amplitude.

Assim, o mesmo tipo de união entre igreja e Estado que antes havia causado tanto dano à verdade, no papado, foi a armadilha pela qual o adversário impediu e obstruiu a "purificação do santuário", tão nobremente iniciada. A Reforma e a purificação cessaram por um tempo e, em vez de avançarem com a purificação, os reformadores dedicaram-se a se organizar e a reformular e repolir muitos dos antigos dogmas papais, inicialmente condenados com tanta veemência. Assim, Satanás atraiu os reformadores para a

própria "prostituição" (união entre Igreja e Estado) que haviam denunciado na Igreja de Roma. E assim a ferida mortal que o papado havia recebido foi, por um tempo, curada. ***Apocalipse 13:3***

Mas a "purificação", assim iniciada e assim interrompida, deve recomeçar e prosseguir; pois, ao final dos 2.300 anos, o Santuário deve ser purificado. E assim tem sido. O retorno à Bíblia como única autoridade para a fé, pelo qual a Reforma foi iniciada, plantou profundamente sementes que, desde então, brotaram repetidas vezes, e geraram uma reforma após a outra, apesar de os principais reformadores terem rapidamente tentado impedir a propagação da reforma além de seus próprios limites, estabelecendo credos e baluartes de fé além dos quais, independentemente dos ensinamentos da Bíblia, ninguém tinha permissão para ir, sem incorrer no anátema de "herege".

Olhando ao longo do caminho da Igreja, desde os dias de Lutero até hoje, podemos ver que, passo a passo, a reforma ou purificação tem progredido; e, no entanto, a mesma tendência se destaca a cada passo; pois cada grupo de reformadores, assim que realizava sua pequena parte da purificação, parava e se unia aos outros, em oposição a qualquer reforma ou purificação adicional.

Assim, a Igreja da Inglaterra, descartando algumas das doutrinas e práticas mais grosseiras da Igreja de Roma, afirmava — e ainda afirma — que é a única Igreja verdadeira e que seus bispos possuem sucessão apostólica e, portanto, o controle supremo sobre a herança de Deus. Essa "filha" de Roma, deixando a "mãe", aceitou o braço estendido da Inglaterra e fez do soberano do império o chefe daquela igreja. No entanto, assim como aconteceu com a "filha" luterana, mesmo isso foi uma reforma, e na *direção* certa — uma purificação *parcial*. Calvino, Knox e outros descobriram que a presciência de Deus sobre os eventos que se desenrolavam havia sido amplamente perdida

[C113]

sob o lixo papal; e, rejeitando a ideia de que o sucesso dos planos de Deus dependesse inteiramente dos esforços de homens falíveis, suas doutrinas ajudaram a mostrar que a Igreja não dependia do braço do Estado para alcançar o sucesso por meio de armas carnais. Esses homens realizaram uma obra grandiosa e valiosa, que desde então tem rendido mais frutos bons do que muitos parecem perceber. No entanto, cegados por outros erros contaminadores não reconhecidos como tal, foram levados a defender o erro de que todos os que não fossem escolhidos para o estado celestial estavam condenados ao tormento eterno. Logo suas doutrinas se cristalizaram sob o nome de presbiterianismo; e, além da primeira enunciação da imutabilidade dos decretos divinos, pouco foi feito por eles para auxiliar a reforma ou a purificação. E, assim como suas seitas irmãs, o presbiterianismo também fez muito para obstruir e impedir a obra de purificação.

Os Wesleys e seus colaboradores, oprimidos pela frieza e formalidade predominantes de sua época, empenharam-se em eliminar parte do formalismo frio que naturalmente resultava da união entre Igreja e Estado, e a mostrar a necessidade da santidade individual por meio da fé pessoal em Cristo e da união com Ele — ensinando que o fato de nascer sob um chamado governo cristão e ser considerado, desde o nascimento, membro dessa organização de igreja estatal, não é cristianismo. Isso foi excelente até certo ponto e uma parte necessária da obra de "purificação"; mas, em vez de prosseguir rumo à perfeição na simplicidade da igreja primitiva, Wesley também logo concluiu que a obra de purificação e reforma estava concluída e, juntamente com outros, *organizou* o metodismo, cercando-o com o credo, as fórmulas e os padrões do metodismo de tal forma que impediram efetivamente qualquer progresso e purificação adicionais. O unitarismo e o universalismo, embora também incorporem erros, têm sido tentativas de expulsar erros contaminadores, que talvez tenham sido proporcionalmente tão bem-sucedidas quanto malsucedidas quanto as outras.

[C114]

Os chamados batistas representam outro esforço para purificar o Santuário, expulsando outro erro introduzido pelo papado com relação ao batismo e negando que a aspersão de uma criança incrédula seja o batismo de um crente, ou que a aspersão, de qualquer forma, simbolize sequer alguma doutrina de Cristo. No entanto, além do ensino de uma *forma* ou símbolo *externo* correto, os batistas fizeram pouco progresso e, atualmente, costumam se aliar a outros como opositores e impedidores de qualquer purificação adicional.

Uma reforma posterior é conhecida pelo nome de "A Igreja Cristã" ou "Os Discípulos". Essa seita foi organizada em 1827 por Alexander Campbell. As reformas que defendiam especialmente em sua fundação eram: a simplicidade apostólica no governo da igreja; a Bíblia como único credo; a igualdade de todos os membros de Cristo sob Ele como cabeça de todos; e, consequentemente, a abolição de títulos eclesiásticos, tais como Reverendo, Doutor em Teologia etc., por serem de origem romana e contrários ao espírito de Cristo e ao cristianismo puro, que diz: "Todos vós sois irmãos, e um só é o vosso mestre, a saber, Cristo." O propósito e a purificação, na medida em que ocorreram, foram bons e deram frutos nas mentes e nas liberdades de alguns em todas as denominações. Mas essa denominação, assim como as outras, deixou de buscar novas reformas, e o espírito de sua reforma já está morto; pois, embora reivindique a Bíblia como único credo, ela parou na rotina e ali gira sem avançar na verdade. Ao reivindicar liberdade dos credos e dos grilhões da tradição humana, ela deixa de usar essa liberdade; por isso, está realmente presa em espírito e, consequentemente, não consegue crescer na graça e no conhecimento. Embora não esteja vinculada a nenhum credo escrito, por seu respeito às tradições e à honra dos homens, bem como por sua autocomplacência, logo se tornou estagnada e indiferente à obra de purificação adicional do Santuário, e está até mesmo retrocedendo em relação à sua posição anterior.

[C115]

Embora tenhamos mencionado apenas alguns dos reformadores e movimentos reformistas, não devemos ser interpretados como rejeitando ou ignorando os demais. Longe disso: a reforma tem sido geral, e todos os cristãos verdadeiros e sinceros têm tido alguma participação na obra de *purificação*. A grande dificuldade reside no fato de que, preconceituosos devido à formação inicial e intimidados pelas afirmações estrondosas e presunçosas do erro, poucos conseguem enxergar a enorme quantidade de erros e a consequente necessidade de avançar com a purificação. E nosso grande adversário, Satanás, não demorou a usar essas vantagens para amarrar os santos e impedir a obra de purificação.

Outra reforma — e, em alguns aspectos, a mais completa de todas — teve início logo após a última mencionada, conforme referido brevemente no capítulo anterior. O Sr. William Miller, de Massachusetts, ligado à denominação batista, que foi o instrumento utilizado para dar início a essa reforma, chamou a atenção da Igreja para o fato de que a Bíblia revela algo sobre o tempo, bem como sobre a ordem, do plano de Deus. Ele viu períodos registrados pelos profetas, acompanhados da afirmação de que, no tempo devido, os verdadeiramente sábios os compreenderiam, e procurou fazer parte da classe descrita. Ele pesquisou e encontrou algumas coisas de grande interesse, há muito perdidas de vista sob as tradições de Roma; entre outras, que a segunda vinda de nosso Senhor tinha como objetivo a concessão da bênção da *vida* de Deus aos crentes, assim como a primeira vinda teve como objetivo a redenção do mundo; na verdade, que o resgate e a recuperação são duas partes de um único plano redentor.

Para um coração honesto e sincero, compreender tais boas novas não poderia significar nada menos do que proclamá-las; e foi isso que ele fez. A revelação dessa verdade levou à rejeição de certos erros e, por isso, ele realizou uma obra de purificação em todos os que se encontraram sob sua influência. Por exemplo, visto que a segunda vinda de nosso Senhor tem como objetivo "estabelecer" seu Reino e exaltar sua Igreja, é evidente

que as alegações das igrejas associadas a reinos terrenos (que, separadamente, afirmam ser os reinos de Deus e que, portanto, estão agora autorizadas a reinar e governar sobre o mundo) devem ser meras suposições; pois, se o Reino de Cristo ainda não foi "estabelecido", aqueles que agora estão "estabelecidos" devem ter sido exaltados pelo "príncipe deste mundo" (Satanás), e devem estar atuando em grande parte em seu interesse, por mais que seus governantes possam ignorar esse fato.

Outro erro, cuja eliminação *foi promovida* pela pregação do Sr. Miller, era a imortalidade natural do homem. Há muito se consolidara a ideia de que o homem é, por natureza, um ser imortal; ou seja, que, uma vez criado, ele nunca pode morrer, e que a morte é meramente uma ilusão enganosa; que o homem apenas parece morrer, e não morre de fato, mas simplesmente muda de forma e dá mais um passo na "evolução". O Sr. Miller acreditava, como outros, nesse assunto; no entanto, as verdades para as quais ele chamou a atenção, particularmente as doutrinas da vinda do Senhor e da *ressurreição* dos mortos, foram as primeiras a expor de forma contundente esse erro nefasto — que nega a ressurreição ao ensinar que ninguém está morto e, portanto, que a segunda vinda do Senhor e a ressurreição dos mortos não são necessárias. Mas deixamos a análise crítica desse assunto para um volume futuro desta obra, no qual será demonstrado que a imortalidade e a vida eterna são graças, obtidas somente por meio de Cristo, e que não são prometidas nem concedidas aos ímpios. Baseada na ideia da imortalidade humana — e dela decorrente — está a doutrina católica do purgatório e a doutrina protestante, ainda mais terrível, da miséria *eterna* em um lugar de torturas intermináveis; pois eles raciocinam: se o homem *deve* viver para sempre (e, *se imortal*, nem mesmo Deus poderia destruí-lo), ele deve viver em felicidade eterna ou em miséria eterna. E, como, dizem eles, ele é remetido, ao morrer, à sua condição eterna, a grande maioria deve, então, iniciar uma eternidade de tortura, porque, nos poucos anos da vida presente

vida, ou não conseguiram adquirir o conhecimento do caminho correto, ou, tendo obtido esse conhecimento, foram, por causa de fraquezas herdadas etc., incapazes de trilhá-lo.

Essa grande *raiz* de muitos erros devastadores começou a ser arrancada e rejeitada pela pregação da segunda vinda de Cristo e da ressurreição declarada como iminente. Pessoas inteligentes e reflexivas começaram a se perguntar por que o Senhor ressuscitaria os mortos, se eles estivessem no céu ou no inferno, e sua sorte estivesse para sempre e inalteravelmente determinada. Então, passaram a se perguntar por que os mortos eram chamados de mortos, se na verdade estavam vivos. Então se perguntaram por que nosso Senhor e os apóstolos nada diziam sobre os mortos ainda estarem vivos, mas, pelo contrário, sempre apontavam para a ressurreição como a única esperança; chegando mesmo a declarar que, se não houvesse ressurreição, todos teriam "*perecido*". (***1 Corintios 15:13-18***) Então, as palavras de nosso Senhor, prometendo um despertar para "todos os que estão nos seus túmulos", começaram a fazer sentido; e, gradualmente, percebeu-se que os mortos não estão vivos, mas que a morte significa o oposto da vida. E aqueles que buscaram descobriram que as Escrituras estão em perfeita harmonia entre si sobre esse assunto, mas em oposição direta às tradições comuns de hoje, herdadas do papado.

Uma vez removida a raiz do erro, os diversos ramos logo começaram a murchar; e logo ficou claro que, em vez de a vida eterna (na miséria) ser o castigo dos ímpios, o contrário é o que a Bíblia afirma sobre o plano de Deus: que a vida eterna é a recompensa pela justiça, e que a morte, um afastamento da vida, é o castigo para os pecadores obstinados.

Então passou a ficar claro o que significava a maldição da *morte* que recaiu sobre toda a raça humana por causa da desobediência de Adão — que toda a raça estava condenada à extinção. Então, também, o véu começou a se levantar, revelando o objetivo e o valor da morte do redentor, como o pagamento da

pena imposta à raça, a fim de que houvesse uma ressurreição, uma restauração à vida e aos seus direitos. Ah! Então o significado do *resgate* começou a ser compreendido, ao perceber-se que aquele que não conheceu pecado foi tratado como amaldiçoado; que, tendo-se substituído voluntariamente em nosso lugar, ele se tornou maldição por nós, foi tratado como pecador por nós e *morreu*, o justo *pelos* injustos. Assim, finalmente, o grande sistema e a rede de erros contaminadores, que começaram com a supressão do sacrifício contínuo, foram removidos; e, com o Santuário aliviado ou purificado disso, o valor do "*sacrifício* contínuo" de Jesus foi visto com renovada frescura, beleza e poder. Quando dizemos que o Santuário foi purificado dessa contaminação, devemos lembrar que, nas Escrituras, uma parte da Igreja não raro representa o todo. Um grupo, um pequeno número, havia sido libertado do erro contaminador; e a esses poucos, Deus vem acrescentando diariamente aqueles que estão
estão plenamente sob Sua orientação e são instruídos por Ele.

Em seu cálculo do que ocorreria, o Sr. Miller estava longe de estar correto — supondo que a purificação do Santuário significasse uma purificação da *Terra* do mal, por meio de fogo literal no qual a Terra seria consumida. O fracasso de suas previsões, que se seguiu, foi uma dura provação para aqueles que, sob seus ensinamentos, haviam aprendido a esperar o Senhor do céu e o cumprimento da oração: "Venha o teu reino". Mas, embora desapontados com a demora do Noivo, eles foram grandemente abençoados. Sua experiência no estudo das Escrituras foi valiosa, e eles aprenderam a colocar a Palavra de Deus acima das tradições dos homens. Eles haviam se libertado, em certa medida, da servilidade à honra e ao respeito dos homens nas várias denominações das quais haviam se separado, pois haviam sido afastados de seu grupo por causa da obediência às suas convicções relativas ao tema da vinda do Senhor. A honestidade para com as convicções sempre traz alguma bênção: assim como Paulo, a caminho de Damasco, encontramos o Senhor no caminho.

[C119]

Consequentemente, constatamos que, entre eles, havia alguns que assumiram uma postura mais avançada na obra de purificação ou reforma do que qualquer um de seus antecessores. Assim, em 1846 d.C., o fim dos 2.300 dias, conforme mostrado acima, encontrou um núcleo desorganizado de cristãos, que não apenas concordavam com os "Discípulos" quanto à simplicidade do governo da igreja, ao rejeitar todos os credos exceto a Bíblia, e a abolição de todos os títulos por parte de seus ministros, mas também com os "Batistas" no que diz respeito à forma externa do batismo, e com Lutero ao considerar o sistema papal como o Homem do Pecado, e a igreja degenerada como a mãe das prostitutas e das abominações. Esses, mantendo-se afastados de qualquer compromisso ou afinidade com o mundo, ensinavam a piedade vital, a confiança simples no Deus onipotente e a fé em seus decretos imutáveis; e, além disso, embora reconhecessem Cristo como Senhor de tudo e agora participante da natureza divina, eles se guardavam contra a teoria não bíblica* e irracional de que Jeová é seu próprio Filho e nosso Senhor Jesus é seu próprio Pai; e começaram a perceber que a vida eterna e a imortalidade não são posses presentes, mas devem ser esperadas apenas como dons de Deus por meio de Cristo na ressurreição.

E, como se Deus quisesse providenciar para que, a partir de então, houvesse sempre uma classe representando seu Santuário purificado, mantida separada das diversas seitas, neste mesmo ano de 1846 testemunhou-se a organização das seitas protestantes em um grande sistema, chamado *Aliança Evangélica*. Essa organização, ciente das novas visões (sobre o Santuário purificado), definiu claramente sua fé na imortalidade humana, acrescentando-a como o nono artigo de seu credo. Assim, ela separou — e desde então tem mantido separada dos demais cristãos — um grupo de filhos de Deus — o Santuário purificado do Senhor —, um santuário da verdade. E a essa classe do Santuário purificado têm-se somado diariamente, desde então, outros filhos de Deus mansos e fiéis;

*Esses assuntos são discutidos em detalhes no Volume V desta série ESTUDOS DAS ESCRITURAS, e todas as passagens bíblicas relacionadas a eles são ali examinadas minuciosamente e consideradas em absoluta harmonia.

[C120]

enquanto dele foram eliminados aqueles que perderam o espírito de mansidão e o amor à verdade. Manter sua posição como o Santuário purificado, contra a oposição organizada e grandes números, torna-se um severo teste de coragem e fé, que apenas *alguns* parecem capazes de suportar: a maioria segue o caminho de seus antecessores e se esforça para tornar-se respeitável aos olhos do mundo. Tendo-se tornado um tanto numerosos e buscando evitar o ódio, alguns deles organizaram outro sistema, formularam um credo e adotaram outro nome sectário, chamando-se de Adventistas do Segundo Advento. E, acomodando-se à crença de que o que haviam aprendido era tudo o que se podia aprender, não fizeram mais progressos desde então; e, assim como outros que deixaram de seguir o caminho que brilha cada vez mais até o dia perfeito, muitos deles caíram em erros tolos.

Mas, embora muitos daqueles que a princípio representavam o Santuário purificado tenham assim se enredado novamente no jugo da escravidão, aqueles que ainda se mantiveram livres e seguiram em frente para conhecer o Senhor continuaram a representar seu Santuário purificado e, desde então, têm sido reconhecidos e grandemente abençoados por sua orientação.

Se o lixo e as abominações contaminadoras foram inteiramente removidos em 1846, o tempo desde então deveria ser uma época para a organização das coisas que permanecem e para o desdobramento e o desenvolvimento do glorioso plano de Deus — cujas verdades deveriam reocupar os lugares deixados vagos pelos erros removidos.

Essa obra de revelar a verdade, examinar e apreciar sua beleza, é devida neste momento e está sendo realizada. Agradecemos a Deus pelo privilégio de estarmos engajados com outros nesta obra abençoada de trazer de volta os vasos de ouro da casa do Senhor (verdades preciosas) do cativeiro da (simbólica) Babilônia, a Grande (***Esdras 1:7-11; 5:14; 6:5***) e recolocá-los no Santuário. E, nesta grande obra, oferecemos saudações fraternas a todos os colaboradores e membros do Corpo Ungido. Abençoados sejam aqueles servos que, quando o Senhor *vier*, Ele encontrar dando alimento na época certa à sua casa.

ESTUDO V

A ÉPOCA DA COLHEITA

A localização cronológica da colheita — Seu objetivo e grande importância — O foco das profecias temporais — Preparações para a colheita — Significado da convergência do testemunho profético — A presença do Senhor — Respostas a objeções razoáveis — Entrando nas alegrias de nosso Senhor.

"A colheita é o fim dos tempos." *Mateus13,39*

O estudante atento terá observado que o período designado como "o tempo do fim" recebeu um nome muito apropriado, pois nele não apenas a era evangélica chega ao fim, mas também todas as profecias relacionadas ao fim desta era se completam, alcançando seu cumprimento. Essa mesma classe de leitores também terá notado a importância especial dos últimos 40 desses 115 anos (1874-1914), chamados de "O Fim" ou "Colheita".

Esse breve período é o mais significativo e repleto de acontecimentos de toda a era; pois nele todos os frutos da era devem ser colhidos e distribuídos, e o campo, que é o mundo (*Mateus13,38*), deve ser limpo, arado e preparado para outro tempo de semeadura e colheita — a Era Milenar. A importância dos eventos desse período de colheita dificilmente pode ser superestimada; e, no entanto, o mundo não terá consciência disso até que suas forças, poderosas embora não reconhecidas, tenham cumprido a obra que lhes foi designada. De fato, é bom lembrar que não se trata de uma colheita de todo o mundo, mas da Igreja Cristã; e ela não afeta muçulmanos, brâmanes, budistas etc., mas apenas a verdadeira

[C122]

Igreja de Cristo e àqueles que estão mais ou menos associados a ela — a "cristandade".

Mas, embora o mundo, durante todo esse período, permaneça em total ignorância quanto à sua natureza, vivendo, no entanto, em pavor e temor diante do desfecho de seus estranhos acontecimentos (*Isaías 28:21*), o pequeno rebanho do Senhor, composto de seguidores consagrados que vivem atualmente, desfruta de maior iluminação do que jamais foi privilégio de qualquer de seus antecessores; pois, neste período, todos os raios do testemunho profético convergem em um grande foco, iluminando aos olhos da fé o plano de Deus, incluindo seus desdobramentos passados, presentes e futuros.

Desde o início (1799) do tempo do fim, Deus vem preparando seu "povo santo" consagrado, seu "Santuário", para as grandes bênçãos que pretendia derramar sobre eles durante esses quarenta anos de colheita: bênçãos essas que também se destinam a servir de preparação especial para que entrem com Cristo na alegria plena e na co-herança com ele, como sua noiva. No exato "tempo determinado", 1799, o fim dos 1.260 dias, o poder do Homem do Pecado, o grande opressor da Igreja, foi quebrado, e seu domínio retirado. Com um único golpe de sua mão poderosa, Deus ali quebrou as correntes de Sião e ordenou que os oprimidos fossem libertados. E saiu, e continua saindo, a classe do "Santuário", o "povo santo", fraco, manco, coxo, quase nu e cego, das trevas, da imundície e da miséria da masmorra da escravidão papal. Pobres almas! Elas vinham tentando servir a Deus fielmente em meio às chamas sinistras da perseguição, agarrando-se à cruz de Cristo quando quase todas as outras verdades haviam sido varridas, e esforçando-se corajosamente para emancipar as "Duas Testemunhas" de Deus (o Antigo e o Novo Testamento), que há tanto tempo estavam acorrentadas e que haviam profetizado apenas sob o cilício das línguas mortas. ***Apocalipse 11:3***

[C123]

Em sua sabedoria, Deus não os sobrecarregou com a grande inundação de luz agora concedida aos santos. Gentilmente, Ele os conduziu, passo a passo, purificando-os primeiro das impurezas papais que ainda se agarravam a eles. E à medida que Deus assim os conduzia, a classe do Santuário seguia adiante, reconhecendo a voz do Bom Pastor nos acentos da verdade que expunham os antigos erros, até 1846, data que a profecia indica como aquela em que um núcleo do "povo santo", o "Santuário", se libertaria dos erros do papado, purificado das impurezas e pronto para substituir as teorias impuras dos homens pelos princípios puros e belos da verdade, sobre os quais o Senhor e os apóstolos haviam fundado a Igreja. Aos poucos, foram levados a esperar o grande ápice da bênção, quando o próprio Senhor viesse, na colheita da era. Seu estudo diligente da Palavra de Deus e seu louvável desejo de conhecer o que até mesmo os anjos desejavam contemplar (***1 Pe 1***,***12***) foram grandemente abençoados, embora seus desejos não tenham sido plenamente atendidos.

Alguns poucos fiéis foram assim instruídos na Palavra da verdade, cheios de seu espírito, purificados e mais plenamente separados do mundo, livrados do orgulho e, por meio da disciplina da decepção de 1844, levados a uma confiança mais humilde em Deus; e a espera predita de trinta anos desenvolveu nos santos paciência, humildade e submissão amorosa, até que os vigias, ao fim dos "1.335 dias" (1874, época da colheita) receberam e foram enviados para anunciar a toda a classe do Santuário a alegre mensagem: "Eis o Noivo!" E todos os que pertencem a essa classe, ao ouvirem e reconhecerem seu significado, também erguem suas vozes, dizendo: "Eis o Noivo!" E essa mensagem da colheita aos santos continua a ser divulgada, e assim seguirá, até que tenha alcançado todos os consagrados e fiéis. Essa informação não é para o mundo agora, mas apenas para a futura noiva de Cristo. Nosso Senhor não é o Noivo de nenhuma outra classe. O conhecimento de sua presença chegará ao mundo de outra

forma e em um momento posterior. Ninguém está preparado agora para receber essa verdade, exceto os consagrados, a classe do Santuário. Para a "multidão" de cristãos nominais, assim como para o mundo, isso é loucura; nem estarão dispostos a examinar as provas apresentadas nos volumes desta série.

Não só o Senhor preparou assim os corações de seu povo e os conduziu por caminhos que eles não conheciam, mas, para este momento especial de necessidade, Ele providenciou ajudas maravilhosas para o estudo da Bíblia, tais como concordâncias e traduções variadas e valiosas das Escrituras, bem como facilidades maravilhosas para imprimir, publicar e enviar a verdade pelo correio; e as vantagens da educação geral, para que todos possam ler e estudar por conta própria e comprovar, a seu próprio contento, todas as doutrinas apresentadas; e isso em condições de paz, de modo que ninguém possa molestá-los ou fazê-los temer exercer plena liberdade de consciência ao fazê-lo.

Após uma leitura cuidadosa dos capítulos anteriores deste volume e do volume precedente, o leitor atento observará que, embora cada uma das profecias temporais cumpra um propósito separado e distinto, o objetivo central de seu testemunho unido e harmonioso tem sido indicar, com clareza e precisão, seja por evidência direta ou indireta, seja por testemunho corroborativo, a data do segundo advento de nosso Senhor e do estabelecimento de seu Reino na Terra; e também indicar as várias etapas e meios de seu estabelecimento, durante o período da colheita.

Para que possamos compreender a força dessas diversas linhas de profecia em sua relação com essas verdades centrais, vamos reuni-las em um único foco e observar como esses raios de testemunho se fundem de maneira unida e harmoniosa, revelando claramente o fato abençoado, não de que o Senhor está vindo, nem de que virá em breve, mas de que ele já veio; que ele está presente agora, como um rei espiritual, estabelecendo um império espiritual, na colheita ou no fim da era evangélica, que se confunde com a era milenar que agora está surgindo. Vimos que estão por

vir "os tempos da restauração de todas as coisas" — "Tempos de Renovação" (*Atos 3:19*); vimos também que o Senhor Jeová *"designou um dia* [a Era Milenar] em que julgará o mundo com justiça, por meio daquele homem que designou, e disso deu *garantia* a todos os homens, ao ressuscitá-lo dentre os mortos" (*Atos 17:31*); vimos que a era evangélica tem sido o tempo de provação ou o dia do juízo da Igreja, e que ela termina com uma colheita e a glorificação daqueles que viverão e reinarão com Cristo por mil anos — durante o dia do juízo do mundo, os Tempos de Restauração; e vimos também que os reinos deste mundo, sob o príncipe deste mundo, Satanás, devem dar lugar ao Reino de Deus, sob o Rei da glória. Todos esses grandes eventos devem aguardar até o segundo advento de nosso Senhor, o Rei, o Noivo e o Ceifeiro, cuja presença e obra os realizarão, conforme predito.

Os ciclos típicos do Jubileu apontavam o ano de 1874 d.C. como a data do retorno de nosso Senhor; e, no entanto, a data estava ali tão engenhosamente oculta que tornava sua descoberta impossível até o "tempo do fim". E esse testemunho foi reforçado duplamente por provas de dois pontos de vista — a Lei e os Profetas —, sendo ambos inteiramente independentes um do outro e, ainda assim, igualmente claros e convincentes.

O maravilhoso paralelismo entre as dispensações judaica e do evangelho nos ensinou a mesma verdade com características adicionais. A segunda vinda de nosso Senhor no fim, ou colheita, da era evangélica, ocorrida no outono de 1874, revela-se em um momento exatamente paralelo ao de sua primeira vinda, no fim da era judaica. (Veja a Tabela de Correspondências, Vol. II, páginas 246 e 247.) Assim como cada característica proeminente da dispensação do evangelho é marcada por um paralelo correspondente naquela dispensação típica, assim também descobrimos que esse evento notável ensinado pelo jubileu tem seu paralelo correspondente. A presença de nosso Senhor como

[C126]

Noivo, Ceifeiro e Rei é demonstrada em ambas as dispensações. Até mesmo o movimento das virgens que saem ao seu encontro, sua decepção e o tempo de espera de trinta anos encontram seu paralelo tanto no tempo quanto nas circunstâncias. E o paralelismo se estende até o fim completo da colheita desta dispensação — até a derrubada dos reinos que se professam cristãos, na verdade "reinos deste mundo", e o pleno estabelecimento do Reino de Deus na Terra após 1914, o término dos Tempos dos Gentios. (Ver Vol. II, capítulo IV.) Essa tribulação e derrubada que se aproximam, como vimos, tiveram seu paralelo na destruição de Jerusalém e na derrubada completa do sistema político judaico, em 70 d.C. — outro paralelo, correspondente tanto em tempo quanto em circunstâncias.

Mais uma vez, constatamos que a segunda vinda de nosso Senhor foi indicada pelo profeta *Daniel (12:1)*, mas de tal forma que permaneceu oculta até que os eventos preditos para precedê-la tivessem ocorrido e passado para a história; foi então que fomos levados a perceber que aquele que estava velado sob o nome de Miguel é, de fato, aquilo que o nome indica — *o representante de Deus* — "O Grande Príncipe". Sim, nós o reconhecemos: "O Príncipe da Aliança", o "Deus Poderoso [governante]", o "Pai Eterno [doador de vida]" (*Daniel 11:22*; *Isaías 9:6*), que deve "levantar-se" com poder e autoridade, para realizar a grande restauração de todas as coisas e oferecer vida eterna aos milhões de mortos e moribundos da humanidade, redimidos por seu próprio sangue precioso. E, tendo calculado os 1.335 dias de *Daniel 12* até seu término nesta mesma data, podemos agora compreender por que o anjo que assim indicou a data se referiu a ela em termos tão exultantes — "Ó, quão abençoado é aquele que espera [que está em atitude de espera ou vigilância] e

chega aos mil, trezentos e trinta e cinco dias!" — 1874 d.C.* E, em nosso cálculo dos tempos simbólicos aqui apresentados, não se deve esquecer que utilizamos a chave que nos foi fornecida pela maneira como a primeira vinda foi indicada — um dia simbólico representando um ano literal. Assim, constatamos que a data da segunda vinda de nosso Senhor foi claramente comprovada como sendo 1874 — em outubro daquele ano, conforme mostrado no Vol. II, cap. VI.

Mas isso não é tudo. Certos obstáculos razoáveis à fé na presença de Cristo ainda podem surgir na mente até mesmo de estudiosos cuidadosos, e desejamos que todos eles sejam removidos. Por exemplo, seria razoável perguntar: como é que a cronologia bíblica exata aponta outubro de 1872 como o início do sétimo milênio, enquanto os ciclos do jubileu indicam outubro de 1874 como a data do retorno de nosso Senhor e o início dos tempos de restauração?

Essa aparente falta de harmonia entre a data do segundo advento e o início do sétimo milênio parecia, à primeira vista, indicar "algum erro" em algum ponto do cálculo cronológico e levou a uma reavaliação cuidadosa do assunto, mas sempre com o mesmo resultado. Uma reflexão mais aprofundada, no entanto, prova que Deus é um guardião exato do tempo e que esse ponto não é exceção à Sua precisão matemática. Vale lembrar que o cálculo da cronologia começou com a criação de Adão e que Adão e Eva passaram algum tempo juntos antes que o pecado entrasse no mundo. Não sabemos exatamente quanto tempo, mas dois anos não seria uma estimativa improvável. Antes da criação de Eva, Adão teve permissão para viver o tempo suficiente para perceber a falta de uma companheira (*Gênesis 2:20*); ele havia se familiarizado com todos os animais e lhes dado nomes; havia se familiarizado com as diversas árvores e plantas do Éden. Então

*O ano, conforme calculado pelos judeus, começa em outubro; portanto, outubro de 1874 foi, na verdade, o início de 1875.

seguiu-se a criação de Eva; e algum tempo deve ter decorrido enquanto desfrutavam de seu ambiente encantador, antes que a praga do pecado se instalasse.

Recordando todas essas circunstâncias, mal podemos imaginar que tenha decorrido um período inferior a dois anos naquela condição sem pecado; e o intervalo entre o fim dos seis mil anos e o início dos tempos de Restituição leva à conclusão de que o intervalo entre a criação de Adão e a entrada do pecado — durante o qual o Reino de Deus estava no mundo, representado em Adão — não é contado como parte dos seis dias do mal. Os seis mil anos em que Deus permitiu que o mal dominasse o mundo, antes do início do grande sétimo milênio, ou milênio sabático, ou Tempos de Restauração, datam da entrada do pecado no mundo. E, uma vez que os Tempos de Restituição começaram em outubro de 1874, essa deve ser a conclusão do reinado de seis mil anos do Pecado; e a diferença entre essa data e a indicada na cronologia a partir da criação de Adão representa o período de ausência de pecado no Éden, que, na verdade, pertence ao reinado da justiça.

Mais uma vez, o que à primeira vista poderia parecer uma discrepância — que o Senhor estaria presente no final de 1874, e ainda assim os Tempos dos Gentios não terminariam até 1914 — revela-se, ao contrário, em plena harmonia com o desenrolar do plano de Deus para a campanha da Batalha do Grande Dia, e exatamente como predito por *Daniel (2:44)*, que declarou: "*Nos dias* desses reis, o Deus do céu estabelecerá um Reino, e *este* esmagará e consumirá todos esses." Deve, portanto, ser exatamente como constatamos: nosso Senhor deve estar presente, deve provar os membros vivos de sua Igreja, deve exaltá-los, glorificá-los e associá-los a si mesmo no poder e na autoridade a serem exercidos durante o milênio (*Apocalipse 5:10; 20:6*), e deve colocar em ação aqueles instrumentos e agentes que (embora inconscientes disso) irão

cumprirão suas ordens — desempenhando assim sua parte na "batalha do grande dia de Deus Todo-Poderoso" — minando e, por fim, derrubando todas as atuais "nações cristãs", assim chamadas. Os "reinos deste mundo", mesmo enquanto forem esmagados pelo Reino de Deus, permanecerão totalmente ignorantes quanto à *verdadeira causa* de sua queda — até que, no final desse "dia de ira", os olhos de seu entendimento se abram, de modo que *vejam* que uma nova dispensação amanheceu e aprendam que Emanuel *assumiu* para si seu grande poder e iniciou seu reinado glorioso e justo.

Embora as profecias temporais apontem e se harmonizem com 1874 como a data da segunda presença de nosso Senhor, assegurando-nos desse fato com precisão matemática, nos vemos inundados por evidências de outra natureza; pois certos sinais peculiares, preditos pelo Senhor, pelos apóstolos e pelos profetas, que deveriam preceder sua vinda, são agora claramente reconhecidos como efetivamente cumpridos. Vemos que o Elias prometido de fato veio; que seus ensinamentos foram rejeitados, exatamente como previsto; e que, portanto, o grande tempo de angústia deve se seguir. O previsto Homem do Pecado, o anticristo, também fez sua aparição e cumpriu seu longo e terrível reinado; e no exato "tempo determinado" (1799) seu domínio foi retirado. A purificação do santuário também se cumpriu conforme previsto, e em um momento suficientemente anterior a 1874 para preparar "um povo preparado para o Senhor" — um povo em devota expectativa de sua vinda —, assim como uma obra semelhante, anterior ao primeiro advento, preparou um povo para recebê-lo naquela ocasião.

Constatamos que a data de 1874 também está em harmonia com a profecia de *Daniel (12:1)*, que fixa o advento de "Miguel" no "tempo do fim" — isto é, em algum momento entre 1799 e 1914 — e como a causa e o precursor do grande tempo de angústia. Quando setenta e cinco anos desse "Dia de Preparação" tiveram desenvolvido as condições adequadas para

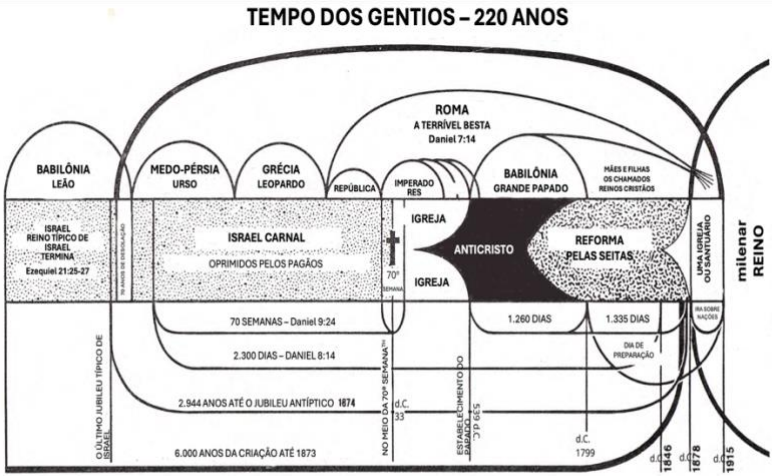
[C130]

o início de sua grande obra, então o mestre entrou em cena — discretamente, "sem alarde" — "da mesma maneira" com que partiu. E os quarenta anos restantes desse "Dia de Preparação", dos quais dezesseis já pertencem ao passado, levarão a cabo o estabelecimento de seu Reino em poder e grande glória.

O *foco* da profecia temporal na colheita e nos assuntos relacionados à presença do Senhor e ao estabelecimento do Reino ficará gravado na mente por meio de um estudo cuidadoso dos diagramas anexos, um dos quais mostra os paralelos ou correspondências entre a era evangélica e seu tipo, a era judaica, e como as várias características proeminentes dessa colheita são marcadas pelas grandes profecias, enquanto o outro mostra de forma concisa a história do mundo em relação à das igrejas típicas e reais de Deus (judaica e do evangelho), e destaca as medidas proféticas relacionadas a elas.

Assim, todos os raios da profecia convergem para este "tempo do fim", cujo ponto focal é a "Colheita" — o tempo da presença de nosso Senhor e do estabelecimento de seu Reino há muito prometido. E quando consideramos a grande importância desses eventos, as mudanças dispensacionais estupendas que eles introduzem e a quantidade e o caráter do testemunho profético que os marca; e quando vemos com que cuidado fomos instruídos quanto à maneira de sua manifestação, de modo que nenhum obstáculo à nossa fé se interponha no caminho do nosso reconhecimento de sua presença, nossos corações se regozijam com alegria indizível. Atualmente, é dado um testemunho dez vezes maior sobre o fato de sua segunda vinda do que foi concedido aos primeiros discípulos na primeira vinda, embora isso fosse bastante suficiente na época para o "verdadeiro israelita", que aguardava o consolo de Israel.

[C131]

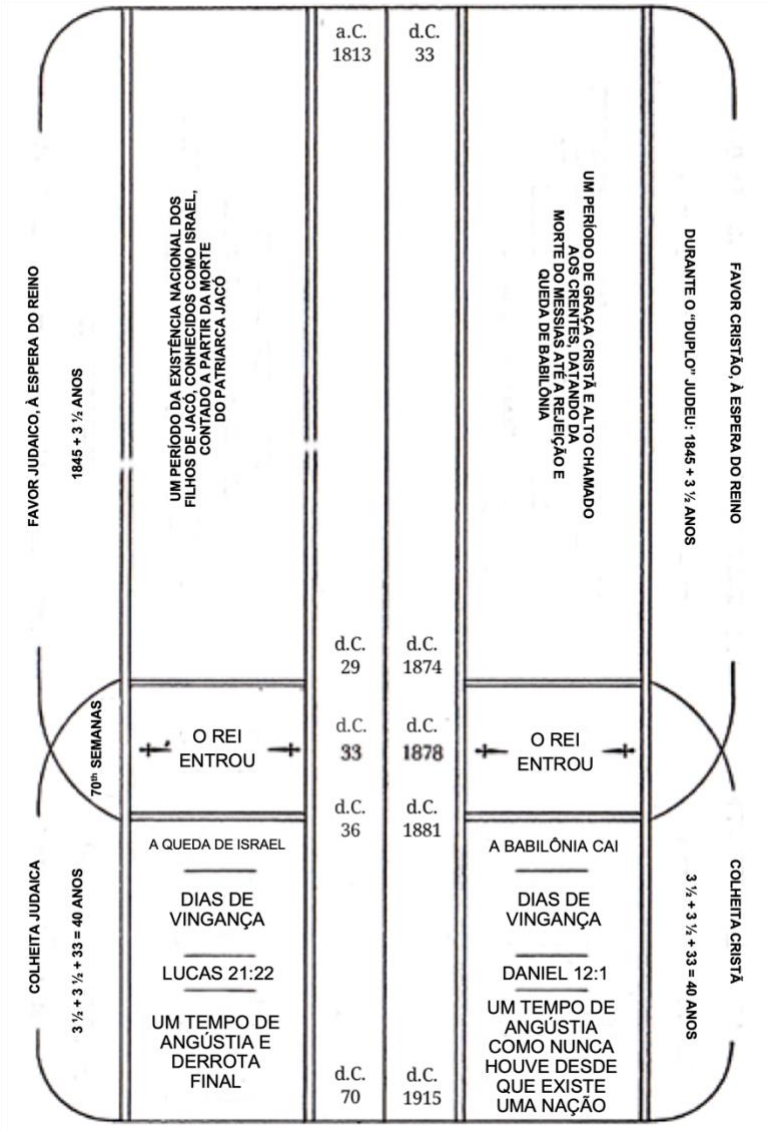


O PERGAMINHO DA HISTÓRIA DA IGREJA

Em relação à história nacional e à profecia

"AMBAS AS CASAS DE ISRAEL"

PARALELOS TEMPORAIS



[C133]

Por quase dois mil anos, os sofredores, perseguidos, abnegados e consagrados aguardaram ansiosamente a vinda do mestre. Fiel Paulo, ardente Pedro, amoroso João, devoto Estêvão, gentil Maria e terna e generosa Marta, uma longa fileira de bravos confessores da verdade, arriscando-se à tortura e à morte, e mártires sofredores, e alguns dos fiéis pais, mães, irmãos e irmãs em Israel que humildemente caminharam com Deus em tempos menos turbulentos, sem vergonha nem medo de confessar Cristo e de suportar o seu opróbrio, nem de serem companheiros daqueles que foram oprimidos por causa da sua verdade (*Hebreus 10,33*) — esses, depois de travarem o bom combate da fé, depuseram suas armaduras para aguardar a recompensa prometida no aparecimento do mestre. *2 Timóteo 4:8*

E agora ele veio! O Senhor está de fato presente! E está próximo o tempo para o estabelecimento de seu Reino, e para a exaltação e glorificação de sua noiva fiel. Os dias de espera por sua presença agora pertencem ao passado, e a bem-aventurança daqueles que esperavam, há muito predita, é nossa. Aos olhos da fé, ele agora se revela por meio da lâmpada profética (*2 Pedro 1:19*); e, antes que a colheita esteja totalmente concluída,* a fé e as alegrias presentes da fé darão lugar às alegrias extasiantes da plena realização de nossas esperanças, quando todos os que forem considerados dignos tiverem sido transformados à sua imagem e o virem *como ele é*, face a face.

Conforme mostrado na parábola que ilustra isso (*Mateus 25:14-30*), a *primeira* coisa que o Senhor faz ao retornar é chamar seus servos e fazer contas com eles. Ao fazer as contas com os servos que fizeram uso fiel de seus talentos, buscando conhecer e cumprir a sua vontade, a parábola mostra que cada um, assim que examinado e provado, é levado a "entrar nas alegrias de seu Senhor", antes de receber o domínio prometido. Agora vemos essa parábola se cumprindo, e isso antes de nossa participação na

*O "fim" da colheita provavelmente incluirá a queima do joio.

o reinado comece. Mesmo antes que os inimigos sejam vencidos, a cada fiel é permitido ter uma visão clara do Reino e da glória vindouros e da grande obra do dia milenar que se aproxima; e essa visão da grande restituição que em breve será realizada para toda a humanidade, por meio de Cristo e de sua Igreja glorificada, é a alegria do Senhor da qual lhes é permitido participar.

Enquanto assim permanecemos, por assim dizer, nas alturas de Pisga, e contemplamos a grandiosa perspectiva diante de nós, nossos corações se regozijam no grande plano do Senhor, com uma alegria indescritível; e embora percebamos que a Igreja ainda se encontra no deserto de sua humilhação, e que a hora de seu triunfo efetivo ainda não chegou plenamente, contudo, vendo os sinais de sua rápida aproximação e, pela fé, já discernindo a presença do Noivo, erguemos nossas cabeças e nos regozijamos, sabendo que nossa redenção se aproxima. Oh, quanta plenitude de bênçãos e motivo de alegria e ação de graças esta verdade contém! Em verdade, o Senhor colocou um novo cântico em nossas bocas. É o grandioso hino, cuja primeira nota foi entoada pelo coro angelical, no nascimento do menino Jesus — "Eis que vos trago *boas novas de* GRANDE ALEGRIA, que será para *todo o povo*". Graças a Deus, seus acordes harmoniosos em breve encherão o céu e a terra com uma melodia eterna, à medida que a obra abençoada da salvação — a restauração — que Ele vem realizar avança em direção ao seu glorioso ápice.

"Alegria ao mundo! O Senhor chegou!
Que a terra receba seu Rei!
Que cada coração prepare
lugar para Ele, E que o
céu e a natureza cantem.
"Ele governará o mundo com verdade
e graça, E fará com que as nações
reconheçam
A rigidez de sua justiça, E as
maravilhas de seu amor."

[C135]

ESTUDO VI

A OBRA DA COLHEITA

Características da obra da colheita — A recolha do trigo — O empacotamento, o amarração e a queima do joio — Sua origem e crescimento prolífico — Consumido como o joio da colheita judaica — Correspondências temporais observadas — O rejeitamento, a queda gradual e a destruição final de Babilônia — O selamento dos servos de Deus antes que as pragas se abatam sobre Babilônia — Julgamento ou provação, tanto como sistemas quanto individualmente — O teste do sistema judaico como tipo — O teste e a peneiração do trigo — As virgens sábias, separadas das insensatas, entram na festa — "E a porta foi fechada" — Uma inspeção mais detalhada e a expulsão de alguns — Por quê? E como? — O fim do "alto chamado" — O tempo é curto — "Que ninguém tire a tua coroa" — Servos da décima primeira hora e vencedores.

"COLHEITA" é um termo que dá uma ideia geral do trabalho que se espera que ocorra entre os anos de 1874 e 1914. É um tempo de colheita, e não de semeadura; um tempo de provação, de prestação de contas, de acerto de contas e de recompensa. Sendo a colheita da era judaica um tipo da colheita desta era, a observação e a comparação das várias características daquela colheita proporcionam ideias muito claras a respeito da obra a ser realizada na colheita atual. Naquela colheita, os ensinamentos especiais de nosso Senhor tinham como objetivo reunir o trigo — aqueles que já o eram — e separar o joio da nação judaica do trigo. E suas doutrinas tornaram-se também as sementes para a nova dispensação, que se iniciou (pouco depois de a nação de Israel ter sido rejeitada) no Pentecostes.

As palavras de nosso Senhor aos seus discípulos ao enviá-los, durante seu ministério àquela nação-igreja, devem ser cuidadosamente

lembradas, pois comprovam que a obra especial deles naquela época era colher, e não semear. Ele lhes disse: “Levantem os olhos e olhem para os campos; pois já estão brancos para a colheita: e quem *colhe* recebe salário e colhe fruto para a vida eterna.” (*João 4:35, 36*) Como o principal ceifeiro nessa colheita (assim como também o é nesta), o Senhor disse aos ceifeiros subordinados: “Eu vos enviei para colher aquilo em que não investistes esforço algum: outros homens [os patriarcas, os profetas e outros homens santos da antiguidade] trabalharam, e vós entrastes no fruto do trabalho deles” — para colher os frutos daqueles séculos de esforço e para testar aquele povo com a mensagem: “O Reino dos céus está próximo”, e o Rei está presente
— “Eis que o teu Rei vem a ti.” *Mateus10,7*; *João 12,15*; *Zc 9,9*

Na colheita judaica, o Senhor, em vez de transformar cabras em ovelhas, buscou as ovelhas cegas e dispersas de Israel, chamando todas as que *já eram suas ovelhas*, para que pudessem ouvir sua voz e segui-lo. Essas observações do tipo fornecem uma indicação do caráter do trabalho a ser realizado na presente colheita ou época de ceifa. Outra semeadura, ainda maior, sob as condições mais favoráveis da Era Milenar e do Reino, terá início em breve: de fato, as sementes da verdade a respeito da restauração, etc., que produzirão essa colheita vindoura, estão já sendo lançadas aqui e ali em corações ansiosos e sedentos de verdade. Mas isso é apenas um trabalho incidental no momento; pois, assim como seu tipo judaico, a colheita atual é um tempo para colher a igreja professante (a chamada cristandade), para que os verdadeiros santos reunidos dela possam ser exaltados e associados ao seu Senhor, não apenas para pregar a verdade, mas também para colocar em prática a grande obra de restauração para o mundo.

Nesta colheita, o trigo e o joio devem ser separados; no entanto, ambas as classes, antes da separação, compõem a igreja nominal. O trigo são os verdadeiros filhos do

[C137]

O Reino, os verdadeiramente consagrados, os herdeiros, enquanto o joio é, nominalmente, mas não de fato, a Igreja de Cristo ou sua futura noiva. O joio é a classe mencionada por nosso Senhor, aqueles que o chamam de Senhor, mas que não lhe obedecem. (*Lucas 6:46*) Em aparência externa, as duas classes costumam ser tão semelhantes que é necessário um exame minucioso para distingui-las. "O campo é o mundo", na parábola, e o trigo e o joio juntos (sendo o joio mais numeroso) constituem o que às vezes é chamado de "O Mundo Cristão" e "Cristandade". Ao frequentarem cultos religiosos ocasionalmente ou regularmente, ao se autodenominarem cristãos, ao seguirem certos ritos e cerimônias e ao se identificarem mais ou menos diretamente com algum sistema religioso, o joio se assemelha aos filhos de Deus consagrados de coração e, às vezes, passa por eles. Nas chamadas "terras cristãs", todos, exceto os infiéis declarados e os judeus, são assim considerados cristãos; e seu número (incluindo os poucos totalmente consagrados — os santos) é estimado em cerca de 180 milhões de católicos gregos e romanos e cerca de 120 milhões de protestantes.

Durante a era evangélica, as instruções de nosso Senhor têm sido para não se tentar separar os verdadeiros filhos do Reino dos que apenas os imitam; pois realizar uma separação completa causaria uma reviravolta geral do mundo (o campo) — uma perturbação geral tanto do trigo quanto do joio. Por isso, Ele disse: "Deixai que ambos cresçam juntos até a colheita". Mas acrescentou: "Na época da colheita, direi aos ceifeiros [anjos, mensageiros]: Juntem primeiro o joio e amarrem-no em feixes para queimá-lo, mas recolham o trigo no meu celeiro." (*Mateus13,30*) Portanto, na época da colheita, devemos esperar uma obra geral de separação, até então proibida. Embora aqueles simbolizados pelo trigo sejam sempre encorajados a permanecer firmes na liberdade com que Cristo os libertou e a

[C138]

evitem alianças complicadas com transgressores declarados e com lobos em pele de ovelha, eles não deviam, contudo, tentar traçar uma linha divisória entre a classe *totalmente consagrada* (o trigo, os santos) e o joio, que *professa* o nome e as doutrinas de Cristo e que, em certa medida, permite que essas doutrinas influenciem sua conduta externa, mas cujos desejos do coração estão distantes do Senhor e de seu serviço. Esse julgamento de corações, motivos etc., que está além de nosso poder e que o Senhor nos ordenou evitar por completo, é exatamente o que as diversas seitas sempre se empenharam em realizar; tentando separar, testar o trigo e excluir como joio ou hereges, por meio de credos rigorosos de fabricação humana, todos os professos cristãos cuja fé não se encaixava exatamente em suas diversas medidas falsas. No entanto, quão malsucedidas todas essas seitas têm sido! Elas estabeleceram padrões e doutrinas falsos e contrários às Escrituras, que, na verdade, fizeram crescer muito joio e sufocaram e separaram o trigo; por exemplo, a doutrina do tormento eterno para todos os que não são membros da Igreja. Embora agora esteja sendo bastante modificada, sob a luz crescente de nossos dias, que multidão de joio esse erro produziu, e como ele sufocou, cegou e impediu o trigo de reconhecer adequadamente o caráter e o plano de Deus. Hoje vemos que erro as várias seitas cometeram ao não seguirem o conselho do Senhor de deixar o trigo e o joio, os santos e os professos, *crescerem juntos*, sem tentar uma separação. Homens honestos em todas as seitas admitirão que, em suas seitas, há muito joio, professos que não são santos, e que, fora de suas barreiras sectárias, há muitos santos. Assim, nenhuma seita hoje pode nem afirma ser *toda* trigo e *livre* de joio. Muito menos qualquer organização terrena (exceto os cristadelfianos e os mórmons) teria ousadia suficiente para afirmar que contém *todo o trigo*. Portanto, elas não têm qualquer desculpa para suas organizações, barreiras teológicas etc. Elas não separam

o trigo do joio, nem nada pode realizar completa e minuciosamente essa separação dos corações, exceto o método que o Senhor ordenou que fosse posto em prática no tempo da colheita. Isso mostra a necessidade de saber quando o tempo está próximo e a obra da colheita de separação está prestes a começar. E nosso Senhor, fiel à sua promessa, não nos deixou nas trevas, mas está dando a informação devida agora a todos cujos corações estão preparados para ela. "Vós, irmãos, não estais nas trevas [nem dormis], para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão." *1 Tess. 5:4*

A verdade que agora deve ser revelada é a foice nesta colheita, assim como uma foice semelhante era usada na colheita judaica. Os ceifeiros, os anjos* ou mensageiros, agora, são os seguidores do Senhor, assim como uma classe semelhante era composta pelos ceifeiros na colheita judaica. E embora a outros, ao longo dos tempos, tenha sido dito para não tentarem separar o trigo do joio, aqueles que agora estão prontos, dignos e obedientes terão o plano e o arranjo do Senhor revelados com tanta clareza que reconhecerão a sua voz *na época da colheita*, dizendo: "Lancem a foice" da verdade presente e "reúnam-me os meus santos, aqueles que fizeram a aliança comigo por meio de sacrifício". "*Eles* serão meus, diz o Senhor dos Exércitos, naquele dia em que eu reunir minhas joias." *Salmos 50:5*; *Malaquias 3:17*

Este não é apenas o tempo para a reunião dos santos pela verdade (em unidade com seu Senhor e uns com os outros, e fora da comunhão com meros professos, o joio), mas é também um tempo para limpar o campo, eliminando o joio, o restolho, as ervas daninhas etc., em preparação para a nova semeadura. Em certo sentido, o "trigo" é separado do joio — devido à maior abundância de joio — como quando o Senhor diz: "Saiam dela, meu povo". No entanto, em outro sentido, a separação é adequadamente representada pelo joio

*A palavra "anjo" significa *mensageiro*.

[C140]

que são recolhidos do trigo. Na verdade, o trigo ocupa o lugar por direito; trata-se de um campo de trigo, não de um campo de joio (sendo o mundo da humanidade considerado o solo do qual crescem ou se desenvolvem tanto o trigo quanto o joio); portanto, é o joio que está fora do lugar e precisa ser removido. O Senhor plantou o campo de trigo, e o trigo representa os filhos do Reino. (*Mateus13:38*) E, visto que o campo ou mundo deve ser entregue a eles — e já lhes pertence por promessa —, a parábola mostra que, na verdade, são os joios que são colhidos e queimados, deixando o campo, e tudo o que nele há, para o trigo. O joio é devolvido à terra (mundo) de onde veio, e as primícias do trigo devem ser recolhidas no celeiro, para que a terra possa produzir outra colheita.

O trigo não deveria ser amarrado em feixes: os grãos foram originalmente plantados separados e independentes, para se associarem apenas como uma única espécie, sob condições semelhantes. Mas a parábola declara que um dos efeitos da colheita será recolher e amarrar o joio em feixes antes da "queima" ou do "tempo de angústia". E esse trabalho está em andamento ao nosso redor. Nunca houve um tempo como este para sindicatos, consórcios capitalistas e associações protetoras de todo tipo.

O mundo civilizado é o "campo" da parábola. Nele, durante a Reforma, os ventos da contenda doutrinária, vindos de um lado e de outro, lançaram o trigo e o joio juntos em grandes grupos (denominações), inclinando alguns para uma direção (doutrinariamente) e outros para outra. Isso aglomerou o trigo e o joio bem próximos um do outro e tirou grande parte da individualidade de todos. As tempestades doutrinárias já passaram há muito tempo, mas as *divisões* persistem por força do hábito, e apenas aqui e ali uma espiga de trigo tentou erguer-se para ficar ereta, apesar do peso da massa.

Mas, com a época da colheita, chega a libertação do trigo do peso e do obstáculo do joio. A foice da

[C141]

verdade prepara essa classe para a liberdade com a qual Cristo originalmente libertou a todos, embora a mesma foice exerça uma influência oposta sobre o joio. O espírito do joio volta-se para a grandeza e a ostentação sectárias, em vez de para a obediência *individual* e a lealdade a Deus. Por isso, rejeitam e se opõem veementemente às verdades atuais, cuja tendência, como imediatamente percebem, é condenar todo o sectarismo e pôr cada indivíduo à prova. E, embora dispostas a se unir entre si, todas as seitas se unem para se opor às tendências desintegradoras da verdade atual, a tal ponto que apertam as cordas lentamente, com cautela, mas com firmeza, sobre todo pensamento e estudo *individual* sobre assuntos religiosos, para que suas organizações não se desintegrem e, com todo o trigo escapando, não restem senão joios.

Cada um da classe do joio parece estar ciente de que, se examinado individualmente, não teria direito ao Reino prometido aos seguidores fiéis do Cordeiro. O joio preferiria que as várias seitas fossem julgadas como tantas corporações, e em comparação umas com as outras, na esperança de, assim, deslizar para a glória do Reino com base nos méritos do trigo com o qual estão associados. Mas isso elas não podem fazer: o teste de dignidade para as honras do Reino será individual — de fidelidade individual a Deus e à sua verdade — e não um julgamento das seitas, para ver qual delas é a verdadeira. E cada seita parece perceber, à luz mais clara de hoje, que está dissipando as névoas do fanatismo e da superstição, que as outras seitas têm tanto (e tão pouco) direito quanto ela mesma de afirmar ser a única e verdadeira igreja. Forçadas a admitir isso, elas procuram subjugar a todos com a impressão de que é essencial para a salvação estar ligado a alguma de suas seitas — pouco importa a qual. Assim, combinam a ideia de responsabilidade individual com a escravidão sectária.

Como ilustração de um laço popular recentemente apertado pelo sectarismo sobre seus adeptos, citamos o aparentemente

[C142]

As Lições Internacionais da Escola Dominical, inofensivas e, para muitos, aparentemente vantajosas. Elas dão a impressão de uma cooperação não sectária no estudo da Bíblia entre todos os cristãos. Assim, parecem dar um grande passo para longe dos antigos métodos de estudo com catecismos sectários e, ao mesmo tempo, avançar em relação a eles. Essas lições uniformizadas dão a impressão de serem um abandono do sectarismo e uma união de todos os cristãos para estudar a Bíblia à luz dela mesma — algo que todos reconhecem ser o único caminho correto, mas que todos os sectários se recusam a fazer na prática; pois, note-se, essas Lições Internacionais da Escola Dominical apenas *parecem* ser não sectárias: elas apenas *parecem* conceder liberdade no estudo da Bíblia. Na verdade, cada denominação prepara seus próprios comentários sobre as escrituras contidas nas lições. E o comitê que seleciona essas lições, buscando dar uma aparência externa de harmonia e união, escolhe passagens das escrituras sobre as quais há pouca divergência de opinião. As passagens e doutrinas sobre as quais discordam — justamente aquelas que mais precisam ser discutidas, para que as verdades e os erros de cada seita possam ser manifestados, de modo que se chegue a uma união real com base em "um só Senhor, uma só fé e um só batismo" — são ignoradas nas lições, mas continuam sendo firmemente defendidas, como antes, por cada seita.

O efeito desses e de outros métodos semelhantes de "união" é tornar o protestantismo mais imponente na aparência e dizer ao povo, de fato, se não em palavras: "Vocês *devem* se unir a uma dessas seitas, ou não são filhos de Deus de forma alguma". Na verdade, não se trata de uma união como uma única igreja, mas de uma combinação de organizações separadas e distintas, cada uma tão ansiosa quanto sempre foi por manter sua própria organização como seita ou grupo, mas cada uma disposta a se unir às outras para causar uma impressão maior e mais imponente perante o mundo. É como empilhar feixes juntos em uma pilha. Cada feixe mantém sua própria amarração ou organização e fica ainda mais

[C143]

firmemente ao ser encaixado e preso a outros feixes, em uma pilha grande e imponente.

O sistema de Lições Internacionais, em conjunto com os métodos modernos de "administração" das Escolas Dominicais, contribui enormemente para o sectarismo e impede o crescimento real no conhecimento da verdade, de mais uma maneira. A lição é apresentada de forma tão genérica em conexão com os "exercícios" da escola que quase não há tempo para considerar as perguntas pré-elaboradas e impressas, com respostas preparadas; e não sobra tempo para o estudante da Bíblia sedento pela verdade, ou para o professor ocasional e sincero, levantar outras questões de maior importância, que contenham matéria para reflexão e discussão proveitosa. Antigamente, as aulas de Os Estudos Bíblicos se reuniam para estudar as partes da Bíblia que escolhessem e eram impedidas de alcançar a verdade apenas pela escravidão de seus próprios preconceitos e superstições; e os sinceros, sedentos de verdade, sempre conseguiam fazer algum progresso. Mas agora, quando uma luz cada vez maior está iluminando todos os assuntos e dissipando as névoas da superstição e do preconceito, ela é impedida de brilhar sobre o aluno da aula bíblica justamente pelas próprias Lições Internacionais que afirmam ajudá-lo. Seu tempo para os Estudos Bíblicos é habilmente direcionado, de modo que ele não obtenha novas ideias, mas fique tão continuamente ocupado com o uso do "leite da palavra" (muito diluído pelas tradições dos homens), a ponto de perder todo o apetite pela "comida sólida" da verdade mais avançada. (*Hebreus 5:14*) Nessas aulas, todo o tempo e oportunidade para provar e aprender a apreciar a "comida" são sacrificados, em obediência às palavras: "Devemos nos ater à nossa lição; pois a hora logo expirará." Bem declararam tanto o profeta quanto o apóstolo que, para apreciar as grandes doutrinas de Deus — tão essenciais ao nosso crescimento na graça e no conhecimento e amor a Deus —, devemos deixar os primeiros princípios e avançar para a perfeição — "desmamados do leite e afastados dos seios". *Hebreus 6,1*; *Is 28,9*

[C144]

Embora os métodos da Escola Dominical tenham sido consideravelmente aprimorados recentemente, eles ainda deixam muito a desejar. Eles contam com alguns dos melhores membros do povo do Senhor — que, ansiosos por servir ao mestre, ficam mais ou menos desorientados pela aparência de Números e pela aparência de *"trabalho* para o Senhor". Admitimos que algo de bom é realizado, mas isso tem suas desvantagens. Os sinceros são impedidos de cumprir seus deveres pessoais e de progredir no cumprimento daquilo que Deus confiou aos pais; a negligência disso é um prejuízo tanto para os pais quanto para os filhos. Os imaturos acham a breve sessão e os "exercícios" mais agradáveis do que os Estudos Bíblicos. Eles são levados a sentir que cumpriram um *dever*; e o *sacrifício* de alguns momentos é recompensado pela conversa social e pela interação que isso proporciona. As crianças também gostam mais dos "exercícios", dos cantos, dos livros de histórias, dos piqueniques, das guloseimas e do entretenimento em geral; e elas e suas mães se sentem bem recompensadas pelo trabalho de se arrumarem, pela oportunidade assim proporcionada de exibir suas roupas bonitas. E a responsabilidade dos pais pela educação religiosa em casa é, em grande parte, delegada em favor da farsa e da rotina da Escola Dominical. A Escola Dominical tem sido bem chamada de berçário da igreja, e as criancinhas assim criadas na educação e admoestação do espírito mundano são os brotos daquela colheita abundante de joio com a qual a grande Babilônia está completamente invadida.

Sempre que, aqui e ali, existe uma aula bíblica para adultos, e o professor é sincero e independente o suficiente para se afastar da lição prescrita e abordar temas mais importantes, dando liberdade para que a verdade seja apresentada — seja ela favorável ou desfavorável ao credo da seita —, ele é rotulado pelo pastor ou superintendente, com sua sabedoria mundana, como um professor perigoso. Tais professores são, de fato, perigosos para o sectarismo e, em pouco tempo, ficam sem turmas. Esses professores, e as verdades que eles permitiriam que fossem investigadas com franqueza,

[C145]

logo cortariam os laços e dispersariam os grupos sectários e, por isso, não são bem-vindos por muito tempo. Outros são, portanto, preferidos, aqueles que conseguem controlar os pensamentos de suas turmas, desviá-las da "comida forte" e mantê-las como bebês ainda não desmamados, fracos demais para se sustentar sozinhos e presos aos sistemas que aprendem a amar e sem os quais acreditam que morreriam. O lugar do verdadeiro professor e do verdadeiro estudante da Bíblia está fora de toda servidão humana, livre para examinar e se alimentar de todas as partes da boa Palavra de Deus, e sem entraves para seguir o Cordeiro aonde quer que ele conduza. *João 8:36*; *Gálatas 5:1*

Embora a liberdade individual *deva* ser reconhecida externamente como nunca antes, vemos que, na verdade, nunca houve um tempo em que as amarras fossem tão firmemente esticadas, para unir todo o trigo e o joio em tantos feixes. Nunca houve um tempo em que os arranjos fossem tão rígidos e tão restritivos de todas as liberdades pessoais como agora. Cada hora livre de um sectário zeloso é preenchida por alguma das muitas reuniões ou projetos, de modo que não resta tempo para o pensamento livre e o estudo da Bíblia. O objetivo principal dessas reuniões, entretenimentos etc. é o crescimento e o fortalecimento sectário; e o efeito é a escravidão mencionada, tão prejudicial ao verdadeiro desenvolvimento dos filhos consagrados de Deus, o trigo. Essas amarras estão se tornando mais fortes, como o profeta sugere. (*Isaías 28:22*) Um pouco de trigo e muito joio constituem esses feixes, dos quais a cada dia se torna mais difícil libertar-se.

Pelo que vimos da pequena quantidade de trigo verdadeiramente consagrado e da grande massa da "profissão batizada" (como um bispo metodista descreveu com veemência a classe do joio), fica evidente que a queima do joio será um evento de grande importância. É um erro, porém, que muitos cometem, supor que a queima do joio em uma fornalha de fogo, onde haverá choro e ranger de dentes

[C146]

(*Mateus13:42*), se refira a um fogo literal ou a aflições além da vida presente. Toda a parábola pertence à era atual. Não só esse fogo é um símbolo, assim como o trigo e o joio, mas simboliza a *destruição* do joio, no grande tempo de aflição com o qual esta era chegará ao fim, e do qual foi prometida a salvação à classe do trigo. (*Malaquias 3:17*; *Lucas 21:36*) A grande fornalha de fogo simboliza o "grande tempo de angústia" que se aproxima, no final desta colheita, sobre a classe indigna do joio da "cristandade".

A destruição do joio também não implica a destruição, seja presente ou futura, de todos os *indivíduos* que compõem a classe do joio. Significa, antes, a destruição das falsas pretensões dessa classe. Sua alegação ou profissão é que são cristãos, ao passo que ainda são filhos deste mundo. Quando queimados ou destruídos como joio, eles serão reconhecidos em seu verdadeiro caráter — como membros do mundo — e não mais imitarão os cristãos, como membros nominais da Igreja de Cristo.

Nosso Senhor explica que semeou a boa semente do Reino, a verdade, da qual brota toda a verdadeira classe do trigo, gerada pelo *espírito da verdade*. Posteriormente, durante a noite — as eras das trevas —, Satanás semeou o joio. Sem dúvida, o joio foi semeado da mesma maneira que o trigo. Ele é fruto dos erros. Vimos como o santuário e a hoste foram gravemente profanados pelo grande adversário e seus servos cegos, e como os preciosos vasos (doutrinas) foram profanados e mal utilizados pelo papado; e isso não passa de mais uma manifestação da mesma coisa. As falsas doutrinas geraram falsos objetivos e ambições no campo de trigo do Senhor e levaram muitos a servir a Satanás, semeando erros de doutrina e prática que produziram joio em abundância.

O campo parece belo e florescente para muitos, já que eles contam por centenas de milhões. Mas, na verdade, a proporção de trigo é muito pequena, e teria sido muito melhor para o

o trigo, cujo crescimento foi sufocado e grandemente impedido pelo joio; se o joio de espírito mundano não estivesse na Igreja, mas em seu próprio lugar no mundo, deixando no campo o "pequeno rebanho" consagrado, os únicos representantes do espírito e da doutrina de Cristo. Então, a diferença entre a Igreja e o mundo seria muito marcante, e seu crescimento, embora *aparentemente* menos rápido, teria sido saudável. O grande sucesso aparente manifestado por Números, riqueza e posição social, do qual muitos tanto se orgulham, é na verdade um grande dano e, de forma alguma, uma bênção, seja para a Igreja, seja para o mundo.

Ao examinarmos esse assunto, descobrimos que muitos desses joios têm pouca culpa por sua falsa posição como trigo falso. Muitos deles também não sabem que os joios não são a verdadeira Igreja; pois consideram o pequeno rebanho de trigo consagrado como extremistas e fanáticos. E, quando comparados com a multidão do joio, o Senhor, os apóstolos e todo o trigo certamente parecem ser extremistas e fanáticos, se a maioria — o joio — estiver certa.

O joio tem sido tão completamente e tão frequentemente assegurado de que é cristão — de que todos são cristãos, exceto judeus, infiéis e pagãos — que dificilmente se poderia esperar que soubesse o contrário. Falsas doutrinas lhes garantem que existem apenas duas classes e que todos os que escapam do tormento eterno serão co-herdeiros com Cristo. Todo discurso fúnebre, exceto no caso dos miseravelmente degradados e dos abertamente ímpios e imorais, assegura aos amigos a paz, a alegria e a glória celestial do falecido; e, para provar isso, são citadas passagens das Escrituras que, pelo contexto, deveriam ser entendidas como aplicáveis apenas aos plenamente consagrados, os santos.

Naturalmente inclinados a repreender a si mesmos, a negar conscientemente que são os santos e a recusar as ricas promessas das Escrituras destinadas a tais pessoas, eles são persuadidos

[C148]

a reivindicá-las, por seus companheiros de joio igualmente mal informados, tanto nos púlpitos quanto nos bancos da igreja. Eles sentem conscientemente — na verdade, têm certeza — de que não fizeram nada que merecesse justamente a tortura eterna; e sua fé nas falsas doutrinas da "cristandade" os leva a esperar e a reivindicar que eles e todas as pessoas moralmente íntegras são membros da Igreja à qual pertencem todas as ricas promessas. Assim, são joio por força de falsas doutrinas e, além de ocuparem uma posição falsa, deturpam o padrão verdadeiramente elevado da santidade. Sob a ilusão do erro, sentem uma sensação de segurança e satisfação; pois, comparando a si mesmos e suas vidas com as da maioria na igreja nominal e com seus amigos falecidos, cujos elogios fúnebres ouviram, consideram-se pelo menos na média — e até mais consistentes do que muitos que professam sua fé em voz alta. No entanto, estão conscientes de que nunca fizeram nenhuma consagração real de coração e vida, tempo e recursos, talentos e oportunidades a Deus e ao seu serviço.

Mas, *assim como* a classe do "joio" da nação judaica foi consumida no final daquela colheita (***Lucas 3:17***), *assim também* essa classe do "joio" será consumida nesta colheita. Assim como o joio deixou de ter qualquer pretensão ao favor divino como o Reino triunfante de Deus, antes que aquela colheita se encerrasse no grande *fogo* da contenda religiosa e política que consumiu aquele sistema, assim será com a classe do joio da chamada "cristandade". Eles serão consumidos; *deixarão de ser* joio; deixarão de enganar a si mesmos ou aos outros; deixarão de aplicar a si mesmos as promessas grandiosas e preciosas que pertencem apenas aos santos vencedores; e, quando seus diversos reinos supostamente cristãos e suas diversas organizações religiosas, dilacerados por discórdias induzidas pela luz crescente da verdade, forem *consumidos* no fogo já aceso, "o fogo do zelo de Deus" (o grande tempo de angústia com o qual esta era terminará

[C149]

— *Sofonias 3:8*), eles deixarão de reivindicar para seus sistemas mundanos o nome de "cristandade".

Depois de falar da queima do joio, a parábola declara ainda: *"Então* os justos [o trigo] resplandecerão como o sol no Reino de seu Pai". [Que testemunho melhor do que este poderíamos ter de que a verdadeira Igreja ainda não foi estabelecida em poder, como o Reino de Deus, e que não será assim exaltada até que esta colheita termine?] Então, esse sol de justiça (do qual Cristo Jesus será sempre a glória central) surgirá com cura em seus raios, para abençoar, restaurar, purificar e livrar do pecado e do erro todo o mundo da humanidade; sendo os incorrigíveis destruídos na segunda morte.

Que se lembre o fato de que, na colheita judaica típica, tanto os verdadeiros israelitas quanto os falsos israelitas constituíam a Casa de Israel judaica ou carnal; que somente os *verdadeiros* israelitas foram selecionados e reunidos no celeiro do evangelho, e honrados com as verdades pertencentes à era evangélica; e que todos os demais daquela nação ("palha") não foram fisicamente destruídos (embora, é claro, muitas vidas tenham sido perdidas em suas tribulações), mas foram separados de todos os favores do Reino nos quais antes confiavam e se vangloriavam. Em seguida, trace o paralelo e a contrapartida disso no tratamento do "joio" neste tempo de purificação.

O Senhor não apenas nos mostrou o que esperar dessa "colheita" e nossa participação nela — tanto ao sermos separados nós mesmos quanto, como "ceifeiros", ao usarmos a foice da verdade para ajudar outros a alcançarem a liberdade em Cristo e a separação de falsos sistemas humanos e escravidões —, mas, a fim de nos deixar duplamente certos de que estamos no caminho certo, e de que o tempo de separação da colheita chegou, ele nos forneceu provas sobre o próprio ano em que o trabalho da colheita começou, sua duração e quando ele terminará. Essas provas, já examinadas, mostram que o final de 1874 marcou o início, assim como o final de 1914 marcará o

[C150]

fim, desses 40 anos de colheita; enquanto todos os detalhes da ordem e do trabalho dessa colheita foram retratados na era judaica, seu tipo. Examinaremos agora algumas das características temporais marcantes daquela colheita típica e observaremos as lições que elas ensinam, as quais são aplicáveis atualmente e que nosso Senhor evidentemente destinou a esse propósito, para que não fiquemos em dúvida ou incerteza, mas possamos conhecer seu plano e ser capazes de agir de acordo com ele, com força, como cooperadores com ele na realização de sua vontade revelada.

Todas as características temporais relacionadas à colheita judaica (embora às vezes se referissem indiretamente aos fiéis) tinham influência direta sobre a grande massa nominal e marcavam períodos de sua provação, rejeição, derrubada e destruição como sistema ou nação-igreja. Assim, o Senhor, como Noivo e ceifeiro, veio (ano 29 d.C.) não apenas aos *verdadeiros* israelitas, mas a toda a massa. (*João 1:11*) O andamento da obra da colheita ali revelou o fato de que os grãos de trigo maduro, aptos para o celeiro (a dispensação do evangelho), eram poucos, e que a grande massa era trigo apenas na aparência — na realidade, apenas "palha", desprovida do verdadeiro princípio do trigo em seu interior. Quando, três anos e meio depois (d.C. 33), nosso Senhor assumiu o ofício de Rei e permitiu (o que antes havia recusado — *João 6:15*) que o povo o colocasse sobre um jumento e o aclamasse como Rei, isso marcou um ponto nesta colheita antitípica do evangelho muito mais importante do que o do tipo. O paralelo com isso, como vimos, aponta para 1874 como a época da segunda presença de nosso Senhor como Noivo e Ceifeiro, e para abril de 1878 como a época em que ele começou a exercer de fato seu ofício de Rei dos reis e Senhor dos senhores — desta vez como um Rei espiritual, presente com todo o poder, embora invisível aos homens.

As ações de nosso Senhor, enquanto esteve ali por algumas horas

agindo tipicamente como Rei de Israel, são profundamente significativas para nós, pois indicam e prenunciam, sem sombra de dúvida, o que deve ser esperado aqui. O que os homens o *viram* fazer naquela época, como entrar em Jerusalém montado em um jumento como rei e expulsar os cambistas do templo com um chicote, reconhecemos como típico — como feito *aqui* em maior escala, embora o Rei, o chicote de cordas e a proclamação da autoridade real se manifestem agora de maneira muito diferente, e apenas aos olhos da fé. Mas o tipo judaico serve para chamar a atenção para esse cumprimento, que de outra forma não seríamos capazes de apreciar. A primeira obra do Rei típico foi rejeitar toda a nação-igreja de Israel como indigna de ser seu Reino, ou de continuar a ser tratada como sua herança especial. Isso foi expresso assim: "Ó Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis eu reunir teus filhos, assim como a galinha reúne seus pintinhos debaixo das asas, e vós não quisestes. *Eis que a vossa casa vos será deixada deserta!*" *Mateus 23:37-39*

Isso, quando aplicado à colheita atual, ensina que, assim como no ano 33 d.C., o Israel típico, após ter sido reconhecido como povo de Deus por 1.845 anos por meio de favores, castigos etc., foi rejeitado, rejeitado pelo Rei, por ter sido considerado indigno, após um período de provação e inspeção de três anos e meio; assim também, na colheita atual, após um período semelhante de três anos e meio de inspeção, e ao término de um período semelhante de 1.845 anos de favores e castigos, a cristandade nominal seria rejeitada pelo Rei como indigna de continuar a receber quaisquer favores Dele, ou de ser reconhecida de qualquer forma por Ele.

Mas, assim como a rejeição do Israel carnal nominal não implicou a rejeição, individualmente, de nenhum "verdadeiro israelita", em quem não havia engano, mas sim um favor ainda maior para esses (que foram libertos dos "guias cegos" e ensinados de forma mais direta e perfeita por meio de novos canais espirituais
— os apóstolos), assim também aqui devemos esperar o mesmo. O

[C152]

As bênçãos espirituais, outrora concedidas à massa nominal, pertencem doravante apenas aos fiéis e obedientes. Daqui em diante, a luz, conforme for devida, e "o alimento na época certa para a família da fé", devem ser esperados, não por meio dos canais anteriores, em nenhum grau, mas por meio de indivíduos fiéis fora dos sistemas corrompidos e rejeitados.

Durante seu ministério, e até o momento em que, como Rei, ele rejeitou o sistema judaico, nosso Senhor reconheceu os escribas e fariseus como os instrutores legítimos do povo, embora muitas vezes os repreendesse como hipócritas que enganavam o povo. Isso fica evidente nas palavras do Senhor (*Mateus23,2*): "Os escribas e os fariseus ocupam a cátedra de Moisés; portanto, tudo o que eles vos mandarem fazer, observai e fazei." Assim, da mesma forma, por um tempo, os grandes líderes religiosos da cristandade nominal em sínodos, conferências, concílios etc. ocuparam, em certa medida, a cátedra de Cristo como instrutores do povo, assim como o Sinédrio judeu outrora ocupava a cátedra de Moisés. Mas, assim como, após o ano 33 d.C., os escribas e fariseus não foram mais reconhecidos pelo Senhor em nenhum sentido, e os verdadeiros israelitas não foram mais instruídos por eles, mas pelo próprio Deus, por meio de outros instrumentos mais humildes, sem títulos e mais dignos, que foram levantados dentre o povo e especialmente ensinados por Deus, assim devemos esperar e de fato constatamos isso aqui, nesta colheita paralela.

A assunção do ofício real por nosso Senhor em 33 d.C. e seu primeiro ato oficial ao rejeitar a igreja nacional do Israel carnal, considerados em conexão com todos os paralelos marcantes das duas eras, indicam muito claramente que, no ponto paralelo no tempo da colheita atual, ou seja, em 1878, a Babilônia mística, também chamada de Cristandade, o antítipo do judaísmo, foi extirpada; e saiu a mensagem: "Caiu, caiu a grande Babilônia, e tornou-se morada de demônios, covil de todo espírito imundo e cativeiro de toda ave impura e odiosa." *Apocalipse 18:2*

[C153]

A queda, as pragas, a destruição etc., preditas para sobrevir à Babilônia mística, foram prenunciadas na grande tribulação e na destruição nacional que se abateram sobre o Israel carnal, e que terminaram com a derrocada completa daquela nação no ano 70 d.C. E o período da queda também corresponde; pois desde o momento em que nosso Senhor disse: "Vossa casa vos será deixada deserta", em 33 d.C., até 70 d.C., passaram-se 36 anos e meio; e assim, de 1878 d.C. até o final de 1914 d.C., são 36 anos e meio. E, com o fim de 1914 d.C., o que Deus chama de Babilônia, e o que os homens chamam de cristandade, terá passado, como já foi demonstrado pela profecia.

O judaísmo era um tipo divinamente designado do Reino Milenar de Cristo, que controlará e regulamentará todos os assuntos; portanto, o judaísmo era, propriamente, uma união entre igreja e Estado — entre governo religioso e civil. Mas, como já demonstramos, a Igreja do Evangelho não deveria, de forma alguma, estar associada ao governo do mundo, nem ter qualquer relação com ele, até que seu Senhor, o Rei dos reis, venha, assuma o controle e a exalte como sua noiva para participar desse reinado de justiça. Negligenciando as palavras do Senhor e seguindo a sabedoria, as teorias e os planos humanos, o grande sistema chamado cristandade — que abrange todos os governos e credos que *professam* ser de Cristo (mas que são uma miserável falsificação do verdadeiro Reino de Cristo) — foi organizado antes do tempo, sem o Senhor e com elementos totalmente inadequados. A queda de Babilônia como um sistema inadequado de igreja e Estado, e a colheita do trigo digno, portanto, podem ser e são bem ilustradas pela queda do judaísmo.

O nome Babilônia originalmente significava *"porta de Deus*"; mas, posteriormente, em tom de escárnio, passou a significar *"mistura"* ou

confusão. No livro do Apocalipses, esse nome é aplicado especificamente à igreja nominal, que, de ser a porta de entrada para a glória, tornou-se uma porta de entrada para o erro e a confusão, uma mistura miserável composta principalmente de joio, hipócritas — uma massa confusa de profissões mundanas na qual as joias do Senhor estão enterradas, e sua verdadeira beleza e brilho ocultos. Na profecia simbólica, o termo Babilônia é aplicado, às vezes, apenas à Igreja de Roma, chamada de "Babilônia, a Grande, a Mãe das Prostitutas". O nome só poderia se aplicar a ela durante séculos, enquanto fosse o único sistema misto e não tolerasse outros; mas outros sistemas eclesiásticos, não tão grandes quanto a "mãe", nem tão perversos, nem tão radicalmente errados, surgiram a partir dela, por meio de várias tentativas de reformas, ainda que imperfeitas. Como erros, joio e mundanismo também predominam amplamente nesses sistemas, o nome "Babilônia" é usado como um nome geral ou familiar para todos os sistemas cristãos nominais e agora inclui não apenas a Igreja de Roma, mas também todas as seitas protestantes; pois, uma vez que o papado é designado como o sistema-mãe, devemos considerar os vários sistemas protestantes que descendem dela como as filhas — um fato amplamente admitido pelos protestantes, e às vezes com orgulho.

Antes do tempo da colheita, muitos do povo de Deus na Grande Babilônia descobriram que seu verdadeiro caráter predominante era grosseiramente anticristão (notadamente os valdenses, os huguenotes e os reformadores do século XVI); e, chamando a atenção para esse fato, separaram-se do sistema-mãe e levaram outros consigo, muitos dos quais eram joio, como o profeta havia predito, dizendo: "Muitos se unirão a eles com lisonjas." (*Daniel 11,34*) Aqui estavam as separações causadas pelas tempestades político-doutrinárias antes da época da colheita. Entre elas, o joio, ainda predominante, formou outros sistemas babilônicos, embora menos questionáveis.

Assim, o trigo, embora de tempos em tempos se esforçasse

de se libertar do fardo do joio (e especialmente dos erros mais graves que alimentavam e produziam o joio), e embora abençoado por esses esforços, ainda estava sob sua influência, ainda misturado com uma grande predominância do elemento do joio. Mas, pelo bem do trigo, a graça de Deus se estendeu até mesmo a esses feixes mistos ou sistemas babilônicos; e somente quando chegou o tempo de Deus para efetuar uma separação completa e definitiva — na época da colheita, em 1878 — é que esses sistemas foram completa e para sempre destituídos de toda graça, condenados à rápida destruição, e todo o povo de Deus foi explicitamente e imperativamente chamado a se afastar deles. Logo no início da era, o povo de Deus foi advertido contra os enganos do anticristo e ensinado a manter-se separado dele; e, no entanto, para sua provação e teste, foi-lhes permitido, em certa medida, serem enganados por ele e, mais ou menos, se misturarem com ele. Cada despertar para a compreensão de princípios, doutrinas e práticas não cristãs, que levou a medidas de reforma, testou e provou a classe do trigo, e ajudou a purificá-la cada vez mais das impurezas do anticristo. Mas esse último teste e chamado definitivo, aliado à rejeição total desses sistemas — que não receberão mais o favor divino (como antes o recebiam, por causa do trigo que neles havia) —, tem por objetivo efetuar a separação final da classe do trigo de todos os sistemas e princípios anticristãos. As verdades que esses sistemas outrora possuíam estão agora sendo rapidamente varridas, sendo substituídas por teorias humanas, subversivas a todos os elementos da verdade divina; e a piedade e a devoção verdadeiras estão sendo rapidamente substituídas pelo amor ao prazer e pelo espírito do mundo.

Com a declaração de que Babilônia caiu, vem também a ordem a todo o povo de Deus que ainda está nela, para que saia — "E ouvi outra voz do céu, dizendo: Sai dela, *meu povo*, para que não sejais participantes dos seus pecados e não recebestes das suas pragas." (***Apocalipse 18:4***) A expressão "Babilônia caiu: Sai dela, meu

povo", marca claramente dois pensamentos que devem ser lembrados distintamente. Isso indica que, em certo momento, Babilônia não havia caído do favor divino; que, por algum tempo, ela reteve uma medida de favor, apesar de seu caráter misto; que, por maior que fosse a proporção de erro que ela mantinha e por menor que fosse o espírito de Cristo que ela manifestava, ela não foi inteiramente rejeitada do favor de Deus até o tempo da colheita da separação. Isso indica que, em algum momento, uma rejeição repentina e total recairá sobre Babilônia, quando todo o favor cessará para sempre e os julgamentos se seguirão — exatamente a rejeição que, como demonstramos, estava prevista para 1878. Isso indica, também, que, no momento da rejeição de Babilônia, muitos do povo de Deus estariam dentro dela e associados a ela; pois é após a rejeição de Babilônia, ou sua queda em desgraça, que estes são chamados a: "Saiam dela, meu povo".

O contraste entre os muitos movimentos graduais de reforma dos últimos quatrocentos anos e essa separação final e completa deve ser claramente discernido: aqueles foram tentativas permitidas de *reformar* a Babilônia, enquanto esta reconhece que ela está além de toda esperança de reforma — "A Babilônia tem sido uma taça de ouro na mão do Senhor, que embriagou toda a terra; as nações beberam do seu vinho; por isso as nações estão enlouquecidas [intoxicadas com seus erros]. Babilônia caiu repentinamente e foi destruída: lamentem por ela; tragam bálsamo para sua ferida, para que, se for possível, ela seja curada. *Nós teríamos curado a Babilônia*, mas ela não está curada: abandonem-na, e vamos cada um para o seu próprio país [para a verdadeira Igreja, ou para o mundo, conforme o caso, de acordo com o que for comprovado de cada um: se é do trigo ou do joio]: pois o seu castigo chega até o céu." *Jeremias 51:7-9*. Compare *Ap. 17:4; 14:8; 18:2,3,5,19*.

A Babilônia não curada está agora condenada à destruição: todo o sistema — um sistema de sistemas — é rejeitado, e todo o povo de Deus que não concorda com suas falsas doutrinas e

práticas — é agora chamado a se separar dela. O profeta apresenta a razão para essa sentença de rejeição e para a incapacidade de alguns de compreendê-la, dizendo:

"A cegonha nos céus conhece os tempos que lhe foram designados; e a tartaruga, o grou e a andorinha observam a época de seu retorno; mas o meu povo não conhece o desígnio do Senhor. [Eles não reconhecem que deve chegar o tempo da colheita, em que haverá a separação plena e completa do trigo do joio e do trigo. Nisso, demonstram menos discernimento do que as aves migratórias.] Como podeis dizer: 'Somos sábios, e a Lei do Senhor está conosco' [quando não sois capazes de discernir o tempo da colheita e a mudança de dispensações que então se aproxima]? Em verdade, eis que em vão trabalhou a caneta, em vão os escritores [porque a palavra do Senhor, por meio de seus profetas e apóstolos, é anulada e deixada de lado sem atenção, e os credos formados nas "eras das trevas" do passado são as lanternas sem luz daqueles que andam nas trevas]. Os sábios (?) [eruditos] estão envergonhados; estão desanimados [pelo fracasso de seus planos humanos tão acalentados] e apanhados: eis que rejeitaram a palavra do Senhor, e que sabedoria lhes resta [agora]? [Compare *Isaías 29:10*.] Por isso entregarei suas esposas [igrejas] a outros, e seus campos [de trabalho] aos conquistadores; pois, do menor até o maior, cada um [deles] busca seu próprio benefício pessoal — desde o profeta [orador] até o sacerdote [ministro], todos praticam a falsidade. [Compare *Isaías 56:10-12; 28:14-20*.] E curam a ferida da filha do meu povo [Sião nominal — Babilônia] de maneira muito superficial, dizendo: "Paz, paz", quando não há paz [quando todo o seu sistema está doente e precisa de uma purificação completa com o remédio da Palavra de Deus — a verdade]. Eles deveriam ter se envergonhado de suas obras abomináveis; mas não sentiram a menor vergonha, nem souberam corar: por isso, *eles* [os mestres] cairão entre os que caem; no tempo de sua visitação [ou inspeção — na "colheita"]

tropeçarão, diz o Senhor. Certamente acabarei com eles, diz o Senhor; não restarão uvas na videira, nem figos na figueira, e a folha murchará; e as coisas que lhes dei [todos os favores e privilégios divinos] se afastarão deles." *Jeremias 8:7-13*

O versículo seguinte mostra que muitos dos rejeitados perceberão as tribulações que se aproximam, mas ainda assim permanecerão cegos quanto à sua verdadeira causa. Dirão: "Vamos nos unir e nos entrincheirar nas cidades fortificadas [governos], e *manter silêncio*". De alguma forma, percebem que nem a razão nem as Escrituras sustentam suas falsas doutrinas, e que o método mais sábio é permanecer em silêncio, à sombra de antigas superstições e sob a proteção dos chamados governos cristãos. Eles são aqui retratados dizendo, com muita veracidade: "O Senhor nos silenciou e nos deu água envenenada e amarga para beber". O único refresco que podem ter é o cálice que eles mesmos prepararam (o veneno do erro amargo, a "doutrina dos demônios", misturado com a água pura da vida, a verdade da Palavra de Deus). Aqueles que são de Babilônia e a amam, e que, portanto, não estão dispostos a obedecer à ordem "Sai dela", não serão forçados a beber o cálice que eles mesmos prepararam? Não serão forçados a admitir a falsidade de suas doutrinas? Certamente que sim; e todos ficarão profundamente enojados com isso. O versículo seguinte fala da decepção de suas expectativas, que eram de que suas doutrinas amargas (água envenenada) teriam convertido o mundo e trazido o milênio. Eles dizem: "Esperávamos paz, mas nada de bom veio; e esperávamos um tempo de saúde, e eis que veio a angústia!" — A doença da Sião nominal piorará rapidamente a partir do momento de sua visitação e rejeição, quando os "verdadeiros israelitas", obedecendo ao chamado divino, começarem a sair dos sistemas nominais.

Alguns se perguntam por que o Senhor não institui uma reforma ainda maior do que qualquer uma das passadas, que se mostraram tão fúteis e de curta duração. Eles perguntam: Por que ele não derrama

uma bênção sobre todas as grandes seitas e as fundir todas em uma só, ou então sobre uma delas e purificá-la das impurezas, atraindo todas as outras para ela?" Mas, perguntamos nós: "Por que não fundir também todos os reinos da Terra em um só e purificá-lo?"

Deveria ser suficiente para todos os filhos de Deus saber que não é isso que Ele revela como Seu plano. E uma reflexão um pouco mais aprofundada, do ponto de vista da Palavra de Deus, nos mostra o caráter irracional de tal sugestão. Considere o número dos que professam pertencer à igreja (quatrocentos milhões) e pergunte a si mesmo: quantos deles afirmariam ser *totalmente consagrados*, em mente e corpo, ao Senhor e ao serviço de *Seu plano*? Sua própria observação deve levá-lo à conclusão de que separar o "trigo" do "joio", removendo o "joio", deixaria, em quase todos os casos, apenas um pequeno punhado, mesmo nos maiores templos ou catedrais.

A razão para não se tentar purificar os sistemas nominais é que nenhuma purificação, por maior que fosse, tornaria a massa não consagrada da "cristandade" e suas organizações, civis e eclesiásticas, adequadas à obra do Senhor, que agora está prestes a ser iniciada na Terra. Durante os últimos dezoito séculos, Ele vem selecionando os verdadeiramente consagrados, os dignos, e agora tudo o que resta a ser feito é selecionar, dentre os vivos, aqueles da mesma classe — e são poucos —, pois faltam apenas alguns para completar o número predestinado de membros no corpo de Cristo.

A razão para descartar todas as organizações humanas, e não reformar a menos questionável delas e chamar de todas as outras para dentro dela, agora, é demonstrada pela maneira como nosso Senhor tratou as várias seitas judaicas na colheita ou no fim de sua dispensação; pois naquela época, assim como agora, todas foram rejeitadas, e os "verdadeiros israelitas" foram chamados de entre todas para a liberdade e instruídos sobre a vontade e o plano de Deus por meio de vários vasos escolhidos pelo próprio Deus.

[C160]

Ilustrando esse assunto aos judeus, o Senhor, por meio de duas parábolas, explicou a sabedoria de seu proceder: primeiro, que um remendo de tecido novo em uma vestimenta muito velha apenas tornaria a fragilidade da vestimenta mais perceptível e, devido à desigualdade de resistência, o rasgo se tornaria maior; segundo, que o vinho novo colocado em odres velhos, dos quais toda a elasticidade e flexibilidade haviam desaparecido, certamente causaria danos, em vez de benefícios, pois o resultado seria não apenas o rápido rompimento e a destruição dos odres velhos, mas também a perda do valioso vinho novo.

As novas doutrinas de Nosso Senhor eram o vinho novo, enquanto as seitas judaicas eram os odres velhos. Suponhamos que Nosso Senhor tivesse se juntado a uma dessas seitas e iniciado uma reforma nela: qual teria sido o resultado? Não há dúvida de que as novas verdades, se aceitas, teriam desmantelado completamente aquela seita. O poder de sua organização, construído em grande parte sobre o orgulho sectário e cimentado por erros, superstições e tradições humanas, teria sido imediatamente destruído, e as novas doutrinas teriam ficado à deriva — prejudicadas, além disso, por todos os velhos erros e tradições daquela seita, e responsabilizadas pelo seu histórico passado pelo mundo em geral.

Pelas mesmas razões, o Senhor, aqui, na presente colheita, ao introduzir a luz mais completa da verdade, no alvorecer da Era milenar, não a apresenta como um remendo em nenhum dos sistemas antigos, nem como vinho novo em odres velhos. Primeiro, porque nenhum deles está em condições adequadas para ser remendado ou para receber as novas doutrinas. Segundo, porque as novas verdades, se recebidas, logo começariam a agir e desenvolveriam um poder capaz de romper qualquer seita, por mais bem organizada e coesa que fosse. Se fossem testadas, uma após a outra, o resultado seria o mesmo e, no fim, o vinho novo (as doutrinas) não teria nada para contê-lo e preservá-lo.

[C161]

O caminho correto e melhor foi aquele seguido por nosso Senhor em sua primeira vinda. Ele confeccionou uma vestimenta inteiramente nova com o tecido novo e colocou o vinho novo em odres novos; ou seja, ele convocou os verdadeiros israelitas (não sectários) e lhes confiou as verdades que lhes eram devidas naquele momento. E assim também agora: ele está convocando aqueles que têm fome da verdade do Israel espiritual nominal; e cabe a eles aceitar a verdade da maneira do próprio Senhor e cooperar com ele de todo o coração em seu plano, independentemente de quais ou quantos dos velhos odres sejam deixados de lado e rejeitados como inadequados para contê-la. Alegrem-se, antes, por serem considerados dignos de que esse vinho novo da verdade presente lhes seja testemunhado e, assim que for comprovado, recebam-no e ajam de acordo com ele com alegria.

Aqueles que, na primeira vinda, esperaram para conhecer a opinião e seguir a orientação de sectários proeminentes, e que perguntaram: "Algum dos escribas ou fariseus creu nele?", não receberam a verdade, porque eram seguidores de homens em vez de seguidores de Deus; pois os líderes de seitas proeminentes da época não aceitaram o ensinamento de Cristo, e essa mesma classe sempre foi, e ainda é, a mais cega entre os cegos. Em vez de aceitar a verdade e serem abençoados, eles "caem" no tempo da provação. A roupa velha e os odres de vinho velhos estão tão deteriorados que se tornaram totalmente impróprios para uso posterior.

Visto que é o Senhor quem chama seu povo para fora de Babilônia, não podemos duvidar de que, quaisquer que sejam os meios que Ele utilize para fazer o chamado, todos os que verdadeiramente pertencem ao Seu povo o ouvirão; e não apenas sua obediência será testada pelo chamado, mas também seu amor por Babilônia e sua afinidade com seus erros serão postos à prova. Se aprovarem suas doutrinas, métodos etc., a ponto de relutarem em abandoná-la, provarão ser indignos da verdade presente e merecedores das pragas que se abaterão sobre ela. Mas as palavras do chamado indicam que o verdadeiro povo de Deus na Babilônia

[C162]

não deve ser considerado como implicado em seus pecados de mundanismo e de ignorância da verdade divina, *até o momento* em que tomarem conhecimento de que Babilônia caiu — foi rejeitada. Então, se permanecerem *nela*, serão considerados como pertencentes *a ela*, no sentido de aprovarem suas más ações e doutrinas, passadas e presentes, e serão contados como *participantes* de seus pecados e, portanto, merecedores de uma parte de seu castigo, as pragas que cairão sobre ela. Veja *Apocalipse 18:4*.

Quão forte é a expressão: "Ela se tornou morada de demônios, refúgio de todo espírito imundo e gaiola de toda ave impura e odiosa". Quão verdadeiro é que os mais execráveis da sociedade buscam e vestem o manto da profissão cristã e do cerimonialismo, em alguns dos diversos setores (seitas) de Babilônia. Todo princípio e doutrina impuros, de alguma forma e em algum lugar, encontram representação nela. E ela é uma "gaiola" que mantém em segurança não apenas as pombas mansos e gentis do Senhor, mas também muitas aves impuras e odiosas. De todos os transgressores e enganadores de homens e mulheres, quantos são membros professos da Igreja de Cristo! E quantos até usam sua profissão como um disfarce sob o qual promovem planos malignos! É bem sabido que a maioria até mesmo dos criminosos mais brutais executados morre na comunhão católica romana.

Babilônia abrigou tanto o melhor quanto o pior, tanto a nata quanto a escória, da população do mundo civilizado. A nata é a pequena classe dos verdadeiramente consagrados, infelizmente misturada com a grande massa de meros professos e com a escória imunda e criminosa; mas, sob condições favoráveis, a classe da nata será separada na colheita atual, em preparação para ser glorificada.

Como ilustração da proporção de aves impuras e odiosas, dentro e fora da Babilônia, observe-se o seguinte relatório oficial sobre a condição da sociedade em um setor do campo de trigo onde a "ortodoxia" se vangloria, há séculos,

[C163]

a excelente qualidade e pureza de seu trigo e a escassez de seu joio, e onde *a* chamada "Igreja" tem se associado ao governo na elaboração das leis e no governo do povo:

A Situação da Sociedade na Inglaterra e no País de Gales – Relatório Parlamentar de 1873

População por Confissão Religiosa	
Católicos romanos.	1.500.000
Igreja da Inglaterra.	6.933.935
Dissidentes [protestantes que não sejam episcopais]	7.234.158
Infieis.	7.000.000
Judeus	57,000
Número total de criminosos nas prisões	
Católicos romanos	37,300
Igreja da Inglaterra.	96.600
Dissidentes.	10.800
Incrédulos	350
Judeus	0
	145,050
Criminosos por cada 100.000 habitantes	
Católicos romanos	2,500
Igreja da Inglaterra	1,400
Dissidentes	150
Infieis.	5
Judeus.	0
Proporção de criminosos	
católicos romanos	1 em 40
Igreja da Inglaterra	1 em 72
Dissidentes	1 em 666
Infieis.	1 em 20.000

[C164]

A causa dessa situação mista é explicada: "Babilônia embriagou todas as nações com o vinho [o espírito, influência] da sua prostituição" — afiliação mundana. (***Apocalipse 18:3***) Ensinamentos falsos a respeito do caráter e da missão da Igreja, bem como a alegação de que havia chegado o tempo de sua exaltação e reinado (e particularmente após o grande boom de sucesso que sua ambição mundana alcançou na época de Constantino, quando ela afirmava ser o Reino de Deus *estabelecido* para reinar com poder e grande glória), levaram muitos à Babilônia, os quais jamais teriam se unido a ela se ela tivesse permanecido no caminho estreito do sacrifício. O orgulho e a ambição levaram a Igreja primitiva a buscar o poder mundano. Para obter esse poder, eram necessários Números e influência mundana. E para obter o número de fiéis — que, nas condições atuais, a verdade jamais teria atraído —, falsas doutrinas foram introduzidas e, por fim, conquistaram ascendência sobre todas as outras; e até mesmo as verdades que ainda eram mantidas foram desfiguradas e distorcidas. Os Números cresceram, chegando a centenas de milhões, e a verdadeira Igreja, o trigo, ainda apenas um "pequeno rebanho", ficou oculta entre os milhões de joios. Aqui, como ovelhas no meio de lobos devoradores, o verdadeiro Reino de Deus em estado embrionário sofreu violência, e os violentos tomaram-no à força; e, como seu Senhor, cujas pegadas seguiram, foram desprezados e rejeitados pelos homens, homens de dores e familiarizados com o sofrimento.

Mas agora, à medida que a manhã milenar amanhece, e os erros doutrinários da noite escura do passado são descobertos, e as verdadeiras joias da verdade são iluminadas, o efeito deve ser, conforme planejado, separar completamente o trigo do joio. E, assim como as falsas doutrinas produziram o desenvolvimento inadequado, assim também o desdobramento da verdade à luz da colheita produzirá a separação. Todo o joio e parte do trigo, porém, estão aterrorizados. Para eles, parece que a dissolução de Babilônia seria a ruína da obra de Deus

e o fracasso de sua causa. Mas não é assim: o joio nunca foi trigo, e Deus nunca se propôs a reconhecê-lo como tal. Ele simplesmente permitiu, "deixou", que ambos crescessem juntos até a colheita. É da "gaiola" de aves impuras de Babilônia que o povo de Deus é chamado para fora, para que possa desfrutar da liberdade e compartilhar da luz e da obra da colheita, e provar que está em desacordo com os erros de doutrina e prática dela, escapando assim deles e de sua recompensa — as pragas que recairão sobre todos os que permanecerem nela.

Essas pragas ou tribulações, prenunciadas nas tribulações que se abateram sobre a casa judaica rejeitada, são retratadas com símbolos tão sinistros no livro dos Apocalipses que muitos estudiosos têm ideias muito exageradas e descabidas sobre esse assunto e, portanto, não estão preparados para as realidades que agora se aproximam iminentemente. Frequentemente interpretam os símbolos literalmente e, por isso, não estão preparados para vê-los se cumprir como de fato acontecerá — por meio de distúrbios religiosos, sociais e políticos, controvérsias, convulsões, reações, revoluções etc.

Mas observe outro ponto aqui. Entre o momento em que Babilônia é rejeitada, cai em desgraça (1878), e o momento em que as pragas ou tribulações se abatem sobre ela, há um breve intervalo, durante o qual todos os fiéis do povo do Senhor devem ser informados sobre esse assunto e retirados de Babilônia. Isso é claramente mostrado no mesmo versículo; pois à mensagem "Babilônia caiu" acompanha o chamado: "Saiam dela, *meu povo*, para que vocês... não sofram as pragas *que estão por vir*". Esse mesmo intervalo de tempo e a mesma obra a ser realizada nele também são mencionados simbolicamente em ***Apocalipse 7:3***. Ao mensageiro da ira é dada a ordem: "Não prejudique a terra, nem o mar, nem as árvores, *até que tenhamos* SELADO os servos do nosso Deus em suas testas". O selamento na testa indica que uma compreensão mental da verdade será a marca ou o selo que separará e distinguirá os servos de Deus dos servos e devotos

[C166]

de Babilônia. E isso está de acordo com o testemunho de Daniel: "Os sábios [do teu povo] compreenderão; mas nenhum dos ímpios [infiéis à sua aliança] compreenderá." (*Daniel 12,10*) Assim, as classes devem ser marcadas e separadas antes que as pragas se abatam sobre a rejeitada e abandonada Babilônia.

E o fato de que esse *conhecimento* deve ser tanto um selo quanto um agente de separação está claramente implícito no versículo anteriormente considerado; pois primeiro é feita a declaração de que "Babilônia caiu" e de que certas pragas ou castigos estão por vir sobre ela, antes que se espere que o povo do Senhor obedeça à ordem "Saiam daí", *com base nesse conhecimento*. De fato, sabemos que todos devem estar bem "selados na testa" — inteligentemente informados — a respeito do plano de Deus, antes que possam apreciar corretamente ou obedecer a essa ordem.

E não é evidente que essa mesma obra de selar os servos de Deus está agora em andamento? Não estamos sendo selados na testa? E isso, aliás, no momento exato? Não estamos sendo conduzidos, passo a passo, como pela própria mão do Senhor — por meio de sua Palavra — a uma compreensão da verdade e dos assuntos em geral a partir de seu ponto de vista — revertendo nossas opiniões anteriores, derivadas de outras fontes, sobre muitos assuntos? Não é verdade que as várias divisões ou seitas de Babilônia não têm sido os canais por meio dos quais esse selamento chegou até nós, mas sim que têm sido obstáculos que impediram sua realização mais rápida? E não vemos a adequação disso, assim como da declaração do Senhor, de que deve ocorrer uma separação do trigo e do joio na colheita? E não vemos que esse é o plano Dele: revelar os fatos aos Seus fiéis e, então, esperar que eles demonstrem sua sincera simpatia por esse plano por meio da obediência imediata? E se obedecer e sair nos obrigar a deixar para trás o elogio dos homens, ou um salário confortável, ou uma casa paroquial, ou auxílios financeiros nos negócios, ou a paz doméstica, ou o que quer que seja? —

no entanto, não temamos. Aquele que nos diz "Venham!" é o mesmo que disse "Venha!" a Pedro quando ele caminhou sobre o mar. Pedro, ao obedecer, teria afundado, se o braço estendido do Senhor não o tivesse sustentado; e o mesmo braço sustenta firmemente aqueles que agora, a seu comando, saem de Babilônia. Não olhem para o mar tempestuoso de dificuldades que se interpõe, mas, olhando diretamente para o Senhor, tenham bom ânimo.

A ordem é "Venham", não "Vão"; porque, ao sairmos da escravidão das tradições humanas, dos credos, dos sistemas e dos erros, estamos *vindo diretamente para o nosso Senhor*, para sermos ensinados e alimentados por ele, para sermos fortalecidos e aperfeiçoados a fim de cumprir toda a sua vontade, e para *permanecermos firmes*, e não *cairmos* com Babilônia.

A Palavra de Deus revela o fato de que a igreja nominal, após sua queda da graça de Deus e de deixar de ser seu porta-voz (***Apocalipse 3:16***), entrará gradualmente em um estado de descrença, no qual a Bíblia acabará sendo totalmente ignorada na prática, embora mantida no nome, e no qual especulações filosóficas de vários matizes serão os verdadeiros credos. Dessa queda escaparão os fiéis selados; pois serão "considerados *dignos* de escapar de todas essas coisas que hão de acontecer e de permanecer em pé" — e não cair — no tempo da presença do Senhor. (***Lucas 21:36***) De fato, muitos já estão se estabelecendo dessa forma — mantendo as formas de adoração e a fé em um Criador e em uma vida futura, mas encarando-as principalmente por meio de suas próprias filosofias e teorias ou das de outros homens, e ignorando a Bíblia como uma professora infalível dos propósitos divinos. Esses, embora mantenham a Bíblia, não acreditam em suas narrativas, especialmente a do Éden e da queda. Mantendo o nome de Jesus e chamando-o de Cristo e Salvador, eles o consideram meramente como um excelente, embora não infalível, exemplo, e rejeitam inteiramente seu sacrifício de resgate — sua cruz. Alegando que a paternidade de Deus se estende aos pecadores, eles repudiam tanto a maldição quanto o mediador.

Não se tem observado, de maneira geral, que, na primeira vinda

o ministério de três anos e meio de nosso Senhor, até a rejeição da nação judaica (sendo sua igreja e nação uma só), foi um julgamento ou teste daquela estrutura política ou sistema *como um todo*, e não de seus membros *individuais*. Sua classe clerical — sacerdotes, escribas e fariseus — representava esse sistema como um todo. Eles próprios afirmavam, assim, representar o judaísmo **(*João 7:48, 49*),** e o povo os considerava dessa forma; daí a força da pergunta: "Algum dos governantes ou fariseus creu nele?" E nosso Senhor os reconhecia assim: raramente repreendia *o povo* por não aceitá-lo, mas repetidamente responsabilizava os "guias cegos", que nem eles mesmos entravam no Reino, nem permitiam que o povo — que, de outra forma, teria recebido Jesus como Messias e Rei — o fizesse.

O esforço constante de nosso Senhor era evitar a publicidade — para impedir que seus milagres e ensinamentos incitassem *o povo*, para que não o levassem à força e o fizessem **rei (*João 6:15*);** e, no entanto, Ele constantemente trazia esses testemunhos ou evidências de Sua autoridade e messianismo ao conhecimento do clero judeu, até o momento em que, encerrado o período de provação deles como nação-igreja, sua casa ou sistema foi rejeitado, "deixado desolado". Então, sob sua orientação e de acordo com os ensinamentos dos apóstolos, todos os esforços foram direcionados ao povo individualmente; e a organização eclesiástica rejeitada e seus líderes, como tais, foram totalmente ignorados.

Como prova de que, durante seu ministério e até que seu sistema fosse rejeitado, os mestres e sacerdotes o representavam, observe a conduta do Senhor com o leproso curado, conforme registrado em *Mateus 8:4*. Jesus disse-lhe: "*Vê que não digas a ninguém*; mas vai, mostra-te *ao sacerdote* e oferece a oferta que Moisés ordenou, *para testemunho a* ELES". A evidência ou testemunho deveria ser ocultado do povo por um tempo, mas entregue prontamente aos *seus "governantes",* que representavam a igreja judaica no julgamento então em andamento.

[C169]

Devemos observar particularmente o objetivo e os resultados do julgamento da igreja judaica como um sistema, devido à sua relevância simbólica para o julgamento atual da Igreja do Evangelho, bem como sua relação com todo o plano de Deus. Eles professavam, em harmonia com as promessas de Deus, ser o povo *pronto* para a vinda do Messias, o povo que Ele organizaria, capacitaria, dirigiria e usaria como seu *"próprio* povo", abençoando todas as outras nações da terra, levando todas a um pleno conhecimento de Deus e a oportunidades de harmonia com suas leis justas. Deus, embora por meio de sua presciência soubesse que o Israel carnal seria inadequado para o lugar principal nessa grande obra, deu-lhes, mesmo assim, todas as oportunidades e vantagens, como se ignorasse os resultados. Enquanto isso, Ele revelou sua presciência em declarações proféticas que eles não podiam compreender, para que não suporíamos que Ele tivesse experimentado — e falhado — em seu relacionamento com o povo judeu.

Enquanto Israel, como nação-igreja, afirmasse estar pronto, à espera e ansioso para cumprir sua parte do programa, era justo que fosse posto *à prova*, antes que o plano posterior de Deus entrasse em vigor. Esse plano posterior consistia no seguinte: quando a descendência natural de Abraão, por meio de seus testes, fosse considerada inadequada para a honra principal prometida e almejada, então, durante a era evangélica, seria feita uma eleição ou seleção de indivíduos dignos da alta honra de serem a descendência prometida de Abraão e co-herdeiros com o Messias no Reino prometido, que elevaria e abençoaria todas as famílias da terra. *Gálatas 3:16, 27-29, 14*

As "setenta semanas" (490 anos) de favor divino prometidas ao povo judeu não poderiam deixar de se cumprir; e, portanto, de forma alguma os gentios, ou mesmo os samaritanos, poderiam ser convidados a se tornarem discípulos, nem, de modo algum, a serem associados ao Reino que Cristo e os apóstolos pregavam. (*Atos 3:26*) *"Era necessário* que a palavra de Deus [o convite

[C170]

para compartilhar o Reino] fosse *primeiro* pregada *a vocês*", disse Paulo, dirigindo-se aos judeus. (*Atos 13:46*) "Não vos dirijais ao caminho dos gentios, nem entreis em nenhuma cidade dos samaritanos; mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel"; e novamente: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel", disse o mestre, ao enviar seus discípulos. *Mateus 10:5; 15:24*

Toda a "sétima semana", no meio da qual Cristo morreu — os sete anos desde o início do ministério de nosso Senhor até o envio de Pedro para pregar a Cornélio, o primeiro convertido gentio — foi reservada, por disposição de Deus, para o julgamento dos judeus. Mas, em vez de testá-los como um todo (como uma nação-igreja) durante todos aqueles sete anos, esse teste foi "encurtado em justiça" — isto é, não em seu prejuízo, mas em seu benefício. Pois era evidente, não apenas para Deus, mas também para os homens, que os fariseus, sacerdotes e escribas não apenas rejeitaram, mas, no final, odiaram o Senhor Jesus e procuraram matá-lo; portanto, quando chegou a hora de ele se apresentar publicamente como *Rei*, cavalgando até eles sobre um jumento, e não foi recebido pelos representantes da igreja-nação, o Rei prontamente repudiou aquele sistema, embora o povo comum o recebesse com alegria e insistisse em seu reconhecimento como rei. (*Marcos 12:37*) Assim, nosso Senhor interrompeu o julgamento inútil que se seguia, a fim de que o restante daquela "sétima semana" pudesse ser dedicado especial e exclusivamente ao *povo*, aos *indivíduos* daquele sistema rejeitado — antes que os esforços dos ministros da nova dispensação fossem distribuídos amplamente a todas as nações. E assim foi; pois nosso Senhor, após sua ressurreição, ao dizer aos discípulos que seus esforços não precisavam mais se limitar apenas aos judeus, mas poderiam ser estendidos a "todas as nações", fez questão de acrescentar: *"começando por Jerusalém*". (*Lucas 24:47*) E ele sabia muito bem que as ideias judaicas deles o impediriam de ir além dos judeus até que

[C171]

Ele, no tempo devido, abrisse o caminho — como fez no fim do período de favor, ao enviar Pedro a Cornélio. Desde então, judeus e gentios têm compartilhado igualmente os privilégios do favor de Deus, sendo ambos igualmente aceitáveis, em Cristo e por meio dele; pois, no chamado atual, "não há diferença" no que diz respeito a Deus — sendo a diferença desfavorável ao judeu seu próprio preconceito contra aceitar, como um *dom* por meio de Cristo, as bênçãos que outrora lhe foram oferecidas sob a condição de sua obediência efetiva à letra e ao espírito da lei de Deus, que ninguém, no estado decaído, poderia cumprir.

Aquela "setentaª semana", com todos os detalhes do teste do Israel carnal, não apenas cumpriu o propósito de testar aquele sistema, mas também e especialmente forneceu uma representação típica de um teste semelhante da Igreja nominal do evangelho ou Israel espiritual, chamada de "Cristandade" e "Babilônia", durante sete anos correspondentes, que deram início à colheita da era evangélica — o período de outubro de 1874 a outubro de 1881. A "Cristandade", a "Babilônia", professa ter percebido o fracasso de seu protótipo, o Israel carnal, e alega ser a verdadeira semente *espiritual* de Abraão, estando pronta, à espera e ansiosa para converter o mundo pagão, bem como para governar, ensinar e abençoar todas as nações com justiça, exatamente como o sistema judaico professava. O presente se assemelha à era típica também no fato de que os líderes da época, em geral, passaram a considerar as promessas de um Messias vindouro como expressões figurativas; e apenas a classe mais humilde do povo esperava um Messias *pessoal*. Os eruditos entre os judeus, então, ignoravam a ideia de um Messias individual e esperavam que sua nação-igreja triunfasse sobre as outras em virtude de suas leis superiores, cumprindo assim tudo o que o povo comum supunha que exigiria um Messias pessoal para realizar. (E essa é a visão ainda defendida pelos professores judeus "eruditos", ou rabinos, que interpretam as profecias messiânicas

[C172] como aplicáveis à sua nação-igreja, e não a um Salvador individual do mundo. Até mesmo as profecias que se referem aos sofrimentos de Cristo eles aplicam aos seus próprios sofrimentos como povo.) Levando adiante sua teoria, eles enviam missionários por todo o mundo para converter o mundo à Lei de Moisés, esperando assim alcançar e "abençoar todas as famílias da terra", independentemente de um Messias pessoal. Isso era tão verdadeiro que nosso Senhor comentou a respeito, dizendo: "Vós percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito".

Quão semelhante a isso é a teoria do "cristianismo" nominal de hoje. As pessoas comuns, quando sua atenção é voltada para o fato de que o Senhor prometeu voltar e que os apóstolos e profetas predisseram que o Milênio, ou Tempos de Restauração, resultariam da segunda vinda do Senhor (***Atos 3:19-21***), tendem a aceitar a verdade e a se alegrar com ela, assim como uma classe semelhante fez na primeira vinda. Mas hoje, assim como há mil e oitocentos anos, os sumos sacerdotes e governantes do povo têm uma ideia mais avançada (?). Eles afirmam que as promessas da bem-aventurança milenar, da paz na terra e da boa vontade entre os homens, podem e devem ser realizadas por meio de seus esforços, missões etc., sem a vinda pessoal do Senhor Jesus; e, assim, anulam as promessas da segunda vinda e do Reino vindouro.

Os atuais sumos sacerdotes e governantes, o "clero" da "cristandade", enganando a si mesmos e ao povo, afirmam — e aparentemente acreditam — que seus esforços missionários estão prestes a ter sucesso e que, sem o Senhor, estão agora à beira de apresentar ao mundo todas as bênçãos milenares descritas nas Escrituras.

A base dessa ilusão reside, em parte, no fato de que o aumento do conhecimento e das viagens de um lado para outro pela terra, inerentes a este "Dia de Sua Preparação", têm sido

[C173] especialmente favoráveis à expansão do comércio das nações civilizadas e ao consequente aumento da prosperidade mundana. A Babilônia atribui friamente a si mesma o mérito de tudo isso, apontando todas essas vantagens como resultados de suas influências cristianizadoras e dinamizadoras. Ela orgulhosamente aponta para a "nação cristã" da Grã-Bretanha e para sua riqueza e prosperidade como resultados de seus princípios cristãos. Mas quais são os fatos? Cada passo de progresso que essa nação ou qualquer outra nação deu ocorreu apenas na medida do esforço exercido para se livrar do jugo da opressão de Babilônia. Na medida em que a Grã-Bretanha se livrou dos grilhões da opressão papal, ela prosperou; e na medida em que continuou a aderir e a ser influenciada pelas doutrinas papais da união entre Igreja e Estado, da autoridade e opressão real e sacerdotal divinamente designadas, e a se submeter à tirania da ganância e do egoísmo, nessa mesma medida ela continua degradada.

A ganância por ouro e a ambição pelo poder foram as forças que levaram à abertura relutante dos portos de terras pagãs ao comércio das chamadas nações cristãs, ao rum e ao ópio ingleses e alemães, e ao uísque e ao tabaco americanos. O amor a Deus e a bênção das nações pagãs não tiveram lugar nesses esforços. Eis um fato aparentemente insignificante da história atual que deveria abalar as consciências das chamadas nações cristãs, se é que elas têm alguma. O emir muçulmano de Nupe, na África Ocidental, enviou recentemente a seguinte mensagem ao bispo Crowther, da missão do Níger:

"Não é um assunto longo; trata-se do barasa [rum]. Barasa, barasa, barasa! Isso arruinou nosso país; arruinou muito nosso povo; enlouqueceu nosso povo. Peço-lhe, Malam Kip, não se esqueça desta carta; pois todos nós imploramos que ele [Crowther] peça aos grandes sacerdotes [o comitê da Sociedade Missionária da Igreja Anglicana] que

implorem à rainha da Inglaterra [chefe da Igreja da Inglaterra] que impeça a entrada de barasa nesta terra.

"Pelo amor de Deus e do Profeta! Pelo amor de Deus e do Profeta, seu mensageiro, ele deve nos ajudar nesta questão — a questão do barasa. Diga a ele, que Deus o abençoe em seu trabalho. Esta é a mensagem oral de Malike, o emir de Nupe."

Comentando sobre isso, uma revista batista observa:

"Este humilde governante negro revela, nesta carta, uma preocupação com seu povo que os monarcas e governos cristãos ainda não alcançaram; pois nenhum governante cristão europeu, nem nenhum presidente dos Estados Unidos, jamais fez um apelo semelhante em favor de seu povo. Em todos os discursos de abertura dos parlamentos, em todas as mensagens presidenciais, nunca se encontrou passagem semelhante. Que vergonha para nossos governantes cristãos! O lucro, a maldita sede de ouro, é a lei entre os comerciantes; e estes são os queridinhos e senhores dos governos."

Então, em nome da verdade, perguntamos: por que chamar esses governos de cristãos? E o governo dos Estados Unidos não é exceção, embora tantos persistam em denominá-lo um governo cristão, enquanto, na verdade, ele não reconhece esse título imerecido, apesar de ser instado a fazê-lo por sectários zelosos. De Boston, vastas cargas de rum são continuamente enviadas para a África, sem fiscalização do governo e com sua total permissão, enquanto ele concede licenças a dezenas de milhares para fabricar e distribuir aos seus próprios cidadãos a terrível "água-de-fogo", tornada duplamente nociva e sedutora pelo que se chama de retificação, ou seja, pela mistura legalizada dos venenos mais nocivos. Tudo isso, e muito mais, é justificado e defendido por estadistas "cristãos" e governantes das chamadas nações cristãs, em *nome da receita* — como a maneira mais fácil de arrecadar do povo uma parte das despesas necessárias do governo. Certamente, trata-se de prostituição do tipo mais baixo e pior. Todo homem que pensa deve perceber o quão inadequado é o nome "cristão", quando aplicado até mesmo aos melhores dos governos atuais. A tentativa de

[C175]

adequar o nome "cristão" aos caracteres dos "reinos deste mundo", governados pelo "príncipe deste mundo" — Satanás — e imbuídos do "espírito do mundo", tem deixado perplexos todos os corações verdadeiramente cristãos, iludidos por esse erro de supor que os atuais governos do mundo sejam, em qualquer sentido, o Reino de Cristo.

Diz Cannon Farrar na *Contemporary Review*:

"A antiga rapacidade do tráfico de escravos foi seguida pela rapacidade ainda mais gananciosa e ruinosa do vendedor de bebidas. Nossos pais arrancaram do pescoço da África um jugo de chicotes; nós submetemos as raças nativas a um jugo de escorpiões. Abrimos os rios da África ao comércio, apenas para derramar neles o furioso Flegetonte do álcool, cuja água é mais vermelha como sangue e mais amaldiçoada do que qualquer rio do Inferno. A consciência da nação está morta?"

Respondemos: Não! A nação nunca foi cristã e, consequentemente, nunca teve uma consciência cristã ou o espírito cristão. O *máximo* que se pode dizer a respeito é que a luz dos filhos verdadeiramente consagrados a Deus iluminou, refinou e envergonhou — levando a uma certa medida de reforma moral — o sentimento público daquelas nações nas quais eles "brilham como luzes".

Da mesma forma, um comércio igualmente horrível foi imposto à China e ao Japão, contra seus veementes protestos, pelos mesmos governos cristãos (?). Em 1840, a Grã-Bretanha iniciou uma guerra contra a China, chamada de "Guerra do Ópio", para obrigar o governo chinês — que desejava proteger seu povo daquela terrível maldição — a admitir esse produto. A guerra resultou favoravelmente para o lado do diabo nessa questão. Navios de guerra britânicos destruíram milhares de vidas e lares e forçaram o governante chinês pagão a abrir o império à morte lenta do ópio — a droga intoxicante da China. A receita líquida do governo britânico proveniente dessa droga, após o pagamento de grandes despesas com a arrecadação, totalizou, de acordo com relatórios oficiais publicados em 1872,

a mais de US$ 37.000.000 no ano anterior. Esse valor, US$ 37 milhões por ano, foi a causa inspiradora daquela guerra, exatamente o oposto do amor pelo bem-estar dos chineses, tanto no presente quanto no futuro. A cláusula do tratado que garantia proteção aos missionários cristãos era apenas um pedaço habilmente inserido para apaziguar a consciência das pessoas que amavam a justiça — para fazer com que um grande crime parecesse uma misericórdia, um ato de bondade. No tratado assinado ao final da guerra, certos portos foram abertos ao comércio britânico, e tratados semelhantes com outras nações se seguiram, garantindo assim alguns resultados positivos. Um deles foi a abertura da China às influências civilizadoras. Mas o fato de alguns homens e mulheres cristãos terem se colocado na vanguarda para ensinar ao povo alguns dos princípios da retidão não deve ser atribuído ao mérito da *nação britânica*, cujo objetivo era o comércio e que, por ganância de ouro — e não pelo bem dos chineses ou pela glória de Deus —, travou uma guerra profana e injusta contra um povo não tão versado na arte diabólica.

Juntamente com outros vícios, a "cristandade" ensinou às nações as piores formas de idolatria — a idolatria do eu, da riqueza e do poder —, pelas quais homens e nações que se dizem cristãos estão dispostos a fraudar, ferir e até mesmo matar uns aos outros. Também lhes ensinou blasfêmia e sacrilégio em todas as línguas; pois a tripulação de cada navio, proveniente de qualquer nação que se professa cristã, blasfema contra o nome de Cristo. Mas, embora tal tenha sido a influência das chamadas nações cristãs, de seu seio também partiram alguns nobres missionários da cruz, alguns verdadeiros servos de Deus, e também alguns menos nobres, os servos dos homens — no total, porém, apenas um punhado — para falar aos pagãos sobre Cristo e a verdadeira civilização.

Não são os missionários sinceros, mas os otimistas dirigentes locais das sociedades missionárias, que têm pouca noção e, muitas vezes, pouco interesse real pela situação real em terras estrangeiras, e cujas opiniões se baseiam principalmente na grande

soma arrecadada e gasta anualmente, que acreditam que o mundo pagão está quase convertido e que seus esforços estão prestes a resultar nas bênçãos milenares prometidas, sem a segunda vinda do Senhor. Os missionários que estiveram na linha de frente confessam, em geral, um grande desânimo, exceto quando conseguem estimular sua esperança de forma desproporcional à experiência real e ao bom senso. Assim, um deles — o Rev. J. C. R. Ewing, D. D. — que passou nove anos no trabalho missionário na Índia, ao proferir recentemente um discurso perante a Associação Cristã de Jovens de Pittsburgh, na Pensilvânia, admitiu que o efeito *atual* da civilização e do esforço missionário não é apenas derrubar as religiões pagãs, mas abolir toda a fé religiosa e tornar as pessoas infiéis. Mas sua forte esperança é que o próximo passo seja da infidelidade para o cristianismo — uma esperança irracional, certamente, como toda a experiência aqui, em terras civilizadas, comprova de forma inequívoca. Extraímos da imprensa relatos de seu discurso, conforme segue:

"A Índia deve mais às influências diretas e indiretas do cristianismo do que a qualquer outra coisa. Ele contribuiu muito para derrubar a antiga ideia de deuses materiais e, em seu lugar, estabelecer a ideia de um único Deus supremo, que o povo do Ocidente [Europa e América] professa. [Uma afirmação mais explícita seria que eles estão assimilando a ideia, comum ao ateísmo, de que a Natureza é o Deus supremo e único.]

"Entre os 263 milhões de habitantes daquele país, há 10 milhões de jovens que falam inglês e são instruídos nas ideias ocidentais que nos são ensinadas. A casta superior é profundamente versada na literatura, na religião e nas ciências que constituem a base da educação do povo deste país. A antiga ideia de um Deus vingativo, que deve ser propiciado por inúmeras oferendas e muitas orações, deu lugar ao espírito moderno da infidelidade. Os homens instruídos do Oriente não acreditam mais nos deuses de seus pais. Eles os abandonaram para sempre e os substituíram pelos ensinamentos do coronel Robert G. Ingersoll,

de Paine, de Voltaire, de Bradlaugh e de todos os demais mestres ateístas e panteístas. Esta era cética logo passará, e o Ocidente, assim como transmitiu suas ideias à Índia, lhe transmitirá a religião do Deus cristão.

"Os jovens da Índia são bem instruídos, observadores perspicazes, inteligentes, bem informados sobre todos os assuntos de outras nações além da sua própria e, embora possa parecer estranho, bem familiarizados com a nossa Bíblia. Na verdade, eles a conhecem tão bem que somente alguém profundamente versado em seus ensinamentos e na teologia cristã poderia esperar ser capaz de responder com sucesso a todas as objeções que eles levantam contra ela. A ideia popular de que um missionário se senta à sombra de uma árvore e ensina selvagens nus que se reúnem ao seu redor é uma ideia ultrapassada. Na Índia, o missionário encontra homens inteligentes e instruídos, e precisa estar bem preparado para influenciá-los. Além de inteligentes, eles são um povo de boa aparência, amável, cortês, cavalheiresco e tratam todos os estrangeiros com a maior consideração e respeito."

Os fatos incontestáveis que ele cita certamente não justificam as esperanças irracionais do senhor. A experiência provou, sem dúvida, que os argumentos desastrados do sectarismo, cujos erros distorcem e viciam a verdade que possuem, raramente convertem céticos, sejam eles honestos ou escarnecedores. Certamente, todos, exceto os cegos, podem ver que, se os *dez bilhões* de pagãos fossem convertidos à condição dos *quatro* bilhões* da chamada cristandade, a questão ficaria em aberto, como na época judaica (*Mateus23,15*), se eles não seriam duas vezes mais passíveis de destruição do que eram em suas superstições pagãs originais. Certamente nenhuma mente sã poderia afirmar que a conversão a uma condição como a da chamada cristandade corresponderia à descrição da paz e da boa vontade milenares, preditas

*Desses 400.000.000, os católicos romanos e gregos, juntos, reivindicam 280.000.000, enquanto os protestantes reivindicam 120.000.000.

pelos profetas e resumida brevemente na oração de nosso Senhor, nas palavras: "Venha o teu reino; seja feita a tua vontade, *assim* na terra *como no céu*." *Lucas 11:2*

Será de se admirar que essa multidão de *quatrocentos milhões*, que professa constituir a Igreja de Cristo e se autodenomina seu Reino — a "Cristandade" —, seja rejeitada pelo Senhor e receba dele o nome mais apropriado: Babilônia (mistura, confusão)? E é de se admirar que, com suas ideias sobre o Reino de Cristo, bem como sobre a maneira e os resultados de sua propagação pelo mundo, esses estejam despreparados para o verdadeiro Reino e relutantes em receber o novo Rei, assim como, por razões semelhantes, os governantes da casa típica estavam despreparados na primeira vinda? Também não há dúvida de que aqueles imperadores, reis e príncipes que hoje usam influência e poder principalmente para o autoengrandecimento, e que equipam e mantêm milhões de homens armados para protegê-los e mantê-los em suas extravagâncias imperiais e posições senhoriais, prefeririam ver milhões massacrados e outros milhões transformados em viúvas e órfãos, como no passado, a abrir mão de suas vantagens atuais. É de se admirar que esses não desejem, nem esperem, nem acreditem no tipo de Reino prometido nas Escrituras? — um reino no qual os altos, os exaltados e os orgulhosos serão humilhados, e os humildes elevados ao nível geral, adequado e previsto? É de se admirar que todos aqueles que simpatizam com qualquer tipo de opressão, extorsão ou monopólio opressivo — por meio dos quais obtêm, ou esperam obter, vantagem injusta sobre seus semelhantes — demorem a acreditar no Reino da justiça, no qual nenhuma injustiça nem exploração serão permitidas? Especialmente, podemos nos admirar de que tais pessoas demorem a acreditar que esse Reino está próximo, até mesmo às portas?

Tampouco podemos nos surpreender que os grandes, os sumos sacerdotes e governantes da "cristandade", cada um buscando lucrar com seu próprio grupo ou seita (***Isaías 56:11***), deixem de reconhecer e

[C180]

portanto rejeitem, o Rei espiritual agora presente, assim como os mestres da casa carnal o rejeitaram quando ele estava presente na carne. E assim como o Senhor rejeitou, cortou e afastou da graça, lançando-os no fogo da aflição, muitos dos "ramos naturais" da oliveira, preservando apenas os israelitas como verdadeiros ramos, não vemos que, na colheita desta era, a mesma sabedoria também põe à prova os "ramos silvestres" (*Romanos 11:21,22*) e as exclui do favor e da riqueza da raiz [a promessa a Abraão], essa grande massa de ramos professos, cujo caráter, objetivos e disposições são de fato estranhos e selvagens — muito diferentes da promessa e do plano de Deus representados na raiz?

Não é estranho que a colheita atual testemunhe a separação dos verdadeiros cristãos dos meros professos, assim como na colheita judaica se realizou uma separação dos verdadeiros israelitas dos meros professos. É exatamente o que poderíamos razoavelmente esperar, mesmo que não houvesse nenhum Apocalipse feito a nós na Palavra de Deus, mostrando o fato da rejeição da massa, como Babilônia. Compare *Romanos11:20-22* com *Ap 3:16; 18:4*.

A rejeição de Babilônia ("Cristandade"), em 1878, foi a rejeição da massa de professos — a "multidão", como é denominada por Daniel, para distingui-la da classe do santuário ou do templo. A classe do santuário não será abandonada, nem deixada desolada. Não, graças a Deus, o santuário será glorificado; a glória do Senhor encherá seu templo, quando sua última pedra viva for polida, aprovada e colocada em seu lugar. (*1 Pe. 2:5,6*) Vimos como essa classe do santuário existiu ao longo dos tempos, como foi contaminada e seus preciosos vasos (doutrinas) profanados, e como sua purificação do erro tem sido gradualmente realizada. Essa classe sempre foi a verdadeira Igreja, mesmo enquanto os sistemas nominais ainda eram, em certa medida, reconhecidos e, até certo ponto, utilizados. Após a rejeição dos sistemas nominais, porém,

[C181]

agora, assim como na colheita judaica, somente a verdadeira Igreja, ou classe do Santuário, é reconhecida e utilizada como porta-voz de Deus. Caifás, um sumo sacerdote do Israel carnal, foi usado como agente de Deus para transmitir uma grande lição e profecia apenas alguns dias antes de aquele sistema ser rejeitado. (Veja *João 11:50, 51, 55; 18:14*.) Mas não temos nenhuma indicação nas Escrituras, nem qualquer motivo para supor, que Deus alguma vez tenha usado ou reconhecido aquela igreja-nação, seus governantes e representantes, depois que ela foi rejeitada. E essa mesma lição deve ser reconhecida, aqui, em relação à Babilônia. Ela é "vomitada" da boca do Senhor; e nem a voz do Noivo nem da noiva serão mais ouvidas *nela*, *para sempre*. *Apocalipse 18:23*

É em vão que alguns tentam defender sua parte na Babilônia e, embora admitam a correção geral do retrato profético, alegam que sua seita, ou sua congregação específica, é uma exceção ao caráter geral da Babilônia e que, portanto, o Senhor não pode estar exortando-os a se retirarem dela formal e publicamente, assim como outrora se uniram a ela.

Que tais pessoas considerem que estamos agora no tempo da colheita da separação e se lembrem da razão expressa por nosso Senhor para nos chamar para fora de Babilônia, a saber: "para que não sejais participantes dos seus pecados". Considerem, novamente, por que Babilônia é assim chamada. Evidentemente, por causa de seus muitos erros doutrinários, que, misturados com alguns elementos da verdade divina, causam grande confusão, e por causa da companhia heterogênea reunida pelas verdades e erros misturados. E, como eles defendem os erros em detrimento da verdade, esta última é anulada e, muitas vezes, torna-se pior do que sem sentido. Esse pecado, de defender e ensinar o erro em detrimento da verdade, é daqueles de que todas as seitas da Igreja nominal são culpadas, sem exceção. Onde está a seita que o ajudará a examinar diligentemente as Escrituras, para, assim, crescer na graça e no

[C182] conhecimento da verdade? Onde está a seita que não impedirá seu crescimento, tanto por meio de suas doutrinas quanto de seus costumes? Onde está a seita na qual você possa obedecer às palavras do Mestre e deixar sua luz brilhar? Não conhecemos nenhuma.

Se algum dos filhos de Deus nessas organizações não percebe sua escravidão, é porque não tenta usar sua liberdade, porque está adormecido em seus postos de serviço, quando deveria ser um administrador ativo e um vigia fiel. (*1 Tess. 5:5,6*) Que eles despertem e tentem usar a liberdade que pensam possuir; que mostrem aos seus companheiros de adoração em que pontos seus credos ficam aquém do plano divino, em que divergem dele e vão em oposição direta a ele; que mostrem como Jesus Cristo, pela graça de Deus, provou a morte por *todos os homens*; como esse fato, e as bênçãos que dele fluem, serão testemunhados a todos "no tempo devido"; como, nos "tempos de refrigério", as bênçãos da restauração fluirão para toda a raça humana. Que mostrem ainda o alto chamado da Igreja do Evangelho, as condições rígidas para ser membro desse corpo e a missão especial da era evangélica de selecionar esse "povo peculiar para o seu nome", que, no tempo devido, será exaltado e reinará com Cristo. Aqueles que assim tentarem usar sua liberdade para pregar as boas novas nas sinagogas de hoje terão sucesso, seja na conversão de congregações inteiras, seja no despertar de uma tempestade de oposição. Certamente os expulsarão de suas sinagogas, os separarão de sua companhia e dirão todo tipo de mal contra vocês, falsamente, por causa de Cristo. E, ao fazer isso, sem dúvida, muitos sentirão que estão prestando serviço a Deus. Mas, se forem assim fiéis, serão mais do que consolados nas preciosas promessas de *Isaías 66:5* e *Lucas 6:22* — "Ouçam a palavra do Senhor, vocês que tremem diante da Sua Palavra: *Seus irmãos* que os odiaram, que os expulsaram por causa do meu nome, disseram: 'Que o Senhor seja glorificado [fazemos isso para a glória do Senhor]; mas ele

[C183] aparecerá para a vossa alegria, e eles ficarão envergonhados." "Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem, e quando vos separarem da sua companhia, e vos injuriarem, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem. Alegrai-vos naquele dia e exultai de alegria; pois, eis que grande é a vossa recompensa nos céus; pois assim fizeram seus pais aos profetas." Mas: "Ai de vós quando todos os homens falarem bem de vós; pois assim fizeram seus pais aos *falsos* profetas."

Se todos com quem vocês adoram como congregação são os santos — se todos são trigo, sem joio entre eles —, vocês encontraram um povo notável, que receberá de bom grado as verdades da colheita. Mas, se não for assim, devem esperar que a verdade presente separe o joio do trigo. E mais: devem fazer a sua parte ao apresentar essas mesmas verdades que realizarão a separação.

Se você deseja ser um dos santos vencedores, deve agora ser um dos "ceifeiros" para empunhar a foice da verdade. Se for fiel ao Senhor, digno da verdade e digno de ser co-herdeiro com Ele na glória, você se alegrará em compartilhar com o Ceifeiro-Chefe a obra da colheita atual — não importa quão inclinado você possa estar, naturalmente, a deslizar suavemente pelo mundo.

Se houver joio entre o trigo na congregação da qual você é membro, como sempre acontece, muito dependerá de qual deles está em maioria. Se o trigo predominar, a verdade, apresentada com sabedoria e amor, os afetará favoravelmente; e o joio não se demorará por muito tempo. Mas se a maioria for de joio — como geralmente são nove décimos ou mais —, o efeito da apresentação mais cuidadosa e gentil da verdade da colheita será despertar amargura e forte oposição; e, se você persistir em proclamar as boas novas e em expor os erros há muito estabelecidos, logo será "expulso" para o bem da causa sectária

[C184]

, ou terão suas liberdades tão restringidas que não poderão deixar sua luz brilhar naquela congregação. Seu dever, então, é claro: prestem seu testemunho amoroso da bondade e sabedoria do grande plano do Senhor para as eras e, apresentando suas razões com sabedoria e mansidão, afastem-se publicamente deles.

Existem vários graus de escravidão entre as diferentes seitas da Babilônia — a "cristandade". Alguns, que se indignariam com a escravidão total e absoluta da consciência e do julgamento individuais exigida pelo catolicismo romano, estão perfeitamente dispostos a se submeterem e ansiosos por fazer com que outros se submetam aos credos e dogmas de uma ou outra das seitas protestantes. É verdade que suas correntes são mais leves e mais longas do que as de Roma e da Idade das Trevas. Nesse sentido, isso certamente é bom — uma verdadeira reforma — um passo na direção certa — *rumo* à plena liberdade — rumo à condição da Igreja nos tempos apostólicos. Mas por que usar grilhões humanos? Por que amarrar e limitar nossas consciências? Por que não permanecer firmes na plena liberdade com a qual Cristo nos libertou? Por que não rejeitar todos os esforços de semelhantes falíveis para acorrentar a consciência e impedir a investigação? — não apenas os esforços do passado remoto, da Idade das Trevas, mas também os esforços dos diversos reformadores de um passado mais recente? Por que não decidir ser como era a Igreja apostólica? — livres para *crescer* em conhecimento, bem como em graça e amor, à medida que o "tempo determinado" do Senhor revela seu plano gracioso cada vez mais plenamente?

Certamente todos sabem que, sempre que se unem a qualquer dessas organizações humanas, aceitando sua *Confissão de Fé* como sua, comprometem-se a acreditar nem mais nem menos do que o que esse credo expressa sobre o assunto. Se, apesar da submissão a que se submeteram voluntariamente, eles pensarem por si mesmos e receberem luz de outras fontes, à frente da luz desfrutada pela seita à qual se uniram, eles devem ou ser infiéis à seita e à aliança que fizeram com ela — de não acreditar em nada contrário à sua Confissão —, ou então

[C185]

devem, honestamente, deixar de lado e repudiar a Confissão da qual já superaram, e sair dessa seita. Fazer isso requer graça e exige algum esforço, rompendo, como frequentemente acontece, relações agradáveis e expondo o honesto buscador da verdade a acusações tolas de ser um "traidor" de sua seita, um "desertor", alguém "não estabelecido", etc. Quando alguém se une a uma seita, supõe-se que sua mente seja entregue inteiramente a essa seita e, a partir de então, não mais lhe pertença. A seita se encarrega de decidir por ele o que é verdade e o que é erro; e ele, para ser um membro verdadeiro, firme e fiel, deve aceitar as decisões de sua seita, tanto futuras quanto passadas, sobre todas as questões religiosas, ignorando seu próprio pensamento individual e evitando a investigação pessoal, para não crescer em conhecimento e se perder como membro dessa seita. Essa escravidão da consciência a uma seita e a um credo é frequentemente expressa de forma explícita, quando tal pessoa declara que *"pertence*" a tal seita.

Essas algemas do sectarismo, longe de serem corretamente consideradas como algemas e laços, são estimadas e usadas como ornamentos, como insígnias de respeito e marcas de caráter. A ilusão chegou a tal ponto que muitos dos filhos de Deus teriam vergonha de serem reconhecidos como estando livres de tais correntes — leves ou pesadas, que concedam mais ou menos liberdade pessoal. Eles têm vergonha de dizer que não estão submetidos a nenhuma seita ou credo, mas que "*pertencem*" somente a Cristo.

É por isso que, às vezes, vemos um filho de Deus honesto e sedento de verdade progredindo gradualmente de uma denominação para outra, assim como uma criança passa de série em série na escola. Se ele estiver na Igreja de Roma, quando seus olhos se abrirem, ele sairá dela, provavelmente caindo em algum ramo dos sistemas metodista ou presbiteriano. Se, nesse ponto, seu desejo pela verdade não for totalmente extinto e seus sentidos espirituais não estiverem entorpecidos pelo espírito do mundo, você poderá, alguns anos depois, encontrá-lo em algum dos ramos do sistema batista

[C186]

; e, se ele ainda continuar a crescer na graça, no conhecimento e no amor à verdade, e a apreciar a liberdade com que Cristo nos liberta, você poderá, com o tempo, encontrá-lo fora de todas as organizações humanas, unido meramente ao Senhor e aos seus santos, ligado apenas pelos laços ternos, mas fortes, do amor e da verdade, como a Igreja primitiva. *1 Coríntios 6:15, 17*; *Efésios 4:15,16*

O sentimento de inquietação e insegurança, quando não se está preso às correntes de alguma seita, é generalizado. Ele decorre da falsa ideia, promulgada inicialmente pelo papado, de que a filiação a uma organização terrena é essencial, agradável ao Senhor e necessária para a vida eterna. Esses sistemas terrenos, organizados humanamente, tão diferentes das *associações* simples e livres dos dias dos apóstolos, são vistos involuntariamente e quase inconscientemente pelos cristãos como tantas "Companhias de Seguro do Céu", a *uma das quais* dinheiro, tempo, respeito etc. devem ser pagos regularmente, para garantir o descanso e a paz celestiais após a morte. Agindo com base nessa ideia falsa, as pessoas ficam quase tão ansiosas e nervosas para se filiar a outra seita, caso saiam de uma, quanto ficariam se sua apólice de seguro tivesse expirado e precisassem renová-la em alguma empresa respeitável.

Mas nenhuma organização terrena pode conceder um passaporte para a glória celestial. Nem mesmo o sectário mais fanático (com exceção do católico romano) afirmará que a filiação à sua seita garantirá a glória celestial. Todos são forçados a admitir que a verdadeira Igreja é aquela cujo registro está guardado no céu, e não na terra. Eles enganam as pessoas alegando que é *necessário* chegar a Cristo por meio deles — que é *necessário* tornar-se membro de algum grupo sectário para se tornar membro do "corpo de Cristo", a verdadeira Igreja. Pelo contrário, o Senhor, embora não tenha recusado ninguém que tenha vindo a ele por meio do sectarismo e não tenha mandado embora nenhum verdadeiro buscador

[C187]

de mãos vazias, nos diz que não precisamos de tais obstáculos, mas que seria muito melhor termos vindo diretamente a ele. Ele clama: "Vinde a *mim*"; "tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim"; "o meu jugo é suave e o meu fardo é leve, e encontrareis descanso para as vossas almas". Oxalá tivéssemos dado ouvidos à sua voz mais cedo. Teríamos evitado muitos dos pesados fardos do sectarismo, muitos de seus pântanos de desespero, muitos de seus castelos de dúvida, suas feiras da vaidade, seus leões da mentalidade mundana, etc.

Muitos, no entanto, nascidos nas diversas seitas, ou transferidos na infância ou na juventude, sem questionar os sistemas, tornaram-se livres de coração e, inconscientemente, ultrapassaram os limites e as fronteiras dos credos que reconhecem por meio de sua profissão de fé e apoiam com seus recursos e influência. Poucos desses reconheceram as vantagens da plena liberdade ou as desvantagens da escravidão sectária. Nem a separação plena e completa foi ordenada até agora, na época da colheita. Agora, ouvem-se as palavras do Senhor: "Saiam do meio deles; purifiquem-se (libertem-se, tanto das práticas erradas quanto das falsas doutrinas), vocês que carregam os vasos (verdades — doutrinas) do Senhor". *Isaías 52:11* *

Agora o machado está posto na raiz do sistema cristão nominal — Babilônia, a "Cristandade" — assim como foi feito com o sistema judaico nominal na primeira vinda; e o grande sistema no qual as "aves do céu" se deleitam em se aninhar, e que elas contaminaram gravemente (*Lucas 13:18,19*), e que de fato se tornou "uma gaiola de toda ave imunda e odiosa" (*Apocalipse 18:2*), será derrubada e não enganará mais o mundo. Em vez disso, a verdadeira oliveira, cujas raízes são as verdadeiras promessas de Deus e cujos ramos são os verdadeiramente e plenamente consagrados e fiéis desta era evangélica, cujos nomes estão *"escritos no* céu", será reconhecida como a verdadeira e única co-herdeira e Noiva do Cordeiro. *Apocalipse 17:14*

[C188]

O Teste e a Peneiração da Classe do Santuário Embora sair de Babilônia seja um passo — e um longo na direção da vitória completa, não é de forma alguma o último; e devemos ter o cuidado de nos proteger contra a tendência de descansar após cada passo adiante no caminho.

"Nunca penses que a vitória está conquistada,
nem te sentes para descansar:
Teu árduo trabalho não estará concluído
Até que tenhas conquistado tua coroa.

"Uma nuvem de testemunhas ao teu redor te
observa atentamente.
Esqueça os passos já dados,
E siga adiante em seu caminho."

O passo para sair de Babilônia geralmente foi precedido por outros passos de obediência, que, por sua vez, exercitaram e fortaleceram o caráter para conflitos e vitórias subsequentes. E ele será seguido por várias outras provações e oportunidades para vencer, tendo isso em vista que Paulo (*Gálatas 5:1*) escreveu: "Permanecei firmes na liberdade com que Cristo nos libertou, e não vos submetais novamente ao jugo da escravidão." Todo aquele que chega a compreender a liberdade dos filhos de Deus e a plena libertação da escravidão de Babilônia deve esperar enfrentar outras tentativas do grande adversário de levá-lo a outras formas de escravidão ou de fazê-lo tropeçar. O Senhor permite essas provações severas para que a classe agora buscada seja manifestada e preparada para o seu serviço no Reino da glória.

Uma ilustração desse teste e peneiramento ocorreu na colheita judaica, prenunciando o que podemos esperar aqui. A classe do templo ou santuário na primeira vinda foi representada pelos discípulos do Senhor, dos quais ele disse: "Vocês estão puros, mas nem todos [de vocês]"; e, após a rejeição do Israel nominal (d.C. 33), veio um severo teste para aqueles que representavam o templo de Deus — os puros e os impuros —, a fim de separar

eles. Pedro foi posto à prova e quase sucumbiu (*Lucas 22:31*; *Mateus 26:74,75*; *João 21:15-17*); mas, por ser "puro", sincero no coração, ele foi capacitado a sair vitorioso. Judas também foi testado e provou ser impuro, disposto a vender a verdade em troca de vantagens terrenas, a negar o Senhor por dinheiro, mesmo enquanto o beijava em demonstração de amor.

Da mesma forma, há aqui, nesta colheita, um santuário purificado e, intimamente associados a ele, alguns que não estão puros. E desde o abandono de Babilônia em 1878 e o chamado feito naquela ocasião para sair dela, uma obra de provação e peneiramento vem ocorrendo entre aqueles que saíram. Sem dúvida, Pedro e Judas foram exemplos de classes semelhantes aqui, entre aqueles que saíram de Babilônia e que foram purificados de muitas de suas contaminações doutrinárias — uma classe que permanece fiel ao Senhor e à verdade, e outra classe que se mostra infiel, que não prossegue para conhecer o Senhor, mas que se desvia para o mal e para falsas doutrinas, muitas vezes piores do que aquelas das quais haviam escapado.

Esse teste e essa peneiração da classe do templo, nesta colheita desde 1878, foram prenunciados pelo ato típico de nosso Senhor de purificar o templo típico após assumir o ofício de Rei e pronunciar julgamento contra a igreja judaica nominal. Depois de declarar que a casa deles seria deixada em desolação, ele seguiu para o templo em Jerusalém, típico do verdadeiro templo ou santuário, e, fazendo um chicote de cordões finos, usou-o para expulsar os cambistas; e derrubou as mesas daqueles que vendiam pombas.

O chicote de cordões finos usado naquele ato simbólico representava as diversas verdades, empregadas na colheita atual entre a classe do templo, para corrigir, provar e separar os impuros. As verdades agora manifestadas revelam tão claramente a vontade perfeita de Deus, o significado da consagração total ao seu serviço e a estreiteza do caminho que deve ser percorrido

por aqueles que seguem as pegadas do mestre, que aqueles que se uniram a essa classe por quaisquer motivos impuros são continuamente açoitados pela verdade, até serem compelidos a se separar da classe do santuário.

Embora várias das parábolas de nosso Senhor mostrem a separação geral da classe do "santuário" da "multidão", ou massa geral da cristandade professante, há duas que vão ainda mais longe e mostram o teste e a peneiração, posteriormente, da classe do santuário — a separação dos vencedores, que herdarão o Reino (*Ap. 3:21*), dos demais que foram honestamente consagrados, mas que, vencidos pelo espírito do mundo, negligenciam sacrificar as vantagens presentes e as honras dos homens em prol das honras superiores de Deus.

A parábola das Dez Virgens, embora mostre toda a classe das virgens — ou consagradas — sendo separada de Babilônia, indica claramente que um teste e uma separação também ocorrerão nessa classe — uma separação entre *as virgens sábias*, cheias de fé, amor fervoroso e espírito de obediência pronta, e *as virgens insensatas*, que permitem que seu primeiro amor e o fervor do espírito esfriem e, consequentemente, que sua fé e prontidão na obediência diminuam. As sábias, vivendo em plena harmonia com sua aliança de consagração total a Deus e aguardando ansiosamente o retorno prometido do Senhor, estão preparadas para apreciar a alegre mensagem da colheita, para reconhecer os sinais preditos da presença do mestre e para resistir a quaisquer provações que Ele julgue adequado aplicar, a fim de provar sua lealdade e fidelidade. Esses, acordados e vigilantes, ouvem a batida do mestre, por meio das palavras dos profetas, anunciando sua presença; e para eles as perdas e cruzes presentes, suportadas com mansidão em nome da verdade, são acolhidas como os prenúncios de uma paz, alegria, glória e bênção mais duradouras que se seguirão.

Quando a batida da profecia foi ouvida anunciando a

presença do Senhor no outono de 1874, quase imediatamente ela começou a ser reconhecida; e rapidamente se ergueu o clamor: "Eis o Noivo! Saí ao seu encontro." E esse clamor ainda ressoa, e continuará até que toda a classe das virgens consagradas o tenha *ouvido* e tenha tido sua fé e lealdade postas à prova por ele. Os sábios, com as lâmpadas (a Palavra de Deus) preparadas e acesas, e com óleo (o espírito santo) em seus vasos (seus corações), todos reconhecerão a presença do Senhor; e, ao ordenarem sua conduta e seus assuntos em harmonia com sua fé, sairão ao encontro do amado Noivo e se sentarão com ele na festa de casamento.

O costume matrimonial dos judeus constituía uma bela ilustração do noivado e do casamento da Igreja com Cristo, seu Senhor. O noivado era um acordo formal feito com alianças solenes de fidelidade de ambas as partes. A mulher permanecia na casa de seu pai até ser levada para a casa do marido, geralmente cerca de um ano após o noivado ou o casamento. A consumação da união consistia no acolhimento da esposa na casa preparada para ela pelo marido e era celebrada com um grande banquete que durava vários dias — chamado de Banquete Nupcial. Em uma hora marcada, o noivo partia em busca de sua noiva, que o aguardava pronta para recebê-lo e acompanhá-lo até seu futuro lar e ao banquete que ele havia preparado, seguida por suas companheiras virgens com lâmpadas e todos os preparativos necessários.

Na parábola não há menção à noiva, mas todas as "virgens prudentes" são mencionadas como aquelas para quem o Noivo vem, e que o acompanham e entram na festa de alegrias preparada. E isso é tanto adequado quanto necessário; pois a Noiva de Cristo é composta de muitos membros ou pessoas, representadas de maneira belíssima nas virgens prudentes. As virgens insensatas que obtêm a luz e

experimentam mais tarde, mas que não conseguirão alcançar a elevada exaltação da classe das "sábias" e fiéis noivas, serão, sem dúvida, a classe mencionada (***Salmo 45:14,15***) como "as virgens, suas companheiras, que a seguem", que, no tempo devido, serão favorecidas pelo Rei, mas não de forma tão elevada.

A atitude das virgens prudentes — prontas, esperando e ansiosas pela vinda do Noivo — representa adequadamente a única *atitude* correta da noiva do Senhor, a Igreja verdadeiramente consagrada. Para uma noiva, negligenciar ou estar despreparada para esse momento, o mais marcante da vida, provaria sua inadequação para a honra; e assim é com a Igreja: "Quem tem essa esperança nele purifica-se", busca ter uma atitude de coração e de vida agradável ao Noivo e anseia e espera pela união abençoada e pela festa prometidas por aquele que disse: 'Vou preparar um lugar para vocês e voltarei para recebê-los para junto de mim'.

Duas coisas ficam evidentes nesta parábola: primeiro, que essa característica especial da verdade (o conhecimento da presença do Noivo) não se destina ao mundo em geral, nem à igreja nominal em geral, mas apenas à classe das virgens ou consagradas; segundo, é evidente que essa mensagem da presença do Noivo causará a separação que testará e provará cada indivíduo da classe das virgens e manifestará claramente as sábias, fiéis e dignas das virgens infiéis e insensatas.

Oh, que riquezas de graça estão contidas nesta gloriosa mensagem: "Eis o Noivo!" Até o momento, trata-se de um grande segredo conhecido apenas entre os santos; pois o mundo não pode recebê-la. É loucura para eles, e assim será até que todas as virgens tenham ouvido e as sábias dentre elas tenham entrado plenamente; até que "a porta se feche" e o "fogo ardente" do grande tempo de angústia que então se seguirá faça com que todos os olhos vejam (reconheçam) a presença do Senhor e o início de seu reinado.

Com que graça real a mensagem de Jeová chega a

seus humildes servos e servas — “Escuta, ó filha, e considera, e inclina o teu ouvido; esquece também o teu próprio povo e a casa de teu pai [Adão] [as relações humanas, esperanças, objetivos e ambições]; assim o Rei [Jesus] desejará grandemente a tua beleza; pois ele é o teu Senhor; e adora-o.” (*Salmos 45:10,11*) E quem são aqueles que receberão tal favor? São *os “chamados, aceitos e fiéis*”. “A filha do Rei [a filha de Jeová; pois, como tal, a Noiva de Cristo é reconhecida] é toda gloriosa *por dentro*.” Sua beleza é a beleza da santidade. Externamente, diante do mundo, ela não é gloriosa; e, assim como seu Senhor em sua humilhação, ela é desprezada e rejeitada pelos homens. Mas ela não será assim para sempre: tendo-o seguido em sua humilhação, ela também participará de sua glória. Como a nova criatura, ela será, no tempo devido, revestida de sua natureza divina — “Suas vestes [quando glorificada] são de ouro labrado” — sendo o ouro um símbolo da natureza divina. “Ela será levada ao rei em vestes bordadas” — no simples manto branco fornecido pelo próprio Senhor, o manto de sua justiça, no qual ela terá bordado, com muito cuidado, os belos adornos das graças cristãs. E grande será o regozijo no céu e na terra com sua entrada triunfal no palácio do Rei (*2 Pe. 1:5-8, 11*): muitos dirão: “Alegremo-nos, regozijemo-nos e demos-lhe honra; pois chegou o casamento do Cordeiro, e sua esposa se preparou.” (*Ap. 19:7*) “E a filha de Tiro [os poderosos da terra] estará ali com um presente; até mesmo os ricos entre os povos implorarão pelo teu favor... Farei com que teu nome seja lembrado por todas as gerações; por isso, os povos te louvarão para todo o sempre.” *Salmos 45:12-17*

Verdadeiramente “sábios” se mostrarão aqueles entre os consagrados que, negligenciando os encantos mundanos, as esperanças e os prêmios terrenos, e com corações ansiosos e à espera do

[C194]

Amado, forem encontrados prontos e se mostrarem dignos da grande exaltação prometida, como a Noiva, a esposa do Cordeiro.

> "Noiva do Cordeiro, que possamos compartilhar
> teus encantos."

Visto que pegar suas lâmpadas e seguir o Noivo significa deixar tudo o mais para seguir Cristo neste tempo de sua presença, isso equivale a deixar a Babilônia, onde as virgens têm permanecido principalmente; pois a verdade manifestada à luz da colheita indica claramente essa separação do trigo do joio. Uma análise cuidadosa revela esse fato às virgens sábias que possuem o espírito santo da consagração e da obediência. Aquelas que têm esse "óleo" terão também a luz; e essas, valorizando o privilégio, seguirão com alegria e prontidão "o Cordeiro por onde quer que ele for".

As virgens insensatas, ao contrário, por carecerem de óleo suficiente, não conseguem obter luz clara sobre o assunto da presença do Noivo; e, sobrecarregadas com os cuidados, planos etc. da vida presente, deixam de investigar o assunto a fundo e, consequentemente, mostram-se hesitantes e indecisas quanto a deixar a Babilônia, sendo consideravelmente indiferentes e incrédulas em relação a todo o assunto. E mesmo que, instadas por outros, partam com relutância, como a esposa de Ló, estão constantemente inclinadas a olhar para trás. Para essas, o Senhor deixou a admoestação: "Lembrem-se da esposa de Ló." (*Lucas 17:32*) E novamente disse: "Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olhe para trás, é *apto* para o Reino de Deus."

Não há nada na parábola que indique que as virgens insensatas se darão conta de sua insensatez até que a oportunidade de entrar na festa já tenha passado. Então elas perceberão quão insensatas foram ao esperar serem reconhecidas pelo Senhor como sua Noiva e co-herdeiras, quando, no máximo, eram seguidoras mornas e distantes. Muitos que hoje são "muito estimados entre os homens" e notáveis por suas "obras maravilhosas" estarão entre os decepcionados.

[C195]

E a porta foi fechada

A proclamação da presença do Noivo, a saída para encontrá-lo e a entrada com ele na festa de casamento *ainda continuam* e continuarão até que todas as virgens sábias sejam "seladas na testa" com um conhecimento da verdade da colheita suficiente para separá-las de Babilônia e capacitá-las a entrar com o Noivo na festa preparada. Então, quando todas as virgens tiverem sido provadas por esta verdade presente, a porta da oportunidade será fechada, e ninguém mais terá permissão para entrar na festa; pois, disse o mestre, eu sou "aquele que abre, e ninguém fecha; e que fecha, e ninguém abre". (***Ap. 3:7***) E quando as virgens insensatas vierem bater à porta e buscar admissão, depois que a porta estiver fechada, dizendo: "O mestre, o mestre, abre-nos", ele lhes responderá, dizendo: "Em verdade vos digo que não vos conheço". Aqueles que agora se envergonham dele e de suas palavras, e por isso se mostram indiferentes a elas, desses ele então se envergonhará, quando estiver prestes a aparecer em glória e poder com todos os seus santos e fiéis mensageiros — as virgens sábias exaltadas e glorificadas com ele.

Perceber-se-á que a porta fechada não tem absolutamente nada a ver com o que é mundano. É a porta para as bodas; e nunca esteve aberta a ninguém, exceto aos consagrados, à classe das virgens. Nenhuma outra classe jamais foi convidada a entrar por ela; e ela se fecha quando as verdades da colheita tiverem peneirado e separado todos os guardadores da aliança, fervorosos e sinceros, dos frios, mornos e sobrecarregados, que negligenciam o cumprimento de sua aliança. Graças a Deus, não é a porta da misericórdia que aqui se fecha, nem mesmo a porta de todo o favor; mas é a porta para aquele *favor principal*: a co-herança com Cristo como sua Noiva. Mas quando ela se fecha contra as virgens insensatas e nunca mais se abrirá ao seu bater, embora as deixe do lado de fora, expostas à grande tribulação do "dia mau", onde haverá choro, lamento e ranger de

dentes, ainda assim as deixa nos braços do amor e da misericórdia de Deus, e até mesmo sob seu favor e cuidado especial; pois as grandes tribulações pelas quais elas passarão têm o propósito de purificar e limpar aquelas virgens então arrependidas e, assim, torná-las vasos de honra para o uso do mestre, embora não para a honra principal para a qual foram originalmente chamadas, mas da qual se mostraram indignas. Ao compartilharem, em certa medida, do espírito de Babilônia, conferindo-lhe o peso de sua influência, por menor que seja, elas são consideradas por Deus como participantes de seus pecados e, portanto, indignas de escapar das pragas que se abaterão sobre ela. Essas pragas são necessárias, não apenas para a destruição de Babilônia, mas também para a purificação e separação do trigo ainda imaturo que permanece nela; as virgens tolas, moderadamente embriagadas e vencidas pelo vinho de Babilônia.

A entrada com o Senhor para as bodas foi belamente ilustrada pela alegre procissão nupcial que acompanhava a noiva judaica até a casa de seu marido, com música, lâmpadas acesas e todas as manifestações de alegria. Assim, ela entrava na alegria de seu Senhor e na festa que Ele havia preparado. Assim, as virgens prudentes estão entrando agora. A alegria começa quando elas ouvem pela primeira vez sobre a presença do Noivo. Com alegria, elas deixam tudo o mais para desfrutar de sua companhia e do banquete preparado. Já, pela fé, elas estão desfrutando do banquete que está por vir, à medida que o Noivo lhes dá a conhecer as coisas extremamente grandes e preciosas reservadas para sua noiva escolhida e lhes revela sua grande obra de bênção e restauração do mundo, da qual será privilégio da Noiva participar. Certamente, ao entrarmos na sala de recepção e vermos evidências do banquete vindouro da graça do Reino, já estamos entrando nas alegrias de nosso Senhor. Já temos um antegozo das coisas boas que estão por vir. Já estamos nos deleitando, mentalmente, com as mais ricas dádivas de sua graça.

[C197]

Pela fé, já estamos sentados à mesa do mestre, e o próprio mestre, conforme a promessa (***Lucas 12:37***), se apresentou e está nos servindo.

Essa celebração pela fé das preciosas verdades reveladas durante este tempo de colheita começou em 1875, no fim dos 1.335 **dias (*Daniel 12,12*),** no início da colheita, e é a bem-aventurança predita pelo profeta, que disse: "Ó, a bem-aventurança daquele que espera com fervor e chega aos mil trezentos e trinta e cinco dias!"

O Teste das Vestes Nupciais

Outra das parábolas de nosso **Senhor (*Mateus 22:1-14*)** mostra um teste ainda mais aprofundado da classe do santuário — um teste e uma separação mesmo entre aqueles que ouviram e reconheceram a mensagem da colheita. As "virgens prudentes" daquela parábola, que entram com o Noivo na festa de casamento, e os "convidados" desta parábola, são a mesma classe de consagrados que, até agora, têm se mostrado fiéis e obedientes. Na verdade, essa classe é representada por muitas figuras diferentes, cada uma das quais tem, como ilustração, seu próprio significado peculiar. Elas são representadas como virgens prudentes, como servos aguardando o retorno de seu Senhor de um casamento, como convidados em um casamento e como uma noiva. Elas são o corpo de Cristo, a futura noiva de Cristo, soldados sob o comando de Cristo, seu Capitão, ramos em Cristo, a videira, ramos de oliveira em Cristo, pedras vivas em um templo do qual Cristo é a pedra angular, alunos sob a orientação de Cristo como seu mestre, ovelhas das quais ele é o Pastor, etc., etc. Ao considerar essas figuras, devemos lembrar que são ilustrações distintas e separadas, inteiramente independentes umas das outras, e procurar extrair de cada uma a lição que ela se propõe a transmitir. Se nos esforçarmos para misturar as ilustrações e nos perguntarmos como uma pedra em um templo pode ser um ramo na videira, como ovelhas podem ser soldados, ou como os convidados de um casamento podem ser

os servos ou a noiva, falharemos completamente em compreendê-las. *Na verdade,* não somos chamados para ser convidados na ceia das bodas do Cordeiro, nem servos aguardando seu retorno do casamento, mas somos chamados para ser a noiva, embora, em alguns aspectos, devamos ser *como* servos e *como* esses convidados — como servos fiéis em nossa vigilância e atenção, e como convidados em outro aspecto.

Essa parábola serve para mostrar o que não poderia ser ilustrado sob a figura da noiva, que representa a igreja escolhida coletivamente como o co-herdeiro de Cristo. Isso mostra tanto o caráter da prontidão exigida quanto a inspeção de cada indivíduo, que rejeitará alguns e aceitará outros. Aqueles assim inspecionados são representados como já estando na sala de festas. São o trigo ceifado ou colhido de entre o joio, as virgens prudentes separadas das insensatas. Elas ouviram e receberam as verdades da colheita e se regozijam pela fé, antecipando a glória e a bênção que se seguirão à sua plena união com o Senhor. Até agora, todas correram bem; mas, até que cheguem ao fim de sua corrida, "quem pensa que está firme, cuide-se para que não caia".

A condição de aceitabilidade e prontidão para o casamento é simbolizada nesta parábola por meio da figura da *vestimenta nupcial*. Era costume, nos casamentos judaicos, que o anfitrião fornecesse vestimentas de cerimônia — túnicas de linho branco — para todos os convidados; e para qualquer convidado descartar a túnica de casamento oferecida pelo anfitrião em tal ocasião e comparecer com suas próprias roupas teria sido considerado uma impropriedade vergonhosa, sinal de orgulho e de desrespeito para com seu anfitrião.

Como símbolo, a vestimenta nupcial ilustra claramente a justiça de Cristo, proporcionada por nosso anfitrião, Jeová (*Romanos 8:30-34*), imputada a todos os que crêem e confiam nele, sem a qual ninguém é aceitável no casamento

[C199]

do Cordeiro, e sem o qual nenhum convidado é admitido. Tanto o convite quanto o manto nupcial são necessários, e a parábola mostra que somente aqueles assim vestidos são admitidos até mesmo na antecâmara de preparação especial — na luz da verdade presente, onde a noiva se prepara definitivamente. (*Ap. 19:7*) Tendo recebido e aceitado a vestimenta e o convite, esses convidados passam o curto período imediatamente anterior ao banquete nupcial (o tempo da colheita) a ajustar suas vestimentas e a dar a si mesmos e uns aos outros os toques finais da preparação. E, enquanto estão assim ocupados, já estão, juntos, deleitando-se, pela fé, com a perspectiva que têm diante de si. O Noivo, a grandiosa obra futura, a herança gloriosa e a obra atual de preparação são os temas constantes de seus pensamentos e conversas.

Nesta antecâmara (este tempo e condição privilegiados), brilhantemente iluminada pelo claro desdobramento da verdade divina agora iminente, são concedidos tanto os meios quanto a inspiração para o adorno final e a completa prontidão para o banquete nupcial. Mas, mesmo assim, a parábola mostra que, mesmo sob essas condições especialmente favoráveis, alguns — aqui representados por "um" — insultarão o anfitrião, o Rei, desprezando e tirando a vestimenta nupcial.

O ensinamento inequívoco desta parábola é, portanto, que o teste geral final dessas "virgens sábias", que até então se mostraram prontas e dignas e que, por isso, foram conduzidas à luz da colheita, será um teste de sua compreensão do fato — frequentemente atestado nas Escrituras — de que são aceitas na festa, não apenas por seus próprios méritos, mas principalmente porque sua nudez e suas muitas imperfeições são cobertas pelo mérito daquele que deu sua vida como preço do resgate por elas, e cuja justiça imputada, como um manto, por si só as torna apresentáveis e aceitáveis diante do Rei. Todas devem vestir o manto. Cada uma pode bordar o seu próprio com boas obras.

[C200]

Quão notável e significativo é que *este* seja o grande e geral teste final. Nosso Pai Celestial está evidentemente determinado a que ninguém faça parte da comitiva da noiva, a não ser aqueles que percebam claramente sua própria insignificância e que o grande Noivo é *o* seu *redentor*, bem como seu Senhor e Mestre.

Parece estranho, também, que alguém que tenha corrido bem até então ao longo da corrida venha a tropeçar quando tão próximo da realização de sua esperança; no entanto, ao serem alertados sobre tal possibilidade, convém que todos os consagrados *vigiem* e *orem*, para que não caiam em tentação; pois nestes últimos dias chegam os tempos perigosos preditos pelo Apóstolo. (*1 Timóteo. 4:1*; *2 Timóteo* ***3:1; 4:3-5***) E, no entanto, os tempos não são tão perigosos a ponto de a graça divina ser incapaz de sustentar aqueles que se apoiam com confiança no Braço Onipotente. De fato, aqueles que *humildemente* seguem o caminho estreito do sacrifício nunca antes foram tão bem sustentados, nem tão plenamente equipados com toda a armadura de Deus. Mas, por mais estranho que possa parecer, a própria abundância dos favores de Deus, a própria clareza do desdobramento dos planos graciosos do Senhor (de usar a Igreja durante o milênio para abençoar todas as famílias da terra), em vez de levar à humildade e a uma maior apreciação do maravilhoso preço do resgate — por meio do qual se realiza a libertação da condenação e se assegura nosso chamado à natureza divina e à co-herança com Cristo —, parece ter o efeito oposto sobre alguns. Essas pessoas parecem perder de vista sua indignidade pessoal, bem como a perfeição imaculada do Senhor; e, em vez de perceberem que são, na melhor das hipóteses, "servos inúteis", parecem ver, em suas próprias pequenas renúncias em nome da verdade, algo maravilhoso — o equivalente ao que nosso Senhor Jesus fez — e sentem que são tão *indispensáveis* quanto ele para a execução do grande plano das eras que as Escrituras revelam. Tais pessoas são culpadas de "não manterem a Cabeça" e sua grande obra de redenção no

[C201]

devido respeito. (***Col. 2:19***) Esses estão condenados por "considerarem o sangue da aliança com o qual *foram* santificados" (e aceitos) uma coisa comum ou ordinária. (*Hebreus 10,29*) Esses desrespeitam o próprio espírito da graça de Deus, quando rejeitam o "caminho" — o único caminho — e o único nome dado sob o céu e entre os homens, pelo qual devemos ser salvos da condenação adâmica e plenamente reconciliados com Deus.

Esses são representados na parábola pelo "amarrado", impedido de prosseguir em direção ao banquete, ou mesmo de alcançar uma apreciação mais profunda de suas bênçãos e alegrias; e esses serão finalmente lançados para fora da luz por completo, para as "trevas exteriores" do mundo, a fim de compartilhar da angústia e das aflições do grande tempo de angústia. Para esses, portanto, as próprias verdades que agora se revelam, destinadas ao nosso bem e desenvolvimento, tornam-se motivo de tropeço, porque não são corretamente aplicadas por eles. E assim como Israel, que por tanto tempo foi especialmente favorecido por Deus, tornou-se orgulhoso e começou a se considerar *realmente* digno dessas graças e indispensável ao plano divino, de modo que Deus o rejeitou de todo o favor, assim acontecerá agora com aqueles que, embora tenham corrido bem até agora, deixam de se manter humildes e começam a se considerar *dignos* de estar diante de Deus em *sua* própria justiça, e que assumem o direito de participar do banquete sem o traje nupcial da justiça imputada de Cristo.

Por mais triste que seja, esse aspecto da profecia, demonstrado na parábola em questão, também está se cumprindo diante de nossos olhos, formando mais um elo na grande cadeia de evidências de que estamos na "colheita". Alguns daqueles que desfrutam dos favores espirituais atuais têm, assim, desprezado e deixado de lado o traje nupcial; e, embora ainda falem de Cristo como Senhor, desprezam e negam a importância e a eficácia do próprio ato pelo qual ele se tornou Senhor, e com

por causa da qual foram considerados dignos de um convite para as bodas. (*Romanos 14:9; 5:2*) Eles afirmam ousadamente não precisar de redentor; e, com sofismas sutis e aplicações errôneas das Escrituras, convencem a si mesmos e aos outros de que entram no aprisco por outro caminho, sem serem redimidos — por meio de sua própria justiça, que o Apóstolo denomina "trapos imundos"; e alguns afirmam que não precisam de advogado nem de resgate, mas que foram inalteravelmente escolhidos por Deus para a glória celestial.

Essa renúncia à vestimenta nupcial, por meio da rejeição do valor do resgate de Cristo, surgiu pela primeira vez entre aqueles que estavam na luz da verdade presente no verão de 1878; e, desde então, tem posto à prova todos os que entraram na luz da câmara dos convidados, a luz da colheita. Na própria presença do Noivo, o erro ganhou espaço; e alguns estão deixando de lado as indispensáveis vestes nupciais. E que comoção isso causou entre os convidados! Que divisão! Que peneiramento! Aqueles que descartam a vestimenta parecem ansiosos para que outros façam o mesmo; e estes se esforçam enquanto os fiéis protestam; e a obra de divisão continua, mesmo na própria sala de convidados; e, sem dúvida, continuará até a última hora antes do casamento.

Enquanto isso, o Noivo-Rei, invisível mas presente, identifica os fiéis dignos que provarão de sua ceia; e Ele permite, conforme predito na parábola, esse teste final. Aos que descartaram o manto, ele pergunta: "Amigo [companheiro], como entraste aqui sem ter uma vestimenta de casamento?" — um lembrete gentil, mas muito contundente, de que o uso do manto era a condição essencial para sua admissão aos privilégios desfrutados, e de que lhe havia sido fornecido um gratuitamente. E desafiamos qualquer um que agora negue o valor da morte de Cristo como seu preço de resgate a afirmar que chegou à luz atual — o conhecimento da

presença do Senhor e das outras coisas profundas de Deus, agora tão claramente visíveis — sem, no momento da entrada, estarem vestidos com essa vestimenta. Ninguém jamais entrou sem a vestimenta: os demais não conseguem ver as coisas profundas de Deus. (*1 Corintios 2:7-14*) Assim como na parábola, também agora, quando essa pergunta é feita àqueles que rejeitaram a túnica, eles ficam "sem palavras". Não podem negar que foi vestindo a túnica que foram admitidos; e não gostam de reconhecer isso.

"Então disse o Rei aos seus servos: 'Amarrai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores'." As "trevas exteriores" são as trevas que envolvem os sábios do mundo, as trevas do raciocínio humano não orientado pela Palavra de Deus e não harmonizado com seu plano revelado de resgate e restituição. O ato de amarrar ou restringir serve de exemplo para tais pessoas diante da companhia dos consagrados e ajuda todos os verdadeiramente leais a ver com maior clareza a necessidade e o valor do manto na avaliação do Rei. Os servos encarregados de realizar a amarração são aqueles que possuem a verdade sobre o assunto e que podem *restringir a influência* desses indivíduos com testemunhos bíblicos sobre o valor e a necessidade do precioso sangue e da veste de justiça que ele nos adquiriu. Ao lutarem contra esses argumentos das Escrituras, os que foram despojados da túnica são forçados, por seus próprios argumentos e esforços para se justificarem, a sair da luz para as "trevas exteriores". Para eles, assim como para o mundo, a cruz de Cristo é agora uma pedra de tropeço e loucura; mas para os fiéis e consagrados, ela continua sendo "o poder de Deus e a sabedoria de Deus".

Mas não se deve esquecer que aqueles da parábola que são "amarrados" e "lançados nas trevas exteriores" devem primeiro ter estado na luz da verdade da colheita; e, consequentemente, sua responsabilidade e punição são maiores do que a responsabilidade e a punição daqueles que nunca desfrutaram de tal favor. Milhares na Igreja nominal, sem dúvida, seguirão o

o ensinamento de líderes proeminentes entre eles, ao rejeitarem a fé na eficácia do precioso sangue de Cristo como preço de resgate do pecador, que não será responsabilizado por esse passo em toda a sua extensão; pois não foram suficientemente esclarecidos a respeito disso.

Milhares de cristãos professos nunca acreditaram em Cristo como seu resgate ou substituto e nunca vestiram o manto de sua justiça imputada. Esses, é claro, não são mencionados na parábola. A parábola refere-se apenas a uma classe muito limitada, cujos membros, em algum momento, apreciaram claramente o resgate e, ao apreciá-lo, entraram — sob o favor que ele garantiu — na luz especial do tempo da colheita — o tempo da presença do Rei, logo antes da festa. Com que cuidado devem aqueles que já foram iluminados uma vez, e que provaram a boa palavra de Deus e os poderes da era vindoura, guardarem-se contra a mais leve sugestão de dar um passo tão desleal, injusto e desastroso. *Hebreus 10:26-31*; *6:4-8*

Ao considerarmos essas parábolas, não devemos cometer o erro de presumir que todas as virgens prudentes já tenham entrado nas bodas — na câmara de hóspedes de preparação especial e final — e que a porta esteja fechada antes que a inspeção mencionada nesta parábola comece. A porta da oportunidade ainda permanece aberta para todos os consagrados, revestidos pela fé com o traje nupcial da justiça de Cristo; a mensagem: "Eis que vem o Noivo!" ainda está sendo anunciada; as virgens prudentes ainda estão saindo ao seu encontro e entrando com ele na festa de casamento; e as insensatas ainda não voltaram com óleo em seus vasos. Mas, desde que "o Rei entrou" (desde 1878, o paralelo temporal com a assunção típica de nosso Senhor ao cargo de Rei dos Judeus — *Mateus**21:1-13***), a inspeção dos convidados e o teste de sua apreciação pelo traje nupcial estão em andamento. E enquanto mais virgens prudentes ainda estão tomando conhecimento da presença do Noivo

[C205]

e entram alegremente na festa, algumas das que já estão lá estão se mostrando indignas de permanecer, e foram — e estão sendo — amarradas de pés e mãos; e sua apreciação e compreensão da verdade presente — da presença do Senhor e da obra presente e futura — começam a se tornar cada vez mais obscuras, à medida que, levadas por raciocínios falsos baseados em premissas falsas, elas gradualmente ou rapidamente, de acordo com o temperamento, gravitam em direção a visões mundanas das coisas — as "trevas exteriores" do mundo, quando contrastadas com a luz interior, agora acessível aos santos devidamente vestidos. E, sem dúvida, todas as virgens que entrarem deverão ser provadas a respeito desse assunto. Felizes e destemidas, nessa prova, serão todas aquelas que, do fundo do coração, puderem dizer:

> "Minha esperança está fundamentada em nada
> menos Do que o sangue e a justiça de Jesus. Não
> ouso confiar na mais doce melodia, Mas me apoio
> inteiramente no nome de Jesus.
> Em Cristo, a Rocha Sólida, eu me apoio; todo
> outro terreno é areia movediça."

E essas pessoas poderão cantar com júbilo:

> "O Príncipe da minha paz está aqui agora, a luz de
> seu rosto está sobre mim.
> Ó, ouçam! Amados, ele fala: 'Minha paz agora te dou.'
> A cruz cobre bem meus pecados; O passado está
> sob o sangue;
> Confio em Jesus para tudo;
> Minha vontade é a vontade do meu Deus."

O fim do alto chamado não é o fechamento da porta

As Escrituras não indicam a data exata em que a porta para a festa de casamento se fechará, embora mostrem claramente que ela não será fechada até que *todas* as "virgens"

tenham tido a oportunidade de entrar, e depois que todas as "sábias" ou preparadas o tiverem feito.

Uma "porta" *aberta* simboliza uma oportunidade de entrada para certas condições e privilégios; uma porta *fechada* representa o término de tal privilégio ou oportunidade. O privilégio, convite ou oportunidade da era evangélica, que concede, sob condições restritivas, aos crentes em Cristo *a entrada* na co-herança com ele no Reino celestial e na natureza divina, é a "porta" pela qual *"temos acesso a* esta graça [favor] na qual estamos firmes"; ou seja, à esperança de compartilhar a glória de Deus. (*Romanos 5:2*) Essa porta, que permaneceu aberta durante toda a era, será fechada em algum momento; e a porta na parábola das virgens marca esse fechamento — o fim de todas essas oportunidades e privilégios. Essa parábola das virgens apenas retrata os eventos no fim desta era entre os membros da verdadeira Igreja que viverão naquela época. A "porta" desta parábola representa que certos privilégios especiais — a consumação e o objetivo de todas as graças da era evangélica — estarão abertos às "virgens prudentes" no tempo da colheita; e o fechamento da porta, quando toda essa classe tiver se valido de tais privilégios, representa o fim de *todas* as graças e privilégios da era evangélica; pois a festa representa plenamente as vantagens e privilégios do evangelho, sendo uma representação da grande consumação à qual todas as outras graças conduzem — as glórias prometidas do Reino.

Considere essa "porta" de oportunidade e privilégio, que em breve se fechará. Nosso Senhor chamou-a de porta e disse que, durante a era evangélica, seria difícil tanto encontrá-la quanto entrar por ela, e nos aconselhou a fazer grande esforço para entrar, se quiséssemos compartilhar da imortalidade e das honras do Reino, para as quais ela — e nenhuma outra porta — conduz. Ele disse, portanto: "Esforçai-vos por entrar pela porta estreita; pois muitos, digo-vos, procurarão entrar e não poderão, quando o mestre da

casa se levantar e fechar a porta**." (*Lucas 13:25*)** Esse caminho estreito, como já vimos*, é o caminho do auto-sacrifício em prol do plano e da obra do Senhor. O caminho é tornado estreito pelas circunstâncias do tempo presente, pela oposição do espírito mundano contra a verdade e a justiça, de modo que quem quer que siga as pegadas de nosso Líder e Precursor encontrará o caminho estreito ou difícil e terá de sofrer perseguição. Andar por esse caminho, conforme nosso Senhor nos deu o exemplo para que sigamos seus passos, implica não apenas uma conformidade passiva com sua disposição ou espírito, mas também um zelo ativo e enérgico na divulgação de sua verdade a todo custo. E todos os que trilham esse caminho estreito, fiéis como Ele foi fiel, até a morte, têm comunhão em seus sofrimentos e, no tempo devido, também terão comunhão em sua glória, na festa das bodas — na glória a ser revelada em sua aparição e no seu Reino. *Fil. 3:10*; *1 Pe. 4:13*

Tendo em vista seu glorioso desfecho, a oportunidade de trilhar esse caminho estreito de auto-sacrifício em nome da verdade é o maior privilégio que já foi oferecido a qualquer criatura. O privilégio de sofrer com Cristo e por sua causa, após primeiro reconhecê-lo como nosso redentor, é, portanto, a porta — e a única porta de oportunidade — pela qual se pode alcançar a glória que se seguirá, como noiva e o co-herdeiro de Cristo.

Há três maneiras pelas quais o fechamento dessa porta poderia ser indicado: primeiro, por uma declaração bíblica definitiva da data exata; segundo, por uma reversão tão grande da opinião pública em relação à verdade, que a fidelidade e o zelo a seu serviço não encontrariam mais oposição, e sofrer com Cristo pela verdade (*Romanos8:17*) não seria mais possível; ou terceiro, por uma situação tal

*Vol. I, página 203.

no mundo que toda oportunidade para tal serviço fosse efetivamente obstruída, não deixando, assim, oportunidades para que os candidatos ingressassem na obra e desenvolvessem e provassem seu amor e fidelidade por meio de sua atividade e perseverança.

Embora tenhamos sido claramente informados de que a porta será fechada em algum momento dentro desse período de colheita ou no fim da era, a Bíblia não fornece a data exata; e, embora após o grande tempo de angústia haja uma grande reviravolta na opinião pública em favor da verdade e da justiça, não temos qualquer indício de que tal situação venha a ocorrer até que o período de colheita esteja totalmente encerrado. Mas temos uma indicação clara de que *a porta será fechada* da maneira mencionada por último; pois, antes que o dia milenar amanheça, somos avisados de uma noite escura em que ninguém poderá trabalhar — "A manhã vem, e também a noite." *Isaías 21:12*. Veja também Vol. II, cap. VIII.

O caminho estreito que se abre diante de nós é o privilégio e a oportunidade de cooperar com nosso Senhor agora, quando manifestar seu espírito de mansidão, zelo e lealdade a Deus e à sua verdade terá como custo a perda de vantagens terrenas; quando defender sua causa e as verdades que ele propôs nos tornará, para dizer o mínimo, muito impopulares; e quando nossos esforços para honrar o seu nome e abençoar nossos semelhantes com a verdade, deixando nossa luz brilhar, nos trouxerem reprovação, deturpação e perseguição de alguma forma. E se, como vimos, a porta estreita *que se abriu* significa o privilégio de assim nos sacrificarmos, fielmente, até a morte, a qualquer custo, segue-se que o *fechamento de toda essa oportunidade* para tal comunhão de serviço e sofrimento seria *o fechamento da porta*, o bloqueio do caminho estreito para a glória futura e a herança conjunta; pois nosso reinado com Cristo está condicionado à nossa fidelidade em seu serviço, o que agora significa sofrer com ele. *Romanos 8:17; 6:8*

[C209]

E sofrer com Cristo, como vimos, não é o sofrimento comum a todos no estado decaído, mas apenas aqueles sofrimentos que são o resultado, mais ou menos direto, de seguir o exemplo de Cristo, ao ser o advogado de verdades impopulares e expor erros populares. Tais foram as causas dos sofrimentos de Cristo; e tais serão as causas de perseguição, sofrimento e perda para todos os que seguirem seus passos. Eles terão comunhão em seus sofrimentos agora e, no fim, serão considerados dignos de participar da recompensa por tal fidelidade aos princípios. Isso, ao longo da era evangélica, significou trabalho abnegado e suportar reprovações ao semear e regar a semente das doutrinas de Cristo; e agora, no fim da era, significa uma fidelidade e perseverança semelhantes na obra da colheita atualmente em andamento — até mesmo a entrega da vida, seja ela exigida pelo processo gradual de cumpri-la a serviço do Mestre, um morrer diário, seja por ser levada mais abruptamente à morte repentina de um mártir.

A dignidade da Igreja virgem, prometida em casamento, para ser a noiva, a esposa do Cordeiro, não consiste meramente na ausência de pecado, embora ela seja santa e "sem mancha" — "sem mancha, nem ruga, nem coisa semelhante" (*Efésios 5:27*), tornada "mais branca que a neve" na grande fonte do amor redentor, o mérito do seu redentor. Isso é necessário para *todos* os que algum dia serão considerados dignos da vida eterna em qualquer plano. Mas, para ser a noiva do Cordeiro, ela deve não apenas ser virgem em pureza e, além disso, estar livre de alianças pecaminosas e de sedução pelo mundo, mas deve ser mais, muito mais do que isso. Ela deve se assemelhar tão intimamente ao seu Senhor e seguir tão de perto seus passos e seus conselhos, que, por isso, será uma sofredora, uma mártir, como ele foi, e em nome dos mesmos *princípios* de verdade e justiça. Ela deve provar que possui um amor *ardente* pelo Noivo e uma devoção incansável ao seu nome e aos seus princípios,

a ponto de estar disposta a ser desprezada e rejeitada pelos mundanos, como ele foi, em nome da obediência às suas doutrinas.

Para desenvolver e *demonstrar* esse caráter, ela deve ser provada e testada. Sua confiança, sua perseverança, sua fidelidade ao Senhor, tanto no mal quanto no bem, devem ser desenvolvidas e comprovadas. E somente aquelas que forem assim desenvolvidas e testadas — e que, pela prova, se mostrarem fiéis — serão reconhecidas e aceitas como a noiva e o co-herdeiro do Senhor, a herdeira de todas as coisas. Como está escrito: "Bem-aventurado o homem que *persevera* na tentação; pois, tendo sido [assim] aprovado, receberá a coroa da vida que o Senhor prometeu àqueles que o amam" — com tanta intensidade. Assim, corretamente compreendida, toda provação de nossa fidelidade deve ser enfrentada com alegria como uma nova oportunidade de mostrar ao Noivo a profundidade e a força de nosso amor, e mais uma prova de que somos dignos de seu amor, de sua confiança e da exaltação prometida. Aqueles que compartilharão com o Senhor a glória vindoura devem não apenas ser *chamados* e *aceitos*, mas também *fiéis*, até a morte. *Apocalipse 17:14*

Assim, a porta da oportunidade de participar, com Cristo, nosso Senhor, na obra da era evangélica, se fechará quando "chegar a noite em que ninguém pode trabalhar". E todos aqueles que não tiverem, anteriormente, por meio de serviço fiel, desenvolvido o caráter necessário e provado sua simpatia, devoção, amor e zelo pelo Senhor e sua verdade (*Mateus10:37*; *Marcos 8:38*), estarão então atrasados demais para fazê-lo. Conforme representado na parábola, eles serão, assim, revelados como "virgens insensatas", por terem deixado escapar a grande e gloriosa oportunidade de sofrer com e em nome daquele com quem gostariam de reinar. Nessa altura, o número completo predestinado por Deus para constituir e completar a Igreja já terá sido chamado, escolhido e, por meio de provações, provado fiel — "imagens da semelhança de seu Filho". (*Romanos 8:29*) A colheita já terá passado, o tempo de graça do verão terá terminado, e restará apenas a queima do joio, para limpar o campo (o mundo da humanidade) e prepará-lo

totalmente para a semeadura muito mais extensa da Era Milenar.

O cair dessa noite evidentemente porá fim a qualquer trabalho adicional para divulgar a verdade, que, mal compreendida pelo público em geral, provavelmente será acusada de ser a causa de grande parte da anarquia e da confusão então prevalecentes, em vez de ser vista sob sua verdadeira luz como um prenúncio da mente divina e do Apocalipse a respeito das tribulações vindouras do mundo e de suas verdadeiras causas. Tampouco devemos esperar que a chegada da noite e o fechamento da porta sejam repentinos, mas sim que haja uma obstrução e um encerramento graduais do trabalho da colheita.

O presente é o momento do selamento dos servos de Deus em suas testas, antes que a tempestade de tribulações se abata (*Apocalipse 7:2,3*); e toda virgem sábia deve valorizar esse privilégio do presente, tanto para seu próprio selamento intelectual com a verdade atual, quanto para se dedicar à obra da colheita de selar outros da classe do trigo e reuni-los no celeiro da segurança, antes que a noite chegue e a porta da oportunidade de trabalhar se feche.

Que a oportunidade atual, a mais favorável, é breve, fica evidente pelo fato de que restam apenas vinte e quatro anos do período da colheita, cujo fim testemunhará o término do reinado do mal e o início do glorioso Dia Milenar; e, dentro desse período, a noite escura da maior tribulação do mundo deve ocorrer. A grande escuridão que deve preceder o dia glorioso está se aproximando: “a manhã vem, e também a noite” — “um tempo de angústia como nunca houve desde que existe uma nação”.

Observe que, quando essa noite chegar, quando os ceifeiros *tiverem de* cessar seus trabalhos, isso provará que esta obra final da era evangélica está consumada; que o número dos escolhidos da Noiva de Cristo já foi todo “selado” e “reunido”

[C212]

em uma condição de separação dos mundanos — na condição do celeiro (*Mateus13:30*); pois Deus não permitirá que nada ponha fim à sua obra até que ela esteja concluída. Então, todos os servos verdadeiros e fiéis de Deus terão sido selados na testa; e, estando a obra da era evangélica concluída, ninguém mais poderá entrar nessa obra ou colher sua rica recompensa, predita nas "promessas grandíssimas e preciosas" como a recompensa dos fiéis que entram enquanto a "porta" está aberta. *2º Pedro 1:4*

Mas não devemos deduzir disso que todos, assim que se provarem fiéis, receberão imediatamente sua recompensa. É possível que alguns deles continuem vivendo, bem adiante naquela noite escura de tribulação — embora nossa expectativa seja o contrário. "Aqui está a paciência dos santos; aqui estão aqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus." Tendo revestido toda a armadura de Deus e resistido com ousadia ao erro, por meio da apresentação e defesa claras e destemidas da verdade, durante este dia mau, em que erros gigantescos se espalham de forma tão ousada e desafiadora, os santos são exortados a "tendo feito tudo, permanecer firmes", revestidos com a armadura completa, com a espada do espírito sempre pronta para a defesa, e com vigilância, perseverança e oração por todos os santos. Todos precisarão de paciência, para que, depois de terem feito a vontade de Deus, possam receber a promessa. *Apocalipse 14:12*; *Efésios 6:13*; *Hebreus 10:36*

Deve ficar bem claro que o fim do alto chamado para a co-herança com nosso Senhor Jesus no Reino de Deus não é o fechamento da porta na parábola das virgens. Embora o "chamado" geral para esse privilégio tenha cessado em 1881, a "porta" ainda está aberta. O chamado é o *convite geral* de Deus a todos os crentes justificados no Redentor para seguirem seus passos de auto sacrifício, até a morte, e assim provarem sua dignidade para reinar com ele na glória. Esse favor teve um momento definido de início: os discípulos que aguardavam foram aceitos nele no dia de Pentecostes, no ano 33 d.C.

[C213]

E teve, como já foi demonstrado, um momento definido de conclusão; a saber, outubro de 1881.*

Por outro lado, o fechamento da "porta", na parábola de *Mateus 25*, marca o fim definitivo de toda oportunidade para qualquer um, mesmo para os "chamados", de, a partir de então, alcançar o prêmio do alto chamado. Marca o fim de toda oportunidade de se mostrar digno do prêmio por meio da fidelidade no serviço: toda oportunidade de serviço terminará ali, na "noite" em que ninguém pode trabalhar. (*João 9:4*) É evidente, portanto, que a porta, ou oportunidade, de assim tornar segura nossa vocação e escolha, não se fecha necessariamente quando o chamado, ou convite geral a todos os crentes para entrar, deixa de ser feito. E, enquanto a porta permanece aberta, isso indica que qualquer crente que esteja ansioso por entrar e pronto para cumprir as condições ainda pode fazê-lo, mesmo que o "chamado" geral ou convite para entrar não seja mais enviado. Na verdade, a porta ou oportunidade para trabalhar e se sacrificar ainda não se fechou, embora o chamado geral tenha cessado em 1881.

A era evangélica tem sido o tempo do chamado — primeiro, para chamar os pecadores ao arrependimento e à fé em Cristo, o Redentor; e, segundo, para chamar esses justificados ao alto privilégio de serem co-herdeiros com Cristo em seu Reino, com a condição de seguirem agora seus passos de auto-sacrifício, até a morte — como condição para a aceitação na obra do Reino e nas honras da era milenar vindoura. Portanto, quando o Senhor nos diz que o período final da era será um tempo de colheita, isso indica claramente uma mudança radical — da semeadura para a colheita, do chamado para o teste dos chamados e para o encerramento da obra iniciada pelo chamado.

Como ilustração da mudança no caráter da obra no fim da era evangélica, nosso Senhor contou a parábola da rede de arrasto. (*Mateus13:47-50*) "O Reino de

*Ver Vol. II, Capítulo VII.

céus é semelhante a uma rede lançada ao mar e que recolheu peixes de toda sorte; e, quando ficou cheia, eles [os pescadores] a puxaram para a praia, sentaram-se, recolheram os bons em vasos e jogaram fora os maus. Assim será no fim da era [a colheita, *Mateus13:39*]: os anjos [mensageiros, servos de Deus] sairão e separarão os ímpios dentre os justos, e os lançarão na fornalha de fogo [o grande tempo de angústia]: ali haverá choro e ranger de dentes."

Essa parábola representa a Igreja cristã nominal como o Reino de Deus nominal em perspectiva — *a rede* lançada *ao mar* (o mundo), que recolheu *peixes* (homens — *Mateus4:19*) *de toda espécie* (cristãos verdadeiros, cristãos meio enganados e iludidos, e multidões de hipócritas); a qual, quando estiver cheia (na plenitude do tempo de Deus), é puxada para a praia. Isso mostra que os "de toda espécie" reunidos na Igreja nominal não são aptos para o Reino, por mais aptos que possam ser para outras coisas; que, no fim da era — na época da colheita —, o chamado ou convite para um lugar no Reino cessaria por disposição de Deus, conforme representado pelo arrastar da rede para a praia; e que, então, uma obra diferente seria iniciada pelos pescadores — a saber, uma obra de separação, de divisão, que realizará a coleta da espécie desejada e a rejeição dos demais, que são indignos do favor para o qual haviam sido chamados; pois "muitos são chamados, mas poucos escolhidos". *Mateus 22:14*

A obra de separação desta parábola é a mesma que a mostrada na parábola do trigo e do joio, que nos ensina a esperar uma interrupção da semeadura (o chamado) e uma mudança dessa obra para a obra da colheita. Os servos do Senhor, que, sob sua direção, mudarão assim a obra, são chamados em ambas as parábolas de anjos — mensageiros especiais de Deus. São seus discípulos fiéis que, caminhando com muita humildade, próximos ao Senhor e buscando com grande fervor

[C215]

buscam conhecer seu plano e cooperar em sua obra, não são deixados nas trevas quanto aos seus tempos e épocas. (*Mateus13:11*; *1 Tess. 5:4*; *Jeremias 8:7-12*) É claro que essa colheita e essa reunião referem-se apenas àqueles que vivem no tempo da colheita, e não àqueles que faleceram anteriormente; cada um deles, ao concluir sua jornada, foi registrado e separado para aguardar sua posição adequada dentro ou fora do pequeno rebanho glorificado, o próprio Reino. *2 Timóteo 4:8*

A rede não tinha a intenção de capturar todos os peixes do mar. Nosso Senhor, o grande Pescador-Chefe, planejou capturar um número específico de peixes de uma espécie específica, independentemente de quantos de outras variedades entrassem na rede junto com eles; e quando o número total da espécie desejada e específica tiver entrado na rede, ela é levada para a praia com o propósito de ser classificada e separada. Quando a rede é assim levada para a praia, a missão dada no início da era, de lançar a rede ao mar (*Mateus 28:19; 24:14*), deve ser entendida como concluída; e todos os que desejarem continuar a ser cooperadores do Senhor devem dar ouvidos às suas orientações e não mais dedicar seu tempo à pesca em geral, mas à obra atual de seleção e colheita. É assim como a verdade então devida era o meio para chamar, assim a verdade — a "verdade presente", a verdade da colheita — é agora o meio do Senhor para provar e separar.

Quando, portanto, os servos do Senhor ouvirem sua voz, por meio de sua Palavra, declarando que chegou a hora de parar de semear e começar a colher, de parar de pescar e passar a separar os peixes, de parar de chamar e pregar a mensagem da colheita agora devida àqueles já chamados, eles, se forem fiéis, obedecerão com alegria e prontidão. Assim, pois, instruídos pelo mestre a respeito de seu plano para as eras, e não na escuridão quanto aos tempos e épocas em que vivemos, não deveriam mais sair buscando semear a boa semente do Reino no campo ou no mundo da humanidade, mas

devem estar "dando alimento na época certa à família da fé" — espalhando entre os filhos professos do Senhor as boas novas do Reino que está próximo e da grande alegria e bênção que ele em breve trará a todas as pessoas.

E, por mais estranho que pareça, é essa mensagem da provisão amorosa de Deus, no resgate, para a restauração de todas as coisas, por meio de Cristo Jesus e de seu corpo glorificado, a Igreja, o Reino de Deus (essa mensagem, que deveria alegrar, revigorar e unir todos os corações cristãos amorosos), que deve desenvolver e atrair para a união de corações apenas a classe verdadeira, a fim de prová-los e separá-los da massa nominal.

Em breve a colheita estará concluída, e então tanto aquele que semeou quanto aquele que colheu se alegrarão juntos. Agora, os ceifeiros devem apressar o trabalho e devem se preocupar tanto com sua plena realização a ponto de orar ao Senhor da colheita, o Ceifeiro-Chefe, para que envie mais trabalhadores para a sua colheita. Não demorará muito para que o lavrador da próxima dispensação (a grande tribulação predita, que preparará o mundo para a semeadura milenar) alcance o ceifeiro desta dispensação. *Amós 9:13*

A Sétima Semana de Israel: uma figura do fim do favor do evangelho

É importante lembrar que a "setentaª semana" de Israel — os últimos sete anos de seu favor — foi marcada com muita exatidão em seu início, meio e fim; e acreditamos que isso tenha ocorrido com o propósito específico de nos fornecer datas claramente definidas para o fim da era evangélica do favor ao Israel Espiritual. Vimos que o início dessa semana foi, para o Israel carnal, a data do início de seu teste de colheita, em 29 d.C. Foi marcado pelo batismo de nosso Senhor e pelo seu reconhecimento como Messias no Jordão, quando a obra da colheita começou — cujo paralelo, aqui, é o reconhecimento da presença do Senhor, em 1874 d.C., no início desta colheita.

[C217]

O meio daquela semana da aliança, no ano 33 d.C., foi a data da rejeição de Israel como sistema ou nação-igreja, e foi marcado pela morte de nosso Senhor na cruz e por suas palavras logo antes de sua morte: "A vossa casa vos será deixada deserta". E o paralelo disso, aqui, é a rejeição do favor e a queda dos sistemas sectários, chamados de cristandade ou "Babilônia", em 1878.

A última metade da semana da aliança de Israel (3 anos e meio, de 33 a 36 d.C.) não foi um período de favor nacional ou sectário, mas de favor individual, concedendo aos israelitas (não como antes, por meio dos canais da Igreja nominal, mas *individualmente*, caso quisessem recebê-lo) todos os favores e privilégios especiais da aliança abraâmica, até o fim dessas setenta semanas simbólicas, o limite de seu favor, marcado pelo envio do favor a Cornélio e aos gentios em geral. Assim, no paralelo, aqui: os 3 anos e meio de abril de 1878 — quando a chamada cristandade, ou "Babilônia", foi rejeitada do favor — até outubro de 1881, foi o período de encerramento do favor do *alto chamado* aos crentes individuais. Assim, o "chamado" *geral* (o *favor* da era evangélica) cessou em outubro de 1881 d.C., assim como a data correspondente, outubro de 36 d.C., testemunhou o fim do favor aos judeus.

O favor *aos judeus* consistiu na oferta do Reino a Israel — o *chamado* aos filhos naturais de Abraão para que se valessem dos privilégios e oportunidades que lhes foram concedidos sob a Aliança da Lei. Esse *chamado*, favor ou privilégio cessou totalmente e para sempre com o fim da semana da aliança. A graça *do evangelho* consistiu na oferta do Reino (exclusivamente) aos crentes em Cristo — o *"alto* chamado" de todos os reconciliados com Deus sob a aliança da Graça, que poderiam aproveitar as oportunidades assim concedidas (e tornar-se membros da "*descendência*" de Abraão, que abençoará o mundo) unindo-se a Cristo Jesus, seu redentor, em sua aliança de auto-sacrifício; o teste

que deve demonstrar sua dignidade para participar da obra e da glória vindouras de Cristo. E é esse favor, esse "chamado" ou convite, que vimos cessar, total e para sempre, em outubro de 1881, o momento paralelo ao fim do chamado ou favor judaico.

Note-se que o fim do favor ou chamado judaico foi seguido por outro chamado geral, que, ignorando-os e ao favor que receberam no passado, incluiu, no entanto, qualquer um deles que, posteriormente, ao se tornar *crente*, se tornasse digno desse chamado mundial para a honra do Reino. O fim de seu favor passado foi tão real quanto se eles não tivessem sido convidados para nada após o término desse favor; tão real quanto se, posteriormente, tivessem sido convidados para um favor inferior; mas não é tão perceptível, porque o chamado geral do evangelho, que não os excluiu, foi o mesmo chamado ampliado e aprofundado; tornado aplicável a *todos os crentes* em Cristo, de todas as nações.

O fim do favor ou "chamado" aqui, em 1881, é seguido — ou melhor, se sobrepõe a ele — pelo chamado geral de todo o mundo para as bênçãos e favores milenares, sob condições de fé e obediência voluntária (não, porém, um sacrifício até a morte). Este, porém, é um chamado inferior, um favor menor do que aquele que cessou; um chamado para desfrutar das bênçãos sob o Reino, mas não para fazer parte da classe ungida do Reino. E essa *mudança* — essa cessação do favor superior e o início de um favor menor — será pouco percebida no tempo presente, devido ao fato de que o grande prêmio do Reino e a co-herança com Cristo, como participantes da natureza divina, têm sido geralmente perdidos de vista na Igreja. A concepção mais elevada de recompensa, geralmente mantida pelos cristãos ao longo dos séculos passados, é a de que, em sua ressurreição, receberão corpos perfeitos; e, livres de doenças, dores e tristezas, desfrutarão do favor de Deus e terão vida eterna. E essa concepção, embora muito aquém dos reais

privilégios da "alta vocação" da era evangélica, é, na verdade, uma concepção adequada dos privilégios abençoados a serem concedidos durante a era milenar ao mundo em geral — a todos aqueles que, naquela ocasião, se submeterem à obediência e entrarem em harmonia com Deus.

De fato, então, os únicos que enxergam claramente as características peculiarmente elevadas e grandiosas do chamado da era evangélica — os únicos, portanto, que poderiam anunciar ou explicar *esse chamado* — são justamente aqueles a quem a Palavra de Deus também revela que o prazo desse chamado chegou ao fim em outubro de 1881. Outros, embora citem as palavras do apóstolo a respeito de um "alto chamado de Deus em Cristo", na verdade explicam o chamado inferior que pertence à Era Milenar. Portanto, o chamado geral do Evangelho, o verdadeiro, chegou ao fim. Ninguém pode prolongá-lo. Alguns não podem porque não o compreendem e não poderiam transmiti-lo, e outros porque sabem que ele chegou ao fim.

Mas, embora o "chamado" geral tenha cessado, a "porta" ainda não se fechou. O fim do "chamado" e o fechamento da "porta" são distintos e separados. A "porta" permanece aberta para que alguns entrem na corrida, pelo grande prêmio da co-herança no Reino, após o fim do "chamado" *geral*. Deus havia predeterminado um número fixo para constituir a Igreja, "o corpo de Cristo"; e não pode haver nem um membro a mais nem um a menos. (Veja isso ensinado tipicamente em ***Levítico 21:17-23***.) Segue-se que ele não poderia *chamar* ou convidar para essa honra mais do que o necessário para completar o número que havia determinado. E, em outubro de 1881, como mostra Sua Palavra, esse número completo já havia sido assegurado. Mas, visto que alguns daqueles que responderam ao chamado geral e fizeram a aliança com Ele deixarão de cumprir sua aliança, deixarão de correr de modo a obter o prêmio, a "porta" permanece aberta após o término do chamado geral, para permitir a entrada na corrida, para o auto-sacrifício a serviço da verdade, de alguns *que ocuparão os*

[C220]

lugares daqueles que, durante a inspeção, descartarem a vestimenta nupcial da justiça de Cristo; e também de outros que, tendo feito a aliança de auto-sacrifício no serviço, amem o mundo presente, fiquem sobrecarregados com seus cuidados ou prazeres e deixem de cumprir os requisitos da aliança.

E, mais uma vez, deve-se observar que o término do chamado em 1881 de forma alguma interferiu nos privilégios dos milhares que já haviam aceitado o chamado e se tornado servos consagrados de Deus: isso não excluiu ninguém que já estivesse incluído. Nem implica que ninguém mais possa entrar: foi meramente o encerramento do convite *geral* de Deus.

O fato de você ter chegado apenas recentemente a um conhecimento claro das promessas extremamente grandes e preciosas das coisas que Deus reservou para aqueles que O amam não prova que você não tenha sido chamado e aceito como candidato a este grande prêmio muito antes de compreender quão grande e grandioso é o prêmio. O fato é que ninguém que aceita o chamado é capaz, a princípio, de compreender plenamente nem a aspereza e a estreiteza do caminho, nem a grandeza do prêmio a ser alcançado em seu fim. A clareza de nossa compreensão das promessas é, para nós, o poder de Deus operando em nós para nos fortalecer e nos capacitar a vencer os obstáculos e provações atuais. As promessas extremamente grandes e preciosas nos são reveladas gradualmente, à medida que nos mostramos fiéis e seguimos em frente, para que, por meio delas — pela força e coragem que elas nos infundem —, possamos ser capacitados a correr de modo a alcançar o prêmio. ***2 Pedro 1:4***

A classe que receberá o prêmio não é apenas chamada e escolhida (aceita), mas também fiel. E embora o *chamado geral* tenha cessado, é evidente que o teste da fidelidade dos chamados ainda não terminou. Os fiéis estão sendo selados e separados daqueles que são infiéis à sua aliança de auto-sacrifício; e as virgens sábias estão sendo separadas

as insensatas, cuja insensatez consiste em supor que podem disputar e conquistar os prêmios mundanos de honra, riqueza etc., e, ao mesmo tempo, correr fielmente a corrida pelo grande prêmio de glória, honra e imortalidade — cujas próprias condições tornam tal percurso duplo impossível. "O homem de coração dividido é instável em todos os seus caminhos." "Não podeis servir a Deus e a Mamom." *Tiago 1,8*; *Mateus6,24*

Quando todas as "virgens sábias" fiéis tiverem se provado como tal e tiverem entrado nas alegrias do Senhor, a *"porta" da oportunidade* de se tornar parte dessa classe se fechará; e ninguém mais poderá entrar por ela. Quando todas as sábias tiverem entrado, o número predestinado estará completo; e então o mestre se levantará e fechará a porta. (*Lucas 13:24,25*; *Mateus 25:10*) O próprio Senhor nos diz que, *então,* muitos começarão a ver as coisas de maneira diferente — a perceber quais privilégios e oportunidades de sacrifício eles outrora desfrutaram e deixaram de aproveitar. Mas, quando buscarem entrar, o mestre lhes dirá: 'Não os reconheço como minha noiva — ela está completa, e eu tenho apenas uma'. Contudo, graças a Deus, outras passagens bíblicas mostram que as virgens insensatas, embora assim rejeitadas do alto chamado — para o qual sua conduta durante o período de prova as terá provado indignas —, serão, no entanto, favorecidas e terão uma função mais humilde na casa do Senhor.

Portanto, antes que a porta se feche, antes que o número completo dos fiéis seja preenchido, que cada um se esforce para tornar seguro seu chamado e sua escolha; e, para esse fim, permitamos que o Senhor, por meio dessas preciosas promessas e dessas parábolas explicativas, atue em nós para que *tenhamos a vontade* e a capacidade de *cumprir* o seu bom prazer.

Mas alguns ainda podem dizer: "Temo não ser um daqueles chamados antes que o chamado geral cessasse em 1881, pois naquela época eu não apenas era totalmente ignorante quanto às coisas profundas das promessas de Deus, mas mais do que isso: eu era totalmente estranho a Deus e até mesmo seu inimigo, distante de qualquer aliança com ele para servi-lo e distante de qualquer desejo nesse sentido. Só recentemente eu

conheci a Deus, de fato; recentemente, tomei sobre mim o jugo de Cristo para aprender com ele; e, ainda mais recentemente, aprendi sobre o privilégio de sofrer com Cristo agora, por meio de abnegações a seu serviço, e que tais co-sacrificadores serão, no devido tempo, tornados co-herdeiros com ele na gloriosa obra do milênio. E agora, depois de ver essas glórias, depois de admirar essas coisas preciosas e depois de me dedicar a correr esta corrida por este prêmio maravilhoso, devo concluir que ela não está aberta para mim, porque já havia sido chamado um número suficiente para preencher a lista? Não me passaria pela cabeça alterar o arranjo divino, nem pedir que outro fosse acrescentado além do limite determinado pela sabedoria divina, mas sentirei profundamente minha infelicidade.

A tais pessoas respondemos: Continuem correndo. A situação de vocês não é tão sombria quanto lhes parece. A "porta" ainda não está "fechada". Lembrem-se de que, se *todos* os que aceitaram o chamado quando ele se encerrou se mostrassem fiéis à sua aliança, não haveria nenhum a mais, mas apenas o número necessário. Lembre-se também de que sua observação, assim como as Escrituras, indica que, dentre os muitos que aceitam o chamado, poucos serão escolhidos, pois apenas alguns se mostram fiéis à sua aliança quando postos à prova. À medida que, um após o outro, alguns dos chamados se mostram infiéis, suas oportunidades, *seus locais* de trabalho e *suas coroas* de recompensa são transferidos para outros. Um desses locais de trabalho e uma dessas coroas de recompensa podem ser transferidos para você, e seu nome pode ser escrito no livro da vida como membro probatório da Noiva de Cristo, no lugar de alguém que foi riscado por ser indigno. Veja *Apocalipse 3:5*; *Hebreus 12:23*.

Aqueles que conseguem compreender essas preciosas promessas e que têm o desejo de trabalhar na vinha têm uma forte evidência de que foram gerados pelo espírito;* pois a mente humana, mesmo quando justificada, é incapaz de compreender as *coisas profundas* que Deus destina apenas àqueles que se consagraram

*Ver Vol. I, página 226.

a si mesmos e foram aceitos. (***1 Coríntios 2:6-16***) E o Senhor é amoroso e justo demais para autorizar nos corações de alguém esperanças que jamais poderiam se realizar. Ser gerado pelo espírito, por meio da Palavra da verdade, implica um nascimento definitivo para as condições do espírito, a menos que aquele que foi gerado se mostre indigno — infiel. "Não rejeiteis, portanto, a vossa confiança, que tem grande recompensa."

A Décima Primeira Hora
Mateus 20:1-16

Esta parábola parece ter sido contada especialmente para ensinar uma lição para este tempo. Os trabalhadores são aqueles filhos de Deus sinceros e consagrados que, ao longo da era evangélica — o "dia" da parábola —, estão dedicando fielmente seu tempo e energia, não a serviço de si mesmos, nem a serviço de Mamom, mas a serviço de Deus. Portanto, somente os *fiéis* são representados pelos trabalhadores, todos os quais recebem a mesma recompensa: as honras do Reino representadas na parábola pelo "denário".

A generalidade do chamado e a necessidade de trabalhadores são representadas pelos quatro chamados — de manhã cedo, às nove horas, ao meio-dia e às três horas da tarde. No entanto, a compreensão exata e clara de *qual* deveria ser o salário foi mencionada apenas no início: o dono da casa então "*concordou*" em lhes dar um denário pelo serviço. Assim, a promessa do Reino foi claramente compreendida pela Igreja primitiva, mas depois foi, em grande parte, perdida de vista e não foi claramente enunciada. Os membros vivos da Igreja de Cristo *que trabalham* em sua vinha a qualquer momento durante a era evangélica *representam* todos os trabalhadores. E a parábola mostra, como sua característica específica, uma classe que entra nesse serviço do Senhor quando o trabalho do dia está quase terminado, na "décima primeira [última] hora". Eles são representados como aqueles que desejam se engajar no serviço do mestre, mas *chegam tarde demais*, pois o chamado geral já

terminado. Eles dizem: "Ninguém nos contratou", chegamos tarde demais para entrar no serviço sob o chamado.

O mestre responde apontando para a porta da oportunidade de agir e sofrer a seu serviço, que ainda não está "fechada" — cujo fim será indicado pela chegada da "noite em que ninguém *pode trabalhar*". Mas ele nada diz sobre qual será a recompensa; embora, ao empregar os outros sob seu chamado geral, tenha dito: "Tudo o que for justo eu lhes darei"* — uma parte do salário inicialmente *"acordado*".

Assim, durante a era evangélica, nosso Senhor tem continuamente, por meio de seus porta-vozes na Igreja, convidado todos os crentes a entrar em seu serviço. A recompensa plena — a natureza divina e a glória do Reino — foi claramente declarada e bem compreendida no início; mas, embora repetida ao longo da era, não tem sido *claramente* compreendida desde então devido ao grande afastamento da verdade. Mas agora chegamos ao fim do dia de serviço do evangelho — à " décima primeira hora". Já *passou o tempo* de chamar trabalhadores para este dia. No entanto, alguns estão agora à margem, dizendo: Não fomos chamados para a obra; "ninguém nos contratou"; não temos promessa de trabalho, nem de recompensa caso encontremos trabalho; o chamado terminou, o trabalho do dia está quase concluído; já há trabalhadores suficientes sem a nossa presença. Mas a esses o mestre quer que digamos, como seus porta-vozes: "Ide também vós à minha vinha"; não prometo nada, o chamado geral terminou, o tempo é curto, o tempo para o trabalho está quase no fim, "chega a noite em que ninguém pode trabalhar"; mas entrai, mostrai vosso amor e zelo, e deixai a recompensa a cargo da minha generosidade.

E isso é tudo o que podemos dizer; a única esperança que podemos oferecer é que nenhum homem que já tenha trabalhado para o nosso mestre deixará de receber abundantemente mais do que poderia pedir ou esperar. E

*Os manuscritos gregos mais antigos, o Sinaítico e o Vaticano, *omitem* em ***Mateus 20:7*** as palavras: "*e tudo o que for justo, isso recebereis*".

[C225]

Sabemos, então, que alguns dos lugares na obra ficarão vagos porque alguns não permanecerão fiéis, e que as coroas de recompensa reservadas para esses serão dadas a outros que, por meio da fidelidade e do auto-sacrifício, se mostrarem dignos da obra e da recompensa.

Portanto, se alguém tiver conhecido e amado nosso Senhor recentemente e desejar servi-Lo e à Sua verdade, que não desanime pelo fato de o chamado geral ter terminado em 1881. Se você vir a "*porta*" da oportunidade para o sacrifício e o serviço aberta diante de você, entre. Mas entre rapidamente; pois a noite de trevas e de intensa oposição à verdade logo se abaterá sobre nós e o impedirá de se engajar no serviço. "A manhã vem, e também a noite." "Vem a noite em que ninguém *pode* trabalhar." Quando isso for verdade, vocês saberão que "a porta está fechada", que todas as virgens prudentes já entraram, que todas foram provadas e que todas as vagas foram preenchidas de maneira aceitável. Tendo todos os "servos de Deus" especiais, até então, sido "selados na testa" (recebido uma compreensão intelectual do plano de Deus), os quatro ventos serão soltos (***Apocalipse 7:1-3***) e produzirão o grande "turbilhão" de tribulação, em meio ao qual o remanescente da classe de Elias será "transformado" e exaltado à glória do Reino.

Que lição há aqui para aqueles que fizeram aliança com o Senhor de servi-Lo em primeiro lugar e acima de tudo, e que estão negligenciando Sua obra para dedicar tempo, pensamentos e recursos às alegrias e recompensas passageiras que o mundo oferece. A esses, o Senhor exorta, dizendo: "Sê fiel até a morte, e eu te darei a coroa da vida". "Aquele que *vencer* [que conquistar em si mesmo o espírito do mundo], esse será vestido de vestes brancas; e *não apagarei o seu nome* do livro da vida, mas confessarei o seu nome diante do meu Pai e diante dos seus santos servos." "Guarda o que tens, para que ninguém *te* tire *a coroa*." *Apocalipse 2:10; 3:5,11*

[C226]

Vamos em frente —*Hebreus 13:*13—

"Silenciosos, como homens em solene pressa, Viajantes
ceifados do deserto,
Passamos pelo amplo portão do mundo, Virando as costas
a toda a sua pompa;
Seguimos pela estrada estreita Que leva à vida, à bem-
aventurança, a Deus.

"Não podemos e não queremos ficar;
Tememos as armadilhas que se aglomeram no caminho;
Lançamos para o lado o fardo e o pecado, Decididos a
conquistar a vitória;
Sabemos do perigo, mas nossos olhos se fixam no
esplendor do prêmio.

"Chega de ociosidade, chega de sono desperdiçado, Que
afastem nossos membros do trabalho cristão; Não
recuaremos diante da luta desesperada; Nenhum
pensamento de rendição ou fuga; Nenhum apego ao
ganho ou à comodidade do presente;
Não buscar agradar ao homem ou a nós mesmos.

"Nenhuma tristeza pela perda da fama; Nenhum temor de
escândalo sobre nosso nome;
Nenhum terror diante do desprezo cortante do mundo;
Nenhum desejo de retribuir as provocações.
Nenhum ódio pode mover-nos ao ódio, e a inimizade
apenas acende o amor.

"Nenhum suspiro pelas risadas deixadas para trás, nem
pelos prazeres dispersos ao vento;
Não olhamos para trás, para as planícies de Sodoma; Não
ouvimos mais os sons de Babel; Não derramamos
lágrimas pela canção e pelo sorriso do Egito; Não
ansiamos pelo Nilo que corre.

"E daí se estamos oprimidos pelo cansaço? É só por um
instante e descansaremos.
Este coração palpitante e este cérebro em brasa Logo
estarão calmos e frescos novamente; A noite já está
avançada e a manhã se aproxima — A manhã sem
nuvens e límpida.

"É só mais um pouco e chegaremos
À nossa recompensa, à nossa coroa, ao nosso lar! Mais um
ano, ou mais, ou menos,
E teremos atravessado o deserto; Terminado o trabalho
árduo, o descanso terá começado,
A batalha travada, o triunfo conquistado!"

—H. Bonar

[C227]

ESTUDO VII

A LIBERTAÇÃO E A EXALTAÇÃO DA IGREJA

A libertação da Igreja está próxima — Será o prenúncio da libertação para toda a humanidade — Sua data aproximada — Como os santos escaparão das coisas que virão sobre o mundo — Como e quando Deus a ajudará — A maneira e as circunstâncias de sua libertação final — A libertação, em primeiro lugar, daqueles que dormem em Jesus—A transformação dos membros vivos da Igreja — Eles morrerão? — Bem-aventurados os mortos que, doravante, morrerem no Senhor.

"Olhem para cima e levantem a cabeça, pois a vossa libertação está próxima." *Lucas 21:28*

À luz da profecia, acompanhamos os maravilhosos eventos da "colheita" até seu clímax no grande tempo de angústia; e, ao lembrarmos que, dentro desse período cheio de acontecimentos, estão previstas a libertação e a exaltação prometidas da Igreja, os pontos centrais de interesse para os santos agora são o tempo, a maneira e as circunstâncias de sua libertação.

Nosso Senhor nos ensinou que, assim que começássemos a ver os eventos da colheita se cumprirem, deveríamos esperar a rápida realização de nossa gloriosa esperança. E, portanto, ao observarmos agora as evidências crescentes desses sinais, levantamos nossas cabeças e nos regozijamos na esperança da glória que se seguirá; pois a manhã se aproxima, embora uma breve e escura noite deva intervir. Nem é essa alegria de caráter egoísta; pois a libertação e a exaltação da Igreja de Cristo serão o prenúncio de uma rápida libertação para toda a raça humana, da tirania e da opressão do grande escravizador, o Pecado, da sombra e das dores da doença e da prisão da morte: "Pois sabemos que toda a

toda a criação geme e sofre dores de parto, [...] aguardando a [...] *libertação* do NOSSO CORPO" — o "corpo de Cristo" (*Romanos 8:22, 23*); pois, de acordo com o desígnio de Jeová, a nova ordem das coisas não poderá ser estabelecida até que o grande governante, o Cristo completo, Cabeça e corpo, tenha assumido plenamente o poder.

É evidente que a libertação dos santos deve ocorrer logo após 1914, uma vez que a libertação do Israel carnal, como veremos, está marcada para ocorrer nessa época, e as nações iradas receberão então a ordem autoritária de se calarem e serão levadas a reconhecer o poder do Ungido de Jeová. Não nos é informado diretamente quanto tempo após 1914 os últimos membros vivos do corpo de Cristo serão glorificados; mas certamente isso não ocorrerá até que sua obra na carne esteja concluída; nem podemos razoavelmente presumir que eles permanecerão por muito tempo após a conclusão dessa obra. Com essas duas considerações em mente, podemos estimar o momento da libertação.

Embora haja indicações claras de que alguns dos membros vivos do corpo testemunharão o aventar da tempestade e participarão de algumas das tribulações que ela trará, há também indicações de que nenhum deles passará inteiramente por ela, nem mesmo se aprofundará nela. As palavras do mestre: "Vigiai, para que sejais considerados *dignos de escapar* das coisas que hão de acontecer" (***Lucas 21:36***), parecem indicar isso. E, no entanto, sabemos que já estamos passando pelo início dessas tribulações (as tribulações sobre a Igreja nominal, decorrentes de seu provação) e que estamos escapando, enquanto muitos, por todos os lados, estão caindo no erro e na infidelidade. Nós escapamos, não por sermos retirados do cenário da tribulação, mas por sermos sustentados, fortalecidos e guardados bem no meio de

tudo isso pela Palavra do Senhor, nosso escudo e proteção. (*Salmo 91:4*) Embora admitamos que, da mesma forma, alguns membros do corpo possam permanecer até o fim do tempo de tribulação, passar por tudo isso e, ainda *assim, escapar* de toda a tribulação que está por vir, é, no entanto, claro, cremos nós, que todos os membros do corpo serão plenamente libertados — exaltados à condição gloriosa — antes que as características mais severas da tribulação se manifestem — depois que o corpo estiver completo e a porta fechada.

Vimos a tempestade se formando nos últimos anos: as poderosas hostes vêm se reunindo e se preparando para a batalha, e cada ano sucessivo testemunha passos mais rápidos de avanço em direção à crise predita; no entanto, embora saibamos que um desastre sem precedentes em breve lançará toda a lei e ordem no abismo da anarquia e da confusão, não tememos; pois "Deus é nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia". Portanto, não temeremos, ainda que a terra [a atual organização da sociedade] seja removida [desestabilizada e desorganizada], e ainda que as montanhas [reinos] sejam levadas para o meio do mar [o povo sem lei e ingovernável]; mesmo que as águas rujam e se agitem [com as disputas entre facções rivais]; mesmo que as montanhas [reinos] tremam [de medo e insegurança] com o seu inchaço [o poder ameaçador e crescente]." *Salmo 46:1-3*

"Há um rio [a Palavra de Deus, fonte de verdade e graça], cujas correntes alegrarão a cidade de Deus [o Reino de Deus, a Igreja — mesmo em seu estado embrionário atual, antes de sua exaltação ao poder e à glória], o lugar santo das tendas do Altíssimo [o santuário — a Igreja na qual o Altíssimo se agrada em habitar]. Deus está no meio dela; ela não será abalada: Deus a ajudará." *Salmos 46:4,5*

No momento presente, estamos recebendo essa ajuda prometida, na medida exata de nossas necessidades atuais, ao sermos levados

na confiança de nosso Pai celestial, familiarizados com seus planos e assegurados de seu favor e de sua graça sustentadora, e até mesmo tornando-nos seus colaboradores. Essa ajuda a perceberemos plenamente até o fim de nossa jornada; e então seremos ajudados ainda mais ao sermos "transformados" para a esfera superior à qual somos chamados e para a qual avançamos com diligência.

Embora possamos ter certeza de que essa "transformação" dos últimos membros vivos do corpo de Cristo não ocorrerá até que a obra que lhes foi confiada na carne seja cumprida, somos informados, conforme mostrado no capítulo anterior, de que em breve nossa obra será interrompida — gradualmente a princípio, e depois de forma completa e definitiva, quando "chegar a noite, em que ninguém pode trabalhar". (*João 9:4*) E a escuridão dessa "noite" só será dissipada pelo nascer do sol milenar. Quando nossa obra estiver concluída e essa noite se fechar ao nosso redor, podemos esperar não apenas ver as nuvens de tempestade ficarem muito mais escuras, mas também ouvir e sentir os "ventos" crescentes que culminarão em um furacão violento de paixões humanas — um redemoinho de tribulações. Então, tendo concluído nossa obra designada, caberá a nós "permanecer", pacientemente, até que chegue nossa "transformação". *Efésios 6:13*

Por quanto tempo o Senhor se agradará em deixar os santos permanecerem em ociosidade forçada no que diz respeito à sua obra, não sabemos, mas provavelmente apenas o tempo suficiente para que a fé e a paciência realizem sua obra perfeita. Aqui, essas virtudes serão mais plenamente desenvolvidas, testadas e manifestadas. Esse teste de paciência será a provação final da Igreja. Então "Deus a ajudará, ao raiar da [sua] manhã" (*Salmo 46:5*, tradução *de Leeser*) — não a manhã que está para raiar sobre o mundo com o brilho de sua ascensão com seu Senhor como o sol da justiça, mas ao raiar da *sua* manhã, na qual ela será transformada à natureza e à semelhança de seu Senhor. *Sua* manhã precederá a manhã milenar.

[C231]

Que essa noite escura já se aproxima, percebemos não apenas pelas Escrituras, mas também pelos sinais ameaçadores dos tempos; e o destino da Igreja nessa ocasião, no que diz respeito à sua trajetória humana, parece estar delineado nas páginas finais das vidas de Elias e João Batista, já mencionadas.* A decapitação de um e o redemoinho e a carruagem de fogo que levou o outro provavelmente indicam violência contra os últimos membros do corpo de Cristo. No entanto, Sião não precisa temer; pois Deus está no meio dela e a ajudará. Sua consagração é até a morte, e seu privilégio é provar sua fidelidade: "O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor. Basta ao discípulo ser *como* o seu mestre, e ao servo *como* o seu senhor." *Mateus10,24-25*

Provavelmente será em um esforço de autopreservação por parte da "Grande Babilônia" — a "Cristandade" —, quando ela perceber que seu poder na política, no clero e na superstição está minguando, que a obra de divulgação da verdade será interrompida por ser prejudicial ao seu sistema. E provavelmente, nesse momento, a classe de Elias, persistindo em proclamar a verdade até o fim, sofrerá violência, passará para a glória e escapará das manifestações mais severas do grande tempo de angústia que se aproxima — justamente na crise em que os homens começarem a sentir que medidas desesperadas devem ser tomadas para sustentar a estrutura vacilante da cristandade.

Embora o momento exato da libertação ou "mudança" dos últimos membros do corpo de Cristo não seja especificado, o *momento aproximado* é, no entanto, claramente manifesto, pois *ocorrerá logo após a "porta" ser fechada* (*Mateus25,10*); depois que a verdade — que Babilônia agora começa a considerar como sua inimiga e como destinada a causar sua destruição — tiver se tornado mais amplamente conhecida e difundida; depois que "o

*Vol. II, páginas 260-263.

o "granizo" tiver, em grande medida, varrido o refúgio das mentiras; e depois que o ódio à verdade — agora latente e ameaçador — for, por meio disso, despertado para uma oposição tão violenta e tão generalizada a ponto de impedir efetivamente o progresso da grande obra na qual os santos estão engajados. E Deus permitirá isso assim que todos os escolhidos forem "selados". Mas, quaisquer que sejam as tribulações ou os aparentes desastres que possam aguardar os santos enquanto permanecerem na carne, e que interrompam a obra que é seu pão e sua bebida, consolo-nos ao lembrar que nada pode nos acontecer sem o conhecimento e a permissão de nosso Pai, e que, em toda provação de fé e paciência, sua graça será suficiente para aqueles que permanecem nele e nos quais sua Palavra permanece. Olhemos além do véu e mantenhamos o olhar da fé fixo no prêmio de nosso alto chamado, que Deus reservou para aqueles que o amam — para os chamados, fiéis e escolhidos de acordo com o seu propósito. *Ap. 17:14*; *Rm. 8:28*

Embora possamos, assim, de maneira razoável e bíblica, estimar o tempo e as circunstâncias da libertação plena da Igreja, a *maneira* de sua glorificação torna-se, cada vez mais, uma questão de profundo interesse. E, mais uma vez, recorremos aos oráculos divinos para buscar respostas.

Primeiro, Paulo declara: *"Todos* nós devemos ser transformados [os vivos, não menos do que os santos falecidos]: o que é corruptível deve revestir-se de incorruptibilidade, e o que é mortal deve revestir-se da imortalidade; pois a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herda a incorruptibilidade." E essa "transformação" da mortalidade para a imortalidade, ele nos assegura, não se realizará por meio de um desenvolvimento gradual, mas será instantânea — "num momento, num piscar de olhos", ao som da "última trombeta" — que já está soando.* *1 Corintios 15:53, 50, 52*

*Ver Vol. II, Capítulo v.

[C233]

Além disso, haverá uma ordem a ser seguida: alguns serão glorificados ou "transformados" primeiro, e outros depois. Preciosa aos olhos do Senhor tem sido a morte dos seus santos (*Salmo 116:15*): e, embora a maioria deles tenha dormido por muito tempo, nenhum foi esquecido. Seus nomes estão escritos no céu como membros aceitos da Igreja do Primogênito. E o apóstolo declara que os vivos, que forem deixados para a presença do Senhor, de modo algum precederão aqueles que adormeceram. (*1 Tess. 4:15*) Aqueles que dormem em Jesus não precisam esperar, enquanto dormem, que os membros vivos concluam sua jornada, mas são ressuscitados imediatamente, como um dos primeiros atos do Senhor quando Ele assumir Seu grande poder. E, assim, aqueles membros de Cristo que adormeceram terão precedência ao entrar na glória.

A data exata do despertar dos santos adormecidos não é declarada diretamente, mas pode ser claramente inferida da parábola do jovem nobre contada por nosso Senhor. Depois de receber o reino e retornar, a primeira ação do nobre (que representava nosso Senhor Jesus) foi fazer as contas com os servos (sua Igreja) a quem sua vinha havia sido confiada durante sua ausência, e recompensar os fiéis. E, visto que o apóstolo nos diz que os mortos em Cristo serão julgados primeiro, podemos concluir razoavelmente que a recompensa a esses ocorreu assim que nosso Senhor, após seu retorno, assumiu para si seu grande poder.

Saber a data em que nosso Senhor começou a exercer seu poder seria, portanto, descobrir o momento em que seus santos adormecidos foram despertados para a vida e a glória. E, para isso, basta recordarmos o paralelismo entre as dispensações judaica e do evangelho. Olhando para o tipo, vemos que, na primavera do ano 33 d.C., três anos e meio após o início da colheita judaica (ano 29 d.C.), nosso Senhor, tipicamente, assumiu seu poder e exerceu autoridade real.

[C234]

(Ver *Mateus21:5-15*.) E, evidentemente, o único objetivo dessa ação foi marcar um ponto paralelo no tempo nesta colheita, quando ele, na realidade, assumiria o ofício real, o poder etc.; a saber, na primavera de 1878, três anos e meio após seu segundo advento, no início do período da colheita, no outono de 1874. Sendo o ano de 1878 assim indicado como a data em que o Senhor começou a assumir para si seu grande poder, é razoável concluir que foi então que teve início o estabelecimento de seu Reino, cujo primeiro passo seria a libertação de seu corpo, a Igreja, entre cujos membros adormecidos terão precedência.

E, uma vez que a ressurreição da Igreja deve ocorrer em algum momento durante esse período do "fim" ou da "colheita" (*Apocalipse 11:18*), sustentamos que é uma inferência das mais razoáveis — e em perfeita harmonia com todo o plano do Senhor — que, na primavera de 1878, todos os santos apóstolos e outros "vencedores" da era evangélica que adormeceram em Jesus tenham sido ressuscitados como seres espirituais, à semelhança de seu Senhor e Mestre. E embora, portanto, concluamos que a ressurreição deles seja agora um fato consumado e, consequentemente, que tanto eles quanto o Senhor estejam presentes na Terra, o fato de não os vermos não é obstáculo à fé quando nos lembramos de que, assim como seu Senhor, eles são agora seres do espírito e, como ele, invisíveis aos homens. O fato de serem invisíveis, de os túmulos não terem sido encontrados abertos e vazios e de ninguém ter sido visto saindo dos cemitérios não constitui objeção para aqueles que aprenderam o que esperar — para aqueles que compreendem que nosso Senhor ressuscitado não deixou nenhum buraco nas paredes da sala em que entrou e saiu enquanto as portas estavam fechadas; que se lembram de que ninguém viu o redentor ressuscitado, exceto os poucos a quem Ele se *revelou* de maneira especial e milagrosa, para que fossem testemunhas da sua ressurreição; que se lembram de que Ele apareceu em várias formas de carne para impedir que essas testemunhas supusessem que Ele ainda fosse de carne ou que qualquer das formas que viram fosse Seu

corpo espiritual glorioso. Aqueles que se lembram de que apenas Saulo de Tarso viu o corpo espiritual de Cristo, e isso por meio de um milagre, enquanto os outros ao redor não o viram, e isso a custo de sua visão, perceberão prontamente que o fato de não terem visto os santos ressuscitados com seus olhos naturais não constitui uma objeção ao fato da sua ressurreição, assim como o fato de não terem visto o Senhor durante esta colheita e de nunca terem visto anjos, os quais, ao longo da era evangélica, têm sido "espíritos ministradores, enviados para ministrar em favor daqueles que hão de ser herdeiros da salvação".*

Nossa crença de que o Reino começou a ser *estabelecido*, ou a assumir o poder, em abril de 1878 — observe-se — repousa exatamente no mesmo fundamento que nossa crença de que o Senhor se tornou presente em outubro de 1874 e de que a colheita começou naquela época. Lá, "o monte [reino] da casa do Senhor", a Igreja, começou a ser "exaltado acima dos montes [reinos] da terra", e lá começou a obra de julgar "Babilônia", a cristandade e todas as nações do mundo inteiro, em preparação para sua derrubada final.

Também não está em desacordo com esse pensamento o fato de que a maioria da Igreja seja exaltada, enquanto alguns dos últimos membros desse sacerdócio real ainda estejam "vivos e permaneçam"; pois, como vimos, o Apóstolo predisse exatamente essa ordem. Estar entre aqueles que permanecem não é desonra; e ser o último a ser "transformado" não será motivo de descrédito. Várias passagens das Escrituras mostram que há uma obra especial a ser realizada pelos últimos membros do corpo neste lado do véu, tão importante e tão essencialmente parte da obra do Reino quanto a dos membros glorificados do outro lado do véu. Enquanto a Cabeça glorificada e os membros do corpo do outro lado do véu têm a supervisão completa das grandes mudanças agora em andamento e prestes a ser

*Ver Vol. II, Capítulo V.

inauguradas no mundo, os irmãos que permanecem na carne são os agentes do Reino na divulgação, por meio da palavra, da caneta, de livros e de folhetos, das "boas novas de grande alegria que serão para todo o povo". Eles anunciam ao mundo as boas-novas abençoadas do plano gracioso de Deus para as eras, e que está próximo o tempo da gloriosa consumação desse plano; e apontam, não apenas para o grande tempo de angústia que se aproxima, mas também para as bênçãos que se seguirão a ele como resultado do estabelecimento do Reino de Deus no mundo. Uma obra grandiosa e importante, portanto, é confiada aos membros remanescentes: trata-se, de fato, de obra do Reino, acompanhada também pelas alegrias e bênçãos do Reino. Embora ainda na carne e realizando a obra que lhes foi designada à custa de auto-sacrifício e diante de muita oposição, esses já estão entrando nas alegrias de seu Senhor — as alegrias de uma plena compreensão do plano divino e do privilégio de pôr em prática esse plano e, em conjunto com seu Senhor e o redentor, de oferecer vida eterna e bênçãos a todas as famílias da terra.

Esses, com sua mensagem, são claramente apontados pelo profeta *Isaías (52:7)* como os "pés" ou últimos membros do corpo de Cristo na carne, quando ele diz: "Quão belos são, sobre os montes [reinos], *os pés daquele* que traz boas novas de bem, que anuncia a salvação [libertação]; que diz a Sião: 'Teu Deus *reina*'". [O reinado de Cristo, que trará *libertação*, primeiro a Sião e, finalmente, a toda a criação que geme, já começou.] Teus sentinelas levantarão a voz; juntos cantarão; pois verão [claramente] de olho em olho, quando o Senhor voltar a Sião."

Pobres "pés" feridos, agora desprezados pelos homens, ninguém além de vocês mesmos aprecia plenamente seus privilégios. Ninguém mais pode apreciar a alegria que vocês têm ao proclamar a verdade presente, ao dizer a Sião que está próximo o tempo do estabelecimento do Reino, e ao declarar que

o reinado de justiça de Emanuel, que em breve será inaugurado, abençoará todas as famílias da terra. Mas, embora desprezados pelos homens, os "pés" de Cristo e sua missão atual são altamente estimados do outro lado do véu pelos glorificados membros do corpo e por seu glorioso Cabeça, que está disposto a confessar tais fiéis perante seu Pai e todos os seus santos mensageiros.

A missão dos pés, que não é uma parte insignificante da obra do Reino, será cumprida. Embora sua mensagem seja popularmente odiada e desacreditada e eles sejam desprezados pelo mundo como tolos (por causa de Cristo) — como todos os seus servos *fiéis* têm sido ao longo da era evangélica —, ainda assim, antes que todos sejam "transformados" e se unam aos membros glorificados além do véu, eles, como agentes do Reino, terão deixado registros desse Reino e de sua obra presente e futura que constituirão informações de grande valor para o mundo e para os filhos de Deus ainda imaturos e sobrecarregados que, embora consagrados a Deus, não terão corrido de modo a obter o prêmio de nosso alto chamado.

E não se esqueça de que todos os que pertencem aos "pés" estarão assim empenhados em divulgar essas *boas* novas e em dizer a Sião: "Teu Deus *reina*!" — O Reino de Cristo já começou! E todos os que são verdadeiros sentinelas podem, neste momento, ver claramente, como um só homem, e podem juntos, em harmonia, cantar o novo cântico de Moisés e do Cordeiro — o cântico da restauração, tão claramente ensinado, não apenas na lei de Moisés, que era "uma sombra das coisas boas que estavam por vir", mas também nas revelações mais claras do Cordeiro de Deus contidas nos escritos do Novo Testamento — dizendo: "Justos e verdadeiros são os teus caminhos." "Todas as nações virão e se prostrarão diante de ti." *Apocalipse 15:3,4*

Um por um, a classe dos "pés" passará da condição atual — na qual, embora muitas vezes cansados e feridos, estão sempre se regozijando — para o outro lado do véu;

"transformados" em um instante, num piscar de olhos, da mortalidade para a imortalidade, da fraqueza para o poder, da desonra para a glória, das condições humanas para as celestiais, de corpos animais para corpos do espírito. Sua *obra* não cessará com essa transformação; pois todos aqueles que forem considerados dignos dessa transformação para a glória já estarão alistados no serviço do Reino deste lado do véu: apenas o cansaço, o aspecto do trabalho, cessará com a transformação — "Eles descansarão de seu *trabalho*, mas suas *obras os seguirão*." *Apocalipse 14:13*

A "transformação" desses membros dos "pés" os levará à mesma comunhão, glória e poder já alcançados pelos membros que adormeceram: eles serão "arrebatados" das condições terrenas para serem unidos "juntos" "com o Senhor nos céus" — no governo espiritual do mundo. Como já foi mostrado*, os "céus" aqui mencionados simbolizam *o governo* ou poder *espiritual*. Satanás há muito ocupa a posição de "príncipe do poder do ar" **(*Efésios 2:2*)** e tem usado como seus colaboradores e co-governantes muitos dos grandes de Babilônia, que, sob seus erros cegantes, verdadeiramente pensam estar prestando serviço a Deus. Mas, no tempo devido, o atual "príncipe do ar" será amarrado e não enganará mais; e os céus atuais, o grande sistema do anticristo, "passarão com grande estrondo", enquanto o novo príncipe do ar, o verdadeiro governante espiritual, Cristo Jesus, assumirá o domínio e estabelecerá os "novos céus", unindo a si mesmo nesse poder ou "ar" sua noiva, os "vencedores" da era evangélica. Assim, os "novos céus" substituirão os atuais poderes do "ar".

Mas todos devem morrer? Todos os "pés" que estarão vivos e permanecerão até a vinda do Senhor? Sim; todos eles se consagraram — "até a morte"; e, a respeito deles, está escrito

*Vol. I, página 318.

[C239]

Está claramente escrito que todos eles devem morrer. Nenhuma passagem bíblica contradiz essa ideia. Deus declara por meio do Profeta: "Eu disse: 'Vós sois deuses [poderosos]! Todos vós, *filhos* do Altíssimo [Deus]! Contudo, TODOS VÓS MORREIS *como homens* e caireis como um dos príncipes'". *Salmos 82:6*

A palavra aqui traduzida como "príncipes" significa chefes ou líderes. Adão e nosso Senhor Jesus são os dois líderes ou príncipes a que se refere. Ambos morreram, mas por razões diferentes: Adão por causa de seu próprio pecado, Cristo como um sacrifício voluntário pelos pecados do mundo. E toda a Igreja de Cristo, justificada pela fé em seu sacrifício, é *considerada* livre do pecado de Adão e também da pena de morte associada a esse pecado, para que possa compartilhar com Cristo como co-sacrificadores. É como tais co-sacrificadores com Cristo que a morte dos santos é considerada por Deus. (*Salmo* ***116:15***) Os membros do corpo de Cristo, quando morrem, são reconhecidos como "mortos com Cristo", "conformados à *sua morte*". Eles caem como um dos príncipes — não como o primeiro, mas como o segundo Adão, como membros do corpo de Cristo, completando o que falta às aflições de Cristo. *Colossenses 1:24*

Que o termo "deuses", os poderosos, nesta passagem, se aplica a todos os Filhos do Deus Altíssimo, que serão co-herdeiros com Cristo Jesus, o herdeiro de todas as coisas, é claramente demonstrado pela referência que nosso Senhor faz a isso. *João 10:34-36*

"*Todos* vós *morrereis* como os homens"; mas, "eis que vos revelo um mistério: *nem todos dormiremos*". Morrer é uma coisa; "dormir" ou permanecer inconsciente, morto, é outra bem diferente. O testemunho de Deus, portanto, é que todos os santos devem morrer, mas que nem todos dormirão. Nosso Senhor morreu e, em seguida, dormiu até o terceiro dia, quando o Pai o ressuscitou. Paulo e os outros apóstolos morreram e, assim, "adormeceram", para descansar do trabalho e do cansaço, para "dormir em Jesus" e para aguardar a ressurreição prometida e a participação no Reino na

segunda vinda. Assim, quando chegou o momento do estabelecimento do Reino, chegou também o momento de seu despertar do sono da morte. Por que sua espera e seu sono deveriam continuar *depois que* o Senhor está presente e o tempo para o Seu Reino chegou? Não pode haver razão para isso; e acreditamos, portanto, que eles não "dormem" mais, mas já ressuscitaram, e estão com e à semelhança de seu Senhor. E se a permanência deles no sono da morte não é mais necessária, tampouco é necessário que qualquer um dos santos que agora morre, neste tempo da *presença* do Senhor e do estabelecimento de Seu Reino, deva "dormir" ou *esperar na morte* por uma ressurreição em algum momento futuro. Não, graças a Deus! O Doador da Vida está presente; e, desde 1878, quando Ele assumiu Seu grande poder e começou a exercer Sua autoridade, nenhum de Seus membros precisa dormir. Portanto, para todos os "pés" que morrem desde essa data, o momento da morte é o momento da transformação. Eles morrem como homens e à maneira dos homens, mas, *no mesmo instante*, tornam-se semelhantes ao seu Senhor, seres espirituais gloriosos. São arrebatados das condições terrenas para estarem para sempre com o Senhor — "nos ares" — no poder e na glória do Reino.

Foi depois que nosso Senhor consumou o sacrifício de sua natureza humana e ressuscitou da morte, transformado em um ser do espírito, que declarou: "Todo o poder no céu e na terra me foi dado." (*Mateus 28:18*) E somente quando todos os membros do Cristo tiverem seguido o exemplo da Cabeça e concluído o sacrifício na morte é que o Cristo estará completo e plenamente capacitado para a grande obra subsequente de restaurar todas as coisas.

Em vista dessas coisas, quão cheia de significado é a declaração: "Bem-aventurados os mortos que*, daqui em diante*, morrem no Senhor; sim, diz o espírito, para que descansem de seus trabalhos, mas suas obras os seguem." (*Apocalipse 14:13*) Em nenhum lugar das Escrituras a morte é representada como uma bênção, em qualquer sentido, exceto neste único caso; e aqui ela é particularmente

[C241]

e se aplica a um determinado momento específico*
— "daqui em diante". E mesmo assim, observe, ela é uma bênção apenas para uma classe especial — *"os mortos* que morrem". Essa expressão não deve ser considerada um equívoco, mas sim uma descrição muito precisa e contundente da pequena classe para a qual a morte será uma bênção. Essa classe constitui "os pés Dele". E, como já foi demonstrado, cada membro do corpo de Cristo deve consumar seu sacrifício na morte real.

Somente esses são *os mortos* que morrem. Eles são considerados por Deus como já mortos, e são exortados a se considerarem assim também: "Considerai-vos, de fato*, mortos* para o pecado". Nenhum outro morto pode ser considerado como morrendo, a não ser essa classe de mortos, que deve concluir sua trajetória de sacrifício na morte real.

Assim Deus ajudará Sião na Aurora de sua manhã
— na manhã do dia eterno do triunfo de Cristo. Assim, Ele já está ajudando-a. Um por um, imperceptivelmente para o mundo, os santos estão agora sendo transformados e se unindo à companhia da Igreja triunfante; e aqueles que permanecem até o fim proclamam o evangelho eterno até que a porta se feche e toda oportunidade de trabalhar chegue ao fim. Então eles *"permanecerão*" na fé e na paciência e aguardarão sua transformação, aceitando a libertação com alegria, por meio de qualquer meio que Deus se agrade em permitir para sua realização.

Assim, serão salvos daquele grande furacão de tribulações que se seguirá à sua partida, bem como preservados na fase inicial da batalha, na qual *mil* cairão na infidelidade e serão vencidos pelas diversas pestes do erro, enquanto *um* permanecerá firme. *Salmo 91:7*

*Quando, em um volume subsequente, examinarmos as maravilhosas visões do Apocalipses, ficará claramente evidente que o tempo aqui indicado pela palavra "*daqui em* diante", conforme marcado pelos eventos, coincide estreitamente com 1878, conforme indicado pelas profecias aqui mencionadas.

[C242]

À medida que o tempo de angústia se aproxima, devemos, portanto, esperar que a verdadeira Igreja em sua condição atual — a classe de Elias e de João — diminua em influência e em número, enquanto o Cristo em triunfo e glória, o mesmo corpo do outro lado do véu, crescerá, como João indicou profeticamente. *João 3:30*

Mais um pouco

"Daqui a pouco, nossas lutas
terminarão; Daqui a pouco,
nossas lágrimas serão
enxugadas;
Daqui a pouco, o poder de Jeová
Transformará nossa escuridão no dia
resplandecente do céu.

"Daqui a pouco, os medos que tantas
vezes nos cercam Passarão a ser
apenas lembranças do passado;
Daqui a pouco, o amor que nos buscou e nos
encontrou Transformará nosso choro em
canção alegre do céu.

"Daqui a pouco! Está cada vez mais
próximo — A Aurora mais
resplandecente daquele dia
glorioso.
Abençoado Salvador, torna mais clara a visão
do espírito, E guia-nos, ó, guia-nos pelo
caminho resplandecente.

"Daqui a pouco, ó bendita expectativa!
Por força para correr com paciência, Senhor, clamamos.
Nossos corações saltam de alegria na ansiosa
expectativa:
Nossa união com o Noivo se aproxima."

[C243]

ESTUDO VIII

A RESTAURAÇÃO DE ISRAEL

O restabelecimento de Israel na Palestina, um evento a ser esperado dentro deste período da colheita — Como, em que medida e com qual grupo devemos esperar essa restauração — Data de seu início e evidências de seu progresso efetivo desde então — Por que as bênçãos milenares, destinadas a toda a humanidade, alcançarão e reviverão primeiro os judeus — O renascimento das esperanças judaicas — Observações de importantes escritores judeus e gentios — A harmonia dessas observações com a profecia — A cegueira de Israel em relação a Cristo já está se dissipando — A propagação e o ímpeto do movimento — Deus os ajudará.

"Naquele dia, levantarei o tabernáculo de Davi que está caído e remendarei as suas brechas; levantarei as suas ruínas e o reconstruirei como nos dias de outrora. E trarei de volta do cativeiro o meu povo de Israel, e eles reconstruirão as cidades devastadas e nelas habitarão; plantarão vinhas e beberão o seu vinho; também farão jardins e comerão os seus frutos. E eu os plantarei em sua terra, e nunca mais serão arrancados da terra que lhes dei, diz o Senhor, teu Deus." *Amós 9:11, 14, 15*

ENTRE as relíquias da antiguidade que chegaram até os nossos dias, não há outro objeto de tão grande interesse quanto o povo judeu. Os pesquisadores do saber antigo têm interrogado incansavelmente cada objeto inanimado que pudesse fornecer um pingo de informação histórica ou científica. Monumentos, altares, túmulos, relíquias de edifícios públicos e privados, pinturas, esculturas, hieróglifos e línguas mortas — todos foram consultados; e alguns até se empenharam pacientemente em descobrir a linha da verdade real que provavelmente inspirou as muitas tradições fantasiosas, lendas, canções etc., que chegaram até nós ao longo dos séculos, a fim de aprender tudo o que

é possível saber sobre a origem, a história e o destino da humanidade. Mas a relíquia mais interessante, e aquela cuja história pode ser mais facilmente decifrada e compreendida, é o povo judeu. Nele temos um monumento da antiguidade de valor inestimável, no qual estão registrados, em caracteres claramente legíveis, a origem, o progresso e o destino final de toda a raça humana — uma testemunha viva e inteligente da realização gradual de um propósito maravilhoso nos assuntos humanos, em exata conformidade com as previsões de seus profetas e videntes divinamente inspirados.

Como povo, eles se destacam como distintos e peculiares por todas as circunstâncias de sua história e por sua fé religiosa comum, bem como por todos os elementos de seu caráter nacional, e até mesmo por sua fisionomia, seus modos e costumes. As características nacionais de muitos séculos atrás ainda são proeminentes, inclusive seu gosto por alho-poró, cebola e alho do Egito, e sua obstinação teimosa. Como povo, eles realmente tiveram muitas vantagens em todos os aspectos, por terem recebido os oráculos de Deus, que desenvolveram entre eles poetas, juristas, estadistas e filósofos, e os conduziram, passo a passo, de uma nação de escravos a — como na época de Salomão, o apogeu de sua glória — um povo distinguido e honrado entre as nações, atraindo o espanto e a admiração do mundo. *Romanos 3:1,2*; *1º Reis 4:30-34; 10:1-29*

Que o restabelecimento de Israel na terra da Palestina é um dos eventos a serem esperados neste Dia do Senhor, disso estamos plenamente convencidos pela expressão acima do profeta. Observe, particularmente, que a profecia não pode ser interpretada em nenhum sentido simbólico. Não é uma Canaã no céu para a qual eles estão destinados, mas uma Canaã na terra. Eles serão plantados em *"sua terra*", a terra que Deus diz *ter-lhes dado*, a terra que Ele prometeu

[C245]

a Abraão, dizendo: “Levanta agora os teus olhos e olha, do lugar onde estás, para o norte, para o sul, para o leste e para o oeste; pois *toda a terra* QUE VÊS, eu to darei, a ti e à tua descendência para sempre. E farei a tua descendência como o pó da terra, de modo que, se alguém puder contar o pó da terra, então também a tua descendência será contada. [Uma alusão a um período então muito distante, dando tempo suficiente para tal multiplicação de sua descendência.] Levanta-te, *percorre a terra*, no seu comprimento e na sua largura; pois eu to darei.” “E darei a ti e à tua descendência depois de ti *a terra em que és estrangeiro* — toda a terra de *Canaã* — como POSSE ETERNA.” (*Gênesis 13:14-17; 17:8*) É uma terra na qual eles tiveram outrora o privilégio de entrar e na qual habitaram por séculos. Mas, durante esse tempo, foram muitas vezes arrancados e levados em cativeiro para outras terras, enquanto estrangeiros devastavam suas cidades, bebiam o vinho de suas vinhas e comiam os frutos de seus jardins. E, finalmente, foram completamente arrancados de raiz, suas cidades ficaram devastadas e desoladas, e foram expulsos como errantes e exilados de país em país por todo o mundo. Mas, quando replantados em sua terra, de acordo com esta promessa, “*não* serão *mais* arrancados de sua terra”, que Deus lhes deu; e “reconstruirão as cidades devastadas [cidades nas quais haviam vivido anteriormente] e nelas habitarão”. Um povo disperso, sem lar, desolado e perseguido, eles continuam sendo um povo distinto e homogêneo. Unidos pelos fortes laços de parentesco, por esperanças comuns inspiradas por uma fé comum nas maravilhosas promessas de Deus — embora tenham compreendido essas promessas apenas vagamente — e ainda mais unidos pelo vínculo de solidariedade que brota de seus sofrimentos e privações comuns como exilados, eles, até hoje, buscam e anseiam pela esperança de Israel.

[C246]

Como povo, eles ainda têm fé em Deus, embora, em sua cegueira e orgulho de coração, tenham tropeçado na humildade do mensageiro designado por Deus para a salvação do mundo; de modo que, em vez de recebê-lo, crucificaram o Salvador, o Senhor da glória. E, no entanto, os apóstolos e profetas nos mostram que mesmo esse crime flagrante, ao qual seu orgulho e obstinação os levaram, não era algo que nunca lhes pudesse ser perdoado. Por causa disso, eles foram punidos, e severamente. Quando condenaram o Justo e disseram: "Seu sangue recaia sobre nós e sobre nossos filhos", mal imaginavam a terrível retribuição que se seguiria.

As terríveis tribulações e a perda de vidas, a destruição de sua cidade santa e do templo, o fim definitivo de sua existência nacional e a dispersão do remanescente sobrevivente como exilados por todas as nações completaram a obra de seu período de colheita. Tudo começou com contendas civis facciosas e foi concluído por um exército romano invasor. Fogo, espada e fome representaram para eles uma terrível retribuição.

E, desde então, Israel tem sido verdadeiramente uma nação dispersa e desintegrada. Expulsos como exilados de país em país e de província em província, foram privados de quase todos os direitos e privilégios de que os demais homens desfrutavam. Rejeitando o cristianismo, tanto em sua forma corrompida quanto na pura, tornaram-se alvo do desprezo e da perseguição implacável da Igreja de Roma. Diz o historiador:

"Na Alemanha, França, Inglaterra e Itália, seus direitos foram restringidos por decretos e leis tanto do poder eclesiástico quanto do civil; foram excluídos de todas as ocupações honrosas, expulsos de um lugar para outro, obrigados a subsistir quase inteiramente por meio de atividades mercantis e da usura, sobrecarregados de impostos e degradados nas cidades, mantidos em bairros apertados, e marcados em suas vestimentas com sinais de desprezo, saqueados por barões sem lei e príncipes sem um centavo, presa fácil para todos os bandos durante as disputas civis, repetidamente roubados de seus direitos patrimoniais, considerados

e vendidos como servos pelos imperadores, massacrados por turbas e camponeses revoltados, perseguidos por monges e, finalmente, queimados aos milhares pelos cruzados, que também queimavam seus irmãos em Jerusalém nas sinagogas, ou os atormentavam com ridicularização, sermões abusivos, acusações e julgamentos monstruosos, ameaças e tentativas de conversão. Eles não podiam possuir nenhuma
terras, pertencer a nenhuma guilda de artesãos nem se dedicar a nenhuma forma de arte; estavam restritos quase exclusivamente ao comércio. E, vendo toda a humanidade em guerra contra eles, seu orgulho nacional e sua arrogância não foram de forma alguma amenizados, e a brecha, consequentemente, se ampliou entre os judeus e seus vizinhos gentios em todos os lugares."

Assim afastados de Deus e de seus semelhantes de todas as nações, triste e lamentável tem sido, de fato, sua condição miserável. Durante as implacáveis perseguições papais, eles sofreram juntamente com os santos e mártires de Jesus — o cristão por rejeitar o anticristo, o judeu por rejeitar tanto Cristo quanto o anticristo. Embora Deus tenha permitido que essas aflições e perseguições viessem como castigo por seu crime nacional de rejeição do evangelho e crucificação do redentor, Ele, no devido tempo, recompensará a constância de sua fé em Suas promessas, às quais se apegaram por tanto tempo e com tanta perseverança. Deus previu de antemão o orgulho e a dureza de coração deles e predisse isso, assim como os males que se abateram sobre eles; e de forma não menos direta, Ele predisse o fim de sua cegueira e o cumprimento definitivo, para eles, de todas as promessas terrenas declaradas há muito tempo a Abraão e repetidas, um após o outro, pelos santos profetas.

À medida que se aproxima o tempo da prometida restauração do favor de Deus a Israel, vemos que se está fazendo uma preparação para isso. Neste século, manifesta-se entre eles um processo de peneiramento e separação, dividindo-os em duas classes: os judeus ortodoxos e os não ortodoxos. Os primeiros ainda se apegam às promessas de Deus e ainda esperam que o tempo determinado por Deus

para favorecer Sião chegue em breve. Os segundos estão perdendo a fé em um Deus pessoal, bem como nas promessas feitas a Abraão, e estão se inclinando para o liberalismo, o racionalismo e a infidelidade. Os ortodoxos incluem a maioria dos judeus pobres e oprimidos, bem como alguns dos ricos e instruídos, e são muito mais numerosos do que os não ortodoxos; embora estes últimos sejam, de longe, os mais influentes e respeitados, frequentemente comerciantes, banqueiros, editores etc.

A seguir, um breve resumo da fé dos judeus ortodoxos:

"Creio, com fé verdadeira e perfeita, (1) que Deus é o criador, governador e artífice de todas as criaturas, e que Ele criou todas as coisas; (2) que o Criador é único, e que somente Ele tem sido nosso Deus, é e será para sempre; (3) que o Criador não é corpóreo, não pode ser compreendido por meio de quaisquer propriedades corporais, e que não há essência corporal que possa ser comparada a Ele; (4) que nada existia antes dele e que ele permanecerá para sempre; (5) que ele deve ser adorado e ninguém mais; (6) que todas as palavras dos profetas são verdadeiras; (7) que as profecias de Moisés eram verdadeiras; que ele foi o principal entre todos os sábios que viveram antes dele ou que jamais viverão depois dele; [Podemos considerá-los de certa forma desculpáveis por essa supervalorização de um personagem tão nobre e digno.] (8) que toda a lei que hoje se encontra em nossas mãos foi entregue pelo próprio Deus ao nosso mestre, Moisés; (9) que essa mesma lei nunca deve ser alterada, nem qualquer outra nos será dada por Deus; (10) que Deus compreende todos os pensamentos e obras dos homens, conforme está escrito nos profetas — 'Ele forma os corações de todos da mesma maneira, compreende todas as suas obras'; (11) que Deus recompensará com o bem aqueles que guardam seus mandamentos e punirá aqueles que os transgridem; (12) que o Messias ainda está por vir; e, embora ele demore a vir, ainda assim "eu esperarei por ele até que venha"; (13) que os mortos serão ressuscitados quando parecer adequado a Deus, o Criador, cujo nome seja bendito e cuja comemoração seja celebrada sem fim. Amém."

[C249]

Desde a destruição de seu templo e sua dispersão, os sacrifícios foram interrompidos; mas, em todos os outros aspectos, as prescrições mosaicas ainda são observadas entre os judeus ortodoxos. Seu culto, como antigamente, consiste na leitura das Escrituras, na oração e no louvor. No segundo dia de sua festa das trombetas, eles leem o relato da oferta de Abraão de seu filho Isaque e da bênção de Deus sobre ele e sua descendência. Em seguida, tocam a trombeta e oram para que Deus os leve a Jerusalém.

Os judeus não ortodoxos ou reformistas, os "radicais", diferem amplamente dos ortodoxos: muitos deles são ateus declarados, negando a existência de um Deus pessoal. Eles negam que algum Messias venha a surgir; e, mesmo que não neguem totalmente as profecias, explicam que a própria nação judaica é o Messias e está reformando o mundo gradualmente, e que os sofrimentos preditos para o Messias se cumprem em suas perseguições e sofrimentos como povo. Outros entre eles declaram que a civilização é o único Salvador do mundo que esperam.

Será a primeira categoria, sem dúvida, que será reunida e abençoada quando o Messias vier pela segunda vez, em glória e poder; e dirá: "Eis que este é o nosso Deus; *esperávamos* por ele, e ele nos salvará: este é o Senhor; esperávamos por ele, nos alegraremos e nos regozijaremos em sua salvação." (*Isaías 25:9*) E, à luz mais clara dos ensinamentos do Messias, toda a fé nas tradições vãs que eles ainda consideram acréscimos valiosos à lei de Deus desaparecerá. Aproxima-se rapidamente o tempo em que Deus falará de paz a Israel, os consolará e afastará completamente sua cegueira. Com isso, não queremos sugerir que aqueles que se afastaram profundamente para a infidelidade nunca terão sua cegueira removida. Deus nos livre. Os olhos cegos de todos, e de todas as nacionalidades, serão abertos; e todos os ouvidos surdos serão destapados. Mas nenhum favor *especial* será concedido a esses judeus infiéis na hora do favor restaurado; pois *"não* é judeu

quem o é apenas exteriormente" — meramente por laços familiares e aparência física. Os judeus reconhecidos por Deus como filhos de Abraão são aqueles que se apegam à fé de Abraão e confiam nas promessas divinas.

Anglo-israelitas

E aqui devemos expressar nossa discordância em relação às opiniões daqueles que afirmam que os anglo-saxões são o Israel da promessa, conforme as Escrituras. Resumidamente, eles afirmam que os anglo-saxões, o povo dos Estados Unidos etc., são os descendentes das dez tribos de Israel que se separaram das tribos de Judá e Benjamim, após a morte de Salomão, e que são frequentemente chamadas de "as dez tribos perdidas"; porque, após o cativeiro (de todas as doze tribos) na Babilônia, as dez tribos nunca se restabeleceram na terra de Canaã como "Israel", mas se espalharam como tribos e como indivíduos entre as várias nações. Aqueles cuja teoria criticamos afirmam que podem traçar sua jornada até a Grã-Bretanha e que a grandeza e a influência dos povos de língua inglesa do mundo se devem ao fato de que pertencem a Israel e estão herdando as promessas feitas a Israel.

A isso respondemos: algumas das evidências apresentadas para provar que eles pertencem às "tribos perdidas" parecem longe de ser convincentes; mas, mesmo que admitíssemos tudo o que alegam a esse respeito, isso não provaria sua posição de que a grandeza e a influência da raça anglo-saxônica são atribuíveis ao fato de serem israelitas por nascimento, não mais do que ao fato de serem "perdidos". Sua grandeza é atribuível à sua liberdade e inteligência, que se devem, não ao fato de terem se perdido, nem de terem nascido israelitas segundo a carne, mas às doutrinas de Cristo — à luz que parte da *semente espiritual* de Abraão fez brilhar entre eles.

O fato de as dez tribos terem se afastado das duas

não lhes dá mérito, mas muito pelo contrário. É uma evidência de que estavam dispostos a rejeitar as promessas de Deus; é um sinal de infidelidade, de incredulidade; pois sabiam muito bem que Deus havia predito que o Legislador, o Salvador, o Libertador, o Rei, em quem e por meio de quem as promessas seriam cumpridas, viria de *Judá*. A tribo de Benjamim foi, portanto, a única tribo, além de Judá, que, na época da revolta, manifestou fé nas promessas de Deus. Mas, na época do retorno do cativeiro babilônico, embora aqueles que demonstraram sua fé contínua em Deus e em suas promessas, ao retornarem à terra de Canaã, fossem em sua maioria das tribos de Judá e Benjamim, nem todos os que voltaram pertenciam a essas duas tribos. Entre eles havia alguns das várias tribos, que amavam o Senhor e O buscavam com arrependimento, ainda confiando em Suas promessas. No entanto, a grande maioria das dez tribos, assim como das duas tribos, não aproveitou a oportunidade de retornar à terra prometida, preferindo a Babilônia e outras terras; muitos entre eles haviam caído na idolatria e perdido o respeito pelas promessas de Deus.

Devemos lembrar que apenas alguns dos que retornaram à sua terra sob a liderança de Esdras — e nenhum dos que retornaram sob a liderança de Neemias — faziam parte daqueles que haviam sido levados cativos, já que a grande maioria havia morrido anos antes na Babilônia. Eram seus filhos, em cujos corações a fé de seus pais ainda ardia, que ainda esperavam pelas bênçãos e honras prometidas à descendência de Abraão. Assim, o pequeno grupo de menos de cinquenta mil que retornou era composto por todos os israelitas então remanescentes, de todas as tribos, que, pelo ato de retornar à terra prometida, demonstraram que ainda se apegavam à fé de Abraão. Foi aos descendentes desses mais aptos, selecionados de todas as tribos de Israel — embora principalmente das duas tribos, e todos chamados de judeus, em referência à tribo real e predominante — que nosso Senhor se apresentou

a si mesmo e o Reino em seu primeiro advento, representando a nação santa, Israel em sua totalidade.

Nosso Senhor se referiu a eles como Israel, e não como uma parte de Israel, nem meramente como Judá. Ele fala até mesmo daqueles que se apegaram às promessas e uns aos outros como as "ovelhas perdidas da casa de Israel", na medida em que se afastaram da verdade, seguindo as tradições de falsos pastores que os conduziram por seus próprios caminhos e não conforme Deus orientou. Ele diz: "Não fui enviado senão [exceto] às ovelhas perdidas da *casa de Israel*." Consequentemente, seu ministério limitava-se à casa de Israel, em harmonia com o exposto anteriormente, mostrando que os judeus de sua época eram os únicos representantes reconhecidos da "casa de Israel", como indicam os termos "todo o Israel", "nossas doze tribos que servem constantemente a Deus" e muitas expressões semelhantes de nosso Senhor e dos apóstolos. E deve-se lembrar que nosso Senhor, em conexão com essa declaração de que seu ministério era para Israel, proibiu seus discípulos de irem a qualquer lugar fora da Palestina judaica. *Mateus 10:5,6; 15:24*

Observe também como os apóstolos usavam a palavra "Israel", e não "Judá", ao se referirem àqueles que viviam naquela época na Palestina (*Atos 2:22; 3:12; 5:35; 13:16; 21:28*), e como aplicam as palavras de Isaías a respeito do *remanescente* de Israel aos relativamente poucos que receberam o evangelho (*Romanos9:4, 27, 29, 31-33; 10:1-4; 11:1, 7-14, 25, 26, 31*), e se referem a todos *os demais* como tropeçando e estando cegos. Assim, mesmo que pudesse ser demonstrado que os povos anglo-saxões faziam parte das "dez tribos perdidas", vemos claramente que nenhum favor lhes teria sido concedido por esse motivo, sob aquela aliança; pois eles *abandonaram a aliança israelita* e se tornaram idólatras, incrédulos e, na prática, gentios. Além disso, como já observado,* todos reconhecidos como a *descendência natural* de

*Vol. II, Capítulo VII.

[C253]

Abraão, que continuaria a rejeitar Cristo, foi privado de todo o favor desde a morte de Cristo até o ano de 1878, quando, cronologicamente, o favor divino deveria retornar a ele, e sua cegueira começar a ser removida. Consequentemente, a proeminência dos anglo-saxões nos últimos séculos não poderia, de forma alguma, ter sido o favor *que retornou* a Israel. Aqueles de quem o favor foi retirado por causa da rejeição e crucificação do Senhor são aqueles a quem o favor deve retornar agora. Naquela época, e desde então, Israel tem sido representado pelo "judeu" (*Romanos2:9,10*), e é o judeu que agora será restaurado ao favor como a "semente *natural* de Abraão". Estes, juntamente com a "semente" espiritual (selecionada durante a era evangélica — um remanescente de Israel, judeus e o restante reunido dentre os gentios), serão os instrumentos de Deus para abençoar todas as famílias da terra.

O favor que virá a Israel também não será exclusivo. Todos os que crêem nas promessas da aliança poderão compartilhar dessas bênçãos restauradas com a semente natural, assim como, durante a era evangélica, qualquer judeu que aceitasse Cristo tinha direito a todas as bênçãos e vantagens espirituais oferecidas durante essa era. Assim como apenas um pequeno remanescente creu e aceitou as bênçãos do evangelho no início, da mesma forma, além dos judeus, apenas um pequeno número da humanidade estará pronto para as novas leis e condições da Era Milenar, sob a administração justa do Senhor glorificado e de sua Igreja glorificada; e, portanto, a princípio, poucos além dos judeus serão abençoados sob ela.

O judeu, há muito acostumado a se esforçar para *cumprir* e a confiar nas obras de obediência à Lei para garantir a si mesmo a bênção divina, *tropeçou* na primeira característica da dispensação do Evangelho — a remissão dos pecados, sem obras, para todo aquele que crê na obra perfeita de Jesus e no sacrifício totalmente suficiente pelo pecado. Mas o respeito do judeu pela Lei se tornará uma vantagem para ele no alvorecer da Era Milenar, e

ninguém estará mais preparado para os rigorosos requisitos e leis daquela era do que ele, depois que sua cegueira — em relação a Cristo e ao valor de seu sacrifício pelos pecados — tiver passado; pois as obras são exigidas após a fé em Cristo, embora não sejam aceitas antes. E o judeu, ao aceitar o amor e o favor de Deus em Cristo, não estará tão inclinado a perder de vista a justiça de Deus como muitos outros hoje em dia. Outros, ao contrário, ficarão cegos por um tempo e não estarão preparados para reconhecer as regras do Reino, no qual a justiça será medida com a régua e a retidão com o prumo.

Assim como o judeu foi cegado por uma visão falsa da Lei, que foi anulada por meio de falsos ensinamentos, assim também agora muitos gentios serão impedidos de se apegar às condições de favor durante a Era Milenar, em razão da falsa apresentação da doutrina da graça no perdão dos pecados, feita por falsos mestres da atualidade, que anulam o evangelho da *graça* de Deus por meio de raciocínios sofísticos — "chegando até a negar que o Senhor os resgatou" (*2 Pedro **2:1***), e que houve qualquer *preço de resgate* pago ou necessário para a recuperação do homem. Eles afirmam que errar é humano, perdoar, divino; e, portanto, por inferência, que o pecado ocasional é perfeitamente desculpável, e que o rigor da punição, o resgate etc., não são concebíveis, pois, se não houvesse pecados a perdoar, isso tiraria de Deus o prazer e a função de perdoar. Ao perderem de vista *a justiça* de Deus, eles deixam de compreender a filosofia de seu plano de reconciliação por meio do sangue da cruz, que concede a remissão dos pecados por meio de um sacrifício de resgate, exclusivamente àqueles que aceitam Cristo e lutam contra o pecado. Cegos por suas ideias laxistas sobre a justiça e o rigor de Deus, poucos estarão tão bem preparados quanto os judeus para aquela obediência rigorosa, de acordo com a capacidade, que será exigida de todos na era vindoura.

Como ilustração da preparação do judeu para reconhecer a morte de Cristo Jesus como seu resgate — *o preço correspondente* — a expiação legal pelo pecado do homem, citamos abaixo, da pena de um jovem hebreu convertido a Cristo, um relato da

a comemoração anual do "Grande Dia da Expiação", conforme observado atualmente pelos judeus ortodoxos. O artigo foi publicado na *revista The Hebrew-Christian*, da seguinte forma:

"Yom Kippur, ou o Grande Dia da Expiação, era um dia marcante para meu pai; pois ele não apenas jejuava, orava e se mortificava nesse dia sagrado de expiação, mas passava, de fato, a noite inteira na sinagoga em devoção. Muitas vezes vi meu pai devoto chorar nesse grande dia, quando repetia a comovente confissão após a enumeração dos sacrifícios que foram designados por Deus para serem oferecidos pelos pecados de omissão e de ação; e muitas vezes derramei lágrimas de solidariedade ao me unir a ele no lamento de que agora não temos templo, nem sumo sacerdote, nem altar e nem sacrifícios. Na véspera daquele dia solene, ele, na companhia dos demais judeus, pegava um galo; e, durante a repetição de certas formas de oração, movia a ave viva ao redor de sua cabeça três vezes, repetindo estas palavras: "Este seja meu substituto, este seja minha troca, este seja minha expiação; esta ave irá para a morte, e eu para uma vida abençoada". Então, ele impôs as mãos sobre ele, como se costumava fazer com os sacrifícios, e imediatamente depois a ave foi entregue para ser abatida. Este é o *único sangue* que é derramado em Israel atualmente. O sangue de touros e bodes não corre mais ao lado do altar de bronze.

"Meu pai se esforçou ao máximo para conseguir um galo branco e evitou completamente um vermelho; e quando lhe perguntei a razão para isso, ele me disse que um galo vermelho já está coberto de pecado, pois o próprio pecado é vermelho, como está escrito: 'Ainda que os vossos pecados sejam como o escarlate, ficarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, ficarão como a lã.' (*Isaías 1:18*) Ele continuou: 'Você verá que os rabinos estabeleceram no Talmude que, se o galo for branco, ele não está contaminado por nenhum pecado e, portanto, pode carregar os pecados dos judeus; mas, se for vermelho, ele está totalmente coberto de pecados e é inadequado para carregar nossas iniquidades.'

"A razão pela qual usam um galo em vez de qualquer outra criatura é esta. Em hebraico, o homem é chamado *de gever*. Ora, se *o gever* (homem) pecou, *o gever* também deve arcar com a pena por isso. Mas, como a punição é mais pesada do que os judeus podem suportar,

os rabinos substituíram-no por um galo, que no dialeto caldeu é chamado *de gever*, e assim presume-se que a justiça divina seja satisfeita: pois, assim como *o gever* pecou, também *o gever* — ou seja, o galo — é sacrificado.

"Essa invenção vã pode ser vista como uma evidência notável de um fato muito marcante: que, embora muitos entre os judeus atualmente neguem totalmente a expiação, a maioria da nação ainda tem algum sentimento da necessidade absoluta de um sacrifício pelo pecado, e de que, sem uma expiação, o arrependimento é inútil para a salvação. Se, em vez de lerem fábulas rabínicas, os judeus estudassem a Bíblia, descobririam que o Senhor Jesus, o verdadeiro Messias, em Sua própria pessoa abençoada, realizou exatamente essa expiação pelo pecado que eles, em sua ignorância, imaginam que possa ser feita pelo sacrifício de um galo. "*Gever* (homem) pecou, e *gever* (homem), sim, o homem Cristo Jesus, fez de sua alma uma oferta pelo pecado." *Isaías 53:10*

Primeiro aos judeus

Vemos, então, que a previsão de Deus, de que Israel (exceto os poucos fiéis) seria cegado pela sua Lei (*Romanos11,9*), se cumpriu de maneira natural; e também que sua previsão posterior, de que as bênçãos e condições da era milenar abençoarão muitos deles mais rapidamente do que outros, também se realizará de maneira perfeitamente natural e resultará de causas razoáveis.

Assim, as bênçãos milenares serão primeiro para os judeus, assim como, em virtude das alianças etc., as bênçãos do evangelho lhes foram oferecidas primeiro. E assim será finalmente, conforme profetizou Simeão: "Este menino está destinado a ser motivo de queda e de levantamento para muitos em Israel". E o tempo de levantar essa nação, há tanto tempo afastada da graça, está próximo.

Mas devemos nos precaver contra um erro muito comum, cometido por muitos que percebem algo dessas promessas, de supor que as declarações devam ser interpretadas literalmente, as quais dizem: "Depois disso, voltarei e reconstruirei o tabernáculo

[C257]

[casa] de Davi, que está em ruínas; e reconstruirei suas ruínas, e a restabelecerei." "E o Senhor lhe dará o trono de seu pai Davi." "E Davi, meu servo, será rei sobre eles." (***Atos 15:16***; *Lucas 1:32*; *Ezequiel 37:24*) Embora a literalidade do prometido retorno de Israel à sua própria terra e da reconstrução de Jerusalém sobre seus próprios escombros não possa ser questionada, podemos estar igualmente confiantes de que, por *"casa"* e *"trono* de Davi", não se referem às pedras, madeiras etc. literais. O restabelecimento da casa de Davi refere-se ao restabelecimento da realeza e do domínio nas mãos de algum descendente de Davi. Cristo Jesus é o descendente prometido da casa de Davi e o herdeiro de seu trono; e quando sua autoridade começar a ser estabelecida, esse será o início da restauração (estabelecimento permanente) da casa ou tabernáculo de Davi, antes temporário, que foi derrubado e que, por muitos séculos, permaneceu em ruínas. Assim, da mesma forma, o "trono de Davi", no qual o Messias se assentará, não se refere ao banco de madeira, ouro e marfim no qual Davi se sentava, mas à dignidade, ao poder e à autoridade do cargo que ele exerceu. Essa autoridade, cargo ou trono, que Davi ocupou por alguns anos, será preenchido em uma escala muito mais grandiosa pelo Ungido de Jeová, nosso Senhor Jesus.

Mas *que* autoridade Davi possuía e exercia? Respondemos: era a autoridade de Jeová: Davi "assentou-se no trono de Jeová" (*1 Crôn. 29:23*); e essa é exatamente a autoridade que sustentará Cristo em seu Reino milenar. E, quando visto corretamente, fica evidente que Davi e seu trono — ou autoridade divina —, estabelecidos na nação típica de Israel, eram meramente ilustrações típicas de Cristo e de seu Reino; e a principal honra de Davi será, se for considerado digno, ser um dos "príncipes" a quem Emanuel confiará a fase terrena de seu Reino. *Salmos 45:16*

[C258]

Tanto o nome de Davi quanto seu Reino eram simbólicos. O nome Davi significa *"Amado"*; e é o Filho Amado de Deus que será rei sobre toda a terra naquele dia, e não o Davi amado simbólico dos tempos antigos. É bom também distinguir claramente entre a Nova Jerusalém, a cidade celestial ou espiritual cujos doze apóstolos são os alicerces, e a antiga Jerusalém, que será reconstruída sobre seus antigos escombros. A restauração prometida da antiga Jerusalém implica não apenas a reconstrução dos edifícios, etc., mas especialmente a reorganização do governo de Israel; pois, na profecia, uma cidade é sempre o símbolo ou a representação de um *governo*. Portanto, a reconstrução prometida de Jerusalém sobre seus antigos alicerces implica uma reorganização nacional de Israel com base semelhante à que possuía anteriormente, como um povo sobre o qual o Ungido de Jeová detinha autoridade. A Nova Jerusalém representa a Igreja do Evangelho em glória e no poder do Reino, espiritual e invisível aos homens, mas todo-poderosa. Sua descida à Terra (*Apocalipse 21:2*) marca o cumprimento daquele pedido da oração de nosso Senhor que diz: *"Venha* o Teu Reino"; e sua "vinda" será gradual, e não repentina. Ela já está "descendo", assumindo o controle, e, como resultado, vemos os passos preliminares que levam ao restabelecimento da antiga Jerusalém; e, por fim, o resultado mencionado na oração de nosso Senhor se realizará — a vontade de Deus será feita na terra como no céu. A Nova Jerusalém e os Novos Céus são sinônimos, significando o novo poder espiritual governante.

As profecias já examinadas apontam para o ano de 1878 como a data em que se cumpriu *o "duplo" tempo* de espera de Israel pelo Rei, e a partir da qual se datariam seu retorno à graça e o fim de sua cegueira: o tempo após o qual seria necessário "falar confortavelmente a Jerusalém e clamar a ela que seu tempo determinado [de espera — seu "duplo"] está cumprido e sua iniquidade

perdoada; pois ela recebeu da mão do Senhor [seu] duplo por todos os seus pecados". *Isaías 40:1,2*

A partir dessa data, portanto, vemos, como era de se esperar, indícios marcantes do retorno da graça àquele povo — um movimento em direção ao seu efetivo reestabelecimento em sua própria terra e à sua reconstrução como uma grande nação, de acordo com as múltiplas promessas de Deus nesse sentido; pois: "Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Assim como esses figos bons, assim reconhecerei os cativos de Judá, a quem enviei deste lugar para a terra dos caldeus [Babilônia — a Babilônia mística, a cristandade, conforme mostrado no ***versículo 9***; pois, desde a sua ruína, eles se dispersaram entre todas as nações da chamada cristandade] para o seu bem [para a sua disciplina e castigo: uma coisa boa disfarçada]. Pois voltarei meus olhos para eles para o bem, e os trarei de volta a esta terra; e os edificarei, e não os derrubarei; e os plantarei, e não os arrancarei. [Isso não poderia se referir ao retorno do cativeiro à Babilônia literal, já que, após esse retorno, eles foram novamente derrubados e arrancados.] E lhes darei um coração para que me conheçam, que eu sou o Senhor; e eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus; pois eles voltarão para mim de todo o coração." *Jeremias 24:5-7*

"Assim diz o Senhor: Eis que trarei de volta os cativos das tendas de Jacó e terei misericórdia de suas moradas; e a cidade [Jerusalém] será reconstruída sobre seus próprios escombros, e o palácio [o templo] permanecerá como antes. Seus filhos também serão como outrora, e sua congregação será estabelecida diante de mim, e castigarei todos os que os oprimirem. E seus nobres serão do meio deles, e seu governador surgirá do meio deles. Eis que os trarei da terra do norte [Rússia, onde residem quase dois terços de todos os

[C260]

judeus que hoje vivem] e os reunirei das extremidades da terra... Uma grande multidão retornará para lá. Eles virão chorando; e com súplicas eu os conduzirei...Ouçam a palavra do Senhor, ó nações, e anunciem-na nas ilhas distantes, e digam: Aquele que dispersou Israel o reunirá e o guardará como um pastor guarda seu rebanho; pois o Senhor redimiu Jacó e o resgatou da mão daquele que era mais forte do que ele. Portanto, eles virão e cantarão no alto de Sião, e se reunirão para desfrutar das bênçãos do Senhor: trigo, vinho, azeite, e os filhotes do rebanho e do gado; e a alma deles será como um jardim regado; e não mais se entristecerão de forma alguma." *Jeremias 30:18, 20, 21; 31:8-12*

Não apenas o grande redentor, outrora rejeitado por eles, restaurará e exaltará assim as gerações vivas daquele povo, mas também os mortos serão restaurados; pois "Assim diz o Senhor Deus: Eis que, ó meu povo, abrirei vossos túmulos, e farei com que saiais de vossos túmulos, e vos trarei para a terra de Israel. E sabereis que eu sou o Senhor, quando eu tiver aberto vossos túmulos,... e tiver colocado o meu espírito em vós, e vós vivereis, e eu vos colocarei *em vossa própria terra*; então sabereis que eu, o Senhor, falei isso e o cumpri, diz o Senhor." ***Ez. 37:12-14*** Essas maravilhosas promessas não serão cumpridas em um dia de vinte e quatro horas, mas durante o dia milenar. Elas tiveram um início marcante no ano de 1878, como resultado do Congresso de Berlim das Nações. Os judeus agora desfrutam de maiores privilégios na terra de seus pais do que lhes foram concedidos durante séculos. Eles não são mais meramente "cães" para os turcos insolentes.

Acreditamos que não seja de conhecimento geral que a Inglaterra já assumiu um protetorado sobre a Palestina e, de fato, sobre todas as províncias asiáticas da Turquia, das quais ela faz parte. Há muito tempo a Inglaterra sente a necessidade de proteger a Turquia por três razões: primeiro, suas classes abastadas são grandes

detentoras de títulos turcos; segundo, se a Turquia passasse para qualquer uma de suas nações vizinhas, ou fosse dividida entre elas, a Inglaterra obteria pouco ou nada do espólio; e as outras nações rivais ganhariam, assim, mais destaque e poder do que a Inglaterra no controle dos assuntos da Europa; em terceiro lugar, e principalmente, a Inglaterra percebe que, com o governo turco fora do caminho, a influência russa no sul da Ásia aumentaria consideravelmente e, em pouco tempo, absorveria o Império Indiano, do qual a rainha da Inglaterra é imperatriz e do qual a Inglaterra obtém ricas receitas com o comércio, etc. Por isso, vemos o Partido Real ou Tory na Inglaterra apoiando vigorosamente os turcos; e quando, em 1878, a Rússia estava prestes a entrar em Constantinopla, a Inglaterra interveio e enviou uma frota de canhoneiras ao porto. O resultado foi a *Conferência* de *Berlim*, de 13 de junho de 1878, na qual a figura principal foi um Hebreu, Lord Beaconsfield, primeiro-ministro da Inglaterra; e os assuntos da Turquia foram então resolvidos de modo a preservar sua existência nacional por enquanto, mas organizando suas províncias de tal forma que, no caso de um desmembramento definitivo, as grandes potências soubessem qual parte cada uma deveria ocupar. Foi nessa época que todas as províncias da Turquia receberam maior liberdade religiosa, e a Inglaterra, por meio de um tratado secreto com a Turquia, tornou-se protetora das províncias asiáticas. Nas palavras do historiador Justin McCarthy:

"O governo inglês comprometeu-se a *garantir* à Turquia suas possessões asiáticas contra qualquer invasão, [...] comprometeu-se formalmente a defender e proteger a Turquia contra qualquer invasão e agressão, e ocupou Chipre a fim de dispor de uma posição estratégica mais eficaz a partir da qual pudesse levar adiante esse projeto."

Ver-se-á, então, que a Palestina, como uma dessas províncias asiáticas, já está sob a tutela da Inglaterra; e isso explica a maior negligência por parte do governo turco na aplicação de suas leis desfavoráveis aos

interesses judaicos. E essa abertura providencial da Palestina aos judeus foi seguida por novas perseguições no "norte" — Rússia e Romênia —, o que certamente induzirá a emigração desses países para sua própria terra. Como resultado dessa combinação de circunstâncias, a Palestina, e especialmente Jerusalém, está registrando um rápido aumento da população judaica do tipo "ortodoxo". Os judeus em Jerusalém já superam em número todas as outras nacionalidades juntas, embora, durante séculos, tenham sido uma pequena minoria.

O *New York Herald*, ao comentar há algum tempo sobre a aquisição da ilha de Creta pela Inglaterra, sua ocupação do Egito e a situação da Turquia e de suas províncias em geral, afirmou:

"Vivemos em uma época acelerada, e até mesmo a história é forjada com maior rapidez. As guerras costumavam durar décadas; a civilização avançava lentamente; as comunicações entre as nações e os consequentes benefícios mútuos ocorriam de forma igualmente lenta. Agora, o que é inventado em um país é conhecido imediatamente a milhares de milhas de distância, e o mundo inteiro pode se beneficiar simultaneamente da invenção. Notavelmente na política, o espírito de pressa é evidente. Os projetos dos estadistas antes levavam gerações para serem concluídos; agora, os planos mais ousados são executados pelos idealizadores, e o mapa de um continente é alterado em uma semana. A rapidez com que os eventos se sucedem e a história é criada fica especialmente clara na magnética questão oriental. Bem no meio do cenário de interesses conflitantes encontra-se a Palestina — querida por judeus, cristãos e muçulmanos. O estadista afirma que ela é a chave da situação; e, visando ao benefício de seus compatriotas, declara que, em vista de sua maravilhosa fertilidade, que desde os tempos antigos sustentou milhões; em vista de suas grandiosas possibilidades para o comércio, que em tempos passados transformaram seus portos marítimos em cenários de atividade e riqueza, e que tornaram Tiro e Sidon proverbiais até hoje; tendo em vista que se situa na junção entre a Europa e a Ásia e, portanto, em uma localização admirável, a posse da Palestina é, para seu coração patriótico, o mais desejável. O historiador afirma: "O primeiro episódio internacional registrado foi a invasão da Palestina;

desde aquele dia até hoje, ela tem sido um centro de interesse; por isso, ele, por sua vez, se preocupa com o futuro da Palestina. O homem de fé não consegue encontrar palavras para expressar o interesse que, de seu ponto de vista, nutre pelo que chama de Terra Santa: para ele, cada pedra é um épico, cada árvore, um poema. O empresário astuto observa que, quando o sistema ferroviário asiático estiver construído — o que ocorrerá assim que um governo estável for estabelecido —, a posição geográfica da Palestina fará dela o Estado para o qual as grandes linhas ferroviárias convergirão para transportar as produções da Ásia para os mercados europeus e americanos e vice-versa; pois, assim como o comércio de três continentes se encontrava em suas fronteiras nos dias de Salomão, assim também o futuro comércio desses mesmos continentes fluirá novamente para aquele local privilegiado. Nem diminuirá suas esperanças no menor grau, por mais distante que pareça sua realização. Lembrando-se do rápido crescimento de uma Chicago ou de uma São Francisco, da rápida transformação de terras baldias em estados populosos, ele simplesmente observa: "Os acontecimentos sucedem-se rapidamente hoje em dia", e espera.

"Enquanto, no entanto, as grandes potências cristãs se mantêm com as mãos blindadas, prontas para agarrar o cobiçado e tentador pedaço quando o turco moribundo soltar seu domínio, uma figura histórica dá um passo à frente e declara: 'A terra é minha!' E quando as potências se voltam para olhar para quem falou, reconhecem o judeu — o descendente do patriarca que vivia na Palestina quando ela foi invadida pela primeira vez, e *que ele próprio gostaria de estar presente para recebê-la* como sua quando sua posse for disputada trinta e seis séculos depois!

"Que coincidência maravilhosa! 'Não é bem assim', diz o judeu; 'não é uma coincidência, é o meu destino.' Vejamos agora brevemente a posição do judeu nessa questão do futuro da Palestina. As nações nascem de ideias. Da ideia da unidade alemã surgiu o Império Alemão como fato concreto, proclamado ao mundo a partir de Versalhes, com os canhões franceses respondendo "amém" à oração alemã por seu bem-estar. Do grito de "Italia irridenta" nasceu a nova Itália de hoje, cujo trovão voltará a despertar as margens do Mediterrâneo. Da tradição da Grécia antiga foi criada a Grécia moderna. Assim, os cristãos compreendem como as aspirações há muito acalentadas do judeu ainda podem se concretizar; e

embora reconheçam plenamente que a Palestina pertence, acima de tudo, aos judeus, que eles, acima de tudo, estão especialmente qualificados para desenvolver o futuro daquele país fértil, e que sua posse resolveria os temores das potências invejosas, o estabelecimento dos judeus ali seria um ato de justiça e uma expiação digna pelos terríveis erros cometidos contra eles — os mártires da história.

"Quanto aos próprios judeus, nem é preciso dizer o quanto anseiam pela restauração. No dia 9 do mês de Av, eles jejuam pela destruição de seus templos e pelas calamidades nacionais que acompanharam esses eventos. Não há manhã ou noite em que não rezem: 'Reúna-nos dos quatro cantos da terra'; 'Restaure nossos povos como outrora'; 'Habita no meio de Jerusalém'; e essas palavras são proferidas em todas as cidades onde há judeus — ou seja, em todo o mundo. Tal constância é quase ilimitada, e até hoje os judeus espanhóis em todas as terras (mesmo neste país distante) colocam um pouco do pó da Palestina ou da 'tierra santa', como a chamam, sobre os olhos de seus mortos — uma evidência poética e comovente de seu amor pelo solo sagrado.

"'Quando a ferrovia chegar a Jerusalém, virá o Messias' alude a *Isaías 66:20*, onde o profeta, em sua visão, vê os exilados retornando por todos os tipos de meios de transporte, entre eles o que ele chama de 'kirkaroth'. A versão em inglês traduz isso como 'bestas velozes', o que é, evidentemente, muito vago, ou 'dromedários', o que é certamente incorreto. Não faltam filólogos que derivam a palavra de *kar*, 'forno', e *karkar*, 'balançar' — afirmando que o profeta procurou, assim, cunhar uma palavra para o que lhe foi mostrado em sua visão: um trem em movimento rápido. 'Quando Nicolau reinar, virá a redenção' é uma alusão a *Isaías 63:4*, versículo a partir do qual os hebraístas desenvolvem, por meio do que chamam de 'Rashe Teboth', a frase: 'Todo o Judá ouvirá e contemplará a queda de Nicolau, imperador de Moscóvia, por causa da opressão dos filhos de Judá; e, após a ocorrência de nossa queda, acontecerá nossa verdadeira redenção, e bem próxima para os filhos de Judá estará a boa nova do profeta de Tisbe [Elias]'. Essas e outras semelhantes são importantes, na medida em que indicam o pensamento judaico."

[C265]

Somos fortemente lembrados de quão perto os homens mundanos às vezes chegam da verdade, sem saber, pela expressão acima de que o patriarca Abraão *"gostaria de estar presente para* receber" a terra prometida como sua e de sua posteridade, trinta e seis séculos após sua morte. Isso, que alguns poderiam considerar um devaneio poético, as Escrituras declaram que será um fato real. Pois, como já vimos*, Abraão, Isaque e Jacó, juntamente com Daniel e todos os santos profetas, serão "aperfeiçoados" — despertados da morte para a plenitude da humanidade, após a Igreja do evangelho ter sido glorificada (*Hebreus 11,40*); e constituirão os "príncipes em toda a terra" (*Salmos 45:16*), os representantes terrenos e visíveis de Cristo, o governante espiritual e invisível. Tanto a Abraão quanto à sua descendência foi dada a *terra da promessa* como possessão eterna; e ele deverá recebê-la no futuro, pois até agora nunca possuiu nem um palmo dela. *Atos 7:5*

Uma carta publicada em um jornal de Chicago presta um testemunho notável do progresso gradual da restauração na Palestina e dos preparativos para a bênção futura prometida por Deus sobre ela e seu povo, conforme segue: *Jerusalém, 23 de novembro de 1887* "Fico muito feliz em contar-lhes das coisas gloriosas das quais temos sido testemunhas durante os seis anos em que vivemos aqui. Quando chegamos aqui, há seis anos, éramos quatorze adultos e cinco crianças. Ao subirmos de carro vindo de Jaffa, ficamos profundamente impressionados com a desolação da terra. Não se via nem um fio de verde em lugar algum; as oliveiras e as videiras estavam tão cobertas pela poeira cinzenta de um verão quente e seco que era impossível imaginar que pudesse haver algum verde por baixo; e toda a terra parecia ressecada até suas fundações. Mas nunca mais a vimos assim desde aquela época. A cada ano ela parece mais verde, e agora muitas dessas encostas áridas estão cobertas de vinhedos
e olivais, mudando completamente sua aparência.

*Vol. I, Capítulo XIV

[C266]

"Vocês perguntarão: Qual é a causa dessa grande mudança? Deus prometeu que, assim como trouxe todo esse mal sobre esta terra, também trará grandes bênçãos para ela, e estas evidentemente começaram com o envio de mais chuva do que nos últimos muitos séculos. Ele envia belas chuvas e orvalhos abundantes, onde antes não havia nenhum; e envia nuvens no verão, algo que nunca se via há nem mesmo vinte anos. Isso ameniza o calor, de modo que ele não resseca tanto o solo. Há cinco anos, Ele enviou, em julho e agosto (meses em que nunca costumava chover), três horas de chuva em Jaffa e dezesseis horas em Damasco, além de muita chuva em toda a região, de modo que os jornais americanos comentaram o fato como uma prova de que o clima da Palestina está mudando. Além disso, quando chegamos aqui, havia muito poucos judeus retornando a esta terra, mas as perseguições na Rússia, na Alemanha e em outros lugares começaram a expulsá-los; e, apesar dos decretos do sultão, eles começaram a retornar a esta terra, comprando terras, plantando e construindo, e assumindo o controle do comércio da cidade; e assim, hoje, há muitos milhares a mais do que quando chegamos.

"Jerusalém está, na realidade, agora nas mãos dos judeus, no que diz respeito ao comércio; e o judeu não está mais sob o jugo dos muçulmanos como antes. Eles também estão construindo rapidamente uma nova cidade, exatamente conforme descrito em *Jeremias 31:38-40; 32:43,44*, de modo que até mesmo os turcos, que estão no poder, estão percebendo isso e dizem uns aos outros: 'É Deus; e o que podemos fazer?' E o que podemos dizer sobre tudo isso, senão que Deus está cumprindo rapidamente, em nossos dias, Sua Palavra e a aliança que fez com Abraão? E nós somos testemunhas dessas coisas."

Apesar da opressão e da tirania que os reduziram ao pó, vemos que, nos últimos anos, muitos deles têm alcançado riqueza e prestígio muito além dos de seus vizinhos gentios. E, com tais recursos e distinção, em muitos casos, surge a ambição benevolente de empregá-los para a elevação da raça judaica; e esforços sábios e bem direcionados estão alcançando muito nesse sentido. A atenção dos homens pensantes, tanto entre judeus quanto entre gentios, está sendo atraída para essa virada nos assuntos judaicos.

[C267]

É evidente, pelas manifestações dos principais jornais judeus e pelos diversos movimentos atualmente em andamento para a colonização da Palestina, bem como para a assistência e o avanço daqueles que já se estabeleceram ali, que milhares estão agora voltando seus olhares ansiosos para a terra prometida. Essa mudança nos assuntos judaicos vem ocorrendo desde 1878; e o desenrolar dos acontecimentos desde essa data causou e continua causando um notável despertar sobre esse assunto, o que, por si só, é um sinal significativo dos tempos. Do **Jewish World** (20 de agosto de 1886) citamos, por exemplo, o seguinte:

"Há aberturas nas nuvens que até agora lançavam uma sombra tão sombria sobre a Terra Santa. O futuro daquele país infeliz, há tanto tempo envolto em trevas impenetráveis, começa a clarear vagamente; e os lampejos de uma situação mais feliz estão quase a uma distância mensurável de nossas previsões. . . . Duas instituições estão destinadas a desempenhar um papel de destaque na melhoria da condição dos judeus da Palestina — a Escola Agrícola de Jaffa e a instituição Lionel De Rothschild, nos arredores de Jerusalém. Poderíamos acrescentar uma terceira: o Fundo Testemunhal Montefiore, que, por meio da promoção de cooperativas de habitação e da construção de moradias populares, tem contribuído muito para fomentar a poupança e reduzir as misérias e dificuldades da vida doméstica na Cidade Santa... O que nos interessa destacar neste momento é que as perspectivas dos judeus na Palestina não são mais sombrias. De um lado, há forças em ação para a melhoria da condição de nossos irmãos, que foram sabiamente concebidas e engenhosamente organizadas, e que agora estão sendo aplicadas com assiduidade; por outro lado, o povo está se cansando de sua miséria e inatividade, e demonstra uma tendência crescente de aproveitar os esforços empreendidos para sua reabilitação. Essa é uma situação repleta de consequências felizes, e nenhum judeu deixará de contemplá-la com prazer."

Em um número subsequente do mesmo jornal, um artigo de destaque sobre "O Futuro da Palestina" encerrava-se com estas palavras:

[C268]

"Com o recente influxo de um elemento agrícola nas colônias fundadas pelos fundos de Montefiore, Hirsch e Rothschild, devem ser encontradas mãos dispostas a trabalhar na cena da transformação, quando 'o deserto florescerá como a rosa'; mãos e corações dispostos que resgatarão a Terra Santa de sua longa noite de morte e restaurarão à vida e à luz o lar nacional dos judeus."

Outro jornal, *o *The Jewish Messenger**, afirma:

"Enquanto os homens estão absortos em suas pequenas preocupações, alternadamente movidos por esperanças e medos, a grandiosa e majestosa marcha dos acontecimentos humanos avança inexoravelmente rumo à sua conclusão, no cumprimento de uma lei inevitável que controla toda ação humana. Aqui e ali, os homens erguem suas vozes insignificantes como se quisessem deter essa maré de progresso e impedir essa decisão do Eterno. Seria o mesmo que tentarem deter a lei que governa o universo. As raças têm um caminho tão fixo a percorrer quanto as estrelas que brilham na abóbada azul acima de nós, e a raça de Israel é a estrela brilhante e fixa entre elas. Em todas as suas peregrinações, ela permaneceu fiel ao seu curso. Sua missão foi prevista e anunciada, e sua restauração final à Terra Santa foi profetizada. Os sinais dos tempos indicam que essa profecia está se cumprindo. Ela está se realizando de forma tão silenciosa e gradual que somente aqueles que dedicaram atenção ao assunto percebem a importância do trabalho realizado.

"A Palestina é uma necessidade política para a raça judaica. A fundação de uma nação na Terra Santa mais uma vez significa a exaltação de todo o Israel. Coloca-a como nação entre as nações da Terra. Concede ao judeu aquele poder político e direito soberano que significam proteção. Faz dele um cidadão de seu país e lhe dá um passaporte entre as nações da Terra. Isso pode parecer impraticável para o homem no escritório
absorto em seus livros, para o homem em sua loja absorto em calcular seus lucros e prejuízos, para o homem imerso na felicidade dos prazeres sociais, mas é tão claro quanto o sol do meio-dia para quem estuda o horóscopo político.

"Uma vez alcançada a autonomia política, os judeus espalhados pelo mundo não migrarão em massa para a Palestina. Há 300 mil judeus na Ásia, 400 mil na África e

5 milhões vivem na Europa. É desses que a Palestina extrairá sua força de renascimento. O judeu nascido nos Estados Unidos, sem dúvida, continuará sendo americano; e se algum dia visitar a Terra Santa, será por lazer e turismo, e para conhecer uma terra tão famosa como o principal berço de sua raça heróica.

"Pode-se dizer que, geograficamente falando, a Palestina é pequena demais para exercer grande influência como potência política, intelectual ou moral entre as nações da Terra. Respondemos que, na Antiguidade, a Grécia era uma potência e que, nos tempos modernos, a pequena ilha da Grã-Bretanha é uma potência. Geograficamente falando, o que são elas? São o intelecto, a força moral e o orgulho da nacionalidade que tornam as nações grandes, e não a extensão do território. São o intelecto e o poder moral que tornarão Israel renomado entre as nações."

O **Jewish Chronicle** afirma:

"O movimento é irresistível. Não podemos permitir-nos ficar de braços cruzados enquanto esse novo Êxodo está ocorrendo. Nós, judeus, sustentamos, há quase dois mil anos, que a consumação das eras de sofrimento pelas quais passamos só será alcançada quando voltarmos a possuir a terra de nossos pais. Será que essa confiança vai desaparecer justamente no momento em que parece prestes a se cumprir? Ou será que devemos esperar que o retorno seja realizado por meios tão misteriosos a ponto de estarem além da cooperação dos seres humanos? Deus realiza sua vontade por meio da vontade dos homens; e, se as profecias devem se cumprir, será pela vontade e pela energia humanas. Esses temas podem parecer grandiosos demais para serem associados a um plano prático de estabelecer algumas colônias judaicas na Palestina. Mas é a partir de pequenos começos, como esses, que grandes eventos frequentemente surgem; e o retorno de um pequeno grupo de judeus à Terra Santa nunca deixará de trazer à mente a possibilidade e a viabilidade do retorno em maior escala para o qual toda a história judaica e todas as aspirações judaicas têm apontado até agora."

Outros, além dos judeus, homens de destaque no mundo, percebem e comentam sobre a crescente proeminência de Israel. Por exemplo, observe o seguinte trecho do *Central Presbyterian*: "Em vez de desaparecer, o povo judeu demonstra vitalidade crescente. Eles não podem ser exterminados nem engolidos.

[C270]

Eles passam de país em país para se tornarem praticamente os mestres onde quer que vão. Adquirem terras na Alemanha e na Hungria e enriquecem na Rússia; são os grandes banqueiros em Londres e Paris e nos centros do comércio europeu. Nos últimos dez anos, os Rothschilds concederam 100 milhões em empréstimos à Inglaterra, Áustria, Prússia, França, Rússia e Brasil."

Lord Shaftesbury, da Inglaterra, disse recentemente:

"Há uma grande inveja desse povo maravilhoso que *agora* está *ganhando destaque*. E que sinal dos tempos é esse: onde quer que os judeus estejam, eles são ou o povo mais proeminente a ser perseguido, ou o povo mais proeminente a assumir a liderança em todas as diversas profissões! Perguntaram a um cidadão proeminente de Berlim: 'Qual é a história desse forte sentimento antijudaico que vocês têm em Berlim e em toda a Alemanha?' Ele respondeu: 'Vou lhe dizer: esses judeus, se entram no comércio, tornam-se os primeiros comerciantes; se entram no setor bancário, tornam-se os primeiros banqueiros; se entram no direito, tornam-se os primeiros advogados; ou, se entram na literatura, superam a todos nós. Seja qual for a carreira que empreendam, eles expulsam os gentios; e eu lhe digo, senhor, que não vamos tolerar isso.'

"A perseguição aos judeus na Rússia e na Polônia não depende de religião ou nacionalidade. Esses fatores não têm absolutamente nada a ver com isso. Os russos perseguiriam qualquer povo na mesma situação que os judeus. Tenha em mente que os judeus detêm em hipoteca uma parte considerável das propriedades rurais da Rússia; que mantêm endividados uma proporção muito grande do campesinato e muitos dos lojistas em diferentes partes do império. Cada oportunidade que agora se apresenta ao povo russo para saquear e espoliar os judeus será, quase com certeza, aproveitada. Ao destruir os judeus e seus documentos, os russos se livram de papéis aos quais estão vinculados e que poderiam ser usados como prova contra eles; e enquanto houver bens a serem confiscados, o povo russo continuará se levantando contra os judeus."

O texto a seguir é um trecho de uma carta publicada em um jornal inglês pelo Sr. Charles Reade, o romancista, bem conhecido nos

círculos literários, cuja conversão a Cristo e à Bíblia ocorreu há alguns anos:

"A nação judaica, embora sob uma nuvem, acabará por retomar seu antigo território, que tão evidentemente está sendo reservado para ela. As profecias são claras como o dia em dois pontos: que os judeus devem retomar a Palestina e, de fato, governar do Líbano ao Eufrates; e que esse evento será o primeiro de uma grande série de mudanças que levarão a uma vasta melhoria na condição da humanidade pobre e sofredora, e da criação em geral. Agora, temos aqui em perspectiva um evento glorioso, tão certo quanto o sol nascerá amanhã. A única diferença é que o sol nascerá em uma hora determinada, enquanto os judeus ocuparão a Síria e recuperarão sua glória nacional em um dia incerto. Sem dúvida, é uma fraqueza da humanidade supor que uma data incerta deva ser distante. Mas isso não é razoável. Certamente, é dever dos homens sábios e sensatos estar atentos aos sinais precursores e oferecer sua humilde cooperação, caso um privilégio tão grande nos seja concedido.

"Essa repentina perseguição aos judeus justamente na nação onde são mais numerosos — não seria talvez um sinal precursor e um lembrete da Providência de que sua cidade definitiva não é a Tartária europeia? A Palestina pode ser colonizada de forma eficaz apenas a partir da Rússia, onde há três milhões de judeus temendo pela vida e pelos bens; e os demais os seguiriam. A história é um espelho às nossas costas. Tudo o que os judeus já fizeram, eles podem fazer novamente. São um povo de gênio; e o gênio não é limitado pela natureza, mas pela vontade, pelo hábito ou pelo acaso. Em que esse povo já tentou e falhou? Como guerreiros, escritores, construtores, comerciantes, legisladores, agricultores; e excelentes em tudo! Nisso, a história se repete.

"Eles serão grandes nas artes da paz e da guerra, e seus inimigos se derreterão diante deles como neve em um dique. Caso pareçam precisar da ajuda de qualquer outra nação no início, *abençoada será a nação que a oferecer*; e a nação que os perseguir servirá de exemplo de uma forma ou de outra. Portanto, se por acaso os recentes ultrajes levarem os líderes judeus a decidir colonizar a Palestina a partir da Rússia, ofereçamos livremente navios, marinheiros, dinheiro — tudo o que nos for pedido. Será um investimento nacional melhor do que títulos egípcios, brasileiros ou peruanos."

[C272]

Um provérbio judeu dos últimos anos afirma: “Quando a ferrovia chegar a Jerusalém, o Messias virá”; e isso está em harmonia com a representação simbólica da ferrovia pelos profetas *Naum (2:3-5)* e *Isaías (66:20)*. E, de fato, o provérbio não errou muito o alvo; pois a ferrovia chegará a Jerusalém “no dia de sua preparação” — na época da *presença* do Messias. O trecho a seguir, que extraímos da imprensa diária, tem uma relação interessante com esse assunto:

“Galileu estava certo: o mundo realmente gira. Será construída uma ferrovia de Jerusalém a Jaffa, no Mediterrâneo, a uma distância de 31 milhas — o antigo porto da capital judaica e o local de desembarque dos cedros com os quais o templo foi construído. Um judeu de Jerusalém, chamado Joseph Nabon, que é súdito otomano, obteve do sultão uma concessão para esse fim. A concessão tem validade de 71 anos. O custo estimado da construção é de $250.000. Assim, a partir de agora, a civilização será introduzida na Palestina. O século XIX chegará àquelas regiões quando a primeira locomotiva entrar bufando em Jerusalém.”

A carta a seguir, de um correspondente do *Pittsburgh Dispatch*, publicada recentemente nesse jornal, confirma o progresso atual na Palestina e, especialmente, em Jerusalém:

Jerusalém, 12 de julho de 1889

“Trinta mil das quarenta mil pessoas em Jerusalém são judeus. O governo turco, que há séculos lhes proíbe de permanecer mais de três semanas seguidas na Terra Santa, está, sob a influência de governos estrangeiros, flexibilizando suas restrições; e, atualmente, os judeus estão chegando aqui às centenas. Eles estão se dedicando aos negócios e agora controlam grande parte do comércio de Jerusalém. Alguns deles sentem que está próximo o dia em que se cumprirá a profecia da Bíblia de que voltarão a habitar sua terra; e uma tribo curiosa do sul da Arábia afirma ter recebido um Apocalipse que deve deixar seu país desértico e retornar à Palestina. Esses judeus viveram no Iêmen, na Arábia, nos últimos

2.500 anos. Pertencem à tribo de Gade e deixaram a Palestina 700 anos antes do nascimento de Cristo. Estão trazendo consigo muitos documentos valiosos que comprovam sua origem e estão se dedicando à agricultura nas proximidades de Jerusalém. A perseguição aos judeus na Rússia e na Áustria está levando muitos deles para cá, e há também um grande número de judeus poloneses e espanhóis em Jerusalém. O prazo de permanência dos judeus na Palestina foi prorrogado, e as restrições à sua residência em Jerusalém foram praticamente removidas. Há meio século, havia apenas 32 famílias judias em toda Jerusalém, e o número em toda a Palestina era de apenas 3.000. Agora, há quase 50.000 na Terra Santa, e três quartos da população de Jerusalém são compostos por eles.

"Que povo curioso! Diferente de qualquer outro judeu na face da Terra. Eles se assemelham mais ao tipo que existia aqui no passado. Os números que foram forçados a vir para cá devido à perseguição são sustentados quase inteiramente pelas diversas comunidades judaicas espalhadas pelo mundo.

"Uma das grandes atrações de Jerusalém é o local de lamento dos judeus, onde todas as sextas-feiras certas seitas se reúnem do lado de fora das muralhas da Mesquita de Omar, que ocupa o local do Templo de Salomão, e, com as cabeças inclinadas contra as pedras, lamentam a perda de Jerusalém e rezam para que Deus devolva a terra ao seu povo escolhido. Esse costume é praticado desde a Idade Média e é uma das cenas mais tristes. Visitei o local na semana passada. Em um beco estreito cercado por casas miseráveis — sobre lajes de pedra desgastadas pelos pés descalços de milhares de judeus — , encostados a uma parede de grandes blocos de mármore que se erguiam a cinquenta ou mais pés acima deles, uma longa fila de homens em túnicas longas e de mulheres com xales sobre a cabeça, curvados, rezando e chorando. Muitos dos homens tinham barbas brancas e longos cachos prateados. Outros estavam no auge da vida; e não pude deixar de me perguntar ao ver suas silhuetas, por vezes quase convulsionadas pela emoção. Cada um tinha nas mãos uma Bíblia hebraica bem manuseada e, de tempos em tempos, o grupo se lançava em uma espécie de canto, com um velho de cabelos grisalhos atuando como líder e os demais entrando no refrão. O canto era em uma língua estranha, mas foi traduzido da seguinte forma:

Líder — Pelo palácio que jaz desolado —
Resposta — Sentamo-nos em solidão e lamentamos.
Líder — Pelas muralhas que foram destruídas —
Resposta — Sentamo-nos em solidão e lamentamos.
Líder — Por nossa Majestade que partiu —
Resposta — Sentamo-nos em solidão e lamentamos.
Líder — Pelo nossos grandes homens que jazem mortos —
Resposta — Sentamo-nos em solidão e lamentamos.
Líder — Pelos nossos sacerdotes que tropeçaram —
Resposta — Sentamo-nos em solidão e lamentamos.
Líder — Pelo nossos reis que o desprezaram —
Resposta — Sentamo-nos em solidão e lamentamos.

"O efeito desse canto não pode ser apreciado sem ouvi-lo. Os anciãos e as mulheres em pranto, que beijam as pedras do muro que os separa do que outrora foi o local do templo de Salomão, e que ainda hoje é a parte mais sagrada da Terra para os judeus; o sentimento genuíno expresso por todos; e a fé que demonstram ao virem aqui, semana após semana e ano após ano, são maravilhosamente impressionantes. É, de fato, uma das visões mais singulares desta cidade tão singular.

"Existem oito colônias agrícolas em diferentes partes da Palestina. Uma dessas escolas, perto de Jaffa, tem mais de setecentos alunos e uma fazenda de vinte e oito mil acres. Ela está situada nas planícies de Sharon, onde viviam os filisteus, e possui dezenas de milhares de videiras e oliveiras. Os turcos são muito relutantes em vender terras aos judeus, mas estes mostram-se tão bons agricultores quanto são homens de negócios; e o relevo em terraços das colinas ao redor de Jerusalém demonstra que a Terra Santa era muito melhor cultivada sob o domínio deles do que tem sido sob o de seus conquistadores. Uma grande extensão de terra nos arredores da cidade de Jerusalém está agora nas mãos dos judeus ou de suas instituições de caridade. O Sr. Behar, diretor das escolas Rothschild, me contou que acabaram de comprar o Hotel Jerusalém e vão incorporá-lo à sua escola. Sir Moses de Montefiore, que administrou o fundo deixado por um rico israelita de Nova Orleans, construiu muitas casas de qualidade para judeus na estrada entre Belém e Jerusalém, e há vários hospitais judaicos.

"Entre as pessoas que acreditam firmemente que os judeus em breve voltarão a ser donos da Palestina está uma colônia de quinze pessoas,

que vivem em uma bela casa construída bem junto às muralhas de Jerusalém e que são conhecidas como 'os americanos'. Essas pessoas não são judeus. São cristãos que vieram para cá de diferentes partes dos Estados Unidos, e mais especialmente de Chicago, para aguardar o cumprimento da profecia de que Deus regenerará o mundo, começando por Jerusalém. [Eles não percebem que a seleção da Igreja do Evangelho deve primeiro ser realizada.]

"Não há dúvida alguma de que Jerusalém está melhorando. A maioria de suas ruas está agora bem pavimentada e as condições sanitárias da cidade melhoraram consideravelmente. A Jerusalém fora dos muros é agora quase tão grande quanto a cidade dentro deles, e me disseram que o valor dos terrenos subiu a tal ponto que pode-se dizer que a cidade santa está passando por um boom imobiliário. Fiquei sabendo que, ao longo da estrada de Jaffa, logo após o portão, o valor dos imóveis subiu, em cerca de um ano, várias centenas por cento. Um terreno que pertence a uma instituição de caridade foi comprado há pouco tempo por US$ 500. Agora vale US$ 8.000 e não pode ser comprado por esse valor. Uma linha telegráfica agora se estende daqui até a costa marítima, e foi criada uma empresa ferroviária para construir uma linha de Jaffa a Jerusalém. Pela primeira vez em sua história, Jerusalém possui uma força policial, e a ordem na cidade é agora tão boa quanto a de Nova York."

O trecho a seguir, extraído da *revista *The Hebrew Christian** de julho de 1889, é outro relato interessante da visita de um judeu americano ao local de lamento dos judeus em Jerusalém. Ele diz:

"Depois de passar várias horas visitando judeus, meu amigo idoso, um rabino de Kovno, na Rússia, perguntou-me se eu gostaria de acompanhá-lo ao local de lamentação para chorar pela desolação de Jerusalém e orar pela restauração de Israel à sua antiga glória. 'Irei com você', respondi, 'e orarei com muita fervor para que Deus acelere o dia em que Judá retornará ao Senhor.' Como era sexta-feira à tarde, hora em que muitos judeus se reúnem para orar junto ao muro do antigo templo, juntei-me a eles. Foi, de fato, uma cena memorável. Ali estavam judeus de todas as nações, com seus trajes orientais característicos, e alguns vestidos com seus *talits* (vestimentas de oração). Tão alto quanto podiam, eles

recitavam os *Salmos 22*. Mulheres, com grande fervor, clamavam em voz alta: 'Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Por que estás tão longe de me socorrer e das palavras do meu clamor? Ó meu Deus, clamo durante o dia, mas tu não ouves; e à noite, e não me calo.' Os homens também choravam e recitavam Salmos, litanias e orações. A maioria deles pressionava fervorosamente os lábios contra as pedras e as beijava. Enquanto ouvia suas orações comoventes, lembrei-me do que os rabinos dizem no Talmude — que "Desde a destruição do Templo, as portas da oração estão fechadas, e apenas as portas das lágrimas estão abertas". O rabino, em tom triste, repetia: "'Pelo palácio que jaz desolado', etc."

"O lamento mais comovente por Jerusalém também pode ser testemunhado nos lares dos judeus devotos. À meia-noite, eles se envolvem em suas vestes de oração, colocam cinzas na cabeça e se prostram no chão. Em seguida, em tom melancólico, recitam:

> "'Uma voz de lamento da torre centenária de Ramá,
> uma voz de pranto do colino dos santos de Sião; Ai
> de mim! Minha coroa e meu dote real,
>
> As honras da juventude que ainda recordo. Escuro
> me parece o caramanchão solitário
>
> Que outrora ocupava um trono de esplendor.
>
> "'Eu era conhecida como a noiva mais bela de Jeová;
> Mas agora sou forçada, desamparada, desconsolada,
> A suportar Sua pesada ira e vingança; Minhas
> alegrias se foram, meu coração está desolado.
>
> Vinde, chorai, vós, filhas, ao meu lado vacilante,
> Pois ninguém se aproxima para amenizar minhas
> dores.
>
> "'Degradada de uma eminência incomparável,
> Vítima do orgulho e da vaidade desenfreada,
>
> Meu coração palpitante, com violência trêmula, Bate
> contra sua jaula de miséria sem esperança. Judá
> lamenta em penitência lacrimosa,
>
> Uma viúva de luto no cativeiro.
>
> "Eu era em Solyma uma rainha radiante,
>
> Uma nuvem dourada eu era, o monte de Deus; Mas
> agora, saqueada por infiéis, creio eu, Nenhum
> peregrino mais pobre pisou o deserto,
>
> Todos os meus filhos foram arrancados do meu seio,
> Os anciãos assassinados, o solo encharcado de
> sangue.

> "'Ninguém se comove com minha desgraça? E ninguém conterá a lágrima que rola velozmente? E ninguém acalma a dor que perfura a alma? E ninguém diz: 'Os pagãos não ousarão chamá-lo de meu marido?' Oh, o dardo envenenado. As zombarias cruéis que sou obrigada a suportar!
> "'Pai de misericórdias, vem, retorna com graça À morada de Sião, novamente embelezada.
> Que os olhos de Israel contemplem a tua morada restaurada; então ouve o canto do aleluia, as vozes entoando hinos de um povo que passou pelo resgate, saudando a parede que se ergue daquele templo eterno."

"Depois disso, vários Salmos são lidos e orações são feitas. Ao se levantarem do chão, dizem: 'Sacode a poeira de ti; levanta-te e senta-te, ó Jerusalém. Liberta-te das amarras do teu pescoço, ó filha cativa de Sião.'

"Uma oração notável proferida nessas ocasiões, e que sem dúvida faz referência a *Isaías 7:14*, é:

> "'Em tua misericórdia, Senhor, atende à oração do teu povo:
> Conceda o desejo do Israel enlutado.
> Ó escudo de Abraão, envia nosso
> redentor, E invoca Seu glorioso
> nome: Emanuel'."

Somente quando novas perseguições tiverem levado mais judeus pobres à Palestina, e a civilização moderna estiver ainda mais avançada por lá, é que as classes mais abastadas de judeus serão atraídas para lá; e, então, isso ocorrerá em grande parte por motivos egoístas — quando o tempo geral e grande de angústia tornar a propriedade menos segura em outras terras do que é agora. Então a Palestina, distante do socialismo e do anarquismo, parecerá um refúgio seguro para os judeus abastados. Mas, no ritmo atual de progresso nessas diversas direções, os próximos quinze anos testemunharão muitas mudanças na Palestina.

O Fim da Cegueira de Israel

Há outro aspecto da profecia relacionado ao Israel carnal, cujo cumprimento devemos começar a ver agora. O apóstolo Paulo declarou: "Uma cegueira parcial se abateu sobre Israel, até que a plenitude dos gentios tenha entrado — isto é, até que o número dos escolhidos dentre os gentios,

que, juntamente com o remanescente de Israel, constituirão a fase espiritual do Reino, tenham todos entrado naquela graça suprema, da qual Israel, como nação, foi rejeitado, e às vantagens da qual eles, como povo, continuaram cegos. No sentido mais pleno, portanto, a cegueira do Israel carnal, também chamado Jacó, não deixará de existir até que a seleção do Israel espiritual tenha sido concluída. E somos expressamente informados (*Romanos **11:26***) de que sua recuperação e libertação da cegueira e do preconceito virão do (monte) Sião, a Igreja ou Reino glorificado. Mas, como o Reino de Sião, em certa medida, teve início em 1878, quando nosso Rei assumiu seu grande poder para reinar — embora a classe dos "pés" ainda não estivesse plenamente desenvolvida e glorificada —, assim também o favor de Deus para com "Jacó", por meio de Sião, teve propriamente seu início ali, embora não os alcance em sua plenitude até que os membros dos "pés" do corpo de Cristo também sejam glorificados. E assim como 1881 foi o momento paralelo à transferência da luz de Jacó para os gentios, assim também marca o início do retorno da luz especial sobre os judeus há muito cegos. E, fiel ao seu padrão judaico, a Igreja cristã nominal está agora tropeçando cegamente, enquanto apenas um pequeno remanescente dela está sendo abençoado. Quão contundentes e aplicáveis são as palavras do Apóstolo aqui: "Não te ensoberbeças, mas teme; pois, se Deus não poupou os ramos naturais, tem cuidado, para que não te poupe a ti", etc.

Mas o reconhecimento geral de Israel do verdadeiro Messias e de seu Reino, sem dúvida, ocorrerá por meio dos patriarcas e profetas restaurados, cuja restauração perfeita será a primeira obra de Cristo depois que todo o "corpo" tiver sido glorificado. Mas a cegueira deles *começará* a desaparecer antes disso; e já se iniciou um grande movimento em direção a Cristo, especialmente entre os judeus russos.

Olhando nessa direção, os sinais dos tempos são tão pronunciados a ponto de serem surpreendentes. O notável movimento religioso

[C279]

em eamento entre os judeus do sul da Rússia está levando milhares desse povo a reconhecer Jesus Cristo como o Messias há muito prometido e a admitir seu pecado nacional, ao rejeitá-lo e crucificá-lo. E isso não é, de forma alguma, resultado da atividade missionária cristã: trata-se de um movimento independente, brotando de solo inteiramente judeu. O líder do movimento é um judeu, o Sr. Joseph Rabinowitch, ex-comerciante e, posteriormente, advogado, um homem de grande reputação entre seu povo. O Sr. Rabinowitch não era um rabino judeu, e nem ele nem qualquer um dos líderes do movimento eram clérigos de qualquer seita ou credo. A respeito desse movimento, citamos um artigo da *Harper's Weekly* e outros relatos, conforme segue:

"Seu desenvolvimento tem sido tal que se pode afirmar com segurança que não se trata mais de uma mera experiência com chances duvidosas de existência permanente. Ele tem demonstrado uma vitalidade notável; seu crescimento tem sido constante e saudável, de caráter positivo, mas evitando toda pressa artificial e extremos perigosos. Tendo sido reconhecido pelas autoridades russas como uma *religio licita*, ele agora possui existência legal e direitos legais. Seu caráter o caracteriza como um dos fenômenos mais singulares no caleidoscópio variado de interesses nacionais, sociais e religiosos que dividem os corações e as mentes dos 116 milhões de súditos do czar.

"A fé dessa nova comunhão é ainda mais peculiar por propor não formar qualquer vínculo orgânico com qualquer forma existente de cristianismo, mas, com o objetivo declarado de ignorar o desenvolvimento histórico das doutrinas desde a era apostólica, extrair seus ensinamentos diretamente da fonte do Novo Testamento, sem dar especial atenção às fórmulas doutrinárias encontradas nas igrejas ortodoxas de nossos tempos. Ela afirma ter como modelo as congregações judaico-cristãs dos dias dos apóstolos.

"De caráter enérgico e ambicioso no que diz respeito ao autoaperfeiçoamento e ao avanço — político, social e moral — de seu

[C280]

povo, o Sr. Rabinowitch tornou-se conhecido, há anos, como um amigo zeloso da reforma entre os judeus do Leste. Com uma formação e um espírito empreendedor muito superiores aos de seus irmãos, ele se propôs a conceber meios e recursos para alcançar seus ideais e objetivos. Ele fez o que pôde para garantir a eles melhores direitos políticos, mas não conseguiu protegê-los contra as perseguições ferozes que se abateram sobre os infelizes israelitas na Rússia, na Romênia e nos países vizinhos. Familiarizou-se com o pensamento filosófico avançado do Ocidente, na esperança de que sua adoção por seu povo os elevasse a um patamar mais alto e, assim, lhes garantisse ideais mais elevados e objetivos mais nobres. Mas logo passou a duvidar tanto da eficácia dos meios quanto da possibilidade de aplicá-los a um povo que, após séculos de perseguição e ultraconservadorismo, havia se endurecido em princípios tão díspares de suas ideias tradicionais. Tentou novamente afastá-los de sua ganância por lucros, que, ao lado de seus exercícios religiosos formalistas, é o fator que tudo controla e tudo degrada na mente do judeu oriental. Mas seus esforços para estabelecer colônias agrícolas para eles, tanto em seu país quanto na Terra Santa, revelaram-se infrutíferos. Enquanto estava na Palestina, amadureceu nele a convicção, por meio de um estudo independente do Novo Testamento em sua relação com o Antigo, de que Israel havia cometido o erro de sua vida nacional e se tornara infiel à sua missão histórica ao rejeitar Jesus Cristo.

"Essa convicção a respeito de Cristo, como a encarnação e o cumprimento das profecias antigas, bem como dos ideais e objetivos de Israel como nação, é o pensamento central em torno do qual gira todo o movimento. Os princípios enunciados pelo humilde nazareno são reconhecidos como os únicos capazes de realizar os destinos do povo e de capacitá-lo a alcançar o fim para o qual foi separado como povo escolhido. Considera-se, portanto, uma grave ruptura no desenvolvimento normal e histórico de Israel o fato de que, há mil e oitocentos anos, esse povo, como nação, se recusou a aceitar esses dogmas e princípios que são considerados por todos os cristãos — e agora também pelo Sr. Rabinowitch e seus seguidores — como o resultado legítimo e único correto de todo o desenvolvimento histórico anterior de

[C281]

Israel. Sanar essa ruptura é o objetivo ideal do reformador de Kishinev, recomeçando ali mesmo, onde o povo escolhido ingressou pela primeira vez em um caminho equivocado de desenvolvimento nacional. Em 1880, ele publicou um programa no qual era o advogado de uma reorganização completa do sistema rabínico. Ele também atuou ativamente na obra de uma sociedade para a promoção da agricultura entre os judeus do sul da Rússia; e, durante os dias de perseguição em 1882, foi o advogado que defendeu veementemente o retorno de seu povo à Palestina. Durante esse período, ocorreu a mudança em sua convicção religiosa. Não foi resultado do trabalho missionário cristão, nem ele é um convertido no sentido comum da palavra. A mudança ocorreu gradualmente, e somente após longa deliberação a ideia de organizar congregações cristãs de nacionalidade judaica amadureceu em sua mente. Após seu retorno da Palestina, sua convicção era: 'A chave da Terra Santa está nas mãos de nosso irmão Jesus'. Nas palavras 'Jesus, nosso irmão', reside a essência de suas visões religiosas. Seu trabalho tem sido bem-sucedido, e muitos estão aceitando seus ensinamentos."

Quando o Sr. Rabinowitch começou a pensar que deveria ser um crente declarado e aberto em Cristo, ficou muito perplexo com o número de seitas entre os cristãos e hesitou em se filiar a qualquer uma delas. Ele diz: "Assim como é preciso atravessar o Jordão para chegar a Canaã, assim também Jesus é o caminho para a posse espiritual e o descanso." Quanto à Ceia do Senhor, ele afirma que os membros da Nova Aliança não a celebram, a não ser como Ceia da Páscoa. Eles (assim como nós) ainda não encontram uma maneira de celebrá-la em outras ocasiões. Ele diz que o Senhor Jesus Cristo não ordenou que seus discípulos se lembrassem de sua ressurreição, mas que se lembrassem dele. Nem ele nem seus seguidores guardam o domingo como sábado, mas continuam a observar o sábado judaico. A circuncisão ainda é praticada; mas não é considerada necessária para a salvação.

Foi relatado que um pastor luterano propôs a um comitê em Londres que o Sr. Rabinowitch fosse contratado por sua Sociedade como missionário para os judeus. O comitê recusou, embora apenas com o argumento de que ele

ainda não tivesse sido batizado. Ele, no entanto, desde então foi batizado em Berlim, não na Igreja Luterana, nem na Igreja Anglicana, mas simplesmente na Igreja de Cristo. O Sr. Rabinowitch possui cartas recebidas de judeus de todas as partes da Rússia e da Romênia, indagando sobre o movimento, suas regras e suas doutrinas, com o objetivo de se filiar a ele ou de iniciar outro movimento semelhante.

"O Sr. Rabinowitch possui um espírito muito gentil, humilde e amoroso, e reage rapidamente, até mesmo com lágrimas, às demonstrações de afeto cristão. Ele não deseja se identificar com nenhuma seita, mas quer basear seu cristianismo no Novo Testamento e deixar para trás os velhos hábitos e doutrinas para adotar novos, conforme o espírito santo lhe ensinar em seu estudo contínuo e em espírito de oração de toda a Palavra de Deus."

O Prof. Franz Delitzsch, de Leipzig, líder das missões judaicas na Alemanha e editor da **Saat auf Hoffnung**, uma revista trimestral dedicada a esse trabalho, publicou um panfleto de cerca de setenta e cinco páginas sobre esse novo desenvolvimento religioso, cuja maior parte é ocupada por documentos originais, tanto em hebraico quanto na tradução para o alemão, sobre esse movimento. Esses documentos abrangem treze teses; uma Confissão de Fé da Igreja Nacional Judaica do Novo Testamento; uma Explicação da Fé no Messias, Jesus de Nazaré, no sentido dessa congregação; uma Hagadá para os israelitas que crêem no Messias, Jesus de Nazaré; e, finalmente, uma Ordem da Ceia do Senhor. Como apêndices, foram incluídas uma declaração do professor Friedmann aos judeus que crêem em Cristo e uma declaração adotada por uma conferência desses últimos, realizada em Kischinev. O pequeno panfleto contém todo o material necessário para o estudo do novo movimento.

Essas teses, que devem ser consideradas como a base da nova fé, começam com um relato da situação deplorável dos judeus na Rússia, afirmam que todos os esforços de melhoria por parte dos próprios judeus se revelaram inúteis e prosseguem dizendo:

[C283]

"Há necessidade de uma renovação moral profunda e interior, de uma regeneração espiritual. Devemos abandonar nosso falso deus — o amor ao dinheiro — e, em seu lugar, estabelecer em nossos corações um lar para o amor à verdade e para o temor do mal." Para isso, porém, é necessário um líder. Quem será ele? Em Israel, não se encontra ninguém. "O homem que possui todas as qualidades de um líder — amor por Israel, disposição para sacrificar a vida, pureza, profundo conhecimento da natureza humana, seriedade na denúncia dos pecados e males de seu povo —, após uma pesquisa cuidadosa em todos os livros da história de nosso povo, encontramos apenas em um homem: Jesus de Nazaré." Os sábios israelitas de sua época não conseguiram compreendê-lo; "mas podemos afirmar com certeza que ele, Jesus, somente ele buscou o bem-estar de seus irmãos. Portanto, devemos santificar o nome de nosso irmão Jesus." "Devemos receber os livros do evangelho em nossas casas como uma bênção e uni-los a todas as Sagradas Escrituras que nos foram transmitidas por nossos sábios."

Um dos mais notáveis de uma série de artigos de fé que eles redigiram é o seguinte:

"De acordo com o decreto da sabedoria insondável de Deus, nossos pais foram tomados por dureza de coração, e o Senhor os castigou com o espírito de sono profundo, de modo que se opuseram a Jesus Cristo e pecaram contra ele até os dias de hoje. Mas, por sua incredulidade, eles levaram outras nações a um maior zelo e, assim, contribuíram para a propiciação da humanidade, que creu em Jesus Cristo, o filho de Davi, nosso rei, ao ouvir as boas novas por meio dos mensageiros que prometiam a paz (***Is 52,7***), os quais haviam sido vergonhosamente expulsos da comunhão com Israel. No entanto, em consequência desse nosso pecado contra o Cristo de Deus, o mundo enriqueceu por meio de sua fé em Cristo, e as nações, em sua plenitude, entraram no Reino de Deus. [Aqui não está claro. É o *número completo* do "pequeno rebanho" *proveniente* das nações, e não as nações em sua totalidade falsamente chamadas de "cristandade", a que Paulo se refere em *Romanos11,25*.] Agora, também, chegou o tempo da nossa plenitude, e nós, a semente de Abraão, seremos abençoados por nossa fé no Senhor Jesus Cristo; e o Deus de nossos antepassados, Abraão, Isaque e Jacó, terá misericórdia de nós e replantará os ramos que foram

foram arrancados, em nossa própria Raiz Sagrada — Jesus. E assim todo o Israel compartilhará da salvação eterna, e Jerusalém, nossa Cidade Sagrada, será reconstruída, e o trono de Davi será estabelecido para todo o sempre."

Segue-se um trecho de uma carta do Sr. Rabinowitch, datada de 2 de janeiro de 1885, dirigida a um senhor em Londres:

"Recebi sua valiosa carta, etc. Meu coração se alegrou ao lê-la e perceber quão grande e forte é o amor do seu coração para com os irmãos do Senhor Jesus, o Messias segundo a carne, e quão preciosa é a salvação da nação israelita aos seus olhos.

"Prostramo-nos diante de Jeová, o Deus de nosso Senhor Jesus; e do fundo do meu coração jorram as palavras do doce cantor de Israel (*Salmo 35*): 'Que se envergonhem e sejam confundidos juntos aqueles que se alegram com o meu mal. Que gritem de alegria e se alegrem aqueles que favorecem minha causa justa; sim, que digam continuamente: 'Que seja engrandecido o Senhor, que se agrada da prosperidade de seu servo'. Amém.

"Com isto, envio-lhes minhas opiniões e declarações a respeito daqueles filhos de Israel no sul da Rússia que acreditam em Jesus como o Messias. Por meio deles, vocês aprenderão a conhecer a origem de nossa fé em Jesus (nosso irmão segundo a carne), o Messias. Ele é o desejo e anseio mais íntimos de nossos corações. Nossos amigos e irmãos ingleses em Jesus, nosso Salvador, possam se convencer, por meio do panfleto acima, de que, depois que o Senhor revelou seu braço santo aos olhos de todas as nações, e todos os confins da terra viram a salvação do nosso Deus, chegou agora o tempo em que todas as pessoas impuras se afastarão do meio de Israel, e os portadores dos vasos do Senhor serão purificados.

"É verdade que a salvação do Senhor não pode sair e entrar no mundo com pressa **(*Josué 6:1*),** nem pode caminhar com rapidez; mas agora que Jeová, a Vanguarda e Rei do Universo, passou adiante do povo de Israel, o Deus de Israel virá também como Retaguarda, como Aquele que reúne os marginalizados de Israel. Dedico meu tempo e meu nome ao bem-estar da minha nação teimosa e infeliz, para testemunhar a ela com franqueza, na força de Deus, o

o evangelho da promessa, que nossos pais receberam; a saber, que Deus ressuscitou Jesus de Nazaré, da descendência de Davi, como Salvador de Israel.

"Por meio da profundidade das riquezas e da sabedoria de Deus, o Altíssimo, nossos pais, que eram os herdeiros da promessa, se rebelaram contra Jesus, para que a graça fosse concedida às nações pagãs, não por meio de qualquer promessa, mas por meio da graça no evangelho do Messias. Agora, após a entrada da plenitude dos gentios, chegou o tempo para nós, os filhos de Israel, voltarmos ao Deus de Israel e ao seu Rei, e sermos seus filhos amados. Devemos aceitar nossa herança de Jacó, que é ilimitada; pois somos os herdeiros legítimos, filhos de Abraão, discípulos de Moisés, servos da casa de Davi na eternidade. Assim, nossa plenitude (ou seja, a vinda de muitos israelitas a Cristo) será nossa riqueza e a riqueza das nações, de acordo com as palavras de Jeová por meio de São Paulo, o primogênito de Israel e, ao mesmo tempo, o primeiro entre os pagãos que retornam.

"Entre meus irmãos e em grandes reuniões, exorto com veemência: 'Sacuda a poeira de si; levante-se, vista suas belas vestes, meu povo; por meio do filho de Jessé, Jesus de Nazaré, o Senhor fez grandes coisas por você, ó Israel, para que também possa realizar grandes coisas entre as nações da terra, que foram abençoadas em nossos pais'.

"Agradeço imensamente a Deus por ver milhares que escutam com alegria. Muitos e dignos filhos de Israel estão esperando e ansiando pela hora, a hora da graça do nosso Deus. Imploro a vocês, em nome de nossos irmãos na Rússia que buscam a salvação, que os amigos de nosso Senhor Jesus Cristo, onde quer que estejam, não fiquem em silêncio, mas que deem conselhos e falem com ousadia, até que Emanuel esteja conosco também, até que Jeová nos mostre a ele e a sua morada.

"Estas são palavras humildes escritas de longe."

Joseph Rabinowitch Além desse notável despertar, um movimento semelhante vem progredindo na Sibéria, do qual nós Temos o seguinte relato do **Presbyterian Witness**: "Chegam notícias da Sibéria, coberta de gelo, sobre um movimento do evangelho essencialmente idêntico ao do Sr. Rabinowitch.

[C286]

O líder é Jacob Scheinmann, um judeu polonês que, há vinte anos, por meio de reflexão independente, chegou à conclusão de que Jesus de Nazaré, o Filho de Davi, era o verdadeiro Salvador. Os judeus talmúdicos rigorosos fizeram com que ele fosse deportado para a Sibéria, onde, por quinze anos, trabalhou, quase sem ser notado, para despertar a fé em seus companheiros de exílio. Entre a correspondência indesejada encontrada em Tomsk, onde ele se dedicava aos negócios, havia um panfleto de Rabinowitch, com quem ele imediatamente entrou em contato. Ele tem se dedicado a divulgar suas ideias por meio de panfletos intitulados "A Voz de Alguém que Clama no Deserto". A tradução hebraica do Novo Testamento feita por Delitzsch está sendo lida e estudada com entusiasmo pelos judeus siberianos. Diz-se que já foram utilizadas nada menos que 36.000 cópias."

Assim, vemos indícios notáveis do favor de Deus voltando a Israel: ao expulsá-los de outros países por meio de grandes perseguições, ao abrir a Palestina para recebê-los, convidando-os para lá por meio de providências especiais a seu favor, na forma de iniciativas benevolentes para seu aperfeiçoamento e assistência, e também neste movimento significativo que é o início do fim da cegueira de Israel. E como é evidente que tudo isso vem de Deus! Nesta obra para a restauração do Israel carnal, assim como na grande obra de colheita para a reunião do Israel espiritual, a participação da igreja nominal, agora rejeitada, é totalmente ignorada. Em ambas essas grandes obras agora em andamento, as diversas organizações da "cristandade" nominal são discretamente deixadas de lado; e, em seu próprio tempo e maneira, e por meio de instrumentos novos, humildes e sem título, como na colheita judaica, Deus está fazendo com que sua grande obra prospere e progrida.

E agora nos perguntamos: O que isso significa? Qual será o resultado dessa obra estranha e maravilhosa, cujos inícios marcantes e avanços rápidos são tão evidentes neste período de colheita? O apóstolo Paulo mostra claramente que a reagrupamento de Israel significa uma restauração, ou uma restituição, para toda a humanidade: "Ora, se a queda deles é a riqueza do mundo, e a diminuição deles as

riqueza dos gentios [como aconteceu quando a graça divina se voltou para eles], quanto mais a sua plenitude." Por meio da rejeição do Israel carnal, os gentios receberam a graça do alto chamado, e os "poucos" que o apreciam e que vencem os obstáculos no caminho para alcançá-lo serão exaltados à condição de co-herdeiros com Cristo. Eles constituirão o corpo de Cristo, o grande Libertador. Essa foi a intenção e será o resultado da rejeição do Israel carnal; mas sua reunião e seu restabelecimento na terra da promessa marcam *mais* um *passo* no grande plano divino: eles declaram que a restauração de todas as coisas, "primeiro aos judeus", mas, em última instância, a "todas as famílias da terra", está prestes a começar. O Grande Jubileu da Terra está prestes a ser introduzido, e ele começa, na ordem de Deus, com o judeu. Visto dessa forma, os irmãos Rabinowitch e Scheinmann e seus colaboradores são instrumentos de Deus na preparação de seu antigo povo para a restauração, assim como é nosso privilégio sermos cooperadores com o Senhor na obra *de colheita* relacionada ao período de colheita da era evangélica e de sua classe espiritual selecionada. Certamente, o retorno *pleno* de Israel à sua própria terra e ao favor divino significará que o grande Libertador, Cabeça e corpo, por meio do qual a restauração será realizada, *foi exaltado* ao poder, que o Reino chegou e que a obra de restauração, da qual o Israel carnal será a primícia, já começou. Portanto, "Se a rejeição deles foi a reconciliação do mundo, o que será a aceitação deles, senão vida dentre os mortos?" — restituição — não apenas para os vivos, mas também para os mortos, de acordo com a promessa; e não apenas para Israel, mas para toda a humanidade, da qual Israel foi um tipo e será a primícia. Os atuais indícios de favor para com Israel são apenas gotas antes de uma chuva torrencial que refrescará, não apenas Israel, mas toda a humanidade. E embora as ondas de conflito ainda venham a bater fortemente contra Israel e, por um tempo, levá-los a uma tribulação e angústia ainda maiores, no

meio de tudo isso Deus estará com eles e, no tempo certo, os ajudará e os exaltará.

Nesse contexto, a seguinte notícia, extraída das agências de notícias, é certamente muito significativa. O desfecho desse movimento será acompanhado com profundo interesse por todos os que caminham na luz da verdade atual e que compreendem, pela Palavra de Deus, que chegou o tempo que Deus anunciou por meio do profeta Isaías, dizendo: "Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus. Falai confortavelmente a Jerusalém e clamai a ela que sua batalha [margem: *seu tempo determinado*] está consumada, pois ela recebeu da mão do Senhor o dobro* por todos os seus pecados." ***Isaías 40:1,2***

O comunicado em questão tem o seguinte teor:

Proposta de um Reino Judaico

Washington, D.C., 5 de março de 1891 "William E. Blackstone, de Chicago, visitou hoje o presidente dos Estados Unidos na companhia do secretário Blaine e apresentou uma comemoração em nome dos judeus russos
judeus.

"Ele explicou que a comemoração era resultado de uma conferência entre cristãos e judeus realizada recentemente em Chicago e chamou atenção especial para o fato de que ela não se opunha à Rússia, mas buscava, de maneira pacífica, dar aos judeus o controle de sua antiga pátria — a Palestina.

"Ele apontou muitas evidências da possibilidade de um grande desenvolvimento daquele país, tanto na agricultura quanto no comércio, sob um governo enérgico, e afirmou que a ferrovia atualmente em construção de Jope a Jerusalém, se estendida até Damasco, Tadmor e ao longo do Eufrates, certamente se tornará uma via de comunicação internacional.

"Ele afirmou que a pobreza do governo turco dá ênfase à indenização proposta, ao financiar uma parte da dívida nacional turca por meio de capitalistas judeus, e que se buscam apenas negociações diplomáticas pacíficas, com o objetivo de que toda a propriedade privada de terras e

*Vol. II, Capítulo VII.

bens sejam cuidadosamente respeitados e protegidos. Para encerrar, ele disse que, por manter relações tão amigáveis com a Rússia e não ter complicações no Oriente, é muito apropriado e promissor que nosso governo inicie esse movimento amigável, a fim de proporcionar a esses milhões de israelitas errantes um lar estável e permanente.

"O presidente ouviu atentamente as observações do Sr. Blackstone e prometeu dar séria consideração ao assunto."

A comemoração O texto da comemoração é o seguinte:

"O que deve ser feito pelos judeus russos? É imprudente e inútil tentar ditar à Rússia como conduzir seus assuntos internos. Os judeus vivem como estrangeiros em seus domínios há séculos, e a Rússia acredita plenamente que eles são um fardo para seus recursos e prejudiciais ao bem-estar de sua população camponesa, e não permitirá que permaneçam. Ela está determinada a que eles partam. Portanto, assim como os sefarditas da Espanha, esses ashkenazitas devem emigrar. Mas para onde irão dois milhões de pessoas tão pobres? A Europa está superlotada e não tem espaço para mais população camponesa. Deveriam eles vir para a América? Isso representaria uma despesa enorme e levaria anos.

"Por que não devolver a Palestina a eles novamente? De acordo com a distribuição das nações feita por Deus, esse é o lar deles — uma posse inalienável da qual foram expulsos à força. Sob seu cultivo, era uma terra notavelmente fértil, sustentando milhões de israelitas, que lavravam diligentemente suas encostas e vales. Eles eram agricultores e produtores, além de uma nação de grande importância comercial — o centro da civilização e da religião. Diz-se, aliás, que as chuvas estão aumentando, e há muitas evidências de que a terra está recuperando sua antiga fertilidade.

"Por que as potências que, sob o Tratado de Berlim, em 1878, entregaram a Bulgária aos búlgaros e a Sérvia aos sérvios, não devolveriam agora a Palestina aos judeus? Essas províncias, assim como a Romênia, Montenegro e a Grécia, foram arrancadas dos turcos e entregues aos seus legítimos proprietários. A Palestina não pertence, por direito, aos judeus?

"Se pudessem ter autonomia no governo, os judeus de todo o mundo se uniriam para transportar e estabelecer seus irmãos sofredores em sua habitação tradicional. Por mais de dezessete séculos, eles esperaram pacientemente por essa oportunidade privilegiada. Eles não se tornaram agricultores em outros lugares porque acreditavam que eram peregrinos nas diversas nações e que ainda deveriam retornar à Palestina para cultivar sua própria terra. Quaisquer direitos adquiridos, por posse, que possam ter cabido à Turquia podem ser facilmente compensados, possivelmente com os judeus assumindo uma parcela equitativa da dívida nacional.

"Acreditamos que este seja o momento apropriado para que todas as nações, e especialmente as nações cristãs da Europa, demonstrem bondade para com Israel. Um milhão de exilados, por meio de seus terríveis sofrimentos, apelam comoventemente à nossa compaixão, justiça e humanidade. Restitui-lhes agora a terra da qual foram tão cruelmente despojados por nossos ancestrais Romanos.

"Para esse fim, solicitamos respeitosamente a Sua Excelência, Benjamin Harrison, presidente dos Estados Unidos, e ao ilustre J.
G. Blaine, Secretário de Estado, que utilizem seus bons ofícios e influência junto aos governos de Suas Majestades Imperiais — Alexandre III, czar da Rússia; Viktória, rainha da Grã-Bretanha e imperatriz da Índia; Guilherme II, imperador da Alemanha; Francisco José, imperador da Áustria-Hungria; Abdul Hamid II, sultão da Turquia; Sua Majestade Real, Maria Cristina, rainha regente da Espanha; junto ao governo da República da França; e junto aos governos da Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suécia, Portugal, Romênia, Sérvia, Bulgária e Grécia — para garantir a realização, em data próxima, de uma conferência internacional com o objetivo de examinar a situação dos israelitas e suas reivindicações sobre a Palestina como sua antiga pátria, e para promover, por todos os outros meios justos e adequados, o alívio de sua situação de sofrimento."

[A comemoração foi assinada por personalidades de destaque de todas as profissões e credos de Chicago, Boston, Nova York, Filadélfia, Baltimore e Washington.]

A Questão Anglo-Israelita

Desde a publicação da primeira edição deste volume, uma

crítica a ele e, especialmente, a este capítulo, foi publicada em uma revista inglesa — *The Banner of Israel* — dedicada à teoria de que os povos anglo-saxões são representantes das "dez tribos perdidas" de Israel. O texto a seguir foi publicado na edição de dezembro de 1891 da nossa revista Zion's Watch Tower. Nós o publicamos aqui, acreditando que será de interesse, pois aborda pontos adicionais, conforme segue:

Ao Editor de The Banner of Israel —

Prezado Senhor: Um artigo recente em sua revista, que analisa o *Studies in the Scriptures*, vol. III, e especialmente sua referência à Questão Anglo-Israelita em relação ao retorno dos judeus à Palestina, chamou minha atenção; e, como parece solicitar uma resposta, apresso-me em respondê-lo brevemente.

O ponto de discussão gira em torno da questão de saber se, após a separação das dez tribos das duas tribos de Israel, nos dias de Roboão, elas voltaram a se unir, seja de fato ou em sentido figurado. Seu correspondente afirma que não houve reunificação e que o nome "Israel", daquela data em diante, pertenceu exclusivamente às dez tribos, e não às duas tribos, Judá e Benjamim, conhecidas como judeus. Esse erro parece ser necessário para sua teoria: de que o povo anglo-saxão é composto por essas dez tribos e que sua prosperidade se deve a esse fato. Defendemos que, a partir do período dos setenta anos de desolação e, especialmente, a partir do retorno do cativeiro babilônico, a nação de Israel tem sido reconhecida por Deus como uma só, incluindo todos os membros de todas as tribos que respeitaram as promessas de Deus e retornaram à Palestina quando Ciro emitiu seu decreto de permissão. Defendemos que todos os que não retornaram não faziam parte da comunidade de Israel, não eram verdadeiros israelitas, mas que, a partir de então, foram considerados gentios. Afirmamos, também, que aqueles "perdidos" que não eram verdadeiros israelitas necessitarão de reconhecimento e bênção sob a Nova Aliança

durante a era milenar que se aproxima, e não durante a era evangélica. Em alguns pontos, parece haver um leve mal-entendido quanto à nossa posição. Não negamos que as dez tribos se separaram das duas tribos, nem que as dez, representando a maioria, mantiveram, como tal, o nome original de todas (Israel), nem que as duas tribos passaram a ser conhecidas como Judá, nem que houve motivo considerável para a separação, nem que isso estava de acordo com o plano de Deus para o castigo delas, nem que as dez tribos foram levadas ao cativeiro cerca de setenta anos antes das duas tribos, nem que Deus possivelmente tenha reservadopossivelmente tenha reservado alguma porção de bênção para os descendentes das dez tribos, assim como para os das duas tribos e para todas as famílias da terra, durante os "tempos da restauração de todas as coisas que Deus anunciou pela boca de todos os santos profetas desde o início do mundo". *Atos 3:19-21*

O que afirmamos é que o Grande Mestre estava certo ao declarar que "a salvação vem dos judeus", e que o grande Apóstolo estava certo ao declarar que a ordem de Deus é: "Glória, honra e paz a todo homem que pratica o bem, primeiro ao judeu e também ao gentio; pois não há acepção de pessoas diante de Deus". (*Romanos 2:10,11*) Nossa compreensão disso é que, após o cativeiro babilônico, o nome "judeu" tornou-se sinônimo de "israelita" e passou a incluir todos os que se apegavam à Lei e esperavam pelo cumprimento das promessas feitas a Abraão — incluindo alguns das dez tribos, bem como prosélitos dos gentios — todos os que eram circuncidados. Além disso, mesmo na época da revolta das dez tribos, nem todos os membros dessas tribos se uniram a ela. Alguns permaneceram fiéis ao Reino de Judá e continuaram a viver entre os judeus. *1º Reis 12:17*

Constatamos e destacamos o fato significativo de que nosso Senhor e os apóstolos se dirigiram às "doze tribos" sob um único nome — "a Casa de Israel" — e isso, também, ao

se dirigindo diretamente ao povo que vivia em Jerusalém, que, como todos admitem, era principalmente da tribo de Judá, mas parcialmente de todas as doze tribos. O fato de o Senhor e os apóstolos terem, assim, se dirigido às doze tribos como uma única nação e aplicado profecias a elas como tal nos parece razão mais do que suficiente para fazermos o mesmo.

Citar os textos das Escrituras relativos às diferentes facetas do assunto exigiria muito espaço; mas quem quer que pegue um exemplar *da Concordância de Young*, vá até a página 528 e observe os vários casos em que a palavra Israel é usada no Novo Testamento, terá o que parece ser uma evidência avassaladora de que a Casa de Israel não era mais considerada por nosso Senhor e pelos apóstolos meramente como as "dez tribos", mas, como está expresso, "todo o Israel". Observe especialmente os seguintes textos: *Mateus 8:10; 10:6; 15:24,31; 27:9,42*; *Marcos*
12:29; 15:32; *Lucas 1:54, 68* e, especialmente, *o versículo 80*; também
2:25, 32, 34; 24:21; observe também com atenção *João 1:31, 49; 3:10;*
12:13; veja também *Atos 2:22,36; 3:12; 4:10,27; 5:21,30,31,35; 13:16,24; 21:28*; *Romanos 9:6,31; 10:19; 11:25,26*; *1 Coríntios 10:18*; *Gálatas 6:16*; *Efésios 2:12*; *Filipenses 3:5*; *Hebreus 8:8*.

"A salvação vem dos judeus", ou seja, dos israelitas que guardam a aliança, no sentido de que (1) nosso Senhor Jesus, o Salvador, veio dessa linhagem; (2) de que um remanescente desses judeus (os apóstolos e a maior parte da Igreja primitiva), chamado de remanescente de Israel (*Romanos 9:27; 11:1, 5, 7*), tornou-se ministro da reconciliação para levar a mensagem aos gentios; e (3) no sentido de que a provisão do Senhor é que, na obra de restauração do futuro, o Israel carnal, recuperado da cegueira, seja usado como um meio por meio do qual as correntes da salvação, emanando do Israel espiritual e glorificado, fluirão para todas as famílias da terra; como está escrito: "De Sião [a Igreja do evangelho, ou o Israel espiritual glorificado] sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalém [o Israel carnal restabelecido]". *Isaías 2:3*

[C294]

Mas, de qualquer forma, as dez tribos ficam de fora dessa e de todas as promessas semelhantes; pois nem Sião nem Jerusalém (nem a típica nem a real) lhes pertenciam. Para terem qualquer participação na aliança feita com Abraão, elas devem ou estar unidas ao Israel espiritual, do qual o Leão da tribo de *Judá* é a cabeça, ou devem associar-se ao *Judá* literal em Jerusalém, a fim de compartilhar sua porção nos tempos vindouros da restauração; pois "o Senhor salvará primeiro as tendas de *Judá*". *Zacarias 12:7*

Os argumentos do seu correspondente parecem estar resumidos nos seguintes trechos, que citamos de seu jornal. Ele diz:

"Quanto ao não retorno de Israel, uma comparação entre *Jeremias 29:1, 4, 10* e *Esdras 1:1* mostra que o edito de Ciro foi o cumprimento de uma profecia que se referia exclusivamente aos judeus; e, a partir de *Ezequiel 4:3-8,* fica evidente que o período de cativeiro de Israel teria que se estender muito além do de Judá. Não há qualquer prova de que as dez tribos estivessem incluídas na oferta de Ciro."

Devemos contestar essas afirmações e pedir aos seus leitores que examinem com mais cuidado os textos citados. *Jeremias (29:1-10)* não aconselha o povo a se estabelecer com satisfação, *sem nunca* esperar retornar a Jerusalém, mas sim que se sintam à vontade na terra da Babilônia, pois não haveria libertação por setenta anos — um período de cativeiro muito mais longo do que qualquer outro que já tivessem vivenciado.

Esdras 1:1 não limita aos membros de Judá e Benjamim o privilégio ou a liberdade de retornar. Pelo contrário, *o versículo 3* declara que Ciro estendeu a oferta a "qualquer um de vocês que seja *de todo o seu* povo"; *o versículo 4* repete o "qualquer um" e torna o convite mundial, assim como era o domínio de Ciro, com as palavras *"em todos os* lugares"; e *o versículo 5* declara que não apenas os chefes de Judá e Benjamim responderam, mas também "os sacerdotes e os levitas, juntamente com

[C295]

todos aqueles cujo espírito Deus havia despertado" — isto é, todos aqueles cujos corações, como o de Simeão, estavam "aguardando a consolação de *Israel*". Entre eles havia *alguns* das dez tribos, embora fossem em menor número. Por exemplo, entre aqueles que, com Simeão, aguardavam no templo a consolação de *Israel*, estava Ana, a profetisa, filha de Fanuel, da *tribo de Aser*. *Lucas 2:36*

Quanto à citação de *Ezequiel (4:3-8)*, não é oferecida nenhuma sugestão sobre quando se cumpriram os quarenta anos sobre Judá, ou os trezentos e noventa anos sobre o restante de Israel. Seu correspondente ignora o fato de que, embora essa aflição seja dividida em duas partes, ela é representada como se abatendo sobre *um único povo*, conforme ilustrado pela única capital, Jerusalém, que foi retratada pelo profeta como parte de seu quadro didático. Alguns supõem que a lição ensinada seja a de que a ira de Deus contra as dez tribos remonta ao tempo da revolta, quando elas se voltaram para a idolatria, cerca de 390 anos antes da desolação de Jerusalém, e que a ira contra as duas tribos remonta a quarenta anos antes da desolação, quando, sob o reinado do rei Manassés, as duas tribos se tornaram idólatras, e que a ira de Deus cessou, ou foi amenizada, pela expiação de seus pecados na desolação total de Jerusalém e da terra. Se isso estiver correto, o favor de Deus retornou, enquanto estavam na Babilônia, a todos os que reverenciavam suas promessas e aguardavam o término dos setenta anos de desolação, para que pudessem retornar à adoração a Deus em sua cidade santa e em seu templo.

Respondemos, então, que não há evidência de que os dispostos e fiéis das dez tribos tenham sido impedidos e não tenham retornado à terra santa após seus setenta anos de desolação. Pelo contrário, as evidências mostram que eles tinham a liberdade de retornar e que alguns deles a exerceram.

Após citar o livro "Estudos das Escrituras", vol. III: "Eles [as dez tribos] abandonaram a aliança israelita e tornaram-se

idólatras, incrédulos e, na prática, gentios", seu correspondente continua:

"Isso está perfeitamente correto: as dez tribos realmente apostataram e foram formalmente separadas da aliança mosaica. (*Jeremias 3:8*) Mas ele ignora a joia que a acompanha — a saber, que elas deveriam se casar novamente em uma aliança nova e melhor. (*Isaías 54:4-8*; *Os. 2:7,19*; *Jeremias 31:31-33*) Os israelitas eram de fato, na prática, gentios, e são considerados gentios até hoje; mas isso está de acordo com a profecia; pois a 'multidão de nações' de Efraim são *goyim,* ou gentios nominais (*Gên. 48:19*); e os filhos de Efraim-Israel, 'que não podem ser medidos nem contados', são a descendência de *Lo-Ammi*, ou gentios nominais. *Oséias 1:9,10*."

Permitam-nos discordar da afirmação acima. O Senhor não se casou novamente, nem jamais se casará novamente com as dez tribos. As citações não provam nada desse tipo. Oseias apresenta algumas imagens severas de um povo perverso. *O capítulo 1:4, 6, 7* parece mencionar as dez tribos separadamente das duas, mas não promete mais misericórdia; ao contrário, promete a remoção total das dez e misericórdia para com Judá. *Os versículos 9 e 10* mostram a rejeição (por um tempo) de todo o Israel (os ramos naturais da oliveira), e o enxerto do Israel espiritual na raiz original ou na promessa — aqueles dentre os gentios que anteriormente não haviam sido reconhecidos pelo Senhor como seu povo, que eram estranhos, forasteiros e exilados em relação à comunidade de Israel, mas que agora foram aproximados e tornados participantes por meio de Cristo. Essa aplicação desta escritura é feita pelo apóstolo Paulo. (*Romanos 9:23-26*) *O versículo 11* declara que "então", no momento de sua rejeição e no momento do reconhecimento do Israel espiritual, Judá e Israel seriam reunidos sob uma única cabeça.

Oseias 2:1-7 inclui uma das provas apresentadas; mas a análise mais cuidadosa desses versículos não revela nenhuma promessa do Senhor de que Ele se casará novamente com eles. A leitura até *o versículo 13* prova o contrário. Em seguida, *os versículos 14-18* mostram a "porta

da esperança" para esse povo rebelde, que o reinado milenar da verdadeira semente espiritual de Abraão (*Gálatas 3:16, 29*) abrirá; pois *o versículo 18* situa a data dessa "porta da esperança", declarando que será após o tempo de angústia, quando não haverá mais guerras.

Os versículos 19 e 20, se de alguma forma aplicáveis à semente carnal, deveriam ser aplicados a *"todo* o Israel" (mencionado por último) — veja *o Capítulo 1:11* — e, nesse caso, não exigiriam cumprimento antes do fim da era evangélica, quando não haverá mais guerras. Mas há boas razões para acreditar que esses *versículos (19 e 20)* se referem à classe espiritual, selecionada durante o período em que o Israel carnal foi rejeitado. Essa visão é apoiada tanto pelo *versículo 23* quanto *pelo Capítulo 1:10*, ambos citados em *Romanos 9:23-26*, e que se coadunam bem com a outra declaração do Apóstolo: "Israel não obteve o que buscava, mas os escolhidos o obtiveram, e os demais foram cegados." *Romanos 11:7*

Quanto a *Isaías 54:1-8*, o apóstolo Paulo lançou sobre esse texto a luz da sabedoria sobrenatural e o aplicou à Sião espiritual, nossa mãe ou aliança, simbolizada por Sara. A descendência carnal de Abraão havia sido excluída da herança da promessa, e a verdadeira descendência, Cristo (tipificado por Isaque e Rebeca), havia sido recebida como a única descendência da promessa. *Gálatas 4:22, 24, 26-31*

Jeremias 31:29-33 é bastante pertinente. Foi escrito numa época em que as dez tribos, chamadas de Israel, estavam separadas das duas, chamadas de Judá; e, portanto, era necessário que o profeta mencionasse ambas, para não ser mal interpretado como se referisse apenas às dez tribos. Mas aqui, no *versículo 31*, ele une as duas; e, depois de uni-las assim como uma só, usa um único nome para todas, nos *versículos 33 e 36*; e isso é confirmado pelos *versículos 38-40*, que descrevem lugares situados na porção das duas tribos, em Jerusalém e nos arredores.

Mas, a seguir, observemos que esta é uma profecia ainda não

cumprida; de modo que as dez tribos, mesmo que pudessem se identificar claramente agora, ainda não têm motivo para se vangloriar. Seria melhor que esperassem até que a Nova Aliança fosse estabelecida com elas e até que a lei dessa Nova Aliança fosse escrita em seus corações. Então, certamente, não mais se vangloriarão da *antiga aliança*, mas da nova.

Durante a era evangélica, a Nova Aliança e sua abençoada gravação no coração e ensino pelo espírito não se destinam às dez tribos, nem às duas. Ela deve primeiro ser *selada* pelo sangue (morte) do mediador — Cabeça e Corpo, proveniente de judeus e gentios. A semente carnal (Ismael) deve esperar até que a semente espiritual (Isaac) tenha herdado *tudo* e, então, receberá sua porção por meio de Isaac. Naqueles dias — quando a semente carnal receber sua porção — os abençoados privilégios milenares, mencionados nos *versículos 29 e 30*, serão realizados.

Amados, tornemos segura a nossa vocação e escolha pela obediência da fé, e não esperemos que as bênçãos *espirituais* cheguem até nós por causa de laços *carnais* — o que a Palavra do Senhor nos mostra claramente que não pode acontecer. Se as raças anglo-saxônicas são os descendentes literais das dez tribos perdidas, certamente é *vantajoso* para elas que o Senhor ignore essa relação e as considere gentios; pois seu favor foi retirado da descendência natural quando o remanescente foi selecionado, e ele se voltou para tirar o povo para o seu nome dentre os gentios, que anteriormente não eram o seu povo; e, como vimos, não há promessa de retorno de seu favor até que a Igreja escolhida tenha sido completada, na Aurora milenar.

Nada em nossa compreensão dos ensinamentos das Escrituras se opõe à ideia de que a Grã-Bretanha, a Alemanha e os Estados Unidos possam abrigar alguns dos descendentes das dez tribos que se separaram das duas tribos nos dias de Roboão. Não se poderia afirmar, entretanto, por parte de quem estiver familiarizado com a mistura radical que prevalece, especialmente nos Estados Unidos, que

[C299]

alguma dessas nações seja de ascendência israelita pura. Tampouco debatemos a questão de se a prosperidade dessas nações, mais do que a de algumas outras nações do mundo, se deve à sua linhagem. Talvez isso seja verdade. O que sustentamos, no entanto, é que, no que diz respeito ao "alto chamado" do Senhor para sua Igreja, tendo sido derrubada a parede divisória, a origem israelita de um indivíduo ou de uma nação não conferiria, nos termos da aliança da Graça, a esse indivíduo ou a essa nação nenhuma vantagem sobre outros indivíduos ou nações de raça diferente. Por causa disso, "todo o Israel", "os ramos naturais", foram cortados, exceto um "remanescente" que aceitou Cristo, o mediador da Nova Aliança; e esse "remanescente" não tinha preeminência sobre os outros por causa da nacionalidade. Deus, por meio dos apóstolos, não pregou nenhum favor a Israel segundo a carne durante o período de seleção do Israel espiritual; mas declarou que, quando o grupo do Israel espiritual estiver completo, seu favor retornará à casa carnal.

Como acreditamos que o Israel espiritual está quase completo, esperamos bênçãos sobre os israelitas segundo a carne e o fim de sua cegueira, antecipando que eles serão os primeiros da classe da restauração a serem abençoados pelo Israel espiritual e, assim, "obterão misericórdia por meio da vossa misericórdia". (*Romanos 11:31*) Depois de terem assim recebido misericórdia por meio da Igreja de Cristo completa e glorificada, eles serão de fato utilizados como instrumentos do Senhor para abençoar todas as famílias da terra, e assim as promessas abraâmicas serão cumpridas para ambas as sementes — tanto a que é segundo a carne quanto a que é segundo o espírito — "Para que a promessa fosse segura para toda a descendência; não apenas para aquela que é da lei, mas também para aquela que é da fé de Abraão." *Romanos 4:16*. Atenciosamente,

O autor de Estudos nas Escrituras.

[C300]

Aqueles que afirmam que “o termo Israel se aplica apenas às dez tribos perdidas” e que “Judá é o único nome propriamente aplicável àqueles que retornaram à Palestina após o cativeiro babilônico” deveriam cessar tais afirmações até que possam responder aos seguintes fatos simples. Nosso Senhor declarou: “Não fui enviado senão às *ovelhas perdidas da Casa de Israel*.” (*Mateus 15:24; 10:6*) Ele não disse uma única palavra sobre a Casa de Judá; e, no entanto, toda a sua pregação foi feita na Palestina para aqueles que, segundo os anglo-israelitas, não eram de forma alguma a Casa de Israel, mas sim a Casa de Judá. Além disso, de acordo com essa mesma teoria, São Pedro cometeu um grande erro quando, falando sob a inspiração plena e direta do espírito santo no Pentecostes, declarou: “Saiba, pois, com certeza *toda a Casa de Israel* que Deus fez Senhor e Cristo esse mesmo Jesus a quem VÓS crucificastes.” (*Atos 2:36*) Os anglo-israelitas nos dizem que não foi a Casa de Israel, mas a Casa de Judá, a culpada pela crucificação de Cristo. Que quem quiser conclua que nosso Senhor e seu apóstolo cometeram um erro e que as ideias anglo-israelitas estão corretas; nós, porém, deixaremos que *Deus* seja fiel — adotaremos a visão que é consistente com a palavra de nosso Senhor e de São Pedro, com todos os ensinamentos do Novo Testamento e com a razão.

As maldições mencionadas por Moisés (*Dt 28,15.46.49.63-67*), que recairiam sobre Israel (as doze tribos) caso fossem infiéis ao Senhor, parecem ter tido um cumprimento muito literal no Israel dos dias de nosso Senhor (principalmente as duas tribos, Judá e Benjamim, mas incluindo também representantes das outras dez tribos que reverenciavam o Senhor), sobre quem nosso Senhor declarou que todas as coisas escritas na Lei e nos Profetas se cumpririam, e sobre quem o apóstolo Paulo afirma que essas previsões se cumpriram até o extremo. Veja *1 Tess. 2:15, 16*.

Mas, se a nação britânica for parte alguma do Israel aqui mencionado, *os versículos 64 e 65* não parecem ter se cumprido.

[C301]

ESTUDO IX

O TEU DEUS REINA!

Um resumo das evidências proféticas que mostram a presença de Emanuel e que Seu Reino está em processo de estabelecimento.

"Quão belos são, sobre os montes, os pés do que traz boas novas, do que anuncia a paz, do que traz boas novas de bem, do que anuncia a salvação; do que diz a Sião: 'Teu Deus reina!'" *Isaías 52:7*

Tendo em vista todas as evidências apresentadas neste e nos volumes anteriores desta obra, não hesitamos em proclamar ao povo leal e fiel do Senhor, sua amada Sião, esta gloriosa notícia: "Teu Deus reina!" A oração tantas vezes repetida pela Igreja foi atendida: o Reino de Deus realmente chegou. Nos dias dos atuais reis da terra, antes que o prazo de seu domínio expire, ele está sendo estabelecido. Os mortos em Cristo já ressuscitaram e foram exaltados com nosso Senhor e Cabeça. E os membros que constituem os "pés" do corpo de Cristo, que ainda permanecem na carne, inspirados pela multidão glorificada que já ascendeu ao monte (reino) de Deus, refletem uma parte dessa glória transcendente, assim como Moisés fez quando desceu do Monte Sinai. Os rostos desses mensageiros resplandecem com aquela alegria celestial que enche seus corações e transborda de seus lábios enquanto comungam entre si e com o Senhor, e saem anunciando a todas as nações (montanhas) as boas novas do reinado de Emanuel que já se iniciou. Quão belos são, sobre as montanhas, os pés daquele (os pés de

[C302]

Cristo) que trazem boas novas de alegria e paz milenares, assegurando a Sião que o reinado de nosso Senhor já começou!

Que verdades maravilhosas são estas! O Reino de Deus em processo de estabelecimento; o Senhor Jesus e os santos ressuscitados já estão aqui e empenhados na grande obra da colheita, com os quais também nós, como membros desse corpo honrado, como os "pés dele", embora ainda na carne, temos permissão para sermos cooperadores, para anunciar as boas novas entre os homens e para informá-los do significado dos eventos maravilhosos e turbulentos que devem preparar o caminho para o glorioso reinado da justiça e introduzi-lo.

Estes são aqueles de quem os profetas predisseram, dizendo: "O Senhor vem com dez mil de seus santos"; "O Senhor, meu Deus, virá, e todos os santos contigo"; "O Filho do Homem virá em sua glória, e todos os anjos santos [os santos, seus mensageiros sagrados] com ele"; "Um rio de fogo [símbolo de julgamentos severos — um tempo de angústia] jorrou e saiu da sua presença; milhares de milhares o serviam [não apenas os santos, mas também inúmeros outros agentes e forças], e dez mil vezes dez mil [toda a humanidade] estavam diante dele: o julgamento foi estabelecido, e os livros foram abertos." *Judas 14*; *Zacarias 14:5*; *Mateus 25:31*; *Daniel 7:10*

Tal é a situação atual: o grande Juiz chegou —não como na primeira vinda, em um corpo de humilhação, para o sacrifício, mas na plenitude de seu poder como espírito, revestido da glória da autoridade divina, como representante de Jeová, para subjugar completa e para sempre o mal e toda injustiça, e para restaurar todos os que quiserem, da raça redimida, à harmonia com Deus, à perfeição do ser e à vida eterna. O plano de Deus agora se manifestou: somos levados a compreendê-lo agora como nunca antes. A abertura dos livros do Apocalipse logo estará concluída. O julgamento do mundo já está começando

[C303]

sobre as instituições da cristandade nominal, e a grande obra assim iniciada de maneira insuspeita para o mundo avançará rumo à grandiosa consumação predita pelo Senhor, pelos apóstolos e pelos profetas, até que todo o mundo seja levado a contemplar o Transpassado como o redentor e libertador enviado por Deus, assim como os santos há muito vêm "olhando para Jesus" como o autor e consumador de sua fé.* O julgamento, que começa com a Igreja, se espalhará rapidamente e incluirá todas as nações vivas; e, no tempo e na ordem devidos, todas as poderosas hordas dos mortos serão trazidas à cena.

Enquanto os membros glorificados do Reino além do véu realizam uma obra para moldar o curso dos eventos atuais e preparar o glorioso reinado, aqueles deste lado do véu também têm uma tarefa importante. É sua missão reunir os escolhidos e selá-los na testa (intelectualmente) com o conhecimento da verdade (*Apocalipse 7:3*); separar o trigo do joio com a foice da verdade presente; e proclamar a Sião esta importante mensagem: "Teu Deus reina!" Essa obra também está avançando rapidamente, e todos os fiéis, os selados, estão, por sua vez, ocupados em selar outros; e em breve a grande obra será consumada — todos os escolhidos reunidos e glorificados.

Abençoada foi a promessa feita aos primeiros membros da Igreja, de que aquele a quem viram partir voltaria de fato; e abençoada tem sido a esperança de seu aparecimento ao longo de toda a era para os fiéis provados e perseguidos, que aguardavam ansiosamente sua vinda até adormecerem com a perspectiva de despertar à sua semelhança; mas ainda mais abençoados são os vossos olhos, ó santos de hoje; pois vossos olhos veem e vossos ouvidos ouvem os sinais da *presença* da tão esperada Esperança de Israel.

*Ver Vol. II, Capítulo V.

[C304]

Enquanto na Sião nominal, como predisse o profeta Isaías, os pecadores que se esqueceram ou deixaram de cumprir sua aliança com o Senhor temem as nuvens escuras que obscurecem o brilho de seu rosto, e o pavor surpreendeu os hipócritas, a verdadeira Sião, com olhos de fé, vê o Rei em sua beleza e contempla a terra que ainda está longe — a terra do trigo e do vinho, a gloriosa herança para a qual este poderoso Rei e grande Libertador veio para conduzir a raça caída — uma terra em que os habitantes não dirão: "Estou doente"; pois o povo que nela habitar será aquele cuja iniquidade foi perdoada. ***Isaías 33:14, 17, 24***

Essa terra gloriosa, esse Paraíso restaurado, agora discernimos claramente além do horizonte de mil anos; e com alegria e cânticos, sob a liderança deste Profeta maior do que Moisés, que está neste exato momento em nosso meio, as hostes triunfantes dos redimidos serão conduzidas pela grande estrada da santidade em direção àquela bela terra de descanso do pecado, da morte e de toda coisa maligna.

"Ó, cantai ao Senhor, vós, os santos dele, e dai graças ao recordar-vos de sua santidade. Pois sua ira [que necessariamente se manifestará na grande tribulação que em breve assolará o mundo] dura apenas um momento. Em sua graça está a vida: o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã." E em breve o mundo castigado e convertido se unirá ao canto de louvor e cantará: "Tu transformaste o meu luto em dança; tiraste de mim o cilício e me cingiste de alegria, para que a minha glória te cante louvores e nunca se cale. Ó Senhor, meu Deus, eu te darei graças para sempre." *Salmo 30:4, 5, 11, 12*

Agora, relembre os passos, bem fundamentados na "palavra segura da profecia", pelos quais chegamos a esse conhecimento que alegra o coração e comove a alma. Para trás ficaram todos os marcos proféticos que apontam para este tempo como o

maravilhoso de toda a história do mundo. Eles nos mostraram que, desde 1873, vivemos no sétimo milênio; que o prazo do domínio das nações, "os tempos das nações", expirará no ano de 1914; e que a vinda daquele a quem cabe assumir o domínio estava prevista para 1874. Eles nos mostraram que, nos dias desses reis gentios, antes que o prazo de seu poder expire, o Deus do céu estabelecerá um Reino, e que o estabelecimento desse Reino está, de fato, em andamento desde o ano de 1878; que era para ocorrer, nessa ocasião, a ressurreição de todos os mortos em Cristo; e que, portanto, desde essa data, não apenas nosso Senhor e Cabeça está invisivelmente presente no mundo, mas todos esses santos mensageiros também estão com ele. E observe, além disso, que essa data da ressurreição dos mortos em Cristo é paralela à data da ressurreição da Cabeça do corpo. A ressurreição de nosso Senhor ocorreu três anos e meio após seu advento como o Messias, no ano 29 d.C.; e a ressurreição de seu corpo, a Igreja, como vimos, estava prevista para o ano de 1878, três anos e meio após seu segundo advento, em outubro de 1874.

A profecia também indicou a maneira do retorno de nosso Senhor, de modo que, embora Ele esteja presente, não devemos esperar ver nem a Ele nem os santos ressuscitados, que agora estão à sua semelhança, a não ser pelo olho da fé — fé na "palavra segura da profecia"; embora tenhamos aprendido que aqueles que agora constituem "os pés de Cristo" também serão em breve transformados à mesma semelhança gloriosa. Eles serão então seres espirituais, como ele, Cristo, e como todos os santos ressuscitados que agora estão com ele, e, no tempo devido, o verão *como ele é*. (*1º João 3:2*) Também vimos que a vinda do Elias anunciado e do Homem do Pecado predito, que deveriam preceder o seu advento, são fatos consumados.

Observamos, também, as datas fixas para as quais o profeta Daniel chama a atenção. Os 2.300 dias apontam para 1846 como o momento em que o santuário de Deus seria purificado

dos erros e princípios contaminadores do papado; e observamos a purificação ali realizada. Observamos o cumprimento dos 1.260 dias, ou o tempo, tempos e metade de um tempo, do poder do papado para perseguir, e o início, ali, em 1799, do tempo do fim. Vimos como os 1.290 dias marcaram o início da compreensão dos mistérios da profecia no ano de 1829, culminando no grande movimento de 1844 conhecido como o movimento da Segunda Vinda, quando, de acordo com a previsão do Senhor, as virgens prudentes saíram ao encontro do Noivo, trinta anos antes de sua vinda efetiva. Vimos o cumprimento da demora predita; e, por quinze anos, o clamor da meia-noite: "Eis o Noivo!" tem ressoado. Marcamos com especial alegria os 1.335 dias, que apontam para 1874 como a data exata do retorno de nosso Senhor; e, desde então, temos experimentado a própria bem-aventurança prometida — por meio do desdobramento mais claro dos maravilhosos mistérios do plano divino.

Então, vimos a grande obra da colheita, no tempo e na ordem determinados, começando no outono do ano de 1874, progredindo gradual e silenciosamente, mas rapidamente. Observamos o empacotamento e o amarração do joio, bem como a colheita do trigo. E que bênção e alegria nos traz a certeza de que, desde o verão de 1878, quando o Rei assumiu seu grande poder e iniciou seu reinado com a ressurreição daqueles que dormiam em Jesus, não é mais necessário que seus membros "durmam" e aguardem a glória, mas que, para cada um, o momento de concluir sua jornada na morte é o momento da alegre "transformação" para a plena perfeição da natureza divina e da sua semelhança. De fato, "bem-aventurados os mortos que, doravante, morrem no Senhor" para sempre. Eles descansam de seus *trabalhos*, mas suas obras continuam; pois a obra do outro lado do véu é a mesma obra na qual todos os vencedores estão engajados deste lado do véu; exceto que

[C307]

Para aqueles que entraram na glória da natureza divina, a obra não é mais árdua e não exige mais sacrifícios exaustivos.

Além de tudo isso, vemos os primeiros sinais do retorno do favor divino ao Israel carnal, já manifestados no início de um afastamento de sua cegueira e preconceito contra Cristo Jesus, na abertura da terra prometida e em sua expulsão de outras terras, e também na fertilidade renovada da própria Palestina. Esses sinais externos, por si só, independentemente de todas as datas e tempos proféticos, seriam fortes evidências de que estamos vivendo no fim da era designada para a seleção da Igreja ou da classe do Reino, devido à garantia positiva das Escrituras de que sua cegueira e condição de rejeição continuariam apenas até que os membros do corpo de Cristo tivessem sido selecionados.

Encontrando-nos assim, como estamos, nesta fase avançada do tempo do fim, e bem no meio da colheita da era, e aguardando ansiosamente a resolução de todas as questões complicadas destes tempos agitados no breve espaço dos próximos vinte e três anos, quão solenes e intensos são os sentimentos daqueles que têm fé na palavra segura da profecia. As questões trascendentais e desconcertantes que culminarão na grande tribulação, sobre a qual Daniel nos adverte, estão agora agitando a opinião pública e se aproximando rapidamente da terrível crise. Mas essa grande crise do "dia da vingança" e da "ira" sobre as nações devemos deixar para ser considerada no volume seguinte, pois o assunto é muito vasto e importante para o espaço de que dispomos agora. Mas regozijemo-nos com o fato de que, além da tribulação e até mesmo além da disciplina benéfica do reinado de Cristo, avistamos a gloriosa terra de descanso, a herança abençoada e eterna de uma raça redimida e restaurada.

[C308]

Estes são, de fato, tempos maravilhosos; contudo, poucos dão ouvidos à palavra segura da profecia; e, consequentemente, o futuro é visto pela maioria dos homens apenas do ponto de vista das indicações atuais. Os homens veem as nuvens que se acumulam rapidamente, mas nada podem saber sobre seu lado positivo, a não ser pela Palavra de Deus.

Sim, querido Redentor e Senhor, reconhecemos tua amada presença e nos regozijamos com as evidências do estabelecimento do teu gracioso Reino em nossos dias. Nossos corações transbordam de gratidão ao vermos os raios convergentes do testemunho divino — da Lei, dos profetas, dos apóstolos e das tuas próprias palavras até então obscuras, e até mesmo dos mistérios há muito ocultos da maravilhosa "Testemunha" do Egito— agora reunidos em um foco glorioso, mostrando aos teus seguidores crentes que o dia glorioso está prestes a amanhecer, embora nuvens e trevas densas ainda ocultem a tua glória de todos os olhos, exceto dos olhos da fé dos teus noivos. Nessa luz radiante e central, joia após joia da tua preciosa verdade agora brilha com um esplendor até então desconhecido, e a tua presença majestosa se reflete em todas elas.

"Alegrai-vos no Senhor, ó justos, e dai graças ao lembrar-vos da sua santidade." "Ó, bati palmas, todos os povos; clamai ao vosso Deus com voz de triunfo; pois o Senhor Altíssimo é um grande Rei sobre toda a terra."

[C309]

O
TESTEMUNHO CORROBORATIVO
DA

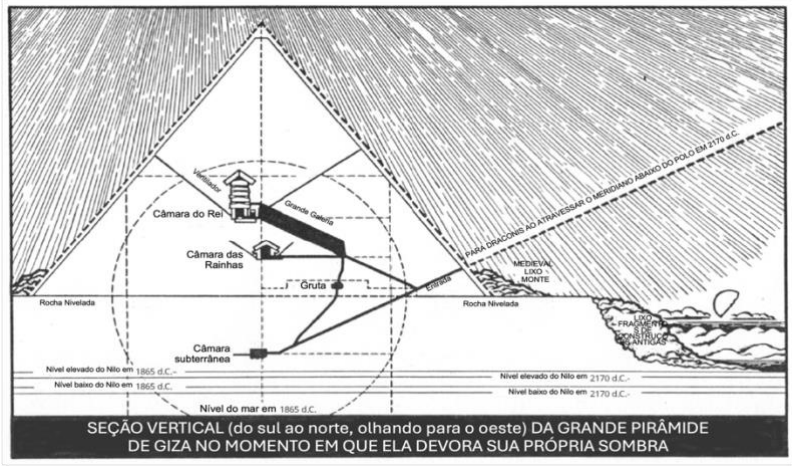
A TESTEMUNHA DE PEDRA DE DEUS

E

PROFETA

A GRANDE PIRÂMIDE NO EGITO

[C310]



SEÇÃO VERTICAL (do sul ao norte, olhando para o oeste) DA GRANDE PIRÂMIDE DE GIZA NO MOMENTO EM QUE ELA DEVORA SUA PRÓPRIA SOMBRA

PREFÁCIO AO ESTUDO X

UM COMENTÁRIO BONDOSO SOBRE ESTE CAPÍTULO, AINDA EM MANUSCRITO, DA PENA DO ESTIMADO PROF. C. PIAZZI SMYTH, F.R.S.E., F.R.A.S., EX-ASTRÔNOMO REAL DA ESCÓCIA

O irmão William M. Wright, ao saber que este capítulo sobre a Grande Pirâmide havia sido escrito, solicitou que lhe fosse permitido lê-lo antes de ser enviado para impressão, já que possuía um conhecimento considerável sobre a Pirâmide. Atendemos de bom grado a esse pedido, assegurando-lhe nosso desejo de receber todas as críticas possíveis. Após ler o manuscrito, o irmão Wright concluiu que, uma vez que buscávamos críticas, quanto mais renomado fosse o crítico, melhor. Assim, ele fez uma cópia datilografada do manuscrito e, com permissão, enviou-a pelo correio ao Prof. C. Pi-azzi Smyth, a quem geralmente se atribui um conhecimento maior sobre a construção e as medidas da Grande Pirâmide do que a qualquer outra pessoa no mundo, solicitando que ele examinasse o manuscrito cuidadosamente e anotasse nele qualquer crítica que pudesse oferecer em prol da verdade. A resposta do professor àquela carta, juntamente com a cópia do manuscrito que lhe foi enviada, na qual constavam seus marcos críticos, foi encaminhada ao autor assim que recebida. Agradecemos ao irmão Wright e ao Prof. Smyth por sua gentileza e seguimos as correções indicadas; as quais, no entanto, somando apenas três no total, tivemos o prazer de constatar que não eram de especial importância. Apenas uma das críticas dizia respeito às medidas e indicava uma variação de apenas uma polegada, que corrigimos de bom grado.

[C312]

Considerando que isso possa ser de interesse para nossos leitores, **apresentamos a seguir**

Carta do Prof. C. Piazzi Smyth

Clova, Ripon, Inglaterra, 21 de dezembro de 1890

Sr. Wm. M. Wright,

Prezado Senhor: Levei um pouco mais de tempo do que gostaria para examinar o manuscrito de seu amigo, C. T. Russell, de Allegheny, Pensilvânia, mas agora concluí uma análise bastante cuidadosa, palavra por palavra. E isso era o mínimo que eu poderia fazer, já que o senhor teve a gentileza de se dar ao trabalho de enviá-lo com tanto cuidado, entre duas capas, por encomenda registrada, com todas as páginas alisadas e digitadas à máquina, em vez de escritas à mão.

A princípio, só consegui identificar traços da referida máquina de escrever, mas, à medida que avançava pelas páginas, as qualidades, as particularidades e as originalidades do autor se revelaram magnificamente; e não foram poucas as passagens das quais eu teria ficado feliz em fazer uma cópia para citar, com o nome do autor, na próxima edição possível do meu próprio livro *Pyramid*. Mas, é claro, não fiz nada disso e esperarei com perfeita paciência e com o espírito mais agradecido pelo momento em que o autor de *Estudos das Escrituras* escolher o momento certo para publicar. Assim, limito-me a observar aqui que ele é tanto perspicaz quanto inovador em muito do que diz sobre a cronologia de várias partes da Pirâmide, especialmente a Primeira Passagem Ascendente e seu tampão de granito; sobre a Grande Galeria, como ilustração da vida do Senhor; sobre os paralelismos entre a Câmara do Rei e seu granito, em comparação com o Tabernáculo e seu ouro; e, de modo geral, sobre as confirmações ou estreitas correspondências entre as Escrituras e a Grande Pirâmide, bem comentadas. Enquanto isso, parece que estou em dívida com você pelo seu gentil presente, de há muito tempo, dos dois primeiros volumes de "Estudos das Escrituras". Na época, não passei da primeira metade do primeiro volume, achando o assunto, como pensei, não tão novo quanto esperava. Mas depois de ter me beneficiado, como espero, tanto com uma leitura minuciosa deste capítulo avançado sobre a pirâmide do terceiro volume, devo retomar os dois primeiros volumes novamente,
do zero.

O pacote será devolvido em sua embalagem original, por correio registrado. Fico, com muitos agradecimentos,

Atenciosamente,
C. Piazzi Smyth

[C313]

ESTUDO X

O TESTEMUNHO DA TESTEMUNHA DE PEDRA E DO PROFETA DE DEUS, A GRANDE PIRÂMIDE NO EGITO

Descrição geral da Grande Pirâmide — Por que é de especial interesse para os cristãos — A Grande Pirâmide como um repositório da verdade — Científica, histórica e profética — Alusões bíblicas a ela — Por que, quando e por quem foi construída — Importância de sua localização — Suas lições científicas — Seu testemunho a respeito do plano de redenção — O plano das eras — A morte e a ressurreição de Cristo indicadas — O curso descendente do mundo, terminando em um grande tempo de tribulação — A natureza da tribulação — O grande movimento de reforma assinalado — A duração da Era Judaica indicada — O "alto chamado" da Igreja do Evangelho revelado — O curso da consagração da Igreja — O fim do alto chamado assinalado — Data da Segunda Vinda de Cristo — Como as bênçãos da restauração para o mundo são indicadas — O curso do mundo durante a Era Milenar—Seu Fim—Contraste entre as Duas Condições, Humana e Espiritual, conforme Indicado na Pirâmide—A Pirâmide Refuta o Ateísmo, a Infidelidade e todas as Teorias da Evolução, e Confirma tanto o Plano da Bíblia quanto Seus Tempos e Épocas Designados.

"Naquele dia haverá um altar ao Senhor no meio da terra do Egito e uma coluna na fronteira dela para o Senhor. E isso servirá de sinal e de testemunho para o Senhor dos Exércitos na terra do Egito." *Isaías 19:19,20*

Os antigos enumeravam sete maravilhas do mundo e, no topo da lista, colocavam a Grande Pirâmide de Gizé. Ela está situada no Egito, não muito longe da atual cidade do Cairo. Nenhuma outra construção no mundo se equipara a ela em tamanho. Um dos principais especialistas em granito deste país, que fez uma inspeção pessoal da Grande Pirâmide, diz: "Há blocos de pedra na Pirâmide que pesam três ou quatro vezes mais do que um dos obeliscos. Vi uma pedra cujo

peso estimado era de 880 toneladas. Há pedras com trinta pés de comprimento que se encaixam tão perfeitamente que é possível passar um canivete pela superfície sem perceber as juntas entre elas. Elas também não foram assentadas com argamassa. Não existe hoje nenhuma máquina tão perfeita que consiga fazer duas superfícies de trinta pés de comprimento que se encaixem como essas pedras maravilhosas da Grande Pirâmide se encaixam." Ela ocupa uma área de cerca de treze acres. Tem 486 pés de altura e 764 pés de largura na base. Estima-se que a Grande Pirâmide pese seis milhões de toneladas e que, para removê-la, seriam necessárias seis mil máquinas a vapor, cada uma com capacidade para rebocar mil toneladas. Na verdade, a riqueza do Egito não é suficiente para pagar aos trabalhadores que a demolissem. A partir desses fatos, fica evidente que, quem quer que tenha sido seu grande projetista, ele pretendia que fosse um monumento duradouro.

Visto de qualquer ponto de vista que desejarmos, a Grande Pirâmide é certamente a construção mais notável do mundo; mas, à luz de uma investigação que vem sendo conduzida há trinta e dois anos, ela adquire novo interesse para todo cristão avançado no estudo da Palavra de Deus; pois parece ensinar, de maneira notável e em harmonia com todos os profetas, um esboço do plano de Deus, passado, presente e futuro.

É importante lembrar que, além da Grande Pirâmide aqui mencionada, existem outras, algumas de pedra e outras de tijolo; mas todas elas são meras tentativas de copiá-la e são, em todos os aspectos, inferiores — em tamanho, precisão e disposição interna. E também foi demonstrado que, ao contrário da Grande Pirâmide, elas não contêm características simbólicas, mas foram evidentemente projetadas e utilizadas como sepulturas para as famílias reais do Egito.

A Grande Pirâmide, no entanto, revela-se um repositório de verdades importantes — científicas, históricas e proféticas — e seu testemunho está em perfeita concordância com a Bíblia,

expressando as características proeminentes de suas verdades por meio de símbolos belos e adequados. Ela não é, de forma alguma, um acréscimo à revelação escrita: essa revelação é completa e perfeita, e não necessita de acréscimos. Mas é um forte *testemunho corroborativo* do plano de Deus; e poucos estudiosos conseguem examiná-la cuidadosamente, observando a harmonia de seu testemunho com o da Palavra escrita, sem ficarem impressionados com o fato de que sua construção foi planejada e dirigida pela mesma sabedoria divina, e que ela é o pilar de testemunho mencionado pelo profeta na citação acima.

Se foi construída sob a direção de Deus, para ser uma de suas testemunhas para os homens, poderíamos razoavelmente esperar alguma alusão a ela na Palavra escrita de Deus. No entanto, visto que era evidentemente parte do propósito de Deus manter em segredo, até o tempo do fim, aspectos do plano do qual ela dá testemunho, deveríamos esperar que qualquer referência a ela nas Escrituras fosse, como de fato é, de certa forma velada — a ser reconhecida somente quando chegasse o momento de ser compreendida.

Isaías, conforme citado acima, testifica sobre um altar e uma coluna na terra do Egito, que "servirão de *sinal* e de *testemunho* para o Senhor dos Exércitos na terra do Egito". E o contexto mostra que será um testemunho *no dia* em que o grande Salvador e Libertador vier para quebrar as correntes da opressão e libertar os cativos do pecado — coisas sobre as quais nosso Senhor pregou em sua primeira vinda. (*Lucas 4:18*) O alcance dessa profecia, porém, só se torna vagamente visível até que o Egito seja reconhecido como um símbolo ou tipo do mundo da humanidade, cheio de filosofias vãs, que apenas obscurecem seu entendimento, mas ignorantes da verdadeira luz. Assim como Israel simbolizava o mundo que será libertado da escravidão do pecado pelo grande antítipo de Moisés, e cuja oferta pelo pecado foi feita pelo antítipo de Arão, assim o Egito representa o império do pecado, o domínio da morte (*Hebreus 2:14*), que por tanto tempo manteve acorrentados na escravidão muitos que ficarão felizes em

sair para servir ao Senhor sob a liderança de alguém semelhante a Moisés, mas maior do que ele. *Atos 3:22,23*

Em muitas passagens das Escrituras, o caráter simbólico do Egito é indicado; por exemplo, *Oseias 11:1* e *Mateus 2:13-15*. Aqui, além do fato de que nosso Senhor, quando bebê, esteve por um tempo efetivamente na terra do Egito, e Israel também esteve por um tempo efetivamente no Egito, há evidentemente um significado típico também. O Filho de Deus esteve no mundo por um tempo em benefício daqueles que veio redimir e libertar; mas foi chamado para fora dele — do Egito — para a natureza divina. Da mesma forma, aqueles que são chamados para serem seus irmãos e co-herdeiros, os "membros do seu corpo", o verdadeiro Israel de Deus, são chamados para fora do Egito; e o mestre testifica: "Eles não são deste mundo, assim como eu não sou deste mundo". *Isaías **(31:1,3)***, referindo-se à grande tribulação agora iminente, diz: "Ai daqueles que descem ao Egito [ao mundo] em busca de ajuda [de ideias e planos mundanos, e de conselhos sobre como devem agir na crise deste grande dia]; e confiam em cavalos [que ainda se esforçam por seguir os velhos e falsos caprichos doutrinários], e confiam em carruagens [organizações mundanas] porque são muitos; e em cavaleiros [os grandes líderes das falsas doutrinas] porque são muito fortes; mas que não olham para o Santo de Israel, nem buscam o Senhor [pois a segurança e a vitória neste dia de angústia não estarão com a multidão]!...Ora, os egípcios são homens, e não Deus, e seus cavalos são carne, e não o espírito. Quando o Senhor estender a sua mão [seu poder — o poder da verdade e de outros agentes — como fará em breve], tanto aquele que ajuda cairá, quanto aquele que é ajudado [pelos poderes do Egito — as ideias do mundo] cairá, e todos fracassarão juntos."

Será depois que todos os planos e esquemas humanos tiverem falhado, e quando os homens tiverem aprendido sobre sua própria pecaminosidade e impotência, que começarão a clamar ao

[C317]

Senhor por socorro. Então, Jeová se revelará um grande Salvador; e Ele já preparou a Grande Pirâmide como parte de Seu instrumento para convencer o mundo de Sua sabedoria, presciência e graça. “Isso servirá de sinal e de testemunho para o Senhor dos Exércitos [um testemunho de sua presciência e de seu gracioso plano de salvação, como veremos em breve] na terra do Egito; pois eles [os egípcios — o pobre mundo, durante o grande tempo de angústia que se aproxima] clamarão ao Senhor por causa dos opressores, e ele lhes enviará um Salvador, e um grande; e ele os libertará. E o Senhor será conhecido no Egito [o mundo], e os egípcios conhecerão o Senhor *naquele dia* [no dia milenar — no fim do tempo de angústia], e prestarão culto com sacrifícios e ofertas; sim, farão votos ao Senhor e os cumprirão. Mas o Senhor ferirá o Egito [o mundo — no grande tempo de angústia que está prestes a chegar]. Ele o ferirá e o curará. E eles voltarão para o Senhor, e ele se deixará suplicar por eles e os curará.” *Isaías 19:19-22*

Embora a evidência adicional e corroborativa fornecida pela Grande Pirâmide à Palavra escrita de Deus seja um novo motivo de regozijo para os santos, é evidente que seu testemunho se destina principalmente ao mundo da humanidade durante a Era Milenar. O testemunho dessa testemunha singular e notável dará à humanidade novos fundamentos para a fé, o amor e o zelo, quando, no tempo devido, seus corações estiverem preparados para a verdade. É notável, também, que (assim como o Plano das Eras na Palavra escrita) essa “Testemunha” de pedra tenha permanecido em silêncio até agora, quando seu testemunho será em breve entregue ao mundo (Egito). Mas os santos, os amigos de Deus, de quem Ele nada esconderá, têm o privilégio de ouvir o testemunho dessa testemunha agora, antes que a mente mundana esteja pronta para apreciar seus testemunhos. Somente quando estiverem prontos para obedecer ao Senhor é que poderão apreciar Suas testemunhas.

[C318]

Jeremias (32:20), ao falar das obras poderosas de Deus, declara que Ele *"estabeleceu sinais* e *maravilhas* na terra do Egito, até o dia de hoje". Deus mostrou sinais e maravilhas no Egito quando tirou Israel em triunfo; mas Ele também *"estabeleceu* sinais e maravilhas" ali, que permanecem "até o dia de hoje [nosso]". A Grande Pirâmide, acreditamos, é o principal desses mesmos sinais e maravilhas; e agora ela começa a falar aos cientistas em sua própria linguagem e, por meio deles, a todos os homens.

As perguntas e afirmações do Senhor a *Jó (38:3-7)*, a respeito da Terra, encontram uma ilustração notável na Grande Pirâmide, que se acredita, em si mesma e por meio de suas medidas, representar a Terra e o plano de Deus em relação a ela. A ilustração utilizada é a de um edifício, e acreditamos que ela se encaixa apenas em uma estrutura em forma de pirâmide. A linguagem, embora se aplique principalmente à Terra, é formulada de modo a se adequar à ilustração dada pela Grande Pirâmide. Primeiro, destaca-se a preparação da fundação, a rocha sobre a qual a Grande Pirâmide foi construída. Em segundo lugar, o arranjo de suas medidas, uma característica muito proeminente na Grande Pirâmide, que é rica em medidas significativas. "Quem estendeu a corda sobre ela?" A perfeição da forma da Grande Pirâmide e sua exatidão em todos os aspectos provam que sua construção foi guiada por algum mestre arquiteto. "Sobre o que foram feitas as bases para afundá-la?" A Grande Pirâmide tem quatro pedras de base nos cantos afundadas na rocha sólida. "Ou quem colocou a pedra angular dela?" Uma pirâmide tem cinco pedras angulares, mas a referência aqui é a uma pedra angular específica — a pedra do topo. As quatro embutidas como pedras de encaixe na rocha já foram mencionadas, e a restante é a pedra angular do topo. Essa é a pedra mais notável da estrutura — ela própria uma pirâmide perfeita, às quais as linhas de toda a estrutura se ajustam. A pergunta, portanto, com referência a ela, é significativa,

e chama a atenção para sua adequação peculiar, bem como para a sabedoria e habilidade que a prepararam e a colocaram como a pedra do topo.

Sendo essa antiga estrutura repetidamente mencionada nas Escrituras, não podemos duvidar de que, se questionada, essa "Testemunha" do Senhor na terra do Egito prestará um testemunho que honrará Jeová e corresponderá plenamente à sua Palavra escrita. Apresentamos, portanto, essa "Testemunha" porque a inspiração de seu testemunho será, sem dúvida, tão contestada quanto a das Escrituras pelo príncipe das trevas, o deus deste mundo, e por aqueles a quem ele cega para a verdade.

Por que, quando e por quem a Grande Pirâmide foi construída?

Essa questão tem sido amplamente discutida nos últimos anos, tanto do ponto de vista científico quanto do ponto de vista bíblico. Por milhares de anos, não se encontrou uma resposta satisfatória para a questão. A antiga teoria de que teria sido construída como um túmulo ou cripta para um rei egípcio não merece crédito; pois, como veremos, seria necessária mais do que a sabedoria dos dias de hoje — sem falar na do Egito de quatro mil anos atrás — para projetar tal estrutura. Além disso, ela não contém nada que se assemelhe a um caixão, múmia ou inscrição. Foi somente quando chegamos ao tempo chamado na profecia de Daniel de "o tempo do fim" — quando o conhecimento aumentaria e os sábios compreenderiam o plano de Deus (*Daniel 12,4.9.10*) — que os segredos da Grande Pirâmide começaram a ser compreendidos, e nossas perguntas passaram a ter uma resposta razoável.

A primeira obra de importância sobre o assunto, comprovando que a Grande Pirâmide possuía *características científicas*, foi do Sr. João Taylor, da Inglaterra, em 1859 d.C.; desde então, a atenção de muitas mentes brilhantes tem se voltado para o estudo mais aprofundado do testemunho dessa maravilhosa "Testemunha"; especialmente

desde que o Prof. Piazzi Smyth, Astrônomo Real da Escócia, a visitou, dedicou-se por vários meses ao estudo de suas peculiaridades e apresentou ao mundo os fatos notáveis sobre sua construção e medidas, bem como suas conclusões a partir delas. É principalmente à sua obra acadêmica e científica, "Our Inheritance in the Great Pyramid" (Nossa Herança na Grande Pirâmide), que devemos os dados utilizados neste capítulo. Nossas ilustrações são cópias de algumas das vinte e cinco gravuras que ilustram a última edição dessa obra.

Alguns anos após o retorno do Prof. Smyth, surgiu a sugestão de que a Grande Pirâmide é a "Testemunha" de Jeová e que é uma testemunha tão importante da verdade divina quanto da ciência natural. Esse foi um pensamento novo para o Prof. Smyth, assim como para outros. A sugestão partiu de um jovem escocês, Robert Menzies, que, ao estudar os ensinamentos científicos da Grande Pirâmide, descobriu que nela coexistem ensinamentos proféticos e cronológicos.

Logo ficou claro que o objetivo de sua construção era fornecer nela um registro do plano divino de salvação, nada menos do que o registro da sabedoria divina relacionada a verdades astronômicas, cronológicas, geométricas e outras verdades importantes. No entanto, por não terem discernido o alcance e a completude do plano de salvação revelado nas Escrituras, esses senhores, até o momento, não conseguiram perceber as características mais maravilhosas e belas do testemunho da Grande Pirâmide nesse sentido, que agora consideramos ser uma corroboração das mais completas e exaustivas do plano das eras e dos tempos e estações a ele associados, conforme ensinado nas Escrituras e apresentado neste e nos volumes anteriores da série Estudos das Escrituras. Além disso, percebemos que esse repositório de conhecimento, assim como a maior parte do tesouro bíblico, foi mantido propositalmente selado até que seu testemunho fosse necessário e apreciado. Isso implica que seu grande Arquiteto sabia que chegaria um tempo em que seu testemunho

seria necessário? Em outras palavras, que chegaria um tempo em que a Palavra escrita de Deus seria menosprezada, e até mesmo sua própria existência questionada? Quando a filosofia humana, sob o nome de ciência, seria louvada e toda proposição submetida aos seus testes? Deus decidiu provar a si mesmo e sua sabedoria por meio desses mesmos testes? Assim parece. Essa estrutura ainda confundirá a sabedoria dos sábios como uma "Testemunha" do Senhor dos Exércitos — "NAQUELE DIA" — que já começou.

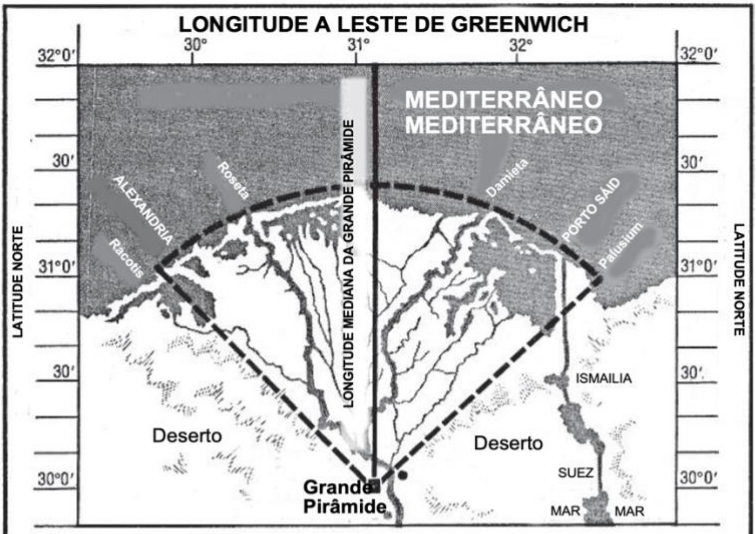
O Prof. Smyth concluiu que a Grande Pirâmide foi construída no ano 2170 a.C., chegando a essa conclusão, em primeiro lugar, a partir de observações astronômicas. Percebendo que os ângulos das passagens ascendentes correspondem a um telescópio e que a "Passagem de Entrada" corresponde ao "apontador" de um astrônomo, ele se propôs a investigar para qual estrela específica ela poderia ter apontado em qualquer momento do passado. Os cálculos mostraram que *a estrela Draconis*, a estrela do dragão, ocupava uma posição no céu que apontava diretamente para a entrada, à meia-noite do equinócio de outono de 2170 a.C. Então, imaginando-se como um astrônomo naquela época, com seu indicador apontado para *a estrela a Draconis*, e considerando as passagens ascendentes como se fossem um telescópio — ao qual se assemelham muito —, ele calculou qual constelação ou qual estrela notável estaria diante de seu telescópio assim posicionado na data específica indicada por seu indicador, e descobriu que deveria ter sido as Plêiades. Uma coincidência tão maravilhosa o convenceu de que a data da construção da Grande Pirâmide estava assim indicada; pois *a constelação de Draconis* é um símbolo do pecado e de Satanás, assim como *as Plêiades* são um símbolo de Deus e do centro do universo. A Grande Pirâmide indica, assim, que seu Arquiteto tinha conhecimento da prevalência do mal e de seu domínio sobre o curso decadente da humanidade, e indica também o que está além de toda a visão humana — que a única esperança para a raça está em Jeová.

[C322]

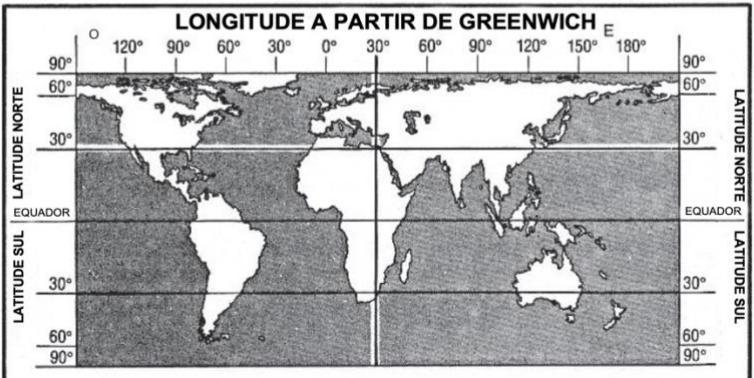
Essa conclusão do Prof. Smyth quanto à data de construção da Grande Pirâmide foi amplamente corroborada, posteriormente, por certas medições pelas quais a própria Grande Pirâmide indica sua data de construção. A compreensão de que a Grande Pirâmide exibe uma sabedoria de projeto que os egípcios não poderiam ter possuído — uma sabedoria divina que deve ter sido elaborada sob a supervisão de algum servo inspirado de Deus — levou à conjectura de que Melquisedeque foi seu construtor. Ele era "rei de Salém [isto é, rei da paz] e sacerdote do Deus Altíssimo" e, como pessoa e figura simbólica, ocupava uma posição tão elevada a ponto de ser aquele que abençoou Abraão, a quem também pagava dízimos. Sobre isso, pouco sabemos, exceto que Melquisedeque foi um rei grande e pacífico e que viveu por volta daquela época, não muito distante do local da Grande Pirâmide.

Supõe-se que Melquisedeque, embora não fosse ele próprio egípcio, tenha utilizado mão de obra egípcia para a construção da Grande Pirâmide. E, em certa medida, as tradições do Egito corroboram tal teoria. Elas revelam o fato de que o Egito sofreu uma invasão peculiar por volta dessa época por um povo que a tradição denomina simplesmente *de hicsos* (ou seja, Reis Pastores ou Reis Pacíficos). Esses invasores parecem não ter tentado perturbar o governo geral do Egito e, após permanecerem por algum tempo com um propósito não reconhecido pela tradição, deixaram o Egito tão pacificamente quanto haviam chegado. Supõe-se que esses *hicsos*, ou Reis Pacíficos, incluíssem Melquisedeque e que tenham sido os construtores da Grande Pirâmide — o altar de Deus e a "Testemunha" na terra do Egito.

Manetho, um sacerdote e escriba egípcio, é citado por Josefo e outros como tendo dito: "Tivemos antigamente um rei cujo nome era Timaus. Em seu tempo, aconteceu — não sei como — que a divindade ficou descontente conosco; e vieram do Oriente, de maneira estranha, homens de



A Grande Pirâmide no centro e, ao mesmo tempo, na fronteira da região em forma de setor ou do Baixo Egito



Baixo Egito, no centro geográfico da superfície terrestre de todo o mundo, na projeção de superfície equidistante

raça ignóbil [não guerreiros], *os hicsos*, que tiveram a ousadia de invadir nosso país e subjugá-lo facilmente com seu poder, sem uma batalha. E quando tiveram nossos governantes em suas mãos, demoliram os templos dos deuses."

Sua Localização Singular

A Grande Pirâmide está situada em uma planície rochosa elevada, com vista para o rio Nilo, não muito longe da cidade do Cairo, no Egito. Um fato notável em relação à sua localização é que o delta do Nilo forma uma costa cuja forma é um verdadeiro quarto de círculo, com a Grande Pirâmide marcando o ângulo interno.

Essa relação da Grande Pirâmide com a costa foi descoberta pelo Sr. Henry Mitchell, hidrógrafo-chefe do Serviço Hidrográfico dos Estados Unidos, que visitou o Egito em 1868 para relatar o andamento das obras do Canal de Suez. Sua observação da regularidade da curvatura ao longo de toda a costa norte do Egito levou-o a concluir que havia algum ponto central de origem física indicado. Ao procurar por esse grande centro, ele o encontrou marcado pela Grande Pirâmide, o que o levou a exclamar: "Esse monumento ocupa uma posição física mais importante do que qualquer outra construção erguida pelo homem."

Uma linha traçada a partir da passagem de entrada em direção ao norte passaria pelo ponto mais ao norte da costa do Egito; e linhas traçadas na continuação das diagonais nordeste e noroeste da estrutura circundariam ambos os lados do delta, abrangendo assim a região em forma de leque do Baixo Egito. (Veja a ilustração, página 323.) Construída na borda mais ao norte do penhasco de Gizé e com vista para esse setor — ou para a terra aberta em forma de leque do Baixo Egito —, pode-se dizer com toda a certeza que ela se encontra na própria fronteira dessa região, bem como em seu centro nominal, conforme descrito pelo profeta Isaías. "Naquele dia haverá um altar ao Senhor *no meio* da terra

do Egito, e uma coluna [pirâmide] *na fronteira* dela, para o Senhor. E servirá de sinal e de testemunho para o Senhor dos Exércitos na terra do Egito." Outro fato digno de nota é que a Grande Pirâmide está localizada no centro geográfico da superfície terrestre do mundo — incluindo a América do Norte e do Sul, desconhecidas por séculos após a localização e construção da Grande Pirâmide.

Suas lições científicas

A Grande Pirâmide nos fala, não por meio de hieróglifos, nem de desenhos, mas apenas por sua localização, sua construção e suas medidas. As únicas marcas ou figuras originais encontradas estavam nas "Câmaras de Construção", acima da "Câmara do Rei"; não há absolutamente nenhuma nas passagens e salas da própria Pirâmide. Omitimos as lições científicas da Grande Pirâmide por uma questão de economia de espaço, pois nem um em cada cem leitores comuns compreenderia os termos científicos a ponto de apreciar as demonstrações e, especialmente, porque elas não fariam parte do evangelho que é nossa missão apresentar. Basta, portanto, que nos limitemos *a sugerir* a maneira como ela ensina ao cientista. Por exemplo: a medida da base dos quatro lados, no nível dos "encaixes", somada, equivale a tantos côvados piramidais quantos são os dias em quatro anos, com a fração correspondente — incluindo a fração do ano bissexto. As medidas diagonais da base, do nordeste ao sudoeste e do noroeste ao sudeste, somadas, resultam em tantas polegadas quantos são os anos do ciclo de precessão. Os astrônomos já haviam concluído que esse ciclo é de 25.827 anos, e a Grande Pirâmide corrobora essa conclusão. Alega-se que a distância até o Sol, indicada pela altura e pelo ângulo da Grande Pirâmide, seja de 91.840.270 milhas, o que corresponde quase exatamente aos números mais recentes obtidos pelos astrônomos. Até recentemente, os astrônomos haviam calculado essa distância entre noventa e noventa e seis milhões de milhas,

sendo que seu cálculo e conclusão mais recentes apontam para noventa e dois milhões. A Grande Pirâmide também possui sua própria maneira de indicar o padrão mais correto de todos os pesos e medidas, com base no tamanho e no peso da Terra, que também se afirma que ela indique.

Comentando sobre o testemunho científico e a localização dessa majestosa "Testemunha", o Rev. Joseph Seiss, D.D., sugere:

"Há um pensamento ainda mais grandioso incorporado nessa maravilhosa estrutura. De suas cinco pontas, há uma de especial preeminência, na qual todos os seus lados e linhas externas terminam. É o vértice superior, que ergue seu dedo indicador solene em direção ao sol ao meio-dia e, por sua distância da base, indica a distância média entre a Terra e o sol. E se voltarmos à data que a Pirâmide mesma indica e procurarmos para onde aquele dedo apontava à meia-noite, encontraremos uma indicação muito mais sublime. A ciência finalmente descobriu que o sol não é um centro imóvel, com planetas girando em torno dele, enquanto ele próprio permanece estacionário. Está agora comprovado que o sol também está em movimento, levando consigo sua esplêndida comitiva de cometas, planetas, seus satélites e os deles, em torno de algum outro centro vastamente mais poderoso. Os astrônomos ainda não chegaram a um consenso total sobre o que ou onde é esse centro. Alguns, no entanto, acreditam ter identificado sua direção como sendo as Plêiades e, particularmente, Alcyone, a estrela central do renomado aglomerado das Plêiades. Ao ilustre astrônomo alemão, Prof. J. H. Maedler, cabe a honra de ter feito essa descoberta. Alcyone, então, tanto quanto a ciência tem sido capaz de perceber, parece ser "o trono da meia-noite", no qual todo o sistema de gravitação tem sua sede central e a partir do qual o Todo-Poderoso governa seu universo. E eis o maravilhoso fato correspondente: na data da construção da Grande Pirâmide, à meia-noite do equinócio de outono — e, portanto, o verdadeiro início do ano*, conforme ainda preservado nas tradições de muitas nações —, o

*O início do ano judaico, marcado pelo Dia da Expiação, conforme mostrado em "Estudos das Escrituras", vol. II.

[C328]

As Plêiades estavam distribuídas ao longo do meridiano dessa pirâmide, com Alcyone (*A Tauri*) precisamente na linha. Aqui, então, está uma indicação do caráter mais elevado e sublime que a mera ciência humana jamais foi capaz de sequer sugerir, e que parece insufflar um significado insuspeito e poderoso naquela palavra de Deus a Jó, quando ele perguntou: 'Podes tu amarrar as doces influências das Plêiades?'"

Seu testemunho relativo ao plano de redenção

Embora cada aspecto do ensinamento da Grande Pirâmide seja importante e interessante, nosso maior interesse se concentra em seu simbolismo silencioso, mas eloquente, do plano de Deus — o Plano das Eras. Seria impossível, no entanto, compreender o plano de Deus conforme ilustrado por ela, se não tivéssemos primeiro descoberto esse plano na Bíblia. Mas, tendo-o visto retratado ali, é fortalecedor para a fé vê-lo novamente delineado de forma tão bela aqui; e perceber, além disso, que tanto as verdades da Natureza quanto as verdades do Apocalipses são reconhecidas e atestadas pelo mesmo grande Autor nesta maravilhosa "Testemunha" de pedra. Nesse aspecto de seu ensinamento, a Grande Pirâmide, vista de fora, tem um belo significado, representando o plano de Deus consumado, como será no fim da Era Milenar. A característica culminante será Cristo, a Cabeça reconhecida sobre tudo; e cada uma das outras pedras será adequadamente encaixada na gloriosa construção, completa e perfeita. Todo esse processo de cinzelamento, polimento e encaixe estará então concluído, e tudo será unido e cimentado em conjunto, um ao outro e à Cabeça, com amor. Se a Grande Pirâmide, como um todo, representa o plano de Deus completo, sua pedra angular superior deve representar Cristo, a quem Deus exaltou grandemente para ser a Cabeça sobre tudo. E o fato de que ela representa Cristo é indicado, não apenas por sua exata adequação como símbolo de Cristo,* mas também por numerosas referências

*Ver Vol. I, Cap. V; também o Gráfico das Eras, Vol. I, *x, y, z, W*.

a esse símbolo feitas por profetas e apóstolos e pelo próprio Senhor Jesus.

Isaías (28:16) se refere a Cristo como a "pedra angular preciosa". *Zacarias (4:7)* se refere à sua colocação no topo do edifício concluído, com grande regozijo, dizendo: "Ele trará a pedra angular com gritos, clamando: 'Graça, graça a ela'". Sem dúvida, quando a pedra angular da Grande Pirâmide foi colocada, houve grande regozijo entre os construtores e todos os interessados nela, ao verem esse elemento coroador da obra concluída. Jó também (*38:6,7*) fala do regozijo quando a pedra angular principal foi colocada, e ele especifica a pedra angular superior, ou coroadora, ao mencionar primeiro as outras quatro pedras angulares, dizendo: "Sobre que se assentam as pedras de base? Ou quem colocou a pedra angular delas, quando as estrelas da manhã cantavam juntas e todos os filhos de Deus gritavam de alegria?" (Veja a margem.) O profeta Davi, também, refere-se ao nosso Senhor e usa uma figura de linguagem que corresponde exatamente à dessa pedra "Testemunha" do Egito. Ele diz, profeticamente, do ponto de vista do futuro: "A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular. Isso é obra de Jeová. É maravilhoso aos nossos olhos. Este é o dia [o dia milenar da glória de Cristo como Cabeça e Governante do mundo] que Jeová fez; nos alegraremos e nos regozijaremos nele." (*Salmos 118:22-24*) O Israel carnal falhou em aceitar Cristo como sua pedra angular e, por isso, foi rejeitado de ser a casa especial de Deus — o Israel espiritual, ao contrário, foi edificado em Cristo, a Cabeça. E lembramos que nosso Senhor aplicou essa mesma profecia a si mesmo e mostrou que ele era a pedra rejeitada, e que Israel, por meio de seus construtores, os sacerdotes e fariseus, eram os rejeitadores. *Mateus 21:42, 44*; *Atos 4:11*

Como a pedra angular da Grande Pirâmide ilustra tudo isso com perfeição! A pedra angular, por ter sido concluída primeiro, serviria aos operários como padrão ou modelo para toda a

estrutura, cujos ângulos e proporções deveriam estar todos em conformidade com ela. Mas podemos facilmente imaginar que, antes que essa pedra do topo fosse reconhecida como padrão para toda a estrutura, ela seria rejeitada, desprezada pelos construtores, alguns dos quais não conseguiam pensar em nenhum lugar adequado para ela; seus cinco lados, cinco cantos e dezesseis ângulos diferentes a tornavam inadequada para a estrutura até que a própria pedra do topo fosse necessária, e então nenhuma outra pedra serviria. Durante todos os anos em que a obra avançou, essa Pedra Angular Principal seria uma "pedra de tropeço" e uma "rocha de escândalo" para aqueles que não estavam familiarizados com seu uso e lugar; assim como Cristo é, e continuará sendo, para muitos, até que o vejam exaltado como a Pedra Angular Principal do plano de Deus.

A figura da pirâmide representa perfeição e completude, e nos fala simbolicamente do plano de Deus, mostrando que "na dispensação da plenitude dos tempos, ele reunirá [em uma família harmoniosa, embora em diferentes planos de existência], sob uma única Cabeça, todas as coisas nos céus e na terra, sob Cristo" — sendo que tudo o que não for conforme será eliminado. *Efésios 1,10; 2,20-22 — Diaglott*

Como a Construção Interna da Grande Pirâmide Delineia o Plano de Redenção

Mas, embora o testemunho externo dessa grande estrutura seja assim completo e esteja em conformidade com a revelação escrita de Deus, sua construção interna é ainda mais maravilhosa. Enquanto sua forma externa ilustra os resultados consumados do Plano de Redenção de Deus*, a construção interna marca e ilustra cada característica proeminente desse plano, conforme ele se desenvolveu de era em era, até sua gloriosa e completa consumação. Aqui, as pedras nos diversos níveis ou planos representam a perfeição de todos aqueles que, sob Cristo

*Veja o Quadro das Eras no Vol. I.

[C331]

Jesus, nossa Cabeça, se tornarão conformes à vontade perfeita de Deus, como já vimos pelo testemunho das Escrituras. Alguns serão aperfeiçoados no plano humano e outros nos planos ou naturezas espiritual e divina. Assim, o piso da "Câmara do Rei" é descrito como estando na quinquagésima camada de alvenaria, o da "Câmara da Rainha" na vigésima quinta camada, e a extremidade inferior da "Primeira Passagem Ascendente", se prolongada pelo "Tampão", como será mostrado a seguir, chegaria até a linha de base da Pirâmide. Assim, a partir de sua linha de base para cima, a Grande Pirâmide parece erguer-se como um emblema do plano de salvação de Deus — ou da elevação acima do pecado e da morte — previsto para toda a humanidade. A linha de base corresponde, portanto, à data da confirmação da promessa de Deus ao Israel típico — o início do processo de elevação ou salvação.

Recomenda-se um estudo cuidadoso do diagrama anexo, que mostra a disposição interna dessa maravilhosa estrutura. A Grande Pirâmide possui apenas um único "Corredor de Entrada" propriamente dito. Esse corredor é regular, mas baixo e inclinado, e conduz a uma pequena sala ou "Câmara Subterrânea", escavada na rocha. Essa sala apresenta uma construção peculiar: o teto está bem acabado, enquanto as paredes laterais estão apenas esboçadas e o piso é áspero e inacabado. Isso sugeriu a algumas mentes a ideia de um "poço sem fundo", termo usado nas Escrituras para representar desastre, esquecimento e extinção. Essa "passagem de entrada" representa adequadamente o atual curso descendente da humanidade rumo à destruição; enquanto a "câmara subterrânea", por sua construção peculiar, ilustra a grande aflição, o desastre, a destruição — o "salário do pecado" — a que esse curso descendente conduz.

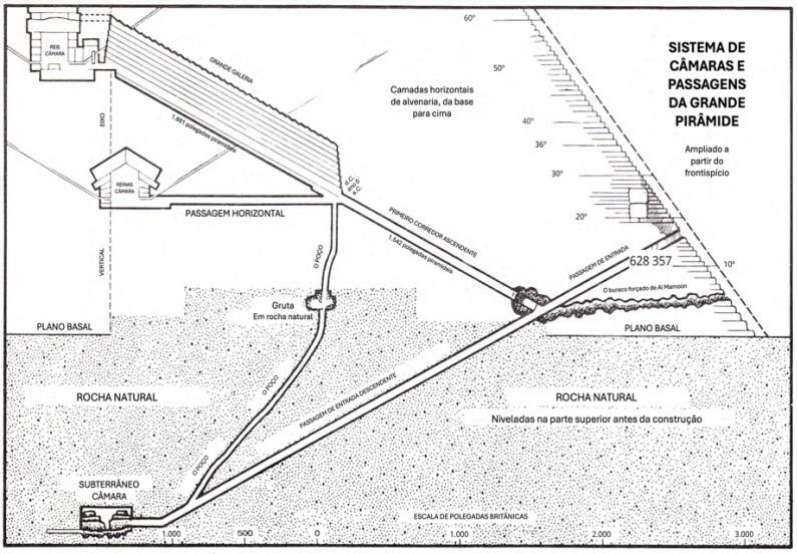
A "Primeira Passagem Ascendente" tem aproximadamente o mesmo tamanho que a "Passagem de Entrada", da qual se ramifica. É pequena, baixa e de difícil subida, mas se abre em sua extremidade superior para um corredor amplo e elegante, chamado de "Grande Galeria",

cujo teto tem *sete vezes* a altura das passagens que levam até ela. Supõe-se que a baixa "Passagem Ascendente" representa a dispensação da Lei e Israel como nação, a partir da saída do Egito. Lá, eles deixaram as nações do mundo e seu caminho descendente para se tornarem a nação santa de Deus e viverem sob Sua lei — propondo-se, a partir de então, a trilhar um caminho ascendente e mais difícil do que o do mundo pagão, ou seja, guardar a Lei. Entende-se que a "Grande Galeria" representa o período do chamado do evangelho — ainda ascendente e difícil, mas sem os obstáculos do período anterior. A altura e a maior largura dessa passagem representam bem as esperanças mais grandiosas e as maiores liberdades da dispensação cristã.

No mesmo nível do piso da "Grande Galeria", em sua extremidade inferior, começa uma "Passagem Horizontal" sob ela, que leva a uma pequena sala comumente chamada de "Câmara da Rainha". Na extremidade superior da "Grande Galeria" há outra passagem baixa, que conduz a uma pequena sala chamada "Antecâmara", de construção muito peculiar, e que para alguns sugeriu a ideia de uma escola — um local para instrução e avaliação.

Mas a sala principal da Grande Pirâmide, tanto em tamanho quanto em importância da localização, fica um pouco mais adiante e é separada da "Antecâmara" por outra passagem baixa. Essa sala é conhecida como a "Câmara do Rei". Acima dela há uma série de pequenos compartimentos chamados de "Câmaras de Construção". O significado dessas câmaras, se é que têm algum, não se refere ao homem, nem a qualquer outra criatura que ande, mas a seres do espírito; pois, como se pode observar no diagrama, embora as paredes laterais e o teto sejam quadrados e acabados, nenhuma delas possui piso. A "Câmara do Rei" contém um "cofre" ou caixa de pedra, a única peça de mobiliário encontrada na Grande Pirâmide. A ventilação na "Câmara do Rei" é proporcionada por duas

[C333]


SISTEMA DE CÂMARAS E PASSAGENS DA GRANDE PIRÂMIDE
Ampliado a partir do frontispício
Camadas horizontais de alvenaria, da base para cima
60°
50°
40°
36°
30°
20°
10°
628 357
GRANDE GALERIA
1.881 polegadas piramidais
REIS CÂMARA
RAINHAS CÂMARA
EIXO
VERTICAL
PASSAGEM HORIZONTAL
PRIMEIRO CORREDOR ASCENDENTE
1.542 polegadas piramidais
POÇO
PASSAGEM DE ENTRADA
O buraco forçado de Al Mamoon
Gruta
Em rocha natural
PLANO BASAL
PLANO BASAL
ROCHA NATURAL
ROCHA NATURAL
Niveladas na parte superior antes da construção
POÇO
PASSAGEM DE ENTRADA DESCENDENTE
POÇO
SUBTERRÂNEO
CÂMARA
ESCALA DE POLEGADAS BRITÂNICAS
1.000
500
0
1.000
2.000
3.000

passagens de ar que perfuram suas paredes em lados opostos e se estendem até a superfície externa — deixadas para esse fim pelos construtores. Alguns especulam que ainda existam outras salas e passagens a serem descobertas no futuro; mas não compartilhamos dessa opinião; para nós, parece que as passagens e salas já descobertas atendem plenamente ao propósito divinamente pretendido de testemunhar todo o plano de Deus.

Do lado oeste da extremidade inferior ou norte da "Grande Galeria", estendendo-se para baixo, há uma passagem irregular chamada de "Poço", que conduz à "Passagem de Entrada" descendente. Seu trajeto passa por uma gruta na rocha natural. A conexão entre essa passagem e a "Grande Galeria" é bastante desordenada. Parece que, originalmente, a passagem para a "Câmara da Rainha" estava oculta, coberta pelas lajes do piso da "Grande Galeria"; e também que uma laje de pedra cobria a boca do "Poço". Mas agora toda a extremidade inferior da "Grande Galeria" está destruída, abrindo a passagem para a "Câmara da Rainha" e deixando o "Poço" aberto. Aqueles que estiveram lá e examinaram o local dizem que parece que uma explosão teria ocorrido na boca do "Poço", abrindo-o por baixo. É nossa opinião, no entanto, que tal explosão nunca ocorreu; mas que as coisas foram deixadas pelos construtores como estão, propositalmente, para indicar o mesmo que seria indicado pela suposta explosão, o que será abordado mais adiante. Na verdade, nenhuma dessas pedras pode ser encontrada atualmente, e teria sido muito difícil removê-las.

Na extremidade superior ou sul da "Grande Galeria", o nível do piso da "Antecâmara" e da "Câmara do Rei" se estende até a "Grande Galeria", formando uma barreira abrupta, ou degrau alto, em sua extremidade superior. Esse degrau se projeta da parede sul por sessenta e uma polegadas. Essa parede da extremidade sul da "Grande Galeria" também apresenta uma peculiaridade: não é vertical, mas se inclina

para o norte — na parte superior, 20 polegadas* — e, bem no topo, há uma abertura ou passagem que se conecta às chamadas "Câmaras de Construção", acima da "Câmara do Rei".

As passagens e os pisos da pirâmide são de calcário, assim como toda a estrutura, exceto na "Câmara do Rei", na "Antecâmara" e na passagem entre elas, onde os pisos e tetos são de granito. A única peça de granito em qualquer outro ponto da estrutura é o "tampão" de granito, que está firmemente encaixado na extremidade inferior da "Primeira Passagem Ascendente". Tal como foi originalmente deixada pelos construtores, a "Primeira Passagem Ascendente" estava selada com uma pedra angular bem ajustada em sua extremidade inferior, onde se conecta com a "Passagem de Entrada"; e isso foi feito com tanta precisão que a "Primeira Passagem Ascendente" permaneceu desconhecida até que, no "momento oportuno", a pedra caiu. Perto da extremidade inferior dessa "Primeira Passagem Ascendente", e logo atrás da pedra de vedação, encontrava-se o "Tampão" de granito, com formato levemente cônico, e evidentemente destinado a permanecer ali, já que até agora resistiu a todas as tentativas de removê-lo.

Embora a "Passagem de Entrada" fosse bem conhecida pelos antigos, conforme atestado por historiadores, Al Mamoun, um califa árabe, evidentemente desconhecia sua localização exata, exceto que a tradição a situava no lado norte da pirâmide; então, em 825 d.C., a um custo elevado, ele abriu uma entrada à força, conforme mostrado no diagrama, na esperança de encontrar tesouros maravilhosos. Mas, embora contivesse vastos tesouros intelectuais — hoje valorizados —, não continha nenhum do tipo buscado pelos árabes. Seu trabalho, no entanto, não foi totalmente em vão; pois, enquanto trabalhavam, a pedra que selava a passagem ascendente se soltou de sua posição, caiu na "Passagem de Entrada" e revelou o segredo, expondo assim a "Primeira Passagem Ascendente". Os árabes supuseram

*Relatório do Dr. J. Edgar.

que finalmente haviam encontrado o caminho para a riqueza escondida e, incapazes de remover o "tampão" de granito, abriram uma passagem ao lado, extraindo com muito mais facilidade o calcário mais macio.

O testemunho da Grande Pirâmide sobre o plano das eras

Em uma carta ao Prof. Smyth, o Sr. Robert Menzies, o jovem escocês que primeiro sugeriu o aspecto religioso ou messiânico do ensinamento da Grande Pirâmide, disse:

"A partir do início norte da Grande Galeria, em progressão ascendente, começam os anos da vida de nosso Salvador, expressos na proporção de uma polegada por ano. Trinta e três polegadas-ano, portanto, nos levam exatamente em frente à boca do Poço."

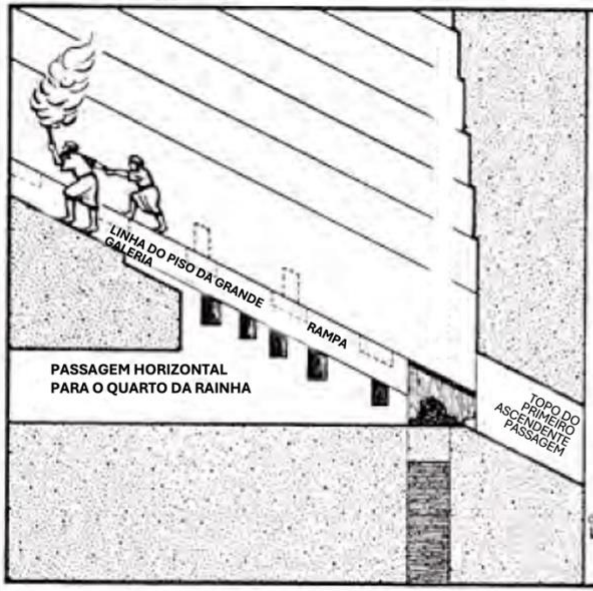
Sim, esse "Poço" é a chave, por assim dizer, para toda a história. Ele representa não apenas a morte e o sepultamento de nosso Senhor, mas também sua ressurreição. Esta última é demonstrada pela característica já mencionada: a boca do "Poço" e seus arredores *parecem* ter sido abertos por uma explosão vinda de baixo. Assim, nosso Senhor rompeu as amarras da morte, trazendo à luz a vida e a imortalidade — abrindo um novo caminho para a vida. (*Hebreus 10,20*) "Não era possível que a morte o retivesse" (*Atos 2,24*), parece ser a mensagem das rochas rachadas que circundam a abertura superior desse "Poço". Assim como o "Poço" era o único caminho de acesso a cada uma dessas passagens ascendentes da Grande Pirâmide, da mesma forma a morte e a ressurreição de nosso redentor são a única via para a vida em qualquer plano para a raça caída. Assim como a "Primeira Passagem Ascendente" existia, mas era intransitável, assim também a Aliança Judaica ou da Lei se apresentava como um caminho para a vida ou uma oferta de vida, mas um caminho inútil ou intransitável para a vida: nenhum membro da raça caída jamais poderia ou chegou a alcançar a vida seguindo o curso prescrito por ela. "Pelas obras da lei nenhuma carne será justificada" para a vida. (*Romanos 3:20*) Aquilo

que o “Poço” simboliza, a saber, o *resgate*, é o único caminho pelo qual qualquer membro da raça condenada pode alcançar a grande provisão do plano divino — a vida eterna.

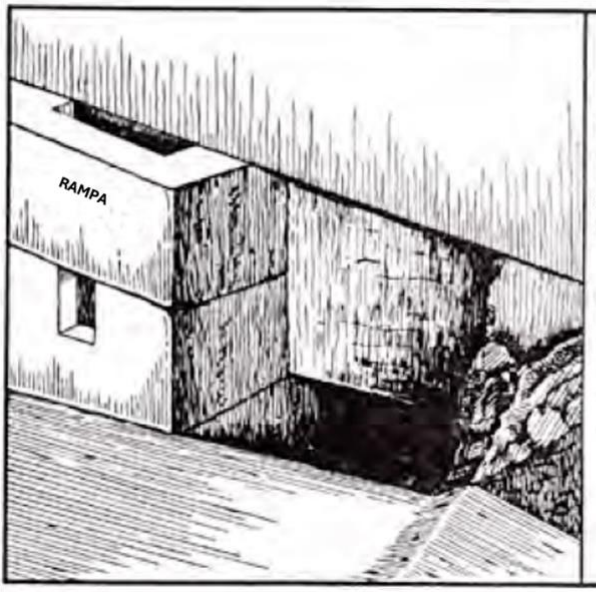
Anos antes dessa sugestão, de que a “Grande Galeria” representa a dispensação cristã, o Prof. Smyth havia, por meio de observação astronômica, fixado a data da construção da pirâmide em 2170 a.C.; e quando o Sr. Menzies sugeriu que as polegadas da linha do piso da “Grande Galeria” representam anos, ocorreu a alguém que, se essa teoria fosse verdadeira, a medição da linha do piso—medida de trás para frente a partir da borda inferior da “Grande Galeria”, descendo pela “Primeira Passagem Ascendente” até sua junção com a “Passagem de Entrada” e, daí, subindo ao longo da “Passagem de Entrada” em direção à entrada da pirâmide— deveria revelar alguma marca ou indicação na passagem que correspondesse a isso, *comprovando* assim a data de construção da pirâmide e a exatidão da teoria da polegada-ano. Isso, embora não fosse irracional, constituía um teste crucial, e contou-se com os serviços de um engenheiro civil para visitar novamente a Grande Pirâmide e realizar medições muito precisas das passagens, câmaras etc. Isso ocorreu em 1872; e o relatório desse senhor foi confirmatório ao extremo. Suas medições mostram que a linha do piso recém-descrita mede 2.170 1/2 polegadas até *uma linha traçada com extrema precisão* nas paredes da “Passagem de Entrada”. Assim, a data de sua construção é duplamente atestada, enquanto as linhas do piso de suas passagens se revelam como pergaminhos de história e cronologia, que ainda serão amplamente ouvidos como “uma testemunha do Senhor na terra do Egito”.

Aqui, graças às medições extremamente precisas de todas as passagens, fornecidas pelo Prof. Smyth, podemos chegar ao que, para nós, são de longe as características mais interessantes do testemunho dessa “Testemunha” até então apresentado.

Quando começamos a compreender o que já mencionamos sobre o testemunho da Grande Pirâmide, dissemos



SEÇÃO (vertical e longitudinal) **OLHANDO PARA O OESTE DA EXTREMIDADE INFERIOR OU NORTE DA GRANDE GALERIA NA GRANDE PIRÂMIDE**



PERSPECTIVA AMPLIADA DA PEDRA DA RAMPA QUE SE DESLOUVOU E DA ENTRADA PARA O POÇO (assim chamado)

[C341]

De imediato, se isso, de fato, se revelar uma Bíblia esculpida em pedra; se for um registro dos planos secretos do Grande Arquiteto do universo, revelando sua presciência e sabedoria; isso *deve* estar e *estará* em plena harmonia com a sua Palavra escrita. O fato de os segredos da Pirâmide terem sido mantidos em segredo até o fim de seis mil anos da história do mundo, mas de agora começarem a dar seu testemunho à medida que a Aurora milenar se aproxima, está em perfeita harmonia com a Palavra escrita, cujo abundante testemunho relativo ao glorioso plano de Deus também foi mantido em segredo desde a fundação do mundo e só agora está começando a resplandecer em sua plenitude e glória.

Já apresentamos, em volumes anteriores e nos capítulos anteriores deste volume, o claro testemunho da Palavra escrita, mostrando que estamos no limiar de uma nova era — que o Dia milenar está amanhecendo, com a mudança do governo da Terra do controle do "príncipe deste mundo" e de seus fiéis para o controle daquele "a quem pertence o direito" (por aquisição) e de seus santos fiéis. Vimos que, embora o resultado dessa mudança seja uma grande bênção, o momento da transferência — enquanto o príncipe atual, o "homem forte", estiver sendo amarrado e sua casa expulsa do poder (*Mateus12,29*; *Ap 20,2*) — será um tempo de intensa tribulação. As provas bíblicas de tempo que consideramos mostram que essa tribulação deveria ter início a partir da época da segunda vinda de Cristo (outubro de 1874), quando o julgamento das nações teria início, sob as influências esclarecedoras do Dia do Senhor. Isso é demonstrado na Grande Pirâmide da seguinte forma:

A "Passagem Descendente", a partir da entrada da Grande Pirâmide, que leva ao "Poço" ou "Câmara Subterrânea", representa o curso do mundo em geral (sob o príncipe deste mundo), rumo ao grande período de tribulação (o "Poço"), no qual o mal será levado ao fim.

[C342]

A medição desse período e a determinação de quando o poço da tribulação será alcançado são bastante fáceis se tivermos uma data definida — um ponto na Pirâmide a partir do qual começar. Temos essa marca de data na junção da "Primeira Passagem Ascendente" com a "Grande Galeria". Esse ponto marca o nascimento de nosso Senhor Jesus, assim como o "Poço", 33 polegadas mais adiante, indica sua morte. Assim, se medirmos retroativamente pela "Primeira Passagem Ascendente" até sua junção com a "Passagem de Entrada", teremos uma data fixa para marcar na passagem descendente. Essa medida é de 1.542 polegadas e indica o ano 1.542 a.C. como a data nesse ponto. Em seguida, medindo *para baixo* pela "Passagem de Entrada" a partir desse ponto, para determinar a distância até a entrada do "Poço" — que representa a grande tribulação e destruição com as quais esta era chegará ao fim, quando o mal será destituído do poder —, constatamos que ela é de 3.457 polegadas, simbolizando 3.457 anos a partir da data acima mencionada, 1.542 a.C. Esse cálculo indica o ano de 1915 d.C. como o início do período de aflição; pois 1.542 anos a.C. mais 1.915 anos d.C. equivalem a 3.457 anos. Assim, a pirâmide testemunha que o final de 1914 será o início do tempo de aflição como nunca houve desde que existe uma nação — não, nem jamais haverá depois disso. E assim se observará que essa "Testemunha" corrobora plenamente o testemunho bíblico sobre esse assunto, conforme demonstrado pelas "Dispensações Paralelas" em Estudos das Escrituras, vol. II, cap. VII.

Ninguém deve duvidar do fato de que os quarenta anos de "colheita" começaram no outono de 1874, pois a tribulação ainda não atingiu um estágio tão sinistro e insuportável; e porque, em alguns aspectos, o período da "colheita" desde essa data tem sido de grande avanço no conhecimento. Lembre-se também de que as figuras e ilustrações da Grande Pirâmide, incluindo o diagrama do "Poço", foram elaboradas pelo Prof. Smyth sem qualquer referência a essa aplicação.

Além disso, devemos lembrar que a Palavra do Senhor

mostra claramente que os julgamentos deste tempo de tribulação começarão com a Igreja nominal, como preparação para sua derrubada, e na luta do egoísmo entre o capital e o trabalho, ambos os quais estão agora se organizando para a tribulação culminante.

A forma e o acabamento dessa sala mais baixa, ou "Abismo", são particularmente significativos. Embora a parte superior e partes das laterais sejam regulares, ela não possui piso — seu fundo áspero e inacabado desce cada vez mais em direção ao lado leste, o que justifica o nome "Abismo sem Fundo", às vezes aplicado a ela. Essa sala fala de liberdade e de libertação, assim como de tribulação; de elevação, assim como de degradação; pois, ao chegar até ela, o viajante — apertado e cansado pela posição agachada imposta pela estreiteza da "passagem de entrada" — ele encontra aqui não apenas um degrau para baixo, rumo a profundidades maiores, e um "piso incômodo", muito irregular e quebrado, mas também uma grande *elevação*, já que parte desta sala é muito mais alta do que a passagem que leva até ela, o que sugere um espaço consideravelmente ampliado para seu organismo mental.

Quão verdadeiro isso é também em relação aos fatos. Não podemos já ver que o espírito de liberdade alcançou as *massas* das nações civilizadas? Não nos detemos aqui para considerar as consistências e inconsistências das liberdades que estão sendo sentidas e reivindicadas pelas massas — ambas são sugeridas nesta sala pela *elevação* da parte superior e pela depressão da parte inferior: apenas observamos o fato de que a luz do nosso dia — o Dia do Senhor — induz o espírito de liberdade; e o espírito de liberdade, ao entrar em contato com o orgulho, a riqueza e o poder daqueles que ainda estão no controle, *será* a causa da turbulência que as Escrituras nos asseguram que, eventualmente, será muito grande. Embora ainda mal tenha começado, reis, imperadores, estadistas, capitalistas e todos os homens a veem se aproximando, e "os corações dos homens estão desfalecendo de medo e pela expectativa das coisas que estão por vir"; pois os poderes dos céus estão sendo *abalados* e, por fim, serão removidos. Os sistemas malignos — civis, sociais e religiosos — do "presente mundo maligno"

cairão ali no esquecimento, na destruição, o que a câmara subterrânea ou "Abismo" também simboliza; pois consideramos o "Abismo" não apenas um símbolo da tribulação avassaladora que envolverá a ordem atual das coisas em uma derrubada e destruição (devido à sua incompatibilidade com a ordem superior das coisas a ser estabelecida sob o Reino de Deus), mas também como um símbolo do fim certo de todo ser que continuar a seguir o caminho da decadência e que, sob a plena iluminação da Era Milenar, se recusar a abandonar seus pecados e buscar a retidão.

Observe outro detalhe a esse respeito: a "Passagem de Entrada" apresenta um declive regular para baixo até se aproximar do "Abismo", quando deixa de inclinar-se e segue horizontalmente. Medindo para trás, da entrada da câmara subterrânea ou "Fosso" até a junção da parte horizontal com a parte inclinada da passagem, constatamos que a distância é de 324 polegadas; consequentemente, o início da parte nivelada da passagem marca uma data 324 anos antes de 1915, ou seja, o ano de 1590. Isso parece indicar que, naquela data (1591 d.C.), ocorreu algo que exerceu grande influência sobre o curso da civilização e que, em certa medida, interrompeu sua tendência de declínio. O que ocorreu naquela época? Que grande movimento, marcado por essa data, exerceu tal influência?

Infelizmente, não encontramos medidas exatas dessa parte da passagem descendente e estamos convencidos de que os diagramas do Prof. Smyth não são suficientemente precisos para justificar a confiança em "medidas no papel" baseadas neles. Uma medida não confirmada é de 324 polegadas Py., o que, medido retroativamente, indicaria aproximadamente o ano 1590 d.C., ou "a época de Shakespeare". No entanto, não atribuímos qualquer peso a essa sugestão.

Uma coisa é certa: essa passagem descendente representa o curso do *mundo*, assim como as passagens ascendentes representam o curso da Igreja "chamada". A mudança de um caminho descendente para um horizontal parece, portanto, implicar em esclarecimento moral ou político, ou em uma contenção favorável do curso descendente.

[C345]

A Reforma Protestante do século XVI certamente contribuiu muito para a elevação do mundo em todos os sentidos, indiretamente. Ela purificou a atmosfera moral de grande parte de sua ignorância e superstição, e é reconhecida tanto pelos católicos romanos quanto pelos protestantes como tendo marcado uma nova era de avanço universal.

Não estamos afirmando, como alguns fazem, que tudo em nossos dias seja ascendente em vez de descendente. Pelo contrário, vemos muitas coisas em nossos dias às quais não podemos dar nosso consentimento nem mesmo como civilizadas, para não dizer em conformidade com a vontade divina. Vemos uma visão "humanitária" mais ampla prevalecendo no mundo que, embora esteja longe da religião de nosso Senhor Jesus, está muito à frente das superstições ignorantes do passado.

De fato, é essa melhoria social do mundo que deu origem à "Teoria da Evolução" e levou muitos a concluir que o mundo está se tornando cada vez melhor, que não precisava de um Salvador e de sua obra redimida, e que não precisa de um Reino que venha com a obra de restauração. Muito em breve, o pobre mundo perceberá que a elevação e a base do puro egoísmo significam crescente descontentamento e, eventualmente, anarquia. Somente o povo do Senhor, guiado por Sua Palavra, é capaz de ver essas coisas sob a luz correta.

Mas enquanto as medições acima apresentavam seus testemunhos harmoniosos, outra medição parecia estar bastante em desacordo com o relato bíblico; a saber, a da "Primeira Passagem Ascendente", que presumivelmente representava o período desde o Êxodo de Israel do Egito até o nascimento de nosso Senhor Jesus.* *Não podíamos* duvidar do relato bíblico desse período, já apresentado,+ tendo demonstrado sua exatidão de tantas maneiras. Ele mostrava que o tempo desde o Êxodo do Egito até o ano 1 d.C. era exatamente de 1.614

*Esse período não é o mesmo que, no Vol. II, Cap. VII, denominamos e descrevemos como a era judaica. Esta última teve início 198 anos antes do Êxodo, com a morte de Jacó, e só terminou quando o Senhor, a quem eles rejeitaram, deixou sua casa desolada, cinco dias antes de sua crucificação.

+Vol. II, páginas 230-232.

*Ver Vol. II, Cap. VII.

anos, enquanto a linha de base da "Primeira Passagem Ascendente" mede apenas 1.542 polegadas. Além disso, sabíamos, sem sombra de dúvida, pelas palavras de nosso Senhor e dos profetas, que a era da Lei e a "graça" concedida a Israel segundo a carne não cessaram com o nascimento de Jesus, mas três anos e meio após sua morte, no término das setenta semanas de graça, d.C. 36.* Isso faria com que o período desde o Êxodo até o fim completo de seu favor (1.614 mais 36) totalizasse 1.650 anos. E embora, em certo sentido, a grandeza e a bênção da nova dispensação tenham começado com o nascimento de Jesus (*Lucas 2:10-14, 25-38*), a Grande Pirâmide deveria, *de alguma forma*, indicar a duração total do favor concedido a Israel. Descobrimos, finalmente, que isso foi demonstrado de maneira extremamente engenhosa. O "tampão" de granito revelou-se ter o comprimento exato para preencher esse período até o limite máximo. Então compreendemos por que aquele "tampão" estava tão firmemente fixado que ninguém havia conseguido deslocá-lo. O grande Mestre-Construtor o havia colocado ali para permanecer, para que pudéssemos ouvir hoje seu testemunho corroborando a Bíblia, tanto quanto ao seu plano quanto à sua cronologia.

Ao medir essa passagem com seu "tampão", devemos considerá-la como se fosse um telescópio, com o "tampão" estendido até que a extremidade superior alcance o local originalmente marcado pela extremidade inferior do mesmo. A distância para baixo, desde a entrada norte da "Grande Galeria" até a extremidade inferior do "tampão" de granito, é de 1.470 polegadas; se somarmos a isso o comprimento do "tampão", 179 polegadas, obtemos um total de 1.649 polegadas, representando 1.649 anos; e a diferença de uma polegada-ano entre esse valor e os 1.650 anos indicados pela cronologia bíblica daquele período é facilmente explicada quando lembramos que uma das extremidades desse "Plug" de granito havia sido consideravelmente lascada por aqueles que tentaram arrancá-lo à força de sua posição fixa na passagem.

*Ver Vol. II, Cap. III.

Assim, exatamente, a pedra "Testemunha" corrobora o testemunho da Bíblia e mostra que o período desde o êxodo de Israel do Egito até o fim completo de seu favor nacional,* no ano 36 d.C., foi de 1.650 anos. Mas que ninguém confunda esse período com o período mostrado nos Paralelos das dispensações judaica e cristã — que indicam que as duas eras têm, cada uma, 1.845 anos de duração: uma, da morte de Jacó até 33 d.C., e a outra de 33 d.C. até 1878 d.C.

E não só essa foi uma maneira engenhosa de ocultar e, ao mesmo tempo, fornecer a duração do período desde o Êxodo até o nascimento de nosso Senhor (para que, no devido tempo, servisse de corroboração ao testemunho bíblico), mas o leitor atento perceberá prontamente que isso só poderia ter sido feito dessa maneira, por duas razões: Primeiro, porque a dispensação e o favor judaicos não apenas começaram com a morte de Jacó, antes do Êxodo do Egito, mas também se estenderam e correram paralelamente à dispensação cristã durante os trinta e três anos da vida terrena de nosso Senhor Jesus; e, segundo, porque tornar a "Primeira Passagem Ascendente" longa o suficiente para representar plenamente a era judaica em polegadas-ano teria exigido que a pirâmide fosse construída ainda maior, o que, por sua vez, teria destruído suas características e lições científicas.

Examinemos agora a "Grande Galeria", no final do "Primeiro Corredor Ascendente", observando também seu testemunho simbólico. Ela tem sete vezes a altura do "Primeiro Corredor Ascendente". Possui sete fileiras de pedras sobrepostas em suas paredes, feitas de calcário liso, altamente polido e outrora belo, de cor creme. Tem vinte e oito pés de altura, embora seja muito estreita, com apenas seis pés de largura em qualquer ponto, mas reduzindo-se a três pés no piso e a menos ainda no teto. O Prof. Greaves, um professor de Oxford do século XV, ao descrevê-la, escreveu:

*Ver Vol. II, Cap. VII.

[C348]

"É uma obra muito imponente e não inferior, seja em termos de curiosidade artística ou de riqueza de materiais, aos edifícios mais suntuosos e magníficos... Essa galeria, ou corredor, ou como quer que eu a chame, é construída de mármore branco e polido (calcário), que é cortado de maneira muito uniforme em quadrados ou placas espaçosas. Dos mesmos materiais que compõem o pavimento, assim é o teto e assim são as paredes laterais que a ladeiam; a junção das juntas é tão perfeita que elas são quase imperceptíveis a um olhar atento; e o que confere graça a toda a estrutura, embora torne a passagem mais escorregadia e difícil, é a inclinação e o declive da subida...No assentamento e disposição dos mármores (calcário) em ambas as paredes laterais, há um detalhe arquitetônico que, a meu ver, é muito gracioso: todas as fileiras, que são apenas sete (tão grandes são essas pedras), se sobrepõem umas às outras em cerca de três polegadas; a parte inferior da fileira mais alta se sobrepõe ao topo da seguinte, e assim por diante, à medida que descem."

E o Prof. Smyth afirma que seria impossível representá-la adequadamente por meio de imagens, dizendo:

"As circunstâncias estão além do alcance das representações ortodoxas devido à largura estreita, à altura elevada e abobadada e ao ângulo de inclinação muito peculiar do longo piso; um piso que, quando se olha da extremidade norte em direção ao sul, sobe e sobe pela escuridão, aparentemente para sempre; e com tal inclinação que nenhuma representação artística dele, pintada em um plano vertical, jamais poderia esperar retratar mais do que uma pequena parte desse piso, elevando-se por toda a tela e saindo pelo topo. Já ao olhar para o norte a partir da extremidade sul da Galeria, você perde o piso instantaneamente e vê, ao nível dos olhos, à distância, parte do teto que desce abruptamente. Fora isso, são as sobreposições solenes das paredes altas e escuras, passando por você de ambos os lados; mas todas em uma inclinação inquietante, sugerindo esforço em uma direção, perigo em outra e uma montanha de força por toda parte."

Que ilustração maravilhosa é apresentada nesta "Grande Galeria" do percurso da *verdadeira* Igreja Cristã e do

caminho do pequeno rebanho de vencedores durante o longo período da era evangélica. Suas paredes e teto, outrora belos e de cor branco-creme, formados por pedras regulares sobrepostas, todas inclinadas para cima, não contam a história da Igreja nominal, como alguns supuseram — caso contrário, estariam longe de ser regulares e inclinadas para cima —, mas narram o grande favor de Deus concedido durante a era evangélica, o "alto chamado" para certas liberdades e privilégios, oferecidos condicionalmente a todos os justificados durante a era evangélica, abertos pelo Poço— o resgate.

A altura imponente dessa "Grande Galeria" — sete vezes a altura da passagem que representa a dispensação judaica (sendo o sete um símbolo de completude ou plenitude) — representa a plenitude da bênção contida na promessa abraâmica, que está de fato diante da Igreja do Evangelho. A "Câmara do Rei", no final da "Grande Galeria", representa o fim da corrida para a qual o atual alto chamado conduz todos os fiéis; e essa "Câmara do Rei", como veremos em breve, é um símbolo muito apropriado do destino final da Igreja. Pelo "Poço" (que representa o resgate), logo na entrada dessa Galeria, e que todos devem reconhecer ao ingressarem nesse caminho, nossa justificação é belamente simbolizada. Assim, a Grande Pirâmide nos diz: "Portanto, agora não há condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus".

A extensão aparentemente interminável da "Grande Galeria" mostra quão longa a era evangélica tem parecido para os membros individuais da Igreja, enquanto sua estreiteza representa bem o "caminho estreito para a vida"; e sua inclinação, a dificuldade com que o caminho é percorrido e o perigo contínuo de retrocesso para aqueles que deixam de vigiar atentamente seus passos. No entanto, dentro dos limites dessas paredes de favor divino está a segurança e a proteção de todos aqueles que perseveram no bem, que continuam a crescer na graça, a subir o caminho difícil, a "não andar segundo a carne, mas segundo o espírito".

[C350]

Olhando para cima ao longo da "Grande Galeria", vemos que *ela tem um fim*, assim como um começo. Assim, nos é dito que os privilégios extremamente grandes e preciosos concedidos durante a era evangélica *cessarão* em algum momento — o maravilhoso e elevado chamado à co-herança com Cristo, como sua "noiva", terminará quando um número suficiente para completar o "pequeno rebanho" tiver aceitado o chamado. O que essa pedra "Testemunha" ilustra dessa forma, a Palavra escrita deixa bem claro, mostrando, como vimos, que o privilégio de correr em busca do grande prêmio do "alto chamado" pertence exclusivamente à era evangélica. Isso nunca foi concedido a ninguém antes — nosso Capitão, Jesus, foi o primeiro a quem foi oferecido, o primeiro a aceitar suas condições de sacrifício e o primeiro a receber suas recompensas. A extremidade sul da "Grande Galeria" marca tão claramente o fim ou o limite do chamado à natureza divina quanto a extremidade norte marca o início da oferta desse grande favor.

Mas, visto que a "Grande Galeria" representa nosso "alto chamado" de Deus, olhemos além e observemos aonde esse chamado conduz no caso de cada indivíduo. Já vimos nas Escrituras que somos chamados a sofrer com Cristo, a morrer com ele e, posteriormente, *a entrar em sua glória*. E tudo isso encontramos simbolizado de maneira impressionante na forma peculiar pela qual se obtém a entrada na "Câmara do Rei", no final da "Grande Galeria". O caminho pelo qual aqueles que aceitam o "alto chamado" podem entrar na glória celestial, representada pela "Câmara do Rei", não é direto. Eles devem primeiro ser provados em todos os aspectos e ser considerados obedientes à vontade de Deus; caso contrário, não poderão entrar no descanso que ainda resta. Este ensinamento bíblico e a experiência de todos os que correm em busca do grande prêmio são, assim, ilustrados de forma contundente pela Grande Pirâmide. Assim como o chamado leva à consagração e às lições de sacrifício, a "Grande Galeria" conduz a certas passagens baixas que simbolizam isso. Tendo

[C351]

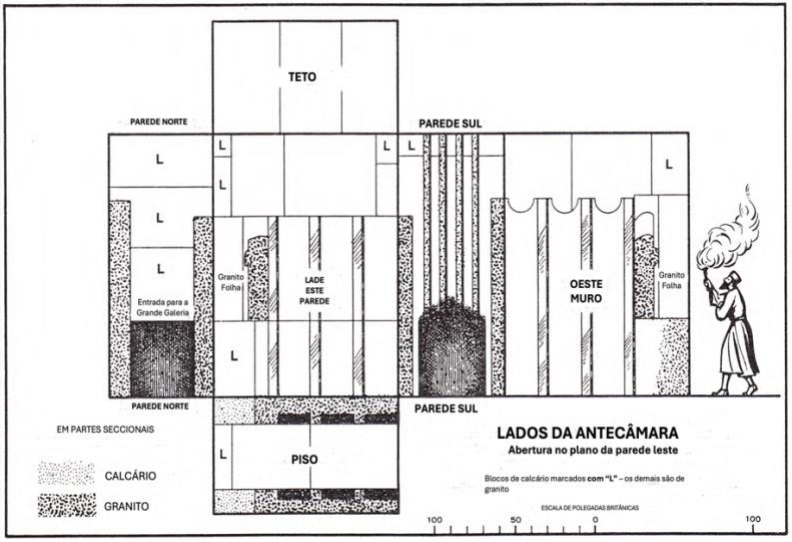
chegado à sua extremidade superior, o viajante deve abaixar-se bastante na entrada ou passagem que conduz à "Antecâmara". Esse abaixar-se simboliza a consagração ou a morte da vontade humana, o início do auto-sacrifício, ao qual são chamados todos aqueles que desejam alcançar a natureza divina. O significado desse auto-sacrifício é conhecido apenas por aqueles que aceitaram o chamado e que de fato renunciaram à vontade humana.

Ao atravessarmos essa passagem baixa, que simboliza a consagração, chegamos ao que é conhecido como "Antecâmara". Aqui, o piso deixa de ser de calcário: a partir deste ponto, pisamos em granito maciço, o que pode ser interpretado como uma *nova* condição ou como a condição de "nova criatura". Mas, ao pisar no piso de granito para assumir a nova posição como novas criaturas, percebe-se um enorme obstáculo de granito: ele é conhecido como a "Folha de Granito". Esta, como uma porta basculante, fecha parcialmente o caminho, deixando apenas uma passagem baixa como a que acabamos de atravessar, com quarenta e quatro polegadas de altura, de modo que precisamos nos abaixar novamente antes de podermos desfrutar plenamente dos privilégios representados na "Antecâmara". Essa "Folha de Granito" representa a *vontade divina* e parece dizer àquele que acaba de passar pela passagem baixa — que representa a rendição de sua própria vontade —: "Não basta que você sacrifique sua vontade, seus planos e seus arranjos; você pode fazer tudo isso e, em seguida, adotar a vontade e o plano de outra pessoa; você não deve apenas sacrificar sua própria vontade, mas deve se curvar à vontade divina, aceitá-la em vez da sua própria e tornar-se ativo no serviço a Deus, antes de poder ser considerado a nova criatura e um herdeiro da natureza divina."

Depois de passar pela "Folha de Granito", ficamos sem obstáculos sobre o piso de granito na "Antecâmara". (Veja a ilustração.) Esta é uma sala peculiar: suas paredes são diferentes umas das outras; parece ter uma espécie de lambril em algumas partes; e em algumas de suas paredes há ranhuras. Certamente parece estar

repleta de lições ainda não totalmente decifradas. No entanto, a sugestão daqueles que a visitaram, de que ela se assemelha a uma sala de aula, parece estar em perfeita harmonia com o que deveríamos esperar como representação das experiências daqueles santificados gerados pela Verdade. Essa "Antecâmara" simboliza a escola de Cristo e a disciplina — as provações de fé, paciência, perseverança etc. — às quais estão sujeitos todos aqueles que se consagraram plenamente à vontade de Deus; o que lhes proporciona oportunidades de *vencer* e de provar sua dignidade para ocupar um lugar, como vencedores, com Cristo em seu futuro reino de glória. Se estivermos desprovidos dessas lições e provações, não somos *filhos* nem *herdeiros* neste plano divino. (*Hebreus 12:8*) É na vida presente, após nossa consagração ao seu serviço, que Deus nos instrui e disciplina, e, com isso, não apenas testa nossa fidelidade a ele, de acordo com nossa aliança, mas também nos prepara para ter compaixão pelos outros em provações e tribulações, sobre os quais ele deseja, em breve, nos tornar governantes e Juízes. *1 Corintios 6:2,3*

E não apenas a morte da vontade, mas também a morte real, deve ser superada antes de entrarmos plena e *efetivamente* nas condições de nossa "nova" e "natureza divina". E isso também é demonstrado pela pedra "Testemunha"; pois, na extremidade mais distante da "Antecâmara", há uma passagem muito baixa pela qual se chega à "Câmara do Rei". Assim, a "Câmara do Rei", a sala mais grandiosa e elevada da pirâmide, torna-se o símbolo da perfeição da natureza divina a ser alcançada pelo "pequeno rebanho", os poucos vencedores escolhidos dentre os "muitos chamados" (cujo *chamado* é simbolizado pela "Grande Galeria"), que passam pelo auto-sacrifício e pela provação (simbolizados pela "Antecâmara" e pelas passagens baixas que levam a ela e saem dela). O chamado para a "natureza divina" chegou primeiro ao nosso Senhor Jesus, cuja missão na Terra tinha um duplo propósito: (1) salvar os pecadores pagando o preço do resgate por Adão e por todos os que estão nele, e (2) para que, por meio dessa obediência até a morte, ele se mostrasse digno da natureza divina e


TETO
PAREDE NORTE
PAREDE SUL
L
Granito Folha
LADE ESTE PAREDE
Entrada para a Grande Galeria
OESTE MURO
Granito Folha
PAREDE NORTE
PAREDE SUL
PISO
EM PARTES SECCIONAIS
CALCÁRIO
GRANITO
LADOS DA ANTECÂMARA
Abertura no plano da parede leste
Blocos de calcário marcados com "L" – os demais são de granito
ESCALA DE POLEGADAS BRITÂNICAS
100
50
0
100

glória. É por isso que a "Grande Galeria" é representada como tendo início no nascimento de nosso Senhor. Ela não simboliza, portanto, a *era evangélica*, pois esta só teve início depois que Jesus pôs fim à era da Lei por meio de seu sacrifício na cruz, trinta e três anos após seu nascimento; mas simboliza o alto ou celestial *chamado* (por meio do sacrifício) à natureza divina — a "Câmara do Rei". Nosso Senhor Jesus foi assim chamado desde o momento de seu nascimento; e, desde Pentecostes, todos os crentes justificados são chamados para o mesmo privilégio sublime, por mais que poucos aceitem o chamado ao sacrifício e por mais que poucos tornem seguro seu chamado e sua eleição por meio da obediência sincera às condições — seguindo os passos do mestre. E o período de tempo durante o qual esse "alto chamado" à natureza divina perdura, e quando ele cessa, é o que é indicado pelo comprimento e pelo término dessa "Grande Galeria", como já foi mostrado.

A "Câmara do Rei", à qual só se chega por meio da "Grande Galeria" e da "Antecâmara", é, em todos os aspectos, o aposento mais elevado e nobre da Grande Pirâmide e simboliza adequadamente a natureza divina. O Sr. Henry F. Gordon, ao descrevê-la, diz:

"É um aposento muito nobre, com 34 pés de comprimento, 17 pés de largura e 19 pés de altura, inteiramente revestido de granito vermelho polido; paredes, piso e teto em blocos quadrados, perfeitos e unidos com tal habilidade requintada que nenhum imperador autocrático dos tempos modernos poderia desejar algo mais solidamente nobre e refinado. A única coisa que esta câmara contém é um cofre vazio [de granito] [ou caixa de pedra] sem tampa; e vale a pena notar que esse cofre corresponde, em capacidade, à arca sagrada do Tabernáculo de Moisés."

Na Grande Pirâmide, *o granito* é usado para simbolizar coisas divinas ou a natureza divina, assim como o ouro a simbolizava no Tabernáculo e no Templo típicos de Israel: as passagens baixas que conduzem à "Antecâmara" e à "Câmara do Rei" correspondem aos véus diante do Santo e do Santíssimo; e o cofre de granito, o único móvel na "Câmara do Rei", corresponde à arca da aliança ou à arca do testemunho, que era o único móvel no Santo dos Santos do Tabernáculo e do Templo. O que em um era ouro, no outro é granito, e com o mesmo significado simbólico.

[C356]

E não é só isso: descobrimos que as mesmas grandes verdades que eram simbolicamente representadas nos dois compartimentos do Tabernáculo e do Templo — o Santo e o Santíssimo — e seus véus separadores, encontram exata correspondência na Grande Pirâmide nos ensinamentos dos dois compartimentos — a "Antecâmara" e a "Câmara do Rei" — e suas passagens baixas que os separam. A "Antecâmara", assim como o Santo do Tabernáculo, representa aquela condição de relacionamento com Deus — como uma nova criatura, considerada tal, e o co-herdeiro com Cristo da natureza divina e da glória — na qual o *crente* entra quando, após aceitar o perdão dos pecados e a reconciliação com Deus por meio do resgate, ele apresenta seu eu justificado como *um sacrifício vivo a serviço de Deus*. Assim como o primeiro véu do Tabernáculo representava a consagração, a renúncia ou a morte de nossa própria vontade e a plena submissão à vontade de Deus, da mesma forma a entrada baixa da "Antecâmara" simboliza esse mesmo grande evento, que dá início à novidade de vida em todos os que algum dia serão membros do sacerdócio real.

Tendo sido aprovado nesse teste — que representa a entrega de tudo o que temos sobre o altar —, o crente não é mais *considerado* um ser humano, mas a "nova criatura", um "participante da natureza divina". Embora, na verdade, ele só se torne um participante efetivo da natureza divina depois de ter aprendido fielmente a lição da obediência à vontade divina, nas experiências reais, nos sacrifícios diários e nas lições da vida presente (representadas nas paredes da "Antecâmara", de construção peculiar, e na Mesa dos Pães da Presença, no Candelabro de Ouro e no Altar do Incenso no Santo do Tabernáculo); e não antes de ter passado pela própria morte (representada pelo segundo véu do Tabernáculo e pela segunda passagem baixa que conduz à "Câmara do Rei" da Pirâmide); e até que, por meio da participação na Primeira Ressurreição, ele tenha entrado com Cristo na plenitude da natureza divina e glória prometidas — sua porção eterna, simbolizada na "Câmara do Rei".

Assim, a Grande Pirâmide testemunha, não apenas a queda do homem no pecado, mas também as várias etapas do plano divino pelo qual se prepara sua plena recuperação da queda, por meio do caminho da vida, aberto pela morte e pela ressurreição de nosso Senhor Jesus.

[C357]

Pode-se observar na ilustração que o piso de granito não se estende exatamente até a frente da "Antecâmara", enquanto o granito do teto se estende por todo o comprimento da sala. Isso parece ensinar uma lição em harmonia com o que já vimos ser uma característica do plano divino, no que se refere àqueles que foram chamados e que buscam entrar na natureza divina. A primeira passagem baixa simboliza a consagração da vontade humana do crente, o que realmente lhe dá acesso à condição "Sagrada" ou santificada como futuro herdeiro da glória e da imortalidade, representada na "Antecâmara", cujo teto de granito agora o cobre; no entanto, tal pessoa não deve ser considerada como tendo entrado plenamente na nova natureza até que seja "vivificada" para a atividade e a novidade de vida; e esse teste é representado pela "Folha de Granito", que, por sua posição peculiar, pendurada como se estivesse prestes a cair e, assim, bloquear todo progresso posterior, parece dizer: "Peregrino, mesmo que tenhas chegado até aqui e te tenhas consagrado a Deus, a menos que sejas vivificado pelo espírito da verdade para a atividade a seu serviço, ainda não terás uma posição real na natureza divina para a qual foste chamado ou convidado." Os três passos pelos quais os chamados da era evangélica devem entrar na glória de seu Senhor estão, assim, marcados na Grande Pirâmide, bem como nas Escrituras. São eles: (1) *A consagração*, ou concepção pelo espírito por meio da Palavra da verdade, simbolizada pela passagem baixa para a "Antecâmara"; (2) *A vivificação* para o serviço ativo e o sacrifício por meio da santificação do espírito e da crença na verdade, simbolizada pela passagem baixa sob a "Folha de Granito"; (3) *O nascimento* do espírito à perfeita semelhança de nosso Senhor pela participação na Primeira Ressurreição, simbolizada pela passagem baixa para a "Câmara do Rei".

As naturezas natural e espiritual representadas

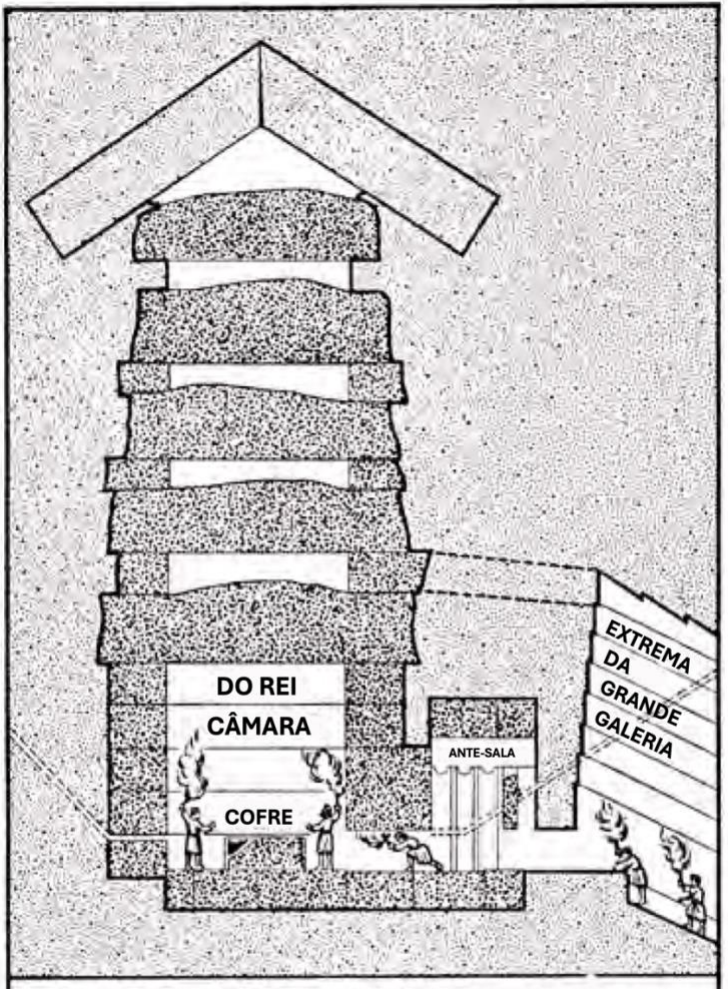
Com referência à ilustração da página 333, percebe-se que uma linha imaginária traçada ao longo do eixo vertical da Grande Pirâmide deixaria de fora a "Câmara da Rainha" e sua "Passagem Horizontal", a "Passagem de Entrada", a "Primeira Passagem Ascendente" e a "Grande Galeria", todas no lado norte dessa linha ou eixo, e apenas a "Antecâmara" e a "Câmara do Rei" no lado sul

dela. Por meio desse arranjo, o projetista da Grande Pirâmide (Jeová) nos aponta a distinção entre as naturezas, conforme observado no Vol. I, Cap. X.

A "Câmara da Rainha", representando a perfeição da humanidade após a Era Milenar ter restaurado todos os obedientes e dignos à semelhança moral do Criador, ensina, pelo fato de que sua parede posterior ou mais distante está alinhada com o eixo da Pirâmide, que, assim restaurada à imagem e semelhança de Deus, embora ainda humana, a humanidade estará próxima da natureza divina — tão próxima quanto uma natureza poderia estar de outra natureza da qual é uma semelhança. E todas as passagens ascendentes que conduzem na direção desse eixo ensinam que os desejos e esforços do povo de Deus devem ser todos voltados para a perfeição humana, enquanto os da Igreja chamada da era evangélica devem ir *além* da perfeição humana. Eles, como co-herdeiros com Cristo, devem entrar na plenitude da natureza divina.

O fato de que a "Câmara Subterrânea" ou "Fosso", representando aflição e morte, não se encontre inteiramente do mesmo lado do eixo vertical que a "Câmara da Rainha" e sua passagem não contradiz essa interpretação; pois, estritamente falando, ela não faz parte alguma da estrutura da pirâmide. Ela fica sob a pirâmide, bem abaixo de sua linha de base. Mas pode ter outra lição a transmitir. Uma linha vertical partindo de sua parede mais distante passaria exatamente ao longo da parede mais distante da "Antecâmara"; e a lição extraída poderia ser, em harmonia com a advertência bíblica, que *é possível* que alguns que entraram na condição "santa" ou santificada (que foram gerados pela palavra da verdade e que até mesmo foram vivificados por ela) cometam o pecado que leva à morte — a segunda morte.

Assim, então, a relação entre a localização do "Poço" e o eixo, se tiver algum significado em conexão com o arranjo da pirâmide *acima* dele, pareceria indicar que a segunda morte — a destruição *eterna* e destruição sem esperança — será a pena, não apenas pela pecaminosidade deliberada dos homens que, durante a Era Milenar de oportunidades abençoadas, se recusarem a avançar para a perfeição humana, mas também de qualquer um daqueles santificados durante a Era evangélica que, deliberadamente, rejeitem o manto de justiça imputada oferecido por Cristo e anteriormente aceito.



Seção vertical (vista para o oeste) da Câmara do Rei; também da ANTECÂMARA, da extremidade sul da GRANDE GALERIA e das cavidades de construção de Vyse acima da Câmara do Rei.

as áreas em tons escuros indicam granito

ESCALA DE POLEGADAS BRITÂNICAS



[C361]

Outro ponto digno de nota em relação ao eixo vertical da estrutura da Grande Pirâmide acima de sua linha de base é o seguinte: o primeiro advento de nosso Senhor e sua morte, marcados pela boca do "Poço", estão naquele lado do eixo da Pirâmide que representa a *natureza humana*; e sua localização no mesmo *nível* da passagem que leva à "Câmara da Rainha", que simboliza *a perfeição humana*, também é digna de nota. A Grande Pirâmide parece, assim, dizer: "Ele se fez carne" — o *homem* Cristo Jesus se entregou "como o resgate por todos"; contudo, ele não conheceu pecado, era santo, inocente, separado dos pecadores e não teve parte alguma no curso decadente e pecaminoso da raça de Adão (simbolizado na passagem para o "Poço"). Além disso, a localização da "Gruta" e o fato de ela ser natural e não escavada são significativos. Ela simboliza evidentemente a morte de nosso Senhor Jesus. O fato de ser *natural* ensina que o sacrifício do Senhor não foi uma medida de conveniência, mas um assunto predeterminado e pré-estabelecido no plano de Jeová, antes que a realização do plano simbolizado pela Pirâmide se iniciasse. O fato de ela estar localizada acima e não abaixo da linha de base da Pirâmide parece ensinar outra lição em harmonia com as Escrituras — que, embora nosso Senhor tenha morrido como o resgate pelos pecadores, ele não desceu ao pecado e à degradação, mas, mesmo em sua morte, permaneceu dentro dos limites e fronteiras do plano divino, conforme simbolizado na estrutura da Pirâmide acima da linha de base.

Agora surge uma questão de grande interesse: o testemunho da Pirâmide a respeito do tempo do fim do alto chamado corroborará o testemunho das Escrituras sobre esse assunto? Será que ela indicará o fim da "Grande Galeria" exatamente no momento em que as Escrituras nos asseguram que o chamado de Deus para esse favor cessou? Ou será que ela contradirá o que aprendemos nas Escrituras e indicará um período mais longo ou mais curto de chamado para a natureza divina?

Este será outro "teste crucial", não, porém, um teste da Palavra de Deus e de seu maravilhoso testemunho — que é supremo em relação a todos os outros —, mas um teste desta "Testemunha" de pedra. Será que ela provará ainda mais sua arquitetura divina ao confirmar o testemunho das Escrituras? Ou será que mostrará mais ou menos discrepância? Caso ela corrobore o relato bíblico de forma específica e minuciosa, mereceria de fato o nome que lhe foi dado pelo Dr. Seiss — "Um Milagre em Pedra".

[C362]

Bem, não podemos dizer nada menos do que isso; pois seu testemunho concorda plenamente e em todos os detalhes com todo o plano de Deus, tal como aprendemos esse plano nas Escrituras. Suas maravilhosas correspondências com a Bíblia não deixam margem para dúvidas de que o mesmo inspirador divino dos profetas e apóstolos também inspirou esta "Testemunha". Vamos examinar algumas dessas harmonias mais detalhadamente.

Lembre-se de que as Escrituras nos mostraram que o fim definitivo do poder dos gentios no mundo e do tempo de angústia que traz sua derrubada ocorrerá após o fim do ano de 1914 d.C., e que, em algum momento próximo a essa data, os últimos membros da Igreja de Cristo terão sido "transformados", glorificados. Lembre-se também de que as Escrituras nos provaram de várias maneiras — pelos Ciclos do Jubileu, os 1.335 dias de Daniel, as Dispensas Paralelas, etc. — que a "colheita" ou o fim desta era deveria começar em outubro de 1874, e que o Grande Ceifeiro deveria estar presente naquela época; que sete anos depois — em outubro de 1881 — o "alto chamado" cessaria, embora alguns fossem admitidos às mesmas graças posteriormente, sem que fosse feito um chamado geral, para preencher os lugares de alguns dos chamados que, ao serem testados, seriam considerados indignos. Observe, então, a maneira como a pedra "Testemunha" atesta essas mesmas datas e ilustra exatamente as mesmas lições. Assim:

A linha do piso da "Grande Galeria", da parede norte à parede sul, foi medida duas vezes com muito cuidado nos últimos anos, e três conjuntos distintos de medidas foram obtidos. Uma medida (a) vai da parede na extremidade norte, medida até o "Degrau" e, em seguida — omitindo seu espelho ou frente
— ao longo de sua superfície superior, a *superfície* de *circulação* do piso da "Grande Galeria"; outra medição (b) mostra o comprimento medido *passando pelo "Degrau",* como se o "Degrau" não estivesse lá; outra medição (c) abrange toda a superfície do piso, subindo pela parte frontal ou espelho do "Degrau" e ao longo de sua superfície superior. O Prof. Smyth constatou que a primeira dessas medidas (a) era de 1.874 polegadas piramidais, a segunda (b), 1.881 polegadas piramidais, e a terceira (c), 1.910 polegadas piramidais; enquanto o Sr. Flinders Petrie relata essas medidas como sendo oito décimos de

uma polegada a mais. Uma estimativa razoável, portanto, e sem dúvida muito próxima da correta, seria considerar esses valores (a) 1.875, (b) 1.882 e (c) 1.911 polegadas piramidais.

Agora nos perguntamos: se as polegadas das linhas do piso dessas passagens representam um ano cada, conforme afirmado e admitido pelos estudiosos das pirâmides, que data essas medidas da "Grande Galeria" indicariam como o fim da elevada vocação à natureza divina, que a "Grande Galeria" simboliza? Respondemos que, ao aplicar esses "polegadas-ano" à nossa contagem atual do tempo, devemos lembrar que nossa data d.C. está um ano e três meses atrasada em relação à data real, conforme mostrado no Vol. II, páginas 54-62. E embora isso não faça diferença no cálculo de um período a partir de uma data fixa a.C. ou de uma data fixa d.C., isso deve ser levado em conta neste caso. Quando o mesmo evento, o nascimento de Jesus, é o ponto de partida, o erro em nossa data d.C. deve ser considerado para se chegar a resultados corretos. Para simplificar, tomaremos nossa data d.C. errônea como padrão e reduziremos os números da pirâmide para que correspondam, deduzindo uma e um quarto de polegada deles, de modo que correspondam à nossa contagem comum. Assim reduzidos, eles mostrariam (a) 1875 menos 1 1/4 igual a 1873 3/4; (b) 1882 menos 1 1/4, o que equivale a 1880 3/4; e (c) 1911 menos 1 1/4, o que equivale a 1909 3/4, resultando nas datas (a) outubro de 1874, (b) outubro de 1881 e (c) outubro de 1910 d.C.

Esse triplo desfecho está em total concordância com o que encontramos ensinado nas Escrituras: que a "colheita, o fim da era", foi alcançada em outubro de 1874, e que o "chamado" propriamente dito terminou em outubro de 1881, enquanto se seguiria um período durante o qual, embora o *chamado geral* tivesse cessado, os mesmos privilégios seriam concedidos a alguns dignos, a fim de preencher as vagas de alguns que já estavam entre os chamados e que, sob provação, seriam considerados indignos das coroas que lhes foram atribuídas quando aceitaram o chamado. Por quanto tempo durará essa peneiração dos consagrados, durante a qual a alguns serão concedidas as coroas daqueles julgados indignos, e seus nomes serão inscritos *no lugar* de alguns cujos nomes serão apagados (***Ap. 3:5, 11***), as Escrituras, até onde temos visto, não indicam; mas esta data, 1910, indicada pela Pirâmide, parece harmonizar-se bem com as datas fornecidas pela Bíblia. Faltam apenas alguns anos para o fim completo do tempo de angústia que encerra os tempos dos gentios; e quando nos lembramos das palavras do Senhor — de que os vencedores serão

considerados dignos de escapar da mais severa das tribulações que virão sobre o mundo — podemos entender que a referência seja à tribulação anárquica que se seguirá a outubro de 1914; mas pode-se esperar uma tribulação que recairá principalmente sobre a Igreja por volta de 1910 d.C.

Não é essa uma concordância notável entre essa pedra "Testemunha" e a Bíblia? As datas, outubro de 1874 e outubro de 1881, são exatas, enquanto a data de 1910, embora não conste nas Escrituras, parece mais do que razoável para algum evento importante na experiência da Igreja e em seu teste final, enquanto o ano de 1914 d.C. está aparentemente bem definido como seu término, após o qual está prevista a maior tribulação do mundo, na qual parte da "grande multidão" poderá ter participação. E, a esse respeito, lembremo-nos de que esse prazo — d.C. 1914 — pode não apenas testemunhar a conclusão da seleção, do provamento e da glorificação de todo o corpo de Cristo, mas também a purificação de parte daquele grupo mais amplo de crentes consagrados que, por medo e desânimo, deixaram de oferecer sacrifícios aceitáveis a Deus e que, por isso, ficaram mais ou menos contaminados pelas ideias e costumes do mundo. Alguns deles, antes do fim desse período, poderão sair da grande tribulação. (***Ap. 7:14***) Muitos desses estão agora sendo firmemente amarrados aos vários feixes de joio destinados à queima; e somente quando a provação ardente do final do período da colheita queimar as cordas de cativeiro de Babilônia é que eles poderão escapar — "salvos como que pelo fogo". Eles devem testemunhar a ruína total da Grande Babilônia e receber uma parte de suas pragas. (***Ap. 18:4***) Os quatro anos de 1910 até o final de 1914, assim indicados na Grande Pirâmide, serão sem dúvida um tempo de "prova de fogo" para a Igreja (***1 Corintios 3:15***), precedendo a anarquia do mundo, que não pode durar muito — "Se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne seria salva." *Mt. 24:22*

E isso não é tudo do maravilhoso simbolismo da Grande Pirâmide. Sua maravilhosa harmonia com o plano divino se manifesta ainda mais em outra característica notável. Seria de se esperar que a data dos dois grandes eventos relacionados ao fim desta era, a saber: (1) o segundo advento de nosso Senhor e (2) o início da colheita, fosse de alguma

forma fossem marcados na extremidade superior da "Grande Galeria", assim como sua morte e a ressurreição são marcadas pelo "Poço" em sua extremidade inferior. E, nesse aspecto, não ficamos desapontados. Na extremidade superior ou sul da parede leste, em seu topo, bem acima do degrau, há uma abertura que se conecta ao espaço inacabado acima da "Câmara do Rei", conforme mostrado no diagrama. Na linguagem simbólica da pirâmide, essa abertura diz: "Aqui entrou um Ser celestial — Alguém que não precisa de pisos para caminhar, mas que pode ir e vir como o vento". E as medições cuidadosas do Prof. Smyth dessa parede sul da "Grande Galeria" nos informam que ela não é exatamente perpendicular, mas se inclina no topo em *sete* polegadas.* A pirâmide, assim, nos diz: "Sete anos antes do fim do alto chamado [antes de outubro de 1881], o grande Ser dos céus entrará". E indica ainda que, a partir daquele momento — outubro de 1874 —, gradualmente, conforme indicado pela inclinação da parede sul, o chamado seria levado a seu fim e terminaria completamente em outubro de 1881. Isso, como se notará, está em exata concordância com o testemunho da Bíblia, conforme delineado neste e nos volumes anteriores de Estudos nas Escrituras.

E que se lembre também que nós, que compreendemos a apresentação bíblica desses tempos e estações, não tivemos nada a ver com a realização dessas medições da Grande Pirâmide; e que aqueles que fizeram as medições nada sabiam de nossa aplicação da profecia na época em que as medições foram feitas, nem sabem até hoje, tanto quanto sabemos. Perguntamos, portanto: seria essa exatidão em assuntos que dizem respeito a seis mil anos de história, por um lado, e a milhares de polegadas de medidas da Pirâmide, por outro, uma mera coincidência acidental? Não; mas, na verdade, a realidade é mais estranha e maravilhosa do que a ficção. "Isto é obra do Senhor; é maravilhoso aos nossos olhos."

Além disso, onde cessou o favor especial do chamado geral do evangelho (outubro de 1881), parece que a bênção sobre o mundo deveria estar prestes a ter início. O "Poço", que marca em sua extremidade superior o resgate que garante a bênção vindoura, deveria, ao que parece, em sua extremidade inferior (onde se conecta com a passagem descendente) marcar a data em que as bênçãos da restauração começariam a chegar ao mundo. Parece dizer: "Aqui, os benefícios do resgate irão

*Relatório do Prof. Piazzi Smyth.

começarão a abençoar todas as famílias da Terra, quando as eleições ou seleções das eras judaica e da era evangélica estiverem concluídas.

Ora, se adotarmos o fim claramente marcado do chamado especial e do favor da era evangélica, 1881, como a data em que o chamado para as bênçãos da restauração deveria ter início, e se considerarmos o extremo inferior do "Poço" como marcando essa data (1881), encontramos algo de interesse ao medir retroativamente ao longo daquela "Passagem de Entrada" até a entrada original da pirâmide. Verificamos que essa distância é de 3.826 polegadas piramidais, representando, assim, 3.826 anos. E se nossa suposição for bem fundamentada, 3.826 anos antes de 1881 d.C. algum evento notável deve ter ocorrido. E, ao pesquisarmos os registros históricos da Palavra de Deus para verificar se algum evento notável ocorreu naquela época, encontramos uma confirmação notável de nossa suposição; pois, exatamente 3.826 anos antes de 1881 d.C., o que corresponderia a 1.945 a.C., Isaac, a semente típica da promessa, tornou-se herdeiro de toda a riqueza de seu pai Abrão e, assim, estava em posição de abençoar todos os seus irmãos — Ismael, filho de Hagar (tipo do Israel carnal), e os muitos filhos e filhas de Quetura, a segunda esposa de Abraão (típica do mundo em geral).

Assim, a "Passagem de Entrada", da borda externa até a borda mais próxima da passagem que se conecta ao "Poço", marca em polegadas-ano o período de tempo desde o dia em que o típico Isaque (em quem tipicamente se concentrava a promessa de bênção para o mundo) tornou-se herdeiro de tudo, 1945 a.C., até 1881 d.C., quando a bênção foi efetivamente concedida ao mundo por meio do Isaac antitípico — o Cristo, o herdeiro de todas as coisas. *Gálatas 3:16, 29*

Medimos o tempo desde a data da herança de Isaque e do consequente privilégio de abençoar seus irmãos até o ano 1881 d.C., da seguinte forma: Isaque tomou posse de sua herança com a morte de seu pai Abraão, que ocorreu 100 anos após a celebração da Aliança de Abraão (pois Abraão tinha 75 anos quando a aliança foi feita e faleceu aos 175 anos). Então, da aliança até a morte de Jacó, filho de Isaque, passaram-se 232 anos;* e do momento em que Isaque tomou posse de sua herança — 100 anos após a celebração da aliança — até a morte de Jacó, seriam 132 anos (232 anos menos 100 anos). A isso somamos os 1.813 anos a partir do

*Ver Vol. II, páginas 231, 232.

morte de Jacó até nossa Era Cristã, e chegamos à data de 1945 a.C., data em que o típico Isaque tomou posse de tudo o que Abrão possuía. (***Gênesis 25:5***) E esses 1.945 anos a.C., somados aos 1.881 anos d.C., resultam nos 3.826 anos indicados nas polegadas da pirâmide como o período de tempo que deve decorrer entre a bênção típica de seus irmãos pela semente típica, Isaque, e a bênção de todo o mundo por meio do Isaque antitípico, o Cristo.

Alguém se pergunta: que início da obra de restauração foi marcado por outubro de 1881? Respondemos: nada ocorreu que o mundo pudesse discernir. Ainda caminhamos pela fé e não pela visão. Todas as etapas preparatórias para a grande obra de restauração desde a data de 1881 devem ser consideradas como gotas da grande chuva de bênçãos que, em breve, refrescará toda a terra. O que ocorreu em 1881, assim como o que ocorreu em 1874, só pode ser discernido pelo olho da fé à luz da Palavra de Deus. Essa foi a data do fim do alto chamado e, portanto, a data do início do anúncio da restauração — a trombeta do Jubileu. Por volta dessa data, o autor — e, tanto quanto ele sabe, ninguém mais — havia percebido a distinção entre o chamado à natureza divina, aberto durante a era evangélica, e a oportunidade para a restauração da perfeição *humana* e de tudo o que se perdeu em Adão, prevista para o fim do alto chamado do Evangelho.*

Outro ponto a ser observado é o caminho pelo qual

*Embora não tivéssemos pensado nessa coincidência até agora, enquanto escrevíamos este capítulo, não deixa de ser notável que tenha sido durante os últimos seis meses do ano de 1881 que *Food for Thinking Christians*, um livro de 166 páginas, foi publicado e distribuiu-se em um total de um milhão e quatrocentas mil cópias nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha.

Três aspectos relacionados a esse livro e à sua ampla e repentina distribuição contribuem para torná-lo, no mínimo, peculiar: (1) Talvez nenhum outro livro tenha alcançado uma tiragem tão grande em um período tão curto, ou pelos mesmos métodos. Ele foi distribuído gratuitamente nas portas das igrejas em todas as maiores cidades dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha pelos mensageiros do District Messenger Service em três domingos consecutivos, e nas cidades menores por meio dos correios. (2) O dinheiro para custear essa despesa (US$ 42.000) foi doado *voluntariamente* para esse fim, sem qualquer solicitação. (3) Foi, até onde sabemos, o primeiro livro já publicado que destacou a distinção entre o alto chamado da Igreja do Evangelho e as bênçãos da restauração para o mundo em geral, e indicou a data do fim desse alto chamado como outubro de 1881.

o mundo será convidado a vir e receber a vida eterna na Era Milenar.

Assim como o aposento superior, conhecido como a "Câmara do Rei", representa a *natureza divina*, e a "Grande Galeria" representa o chamado para ela, da mesma forma o aposento abaixo dela (a "Câmara da Rainha") representa a *natureza humana* perfeita; e o caminho para ela ilustra a trajetória de vida que o mundo deve trilhar para alcançar a perfeição humana no milênio. Ambos esses caminhos e, portanto, ambos esses resultados finais, foram abertos e tornados possíveis pelo *resgate* que o mediador ofereceu em nome de todos: tudo isso é fortemente indicado na Pirâmide pela "aparência de uma explosão", que abriu a boca do "Poço", e deu acesso às duas passagens (destinadas a simbolizar o chamado da Igreja atualmente, que conduz à natureza divina, e o chamado do mundo durante o Milênio, que conduz à restauração da perfeição humana).

Assim, a Grande Pirâmide, em harmonia com as Escrituras, declara que "Cristo trouxe à luz *a vida* [a restauração da vida humana, representada naquela chamada de 'Câmara da Rainha'] e *a imortalidade* [a natureza divina, representada naquela chamada de 'Câmara do Rei'], por meio do evangelho" — as boas novas da redenção. *2 Timóteo 1:10*

A única entrada para a "Câmara da Rainha" ou para a "Grande Galeria" era por meio do "Poço", já que a "Primeira Passagem Ascendente" era originalmente intransitável devido ao "Tampão" de granito. Assim, a "Testemunha" de pedra atesta que, por meio do Chamado da Lei ou da Aliança da Lei, ninguém da raça caída poderia alcançar nem a vida (a vida humana) nem a imortalidade (a natureza divina). Embora a "Primeira Passagem Ascendente" fosse um caminho, ninguém podia percorrê-la. Assim, a aliança da Lei era uma passagem para a vida; mas, devido à fraqueza da carne, ninguém podia percorrê-la de modo a alcançar a vida oferecida. (*Romanos 3:20*) A cruz, o sacrifício, o resgate são, portanto, *especialmente* destacados por essa pedra "Testemunha", assim como nas Escrituras são destacados de forma mais proeminente do que qualquer outro aspecto do plano. "Ninguém vem ao Pai, senão por mim", disse Jesus. "Anunciei-vos, em primeiro lugar, o que também recebi [em primeiro lugar], a saber, que Cristo morreu pelos nossos pecados", disse Paulo. (***1 Corintios 15:3***) "O 'Poço' [representativo do sacrifício e da ressurreição de Cristo] é o

único caminho para a vida e a imortalidade", diz a Grande Pirâmide.

A passagem para a "Câmara da Rainha" é baixa, e o viajante deve humildemente inclinar a cabeça diante de suas exigências. O caminho da retidão sempre foi um caminho de humildade e assim será no milênio, quando *todos* serão obrigados a se submeter às rígidas normas do Reino de Cristo. Ele governará com vara de ferro. (*Ap. 2:27*) Ele então aplicará o julgamento com precisão e a justiça com rigor; e toda língua *deverá* confessar sua grandeza e poder, e todo joelho *deverá* se curvar diante de seu governo e de sua lei; de modo que, em seus dias, os humildes e justos — e somente eles — prosperarão. *Is. 28:17*; *Rm. 14:11*; *Sl. 92:12,13*

A "Câmara da Rainha" simboliza o fim da obra de restauração — a perfeição humana —, pois possui *sete* lados, contando o piso como um lado e o teto como dois lados, conforme mostrado no diagrama. O caminho que leva até ela conta a mesma história do número sete, ou da perfeição, pois seu piso está rebaixado em um sétimo de seu comprimento. E não apenas o número sete é um símbolo geral de perfeição e completude, mas é especialmente significativo neste contexto, uma vez que a Era Milenar é o sétimo milênio da história da Terra e aquele em que a perfeição será alcançada pelos dispostos e obedientes da raça humana.

O Prof. Smyth destaca a peculiaridade do piso dessa "Câmara da Rainha" e da passagem que leva até ela: ele é áspero e totalmente inacabado, diferindo assim das outras passagens, que eram originalmente muito lisas, provavelmente polidas. Isso, sugere ele, pode indicar que seu piso não está sujeito à medição em polegadas-ano, como as outras passagens — como se a pirâmide, por meio dessa irregularidade, dissesse: "As medidas de tempo não são registradas aqui".

Mas, embora a polegada-ano da pirâmide não seja observada na passagem para a "Câmara da Rainha", nem em seu piso, outra questão precisava ser demonstrada, a saber, *o caminho* da restauração à vida perfeita e ao organismo humano perfeito. Assim como essa perfeição da natureza humana é ilustrada na "Câmara da Rainha", o caminho para ela representa os sete mil anos de experiência e disciplina pelos quais a raça humana caída deve passar antes que a plena restauração à perfeição possa ser alcançada. Na medida em que os primeiros seis sétimos do corredor que leva à "Câmara da Rainha" são extremamente baixos, isso

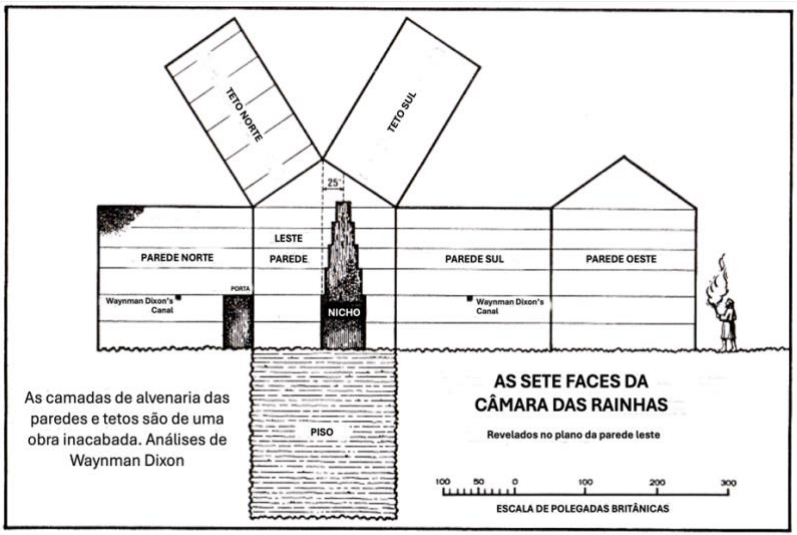
representa os seis mil anos passados e ilustra a extrema dificuldade e humildade necessárias para levar uma vida justificada, mesmo por parte daqueles que se empenharam em fazê-lo — os patriarcas, profetas e outros, justificados pela fé — durante esses seis mil anos do reinado do pecado e da morte. Ao contrário, o *último sétimo* do caminho representa a Era milenar, que está apenas surgindo para os homens. Sua altura, sendo quase o dobro, indica que, durante os próximos mil anos de graça e paz na Terra, os homens poderão progredir com conforto e facilidade rumo à perfeição plena.

Pergunta-se se alguém trilhou esse caminho durante os últimos seis mil anos? Respondemos: Sim; *pela fé*, alguns o trilharam. É o caminho da *justificação da natureza humana*, embora totalmente diferente do caminho e do chamado da Igreja do Evangelho, que, embora também por meio da justificação, conduz à nova natureza divina. Abraão, Isaque e Jacó, bem como os profetas fiéis, trilharam esse caminho — entrando pelo "Poço" — pela *fé no sacrifício* do resgate de Cristo, que eles representavam por meio de sacrifícios típicos antes da morte de nosso Senhor e antes que a pedra "Testemunha" apontasse para ele; pois, no propósito e na revelação de Deus, Cristo era o Cordeiro da expiação imolado desde antes da fundação do mundo.

E esse caminho para a "Câmara da Rainha" concorda bem com o relato bíblico a respeito do caminho para a natureza humana perfeita e a vida durante o milênio. O tempo necessário para alcançar a perfeição variará de caso para caso, de acordo com a rapidez ou lentidão de cada um em submeter seu coração e sua vida às condições da Nova Aliança. Não será mais uma *luta* ascendente, continuamente contrariada por tendências descendentes, tanto internas quanto externas, como tem sido durante as dispensações da Lei e do evangelho; mas será um caminho em que tudo favorecerá o viajante e facilitará seu rápido progresso rumo à plena perfeição da vida de restauração, com todas as bênçãos daí decorrentes.

Assim como a "Câmara do Rei", por meio de seus tubos de ventilação, indica que simboliza uma residência permanente, uma condição eterna, da mesma forma a "Câmara da Rainha" simboliza o fato de que a condição de perfeição humana, uma vez alcançada, *pode se tornar* um estado eterno; pois ela também possui tubos de ventilação ou passagens de ar semelhantes. Em um caso, podemos dizer que simboliza uma condição permanente, e no

[C371]



As camadas de alvenaria das paredes e tetos são de uma obra inacabada. Análises de Waynman Dixon

[C373]

para que se torne uma condição permanente ou eterna, pois esse é o fato, conforme indicado tanto pelas Escrituras quanto pelo testemunho da pedra "Testemunha". As Escrituras dizem, a respeito daqueles que alcançam a condição representada pela "Câmara do Rei", que eles participam da natureza divina e são imortais, ou à prova da morte — que não podem mais morrer a partir de então. E mostram que aqueles outros que alcançarem a restauração plena e passarem no último teste de lealdade, no final da Era Milenar, embora não possuam aquela qualidade denominada imortalidade — que é essencialmente um elemento exclusivo da natureza divina —, receberão a vida eterna de acordo com disposições já estabelecidas pelo grande Arquiteto do plano de salvação. Se permanecerem em harmonia com Deus e em obediência à Sua vontade, viverão para sempre.

A Grande Pirâmide declara essas mesmas verdades; pois, enquanto a "Câmara do Rei" possuía aberturas de ventilação, as aberturas na "Câmara da Rainha" estavam originalmente cobertas de maneira peculiar. Os tubos de ventilação se estendiam desde o exterior da Grande Pirâmide até cerca de cinco polegadas da superfície das paredes internas da "Câmara da Rainha"; as pedras de ambos os lados da "Câmara da Rainha", exceto as referidas cinco polegadas de espessura, haviam sido cinzeladas, revelando um desígnio por parte do Arquiteto da Grande Pirâmide, assim como todas as outras características o demonstram. O Sr. Waynman Dixon fez essa descoberta enquanto examinava as paredes da "Câmara da Rainha". Ele percebeu que a parede, em determinado ponto, soava oca e, ao romper a superfície, encontrou um tubo de ventilação; e então, pelo mesmo processo, encontrou seu par na parede oposta. Assim, a Pirâmide, em harmonia com as Escrituras, declara que foram tomadas *amplas providências* para que a condição humana perfeita, representada pela "Câmara da Rainha", *possa ser* uma condição eterna para cada um que se conformar às suas normas e leis.

E agora, tendo ouvido sua voz, o que devemos pensar da "Testemunha" de pedra e de seu testemunho? Tal testemunho seria de fato peculiar e impressionante, mesmo que não houvesse passagens das Escrituras que se referissem aos assuntos examinados; mas, como as Escrituras já nos haviam declarado de forma clara e positiva essas mesmas circunstâncias e datas, antes de

testemunho da pirâmide fosse ouvido, sua maravilhosa concordância e corroboração das mesmas tornam-se duplamente significativas e impressionantes. Agora, quando os sábios do mundo estão rejeitando a Palavra de Deus como "obsoleta" e "não científica", ouvir essa pedra "Testemunha" falar e corroborar o testemunho da Bíblia é verdadeiramente surpreendente. Ouvir seu testemunho sobre a queda do homem justamente no momento em que os sábios do mundo afirmam que o homem nunca foi perfeito, nunca foi à imagem de Deus e, consequentemente, nunca caiu dessa imagem, é notável. Ouvir seu testemunho de que *ninguém* poderia alcançar nem o alto chamado do evangelho à natureza divina, nem o estado de justificação e vida humanas por meio da aliança da Lei ou do caminho de acesso, em um momento em que tantos pregam que a Lei de Moisés é o único caminho para a vida, é certamente gratificante. Certamente, na Grande Pirâmide, "as coisas invisíveis [os planos] de Deus, desde a criação do mundo, são claramente vistas; sendo compreendidas pelas coisas que foram feitas". *Romanos1,20*

Alguns podem zombar do testemunho dessa "testemunha" de pedra, assim como zombam da Palavra escrita de Deus; mas às suas zombarias respondemos: Expliquem essa peculiar concordância das coisas, ou então ousem profetizar sobre o futuro e vejam como suas profecias se concretizarão. Provem para nós que não é necessária inspiração para prever eventos futuros. Mostrem-nos um exemplo de sabedoria mundana. "Apresentem sua causa, diz o Senhor; apresentem seus argumentos sólidos, diz o Rei de Jacó. Que eles os apresentem e nos mostrem o que acontecerá; que mostrem as coisas *passadas*, quaisquer que sejam, para que possamos considerá-las e conhecer o seu desfecho; ou que nos declarem as coisas que estão por vir. Mostrem as coisas que estão por vir, para que possamos saber que vocês são deuses [poderosos]." *Isaías 41:21-23*

A Grande Pirâmide não apenas confunde os cientistas ateus, mas refuta totalmente sua teoria moderna e antibíblica da "Evolução" — sobre esse assunto, nada melhor do que citar as seguintes palavras do Dr. Joseph Seiss, de seu excelente tratado sobre a Grande Pirâmide, intitulado "Um Milagre em Pedra". Ele diz:

"Se o homem primitivo não passasse de um gorila ou troglodita, como, naqueles tempos pré-históricos, os construtores dessa imponente estrutura poderiam ter sabido o que nossos promais

avançados cientistas, após dezenas de séculos de observação e experimentação, só conseguiram descobrir de forma imperfeita? Como poderiam saber sequer como fabricar e manusear as ferramentas, máquinas e recursos indispensáveis à construção de um edifício de dimensões tão enormes, materiais tão maciços, altura tão imponente e acabamento tão perfeito que, até hoje, não tem rival na Terra? Como poderiam eles conhecer a esfericidade, a rotação, o diâmetro, a densidade, a latitude, os pólos, a distribuição das terras e a temperatura da Terra, ou suas relações astronômicas? Como poderiam resolver o problema da quadratura do círculo, calcular as proporções ou determinar os quatro pontos cardeais? Como poderiam eles elaborar cronologias da história e das dispensações, fiéis aos fatos em todos os detalhes, abrangendo um período de quatro mil anos após a época deles e até a consumação final? Como poderiam saber quando a economia mosaica teria início, por quanto tempo continuaria e em que culminaria? Como poderiam saber quando o cristianismo seria introduzido, por quais grandes fatos e características seria marcado, e quais seriam as características, a trajetória e o fim da Igreja de Cristo? Como poderiam saber do grande ciclo de precessão, da duração do mesmo, do número de dias no ano verdadeiro, da distância média do Sol à Terra e das posições exatas das estrelas na época em que a Grande Pirâmide foi construída? Como poderiam conceber um padrão e um sistema de medidas e pesos tão perfeitamente ajustados entre si, tão benéficos às necessidades comuns do homem e tão perfeitamente harmonizados com todos os fatos da natureza? E como poderiam saber como registrar todas essas coisas em uma única peça de alvenaria, sem nenhuma inscrição verbal ou pictórica, mas resistente a todas as devastações e mudanças do tempo, e capaz de ser lida e compreendida até o fim dos tempos?

"Os homens podem zombar, mas não podem ridicularizar essa imponente estrutura, nem escarnecer seus ângulos, proporções, medidas, referências à natureza e correspondências sagradas que seu Criador lhe conferiu. Aqui estão elas, em todo o seu significado eloquente, obstinadas e invencíveis, além de qualquer poder que possa suprimi-las."

A voz dessa maravilhosa "Testemunha" traz à mente, com força, as palavras de nosso Senhor naquela ocasião notável de sua

entrada triunfal em Jerusalém, quando ele tipicamente se apresentou a Israel como seu rei, em meio às aclamações de toda a multidão de seus discípulos, que louvavam em alta voz a Deus pelas obras poderosas que haviam sido realizadas, dizendo: 'Bendito seja o rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas alturas.' E quando os fariseus o instavam a repreendê-los, ele respondeu: "Digo-vos que, se estes se calarem, as pedras clamarão imediatamente." (*Lucas 19:37-40*) E assim é hoje: enquanto o Rei da glória já veio de fato, e enquanto a grande maioria de suas testemunhas vivas professas, que deveriam estar se regozijando em alta voz e dizendo: "Bendito seja o Rei que vem em nome do Senhor", permanecem em silêncio — algumas por medo de serem expulsas da sinagoga, outras por preguiça sonolenta, ou pela embriaguez da mundanidade que as mantém na ignorância quanto ao tempo da nossa visitação — eis que as próprias pedras desta Grande Pirâmide do Testemunho clamam em tom inequívoco. Cada polegada dessa estrutura maciça proclama eloquentemente a sabedoria, o poder e a graça do nosso Deus.

Firmemente encaixados nesta sólida estrutura rochosa, além do poder das tempestades da natureza ou da mão implacável do destruidor, os esboços do grande plano de Deus permanecem há quatro mil anos, preparados para dar seu testemunho no tempo determinado, em corroboração ao testemunho igualmente revelado, mas por séculos oculto, da Palavra segura da Profecia. O testemunho desta "Testemunha do Senhor na terra do Egito", assim como o da Palavra escrita, aponta com precisão solene e infalível para a ruína final da antiga ordem das coisas no "abismo" do esquecimento, e para o glorioso estabelecimento da nova ordem, sob Cristo Jesus, a grande Pedra Angular do edifício eterno de Deus, em conformidade com as linhas de cujo glorioso caráter todas as coisas dignas de existência eterna devem ser edificadas sob Ele. Amém! Amém! Venha o Teu Reino! Seja feita a Tua vontade na terra como no céu!